U. v. Wilamowitz-Moellendorff

HISTÓRIA DA FILOLOGIA

Tradução e notas de Thiago Mendes Venturott

Apresentação de Daniel Kölligan

© Copyright 2023
Todos os direitos desta edição reservados à Editora Mnēma.

Título original: *Geschichte der Philologie* (3. Auflage, 1921)

Editor	Marcelo Azevedo
Diretor	Alexandre Hasegawa
Produção editorial	Felipe Campos
Direção de arte	Jonas de Azevedo
Projeto gráfico e capa	Caio Geraldes
Revisão técnica	Rafael Semêdo
Revisão final	Felipe Campos
Diagramação	Caio Geraldes
Índice onomástico	Caio Geraldes

Capa: Biblioteca da Universidade de Heidelberg, Cod. Pal. graec. 45. f.1r — Homerus, Odyssea cum argumentis et scholiis. 1201–1202
DOI: doi.org/10.11588/diglit.3594#0007.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wilamowitz-Moellendorff, Ulrich von
História da Filologia / Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff ; tradução e notas de Thiago Mendes Venturott. -- Araçoiaba da Serra, SP : Editora Mnēma, 2023. -- (Estudos clássicos)

Título original: Geschichte der Philologie.
Bibliografia.
ISBN 978-65-85066-07-5
1. Filologia 2. História antiga 3. Linguística — História I. Título. II. Série.

23-163019 CD-410.9

Elaborado por Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415
Índice para catálogo sistemático:
1. Linguística : História 410.9

Editora Mnēma
Alameda Antares, nº 45
Condomínio Lago Azul — Bairro Barreiro
CEP: 18190-000 — Araçoiaba da Serra/SP
www.editoramnema.com.br

Sumário

Abreviações 7

Apresentação 11
Daniel Kölligan

Nota do tradutor 25
Thiago Mendes Venturott

História da Filologia 35
Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff

Bibliografia geral 223

Índice onomástico 233

História da Filologia

Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff

A Filologia — que ainda hoje mantém o epíteto "clássica", embora não mais reivindique a primazia presente nessa designação — é definida por seu objeto: a cultura greco-romana em sua essência e em todas as manifestações de sua vida. Essa cultura é uma unidade, ainda que não possa ser delimitada com precisão em seu começo e em seu fim. A tarefa da Filologia é trazer de volta à vida, pela força da ciência, aquela vida passada: a canção do poeta, o pensamento do filósofo e do legislador, a sacralidade do templo e os sentimentos dos crentes e dos descrentes, a azáfama colorida no mercado e no porto — em terra e no mar — e as pessoas trabalhando e brincando. Também aqui, como em toda ciência — para falar em termos gregos, em toda *filosofia* —, o espanto com aquilo que não se compreende é o começo; a contemplação pura e gratificante daquilo que se passa a compreender em toda a sua verdade e beleza é o objetivo. Visto que a vida por cuja compreensão lutamos é uma unidade, nossa ciência é uma unidade. A separação das disciplinas Filologia, Arqueologia, História Antiga, Epigrafia, Numismática, mais recentemente também Papirologia,[1] justifica-se meramente pela limitação da capacidade humana e não pode, mesmo no especialista, sufocar a consciência do todo.

[1] Sobretudo em consequência da grandiosa aquisição de manuscritos pelo chamado *Deutsches Papyruskartell*, fundado em 1902, um ano seguinte à fundação, pelo ministro da educação prussiano C. v. Studt, da *Berliner Papyruskommission*, da qual faziam parte nomes como R. Schöne, H. Diels, A. Erman e o próprio Wilamowitz. A história do *Papyruskartell*, mais obscura do que gostaríamos, é esmiuçada por Primavesi (1996), *c. lit.*

A história da Filologia tem a tarefa de expor como a partir da Gramática grega[2] — que era científica, mas não ainda uma ciência histórica, e continuava viva, por mais atrofiada que estivesse, em Roma e Bizâncio — se formou nossa ciência, que é agora consciente de sua essência e de sua tarefa. Esse desenvolvimento transcorreu conforme o curso da história das ideias moderna, sobre o qual a assimilação de tesouros culturais da Antiguidade sempre incidiu fortemente — de forma estimulante, mas por vezes também inibidora. Isso sempre reincidiu sobre a Filologia, mas ir ao encalço dessa reincidência, por mais digna de consideração que seja, excede em muito o escopo desta exposição, embora deva ser sempre levada em conta pelo leitor.

O que na Europa se herdou da Gramática antiga destinava-se inicialmente apenas ao ensino da língua — o latim, afinal, permaneceu vivo no uso prático como língua da Igreja católica. Com a língua, herdaram-se também as formas artísticas do discurso — poesia e prosa —, e assim surgiu uma nova literatura latina, que alcançou largo vicejo e ainda hoje não foi extinta. Imitação — a renovação das artes antigas, também das plásticas — foi o objetivo de diversas épocas, sob diversas formas, ao que se deve acrescer a transposição de formas artísticas e estilos antigos para línguas modernas. Há muito era comum incluir também essas atividades como parte da Filologia, mas à ciência, cujo desenvolvimento traçamos, elas em nada concernem, e se ninguém esperará que se fale

[2] Com "Gramática" (*Grammatik*), aqui grafada propositalmente com maiúscula inicial, Wilamowitz emprega a palavra *lato sensu*, qual seja, no sentido do ensino e da interpretação de poetas e prosadores tomados como modelos de estilo. γραμματική é formada com base em γράμμα 'letra', *cp. lat. litteratura* << *littera*. Compare-se o uso do adjetivo γραμματικός, que denotava originalmente toda pessoa "das letras". Ver, entre outros, *DNP* s.v. *Grammatiker*; *LSJ* s.v. γραμματικός; SANDYS *HCS* I 1–11.

aqui de Palladio[3] e Klenze,[4] de Thorvaldsen[5] ou Flaxman,[6] também não se deve exigir que se faça menção aos versos latinos de Bembo[7] ou João Segundo,[8] e, portanto, também em nada nos concerne se Muret[9] ou Ruhnken[10] compuseram peças exemplares de latim classicista. Isso deveria estar claro já pelo fato de ninguém ter como parte da Filologia os versos gregos — os quais, a propósito, permaneceram desprovidos de estilo até o século XIX, mas dos quais agora se produzem belos exemplares, especialmente na Inglaterra. O benefício que o filólogo obtém de tais exercícios não pode, porém, ser estimado o suficiente, e a alegria do sucesso aumenta pelo fato de não ser acessível senão a pouquíssimos.[11]

[3] A. Palladio (1508–1580): arquiteto italiano de estilo classicista, natural de Pádua, autor de diversas construções famosas em Veneza, Vicenza, bem como vilas no Veneto — ARGAN (1968 III, cap. 12), por exemplo, chega a afirmar que foi Palladio quem primeiro logrou elevar a arquitetura do *Cinquecento* ao nível da pintura da época.

[4] L. (von) Klenze (1784–1864): arquiteto alemão de estilo classicista, natural de Munique, idealizou numerosas construções monumentais inspiradas na Antiguidade greco-romana para sua cidade natal, tais como a *Gliptoteca* (1816–1830), a *Antiga Pinacoteca* (1826–1836) e os *Propileus* (1854–1862), ainda hoje existentes. Para Klenze, ver VON BUTTLAR (2014).

[5] B. Thorvaldsen (1770–1844): escultor dinamarquês, grande expoente do período neoclássico. Estudo recente sobre a sua obra é GRANDESSO (2010[2015]).

[6] J. Flaxman (1755–1826): escultor e desenhista britânico, grande expoente do período neoclássico.

[7] P. Bembo, lat. *Petrus Bembus* (1470-1547): cardeal italiano, pupilo de Constantino Láscaris (ver índice). Os "versos latinos" a que Wilamowitz alude correspondem a suas elegias latinas, emulações das de Tibulo, em louvor de Lucrécia Bórgia, produzidas quando Bembo, após seus estudos, se juntara a seu pai na corte de Ferrara. Ver SANDYS *HCS* II 112SS.

[8] J. Segundo, nasc. Everaerts (1511–1536): poeta neolatino holandês. Foi nomeado secretário do cardeal-arcebispo de Toledo em 1533, vindo a compor a série de poemas amadores neolatinos conhecidos como os *Basia*, posteriormente traduzidos para muitas línguas modernas. Seus poemas constam de elegias, epigramas e odes. Ver *ODR* s.v. *Secundus, Johannes*; SANDYS *HCS* II 216.

[9] Muret: ver abaixo.

[10] Ruhnken: ver abaixo.

[11] Wilamowitz alude aqui ao exercício — comum na escola europeia da Filologia, sobretudo na Alemanha e na Inglaterra — de verter textos do vernáculo para o grego e para o latim.

Também o ensino nas escolas e universidades tem sua história particular e — por mais importante que seja, indiretamente, para o avanço da ciência — não pode vir à tona aqui. Por mais que pareça uma injustiça que, assim, não se faça menção aos homens que, limitando-se ao ensino e à educação, adquiriram não raro um mérito muito maior que os muitos que contribuíram com seu quinhão para a ciência. Vittorino da Feltre[12] e Guarino da Verona[13] foram tais homens de mérito excepcional no século XV. Homens assim não faltaram mais tarde e tampouco faltam hoje. Os tradutores também devem permanecer, em sua maioria, excluídos, ainda que seu impacto para a difusão do pensamento antigo tenha sido egrégio. Basta lembrar o *Plutarco* de Amyot.[14] O que este trouxe do espírito helênico para a cultura moderna é infinitamente mais significativo que o trabalho da maioria dos filólogos, mas Filologia não é.

[12] Vittorino da Feltre, nascido dei Ramboldini (1378–1446): educador humanista natural de Feltre, mudou-se ainda jovem para Pádua, onde estudou e posteriormente ensinou Gramática e Matemática. Após viver em Veneza de c. 1415 a 1419, onde aprendeu grego com Guarino da Verona (ver abaixo), ele retornou a Pádua em 1419, e dois anos depois foi nomeado professor de Retórica. No ano seguinte, mudou-se novamente para Veneza, onde abriu uma escola em 1423. Mais tarde, ele aceitou o convite de João Francisco Gonzaga para lecionar em Mântua, onde fundou o internato chamado *Casa Giocosa*, que abrigou cerca de 70 alunos e exibia currículo fortemente voltado para a língua e a literatura gregas e latinas. Ver *ODR* s.v. *Vittorino da Feltre*; SANDYS *HCS* II 53–55; 71; 183; retrato: 54.

[13] Guarino de Verona (1374–1460): humanista italiano pioneiro nos estudos gregos na Europa Ocidental, estudou com Crisolora (ver índice) em Constantinopla (1403–8) e, retornando à Itália, atuou como professor em diversas cidades — dentre as quais Veneza (1410), onde conheceu Vittorino (ver acima) como pupilo. Guarino é autor da primeira gramática latina da Renascença (*Regulae grammaticales*, 1418) e responsável por numerosas edições de autores latinos e por versões italianas de Estrabão e Plutarco. Ver *ODR* s.v. *Guarino da Verona*; SANDYS *HCS* II *passim*.

[14] J. Amyot (1513–1593): bispo francês famoso por sua tradução das *Vidas* de Plutarco, publicadas sob o título *Les vies des hommes illustres grecs et romains* em 1559. A tradução de Amyot encontrou largo público leitor à época e exerceu forte influência na formação do conceito renascentista do herói trágico. Ver *ODR* s.v. *Amyot, Jacques*; SANDYS *HCS* II 195.

É assim que se poderiam traçar as linhas do desenvolvimento científico de forma breve e precisa, sem que os muitos nomes de seus expoentes precisassem ser mencionados, pois dos pioneiros há, em todas as épocas, poucos. Limitação é também imposta pelo espaço; mas é convencional pôr as pessoas em primeiro plano, mesmo aquelas cuja fama logo esmoreceu por inteiro, e essa piedade também tem seu valor. Assim está arquitetada a *History of Classical Scholarship* de J. E. Sandys,[15] a única história da Filologia digna de menção,[16] uma obra indispensável, de sólida erudição e de que, grato, me valho. Ademais, ajuda-me minha transcrição da palestra que Otto Jahn[17] ministrou em 1868 sobre a história da Filologia; ela me ajudou por toda a vida. Ter-se-ia uma obra incomparável, se não se houvesse perdido a chance de publicar a palestra a partir dos cadernos e notas estenográficas logo após a morte de Jahn, pois ele dispunha de uma erudição sem limites; era, contudo, mais que um *polyhistor* e não suspendia seu veredicto.[18]

***

Não convém começar a história da Filologia com a Renascença, pois o redespertar da Antiguidade começou muito antes disso. Na escola, a tradição nunca esteve de todo interrompida, e, para a preservação dos patrimônios literários, os primeiros séculos é que são decisivos. A cisão do Império Romano nas metades oriental e ocidental e a perda do Ocidente, onde apenas a Igreja mantém uma cultura unificada acima dos estados germânicos, implicam que devemos seguir duas correntes em separado, até que elas se reúnam novamente após a queda de Constantinopla. A fonte lhes é

[15] Sandys: ver abaixo.
[16] Havia à época, sabidamente, outras histórias da Filologia, mas elas não pareciam agradar a Wilamowitz, haja vista que ele não as considerava "dignas de menção".
[17] O. Jahn: ver abaixo.
[18] Em verdade, a palestra foi publicada no mesmo ano sob o título *Bedeutung und Stellung der Alterthumsstudien in Deutschland* ["Importância e posição dos estudos de Antiguidade na Alemanha"] em JAHN (1868: 1–50).

comum, aquela ciência helenística da Gramática, que, nos campos da etimologia e da doutrina das partes do discurso, data do tempo dos sofistas — no campo da elucidação dos poetas, vai até mais longe —, e alcançou sua perfeição por meio de filósofos e dos assim chamados críticos ou gramáticos: Eratóstenes[19] (que se autodenominava modestamente "filólogo" por ter interesses vastíssimos), Aristófanes[20] e Aristarco.[21] O fino livreto de Dionísio, o Trácio,[22] e a

[19] Eratóstenes de Cirene (c. 285–194 a.C.): diretor da Biblioteca de Alexandria, sucessor de Apolônio de Rodes e predecessor de Aristófanes de Bizâncio (ver abaixo). Após algum tempo em Atenas, diz-se que Eratóstenes foi convocado para Alexandria por Ptolomeu III (ou seja, depois de 246 a.C.), mas também se diz que ele foi pupilo de Calímaco, embora o grande poeta já estivesse prestes a morrer naqueles anos. É também possível que Eratóstenes tenha sido pupilo de outros mestres notáveis: em Cirene, do gramático Lisânia e, em Atenas, do acadêmico Arcesilau e do estoico herege Aristão (ver Athen. 7.281c). Seus vastíssimos interesses, como bem julga Wilamowitz, incluíam a Filologia, a Geografia, a Astronomia, a Matemática e a Cronologia — desta que, segundo Pfeiffer *HCS* I 152s., é o fundador — e legaram-lhe já à época as alcunhas πένθλατος e βῆτα (i.e., "beta" no sentido de quem ocupa o "segundo lugar" em todos os campos a que se dedica, logo após o especialista). Ver *DNP* s.v. *Erathosthenes* [2]; Pfeiffer *HCS* I 152s.; *OCL* s.v.; Sandys *HCS* I. Excelente panorama da *scholarship* antiga é Novokhatko em *HAGS* 9–131.

[20] Aristófanes de Bizâncio (c. 257-180 a.C.; não confundir com o dramaturgo): sucessor de Eratóstenes (ver acima) como diretor da Biblioteca de Alexandria (c. 194 a.C.), Aristófanes foi um estudioso versátil, famoso sobretudo por suas pesquisas linguísticas, literárias, textuais e científicas e por ter sido quem primeiro grafou os acentos gregos.

[21] Aristarco (c. 216-144 a.C.): natural de Samotrácia, ele foi pupilo de Aristófanes de Bizâncio (ver acima) e sucessor de Apolônio ὁ εἰδογράφος ("classificador de gêneros literários") como diretor da Biblioteca de Alexandria. Ele e Aristófanes foram os responsáveis pelo início dos estudos filológicos, vindo seu trabalho — que abarcava ampla gama de críticas gramaticais, etimológicas, ortográficas, literárias e textuais — a conceder-lhe a alcunha ὁ γραμματικώτατος "eruditíssimo" (Athen. 15.671s). Aristarco é importante, ademais, afora suas resenhas críticas (διορθώσεις), pela produção de comentários contínuos (ὑπομνήματα) e monografias (συγγράμματα) sobre tópicos específicos. Ver *DNP* s.v. *Aristarchos* [3]; *OCL* s.v.; Pfeiffer *HCS* I 210s.

[22] Dionísio, o Trácio (c. 170/80–90 a.C.): pupilo de Aristarco (ver acima), dedicou-se principalmente à filologia homérica — tendo também ele escrito ὑπομνήματα e συγγράμματα, conforme o exemplo de seu mestre —, bem como a Hesíodo e, talvez, a Álcman. Alguns fragmentos de conteúdo gramatical sobreviveram;

bem distinguível doutrina de Asclepíades de Mirlea[23] dão ao menos um vislumbre do que à época se esperava da Gramática. Filóxeno[24] dá um passo adiante na compreensão da língua, talvez porque soubesse levar em conta o latim. Ele apreende o conceito da raiz verbal monossilábica; Buttmann[25] aprendeu com ele. Em seguida, o triunfo do classicismo reprime a tarefa do gramático, pois agora se espera deste, sobretudo, o ensino prático na língua escrita e literária — esta que se almeja recuar três séculos, o que a dinastia antonina de fato alcança, na qual se escreve até mesmo em grego jônico novamente. A formação superior passa a ser de todo centrada na Retórica, mas esta pressupõe o treinamento linguístico com o gramático. Já sob Augusto, Trifão[26] escreve o primeiro *onomásticon* —

aqui, Dionísio é conhecido pela Τέχνη γραμματική (*Ars Grammatica*), um pequeno tratado sobre gramática normativa transmitido sob seu nome, embora a atribuição não seja *communis opinio*. Ver *DNP* s.v. *Dionysos* [17]; Pfeiffer *HCS* I 266s.

[23] Asclepíades de Mirlea (séc. I–II a.C.): gramático grego nascido em Mirlea, na Bitínia, tendo vivido em Roma e na Espanha. Sua obra inclui tratados sobre a Gramática e gramáticos (Περὶ γραμματικῆς, Περὶ γραμματικῶν) bem como sobre o uso correto da linguagem (i.e., ortografia e ἑλληνισμός); escritos exegéticos sobre Homero, Teócrito e Arato; monografias sobre o Copo de Nestor e sobre as Plêiades; histórias locais de Bitínia e Turdetânia. Ver *DNP* s.v. *Asklepiades*; *OCL* s.v. *Asclepiades*; Pfeiffer *HCS* I 272ss.

[24] Filóxeno (séc. I a.C.): versátil gramático alexandrino, pesquisou e ensinou em Roma (Suda φ 394) e escreveu, entre outros temas, sobre as epopeias homéricas — nos campos da crítica textual, da prosódia e da explicação factual —, os dialetos gregos — dentre os quais, segundo ele, estaria o latim, próximo ao grego eólico —, a métrica, glosas e o uso correto da linguagem (ἑλληνισμός). Em seu tratado Περὶ μονοσυλλάβων ῥημάτων ("Sobre verbos monossilábicos") — a que Wilamowitz alude aqui —, Filóxeno se distancia da doutrina etimológica dos estoicos — a qual parte sempre do substantivo — ao remontar ὀνόματα (substantivos) e ῥήματα (verbos) a temas verbais monossilábicos, que devem ser inferidos por analogia quando não mais existentes na fala coloquial ou dialetal. Nenhum de seus escritos chegou-nos diretamente, mas podem-se encontrar fragmentos em gramáticos posteriores e nos *etymologica* bizantinos. Ver *DNP* s.v. *Philoxenos* [8]; *OCL* s.v.

[25] Buttmann: ver abaixo.

[26] Trifão, gr. Τρύφων (2ª metade do séc. I a.C.): importante gramático grego, filho de Amônio — também gramático, pupilo de Aristarco (ver acima) —, de Alexandria. Considerado o fundador da dialetologia e da patologia linguística, Trifão é autor, afora o Ὀνομάστικον, de mais de trinta tratados sobre temas

i.e., vocabulário da língua escrita —, e é também pioneiro nos escritos sobre sintaxe. Dois séculos adiante, Herodiano[27] fixa definitivamente ortografia e prosódia, ambas em acepção estritamente classicista. Inúmeros manuais fornecem o léxico clássico; gradativamente, estimados êmulos como Aristides tornam-se, eles próprios, modelos de estilo. Em contrapartida, o círculo das poesias abordadas gramaticalmente torna-se cada vez mais estreito; a literatura gramatical, inteiramente compilatória. Poder-se-ia ter esperado que a Igreja, por ser oriunda dos estratos sociais mais baixos, tivesse feito mais jus à realidade da vida, mas ela se subjuga à Retórica dominante, e, mesmo quando engendrou grandes oradores desse estilo, falham as tentativas de que se leiam Clemente,[28] Gregório[29] e Cirilo[30] em lugar das antigas leituras escolares. Homero e Eurípides nunca foram abandonados. Assim continua viva a

vários — partes do discurso, pronúncia, acentos, ortografia e formas dialetais —, os quais foram usados por seus contemporâneos Dídimo, Apolônio Díscolo e — muito livremente — Herodiano (ver abaixo). Restam-nos apenas fragmentos de sua obra, embora alguns breves tratados transmitidos sob seu nome possam conter elementos dos textos originais. Ver *DNP* s.v. *Tryphon* [3]; ³*SS* 44.

[27] (E.) Herodiano, gr. Ἡρωδιανός (séc. II): filho de Apolônio Díscolo, ele foi um dos mais importantes gramáticos gregos, tendo escrito sobre todos os aspectos da gramática (afora sintaxe) e se interessado sobretudo por prosódia e morfologia. Wilamowitz alude aqui ao *magnum opus* de Herodiano, a chamada Καθολικὴ προσῳδία ("*Prosódia Universal*"), que discutia a acentuação de aproximadamente 60.000 palavras (ora perdida). Ver *DNP* s.v. *Herodianos* [1]; *OCD*, *ODB* s.v. *Herodian*; SANDYS *HCS* I 314.

[28] (T. F.) Clemente de Alexandria (c. 160–215): apologeta cristão, teólogo missionário do mundo helenístico e segundo líder e professor conhecido da Escola de Alexandria, o principal legado de Clemente consiste numa sorte de trilogia em que desdobra seus ensinamentos: a Προτρεπτικὸς πρὸς Ἕλληνας ("*Exortação aos gregos*"), o Παιδαγωγός ("*Pedagogo*"), e as Στρώματα ("*Miscelâneas*"). Ver SANDYS *HCS* I 323; *TER* s.v. *Clemens von Alexandrien*.

[29] Gregório: referência obtusa, podendo tratar-se tanto de Gregório de Nazianzo (330–390) como de Gregório de Nissa (330–395), os quais, junto com Basílio de Cesareia (329–379) — irmão de Gregório de Nissa e amigo íntimo de Gregório de Nazianzo —, compunham os chamados Pais Capadócios da Igreja, tendo produzido extensamente sobre temas cristãos. Ver SANDYS *HCS* I 343s., 536; *TER* s.vv.

[30] Cirilo de Alexandria (c. 380–444): teólogo cristão e bispo ativo nas complexas disputas doutrinárias do século V, Cirilo é conhecido sobretudo por sua campanha contra Nestório, bispo de Constantinopla, cujas opiniões sobre a natureza

antiga empresa, ainda que cada vez mais desvitalizada, de que testemunha suficientemente Jorge Querobosco,[31] o professor mais influente do século VI. Cada vez mais largo se torna o abismo entre a língua artística e a vida, cada vez menos numerosa a elite que domina aquela língua; mas a continuidade não cessa, a maioria das obras antigas ainda está disponível em algumas bibliotecas, ainda que raramente encontre leitores. Apenas quando o Islã destrói os antigos centros de formação na Síria, na Palestina e no Egito é que o colapso ocorre, e a iconoclastia parece aniquilar tudo; no entanto, passam-se apenas poucas gerações até que o estudo da literatura antiga seja retomado com o grande patriarca Fócio († 891).[32] Seus interesses restringem-se apenas à prosa, em cuja avaliação demonstra surpreendente senso estilístico. O mesmo vale para Aretas de Patra,[33] que finda sua vida como arcebispo de Cesareia, na Capadócia († 933/4), e cujo zelo preservou

de Cristo deveriam, como defendia o alexandrino, ser declaradas heréticas. Ver *TER* s.v. *Cyrillus von Alexandrien*; SANDYS *HCS* I 314.

[31] J. Querobosco, gr. Χοιροβοσκός: diácono e *cartofílax*, provavelmente do Patriarcado de Constantinopla (i.e., clérigo patriarcal), e, mais tarde, γραμματικός e οἰκουμενικὸς διδάσκαλος (i.e., notável estudioso e professor em Constantinopla), assim como autor de numerosas obras. Há dissidência sobre quando Querobosco teria vivido; a *communis opinio* o atribui hoje à época do segundo iconoclasmo (815–43) ou mesmo a uma época posterior (i.e., de todo modo, muito mais tarde do que acreditava Wilamowitz). O apelido pejorativo "Querobosco" (χοιρο-βοσκός "pastor de porcos") sugere que ele talvez tenha sido partidário do iconoclasmo. Ver *PMBZ* n. 2200; SANDYS *HCS* I 313, 381.

[32] Fócio, gr. Φώτιος (c. 810–891): patriarca de Constantinopla no século IX, ele foi responsável pela preservação de inúmeros textos antigos que, não fosse ele, estariam perdidos; sua própria obra haure — e, assim, preserva fragmentos — de muitas outras obras que posteriormente se perderam. Ver DICKEY (2007: 103ss.); PONTANI em *HAGS* 406–12; SANDYS *HCS* I 388; *³SS* 47, 48, 54, 61–4, 66, 68, 167, 256s., 279; *PMBZ* n. 6253.

[33] Aretas de Patra, gr. Ἀρέθας Πατρεύς, também chamado de Cesareia: comentador bibliófilo sobre os clássicos, autor de escritos teológico-exegéticos. Nascido pouco depois de 850 em Patra, pupilo de Fócio, trabalhou pela primeira vez como estudioso em Constantinopla. Podem-se remontar a suas iniciativas editoriais importantes edições de Platão e Aristóteles. Ver DICKEY (2007: 15, 46–7, 69); *DNP* s.v. *Arethas*; *Kugeas* (1913); PONTANI em *HAGS* 417–20; *PMBZ* n. 20554; SANDYS *HCS* I 395.

uma grande quantia dos mais importantes prosadores, isolados ou em importantes redações: Platão, Aristides, Luciano, Díon, Filóstrato, Euclides, Pólux, Pausânias, Clemente, os apologetas etc. Aretas ainda carece de uma pesquisa abrangente, à qual Sócrates Kugeas deu início numa valiosa monografia (Atenas, 1913).[34] Aretas e outros clérigos também preenchem as margens de seus exemplares com explicações, excertos, suposições sobre o texto, embora provavelmente também o alterem onde hoje nos queixamos de interpolações. Assim surgiram os escólios a Platão, Clemente e Luciano, dos quais a maioria não advém da Antiguidade senão indiretamente. Os manuscritos agora vestem o traje das belas e novas minúsculas. Inserem-se separação de palavras e sinais prosódicos, o que pressupõe um elevado treinamento gramatical. A essa Gramática — e, ao mesmo tempo, à aquisição da artificial língua literária — prestam-se grandes e pequenas compilações, muita vez anônimas ou pseudônimas: os *etymologica*, excertos de Herodiano, os léxicos de Fócio e os editados por Bekker.[35] Muitos ainda constam nos próprios manuscritos desse período. Também a enorme compilação de Suídas, de cuja pessoa nada se sabe, pertence a esse período.[36] Ela pressupõe os extensos excertos comis-

[34] Sócrates Kugeas, gr. Κουγέας (1876–1966), publicou sua monografia Ὁ Καισάρειας Ἀρέθας καὶ τὸ ἔργον αὐτοῦ. Συμβολὴ εἰς τὴν ἱστορίαν τῆς πρώτης ἀναγεννήσεως τῶν ἑλληνικῶν γραμμάτων ἐν Βυζαντίῳ ("Aretas de Cesareia e seu trabalho. Contribuição para a história do primeiro renascimento das letras gregas em Bizâncio") em 1913.

[35] Bekker: ver abaixo.

[36] A *communis opinio* não mais crê que tenha havido um "Suídas." O mais provável é que a enciclopédia tenha sido compilada por um grupo de estudiosos, vindo o nome a remeter à palavra bizantina σοῦδα "fosso, fortaleza", mas não se pode excluir categoricamente a possibilidade de um único autor (ver DICKEY 2007: 90s.; HEMMERDINGER 1998, por exemplo, defende a existência de um Suídas). Mais recentemente, MAZZUCCHI (2020) levanta a hipótese de que o nome, afora o significado "fortaleza", também possa ser lido como o acróstico de Συναγωγὴ ὀνομάτων ὑπὸ διαφόρων ἁρμοσθεῖσα [Coleção de nomes a partir de variadas (fontes)].

sionados por Constantino Porfirogênito.[37] Tais excertos produzem-se em abundância; exemplo disso é a *Biblioteca* de Fócio, bem como, para os poetas, a *Antologia* de Constantino Céfalas,[38] cujas fontes incluem até mesmo uma coleção de inscrições métricas — praticamente o único vestígio de interesse nas pedras que se davam a ver por toda parte. O trabalho gramatical dedicado aos poetas carece de testemunhos, mas fato é que foi nessa época que os textos e os escólios assumiram a forma em que os encontramos hoje, o que pressupõe um estudo gramatical irrepreensível. Leitores, no entanto, esse material só pode ter encontrado em estreito círculo; mas isso vale mais ou menos para tudo, mesmo para o que se escreve na artificial prosa ática que os eruditos — especialmente em cartas bem elaboradas e, geralmente, vazias de conteúdo, conforme a práxis da Retórica tardia até a queda de Constantinopla — manuseavam com virtuosismo. Incomparavelmente mais importante é o fato de o influente M. Pselo[39] ter despertado a filo-

[37] C. Porfirogênito, gr. Πορφυρογέννητος (905–959): imperador bizantino (913–), ganhou fama sobretudo por suas obras *De administrando imperio* e *De cerimoniis* bem como pelo fato de ter comissionado extensas coleções de excertos de historiadores, conhecidos como os Excertos Constantinianos (ver NÉMETH 2018). O apelido "Porfirogênito" (Πορφυρο-γέννητος "nascido em púrpura') não era incomum à época. Ver DICKEY (2007: 101); *DNP* s.v. *Konstantin(os)* [1]; *OCD* s.v. Constantino.

[38] C. Céfalas, gr. Κεφαλᾶς (séc. IX): compilador de uma antologia de epigramas em torno de 900, para a qual hauriu do trabalho preparatório de outras pessoas e coleções de poesia mais antigas. A Antologia de Céfalas, por mais que não tenha sido preservada, forneceu o cerne da Antologia Palatina — um pouco mais tardia (c. 930–40) — e pode ser amplamente reconstruída por meio desta. Hoje, os epigramas coletados por Céfalas aparecem nas edições da Antologia Grega, compondo os livros V (poemas eróticos), VI (poemas votivos), VII (poemas funerários) e IX (poemas epidêiticos e poemas sobre obras de arte), talvez também os livros X–XIII. Ver *DNP* s.v. *Konstantin(os)* [3]; GOW & PAGE (1965: xvii); *OCD* s.v.; *PMBZ* n. 23790.

[39] Constantino — ou, mais comumente, Miguel, conforme o nome monástico que adotou em 1054 — Pselo, gr. Ψέλλος (c. 1018–1081): um dos mais importantes polímatas bizantinos, Pselo atuou como filósofo, jurista, professor e escriba e legou-nos uma obra extensíssima, que até hoje não foi editada por inteiro; ele cobre todos os campos do conhecimento de seu tempo: filosofia, teologia, ciên-

sofia platônica, tida como herege pela Igreja; esse platonismo estava, claro, maculado com elementos impuros, pois Pselo recorreu também ao *Poimandres*[40] — uma obra inestimável para a religião mística da Antiguidade tardia que, como comprova o número de cópias preservadas do manuscrito de Pselo, encontrou muitos leitores nos séculos XIV–XVI e que, como Platão, foi traduzida por Ficino,[41] para então jazer morta até os tempos modernos. Faz-se necessária, em prol da ciência, uma reedição do *Poimandres* — no entanto, exatamente como no caso da Astrologia, apenas como registro da podridão que lentamente corroeu a árvore do genuíno helenismo. A ocupação com Aristóteles nunca foi abandonada, de sorte que não poderiam faltar comentadores bizantinos em nossa compilação acadêmica. O desagradabilíssimo João Tzetzes[42] logra fingir uma erudição maior do que a que de fato possui e interpreta o crítico de forma muito infeliz, mas é inegável que tivesse acesso a mais material do que nós. Muito mais elevados posicionam-se os príncipes da Igreja Eustácio de Tessalônica,[43] Miguel Acominato de

cias naturais, retórica, estudos literários, medicina, jurisprudência, teurgia e demais "ciências" esotéricas. Ver *TRE* s.v. *Psellos, Konstantin*.

[40] O *Poimandres* é o primeiro tratado do chamado *Corpus Hermeticum* e está contido no primeiro volume da edição crítica de Nock & Festugière (1945). Estudo clássico sobre o tema é a monumental obra de Festugière (1944–54), em quatro volumes. Mais recentemente, ver Barbieri (2022), com bibliografia atualizada e tradução do *Poimandres* para o português em pp. 224–230.

[41] Ficino: ver abaixo.

[42] J. Tzetzes, gr. Τζέτζης (c. 1110–1185): poeta erudito bizantino, ele atuava profissionalmente em Constantinopla como professor (γραμματικός) e secretário (γραμματεύς). Legou-nos extensíssima obra — escrita majoritariamente em dodecassílabos ou pentadecassílabos —, em que se dedica à exegese de autores antigos tais como Píndaro, Ésquilo, Eurípides, Aristófanes, Tucídides, Licofrão, Opiano e Nicandro; escreveu também sobre os poemas homéricos. Ver Dickey (2007: 15, 29–30, 36, 41, 62–5, 70, 105); *DNP* s.v. *Tzetzes, Iohannes*; *ODB*, *OCD* s.v. *Tzetzes, Johannes*; Pontani em *HAGS* 452–60; Sandys *HCS* I 408.

[43] Eustácio (c. 1110–1195): arcebispo de Tessalônica, ele foi um importante estudioso bizantino, conhecido sobretudo por seus escritos sobre o saque de Tessalônica pelos normandos em 1185 e por seus comentários a Homero. Ver Dickey (2007: 15, 18, 23–4, 62–5, 80–1, 93, 99); Pontani em *HAGS* 460–67; Sandys *HCS* I 410.

Atenas[44] e Gregório de Corinto (cerca de 1200).[45] Com Acominato, aprendemos que os monumentos de Atenas — à exceção da Acrópole — já estavam tão destruídos e a tradição, tão esquecida, quanto quando começaram a ser estudados no século XVII. O que Eustácio compilou sobre Homero é surpreendente, e seu comentário, por ser um dos primeiros livros impressos, domina os estudos homéricos por muito tempo. Possuímo-lo ainda no manuscrito do autor; um público em casa ele não teria encontrado nem mesmo se a nefasta assim chamada Quarta Cruzada[46] não houvesse trazido o ocaso e a pior destruição da literatura antiga, à época ainda ricamente preservada. Isso não pôde ser reparado. São agora círculos de todo estreitos, no mais das vezes monásticos, que se empenham em resgatar essa literatura. Máximo Planudes[47] merece muitos agradecimentos por isso. Ele colige, por exemplo, tudo o que ainda temos de Plutarco, copia excertos, atua como professor. É-lhe peculiar que traduza populares escritos latinos. Salta aos olhos o

[44] M. Coniata, erroneamente chamado também "Acominato", gr. Χωνιάτης ou Ἀκομινάτος (1138–1222): pupilo de Eustácio (ver acima), escritor e metropolita de Atenas; suas extensas obras são o principal testemunho documental da turbulência política da Grécia no século XIII, após o saque de Constantinopla pela Quarta Cruzada em 1204. Ver SANDYS *HCS* I 411; *³SS* 71.

[45] Gregório de Corinto (séc. XI–XII): bispo de Corinto, possivelmente também professor de Gramática e Retórica na escola do Patriarca de Constantinopla. Escreveu extensamente sobre ambos os temas, mas suas obras não foram, até hoje, satisfatoriamente editadas. Ver DICKEY (2007: 15, 54, 82–4); *DPN* s.v. *Gregorios*.

[46] Em 1204.

[47] Manuel — ou, mais comumente, Máximo, conforme o nome monástico que adotou (c. 1283) — Planudes, gr. Πλανούδης (c. 1255–1305): versátil estudioso, com amplos interesses e conhecimentos em muitos campos, professor, copista, editor e comentarista de autores clássicos, tradutor de literatura latina. Considerado o primeiro filólogo do período paleólogo, ele é hoje conhecido sobretudo por sua coleção de epigramas, a chamada Antologia de Planudes, que contém cerca 2400 epigramas (dentre os quais 388 não contidos na Antologia Palatina). Ver DICKEY (2007: 15–6, 30, 33–4, 41, 57, 64); *DNP* s.v. *Planudes, Maximos*; SANDYS *HCS* I 417.

retorno aos poetas clássicos por Moscopulo,[48] Tomás[49] e Triclínio.[50] Este é, em sua maneira, comparável aos humanistas cujas correções e interpolações subsumimos sob o nome genérico dos *Itali*, mas a verdade é que é superior a eles por separar zelosamente seus escólios dos antigos e assumir a autoria de suas conjecturas. A propósito, ainda havia em Constantinopla uma formação e uma arte páreas para as italianas. Quem ler os escritos de Teodoro Metoquita[51] e visitar sua fundação, a igreja agora chamada Mesquita de Karieh, é incapaz de julgar de outra maneira. Com isso, estamos no século XIV, quando o desejo dos italianos por livros gregos enseja uma produção maciça de cópias — umas boas, outras bastante desleixadas, agora nas feias cursivas. Não se pode chama-las, de fato, "livros", pois uma distribuição de cópias idênticas em livrarias não há. Professores de grego mudam-se agora também para o Ocidente, e alguns se tornam muito celebrados — mas, cientificamente, mesmo Crisolora[52] e Calcondila[53] nada significam. Somente após a queda de Constantinopla[54] é que também a erudição foge de sua terra natal, na qual a formação superior se extingue de todo por séculos. Tanto mais grandioso é o feito do

[48] M. Moscopulo (c. 1265–1316): filólogo bizantino, pupilo de Máximo Planudes. Ver *DNP* s.v. Moschopoulos, Manuel; SANDYS *HCS* I 419.

[49] T. Magistro (c. 1275–1350): filólogo bizantino, de Tessalônica; entre seus pupilos está Triclínio (ver abaixo). Ver PONTANI em *HAGS* 496–9, 512; SANDYS *HCS* I 420.

[50] D. Triclínio (c. 1280–1340): SANDYS *HCS* I 420; ³*SS* 75–8, 174, 231–2, 234.

[51] T. Metoquita (c. 1260–1331): SANDYS *HCS* I 421.

[52] M. Crisolora, gr. Χρυσολωράς (1353–1413): erudito bizantino, ao servir como embaixador de Manuel II Paleólogo na Itália, tornou-se um renomado professor de literatura e história gregas nas repúblicas de Florença e Veneza, sendo hoje amplamente considerado pioneiro na introdução da literatura grega antiga na Europa Ocidental. Ver *ODB* s.v. *Chrysoloras, Manuel*; SANDYS *HCS* I 432; ³*SS* 135, 147, 155, 277.

[53] D. Calco(co)ndila, gr. Χαλκοκονδύλης (1423–1511): estudioso de grego na Itália, era um ateniense que vivia no círculo de Bessarion em Roma e, em 1464, se tornou o primeiro titular da cátedra de grego em Pádua. Ver *ODB* s.v. *Chalcocondyles, Demetrius*; SANDYS *HCS* I 432; ³*SS* 51.

[54] Em 1453.

quiota Adamâncio Corais (1798–1833),[55] que deve ser louvado como renovador de sua língua não apenas por seus conterrâneos, mas também por todo aquele cujo coração seja repleto do mais nobre patriotismo. Seus feitos ensinam que o espírito é imortal, e que a bênção dos pais, mesmo que séculos adiante, dá aos netos a força para reconstruir sua casa; é que, por meio de sua devoção à antiga Hélade e do trabalho científico, Corais preparou, no renascimento intelectual de seu povo, também o político. Os rumes[56] tornaram-se novamente helenos. A cientificidade de Corais é também um milagre, pois em Montpellier, onde estudou Medicina, não pôde encontrar o conhecimento linguístico demonstrado em suas numerosas edições, e em Paris, onde viveu como discreto estudioso, tampouco. Para mencionar apenas seu trabalho sobre Estrabão, suas emendas são tão acertadas como as de poucos, e no tocante à investigação histórica do grego antigo, até mesmo dialetal, até a língua viva — desta que o filólogo não deve esquecer-se, na mesma medida em que não pode esquecer-se do italiano — ele é o fundador em geral, e a sucessão ainda tardaria muito a vir. Numa biografia excepcional, também por sua nobre forma, Teriano[57] apresentou a obra de Corais sobre um pano de fundo largamente pintado — um livro que deveria encontrar mais leitores.

Afora o Império de Bizâncio, não se pode esquecer o que se preservou da herança helênica nas províncias que caíram sob o domínio do Islã e perderam assim a língua grega. Na Síria, vinha

[55] A. Corais (1798–1833): SANDYS *HCS* III 361.

[56] O termo "rume" (al. *Rhomäer*) designa genericamente os habitantes do Império Bizantino no Medievo, em conformidade com a autodenominação dos bizantinos como Ῥωμαῖοι "romanos". Agora, como o Império passou por transformações fundamentais entre os séculos IV (fundação de Constantinopla) e VII (perda de grandes territórios para os árabes), a *communis opinio* da Filologia alemã entende que a história romana tardia se fundiu com a história bizantina no final dessa fase e que é, pois, preferível falar de "rumes" (al. *Rhomäer*) a "romanos" (al. *Römer*).

[57] D. Teriano (1833-1897), gr. Θερειανός publicou seu *Adamantios Koraes* em 1889 (SANDYS *HCS* III 361).

se desenvolvendo já desde o século II uma literatura vernacular que preservava obras gregas em tradução e continuava a cultivar alguns aspectos da ciência grega. Os árabes tornaram-se ávidos aprendizes desses sírios e levaram consigo para a Espanha o conhecimento científico que apreenderam e geraram. Por outro lado, muito material chegou dos sírios — ou mesmo diretamente dos gregos — aos armênios e georgianos, embora aqui se trate quase que inteiramente de escritos cristãos que só se preservaram para nós dessa forma. Aqui se enquadra a *Crônica* de Eusébio,[58] cuja parte principal Jerônimo não traduziu por ser demasiado erudita para os latinos, e, ademais, importantes escritos de Fílon, o Judeu,[59] tido pela Igreja como um dos seus. Quanto à literatura eclesiástica, não é pouco o que está preservado também através do copta. Essas línguas só puderam ser exploradas largamente na modernidade; mas através da Espanha, amiúde por intermédio de judeus, incutiu-se muito material grego na ciência natural, na medicina e na filosofia medievais. Toda a cultura do Oriente é, em seu âmago, muito mais permeada pelo helenismo do que em geral se pensa; por outro lado, aprendemos cada vez mais o quanto a Espanha árabe, superior em todos os aspectos, concedeu aos seus vizinhos cristãos.

***

Em Roma, algo como uma Gramática, conforme a práxis grega, se formara diletantemente no tempo dos Gracos. Varrão[60] tenta sistematizá-la. Ele não se sai bem; a diligência e o nobre patriotismo

[58] A versão armênia do primeiro livro da Crônica de Eusébio foi primeiro publicada em 1818 por Aucher (ver SCHWARTZ em *RE* VI 1376s.); o segundo livro está preservado apenas em latim, na tradução de S. Jerônimo (ver SANDYS *HCS* I 219). Ainda hoje de autoridade são os estudos de J. KARST (ver bibliografia).

[59] Fílon de Alexandria, também conhecido como Fílon, o Judeu, lat. *Philo Judaeus* (c. 30 a.C.–45 d.C.): filósofo judeu do período helenístico que viveu em Alexandria e atuou como importante intermediário entre o judaísmo e a filosofia grega. Introduções a Fílon são GOODENOUGH (1962²) e KAISER (2015).

[60] M. T. Varrão (116–27 a.C.) em seu *De lingua latina*.

desse homem, no entanto, propiciaram à Roma Antiga algo comparável ao trabalho compilatório dos muitos que perscrutaram, a mando de Calímaco, todas as páginas dos tesouros da Biblioteca de Alexandria. E Varrão conhecia ainda sob uma ótica própria a vida que a guerra civil destruiu e que a restauração romântica de Augusto tornou cada vez mais alheia à sua essência. Sem Varrão, não teríamos nenhum conhecimento concreto sobre a essência e a vida da Roma Antiga, pois o que os pósteros têm a dizer costuma remontar, em última instância, a ele. O esquematismo de sua obra gramatical, certamente, só tem valor na medida em que permite conclusões sobre os teóricos gregos. A Gramática como uma disciplina à parte ainda precisava ser criada. Isso só ocorreu no primeiro período imperial, quando, com os rétores, também os gramáticos gregos se mudaram para Roma. Rêmio Palêmon[61] traduz o manual de Dionísio, o Trácio,[62] para o latim; Valério Probo, de Beirute,[63] pode competir com os alexandrinos na excelência de suas edições, e se pode equiparar seu comentário a Virgílio com aquele que sua referência, Téon,[64] produzira para a poesia helenística; Quintiliano compilou tudo o que o ensino retórico tinha a oferecer numa grande obra, cujo encadeamento lógico seria provavelmente repreendido pelos sistematizadores gregos, mas que na pletora do conteúdo e na elegância da forma ultrapassa-os a todos. Suetônio é, concomitantemente, gramático do grego e do latim - algo típico de sua época. Entretanto, como tal, é superior a seus contemporâneos em ambas as línguas. Em seguida, porém, a força dos latinos esmorece também nesse campo, pois o arcaísmo, agora também aqui incipiente, desviou a atenção dos Clássicos e não engendrou nada de duradouro, nem no tocante à emulação, e

[61] Rêmio Palêmon (c. 35–70): SANDYS *HCS* I 188.
[62] Dionísio, o Trácio: ver acima.
[63] Valério Probo (c. 20–105 a.C.): SANDYS *HCS* I 192; ³*SS* 21, 27–9, 31, 250.
[64] Téon de Alexandria: gramático do período augustino. Ver *DNP* s.v. *Theon* [4]; WENDEL s.v. *Theon* [9] em *RE* 5 A pp. 2054–9.

não preservou nem mesmo Ênio ou Lucílio. Então, vai-se de mal a pior, e logo o declínio da formação exorta, também aqui, o ensino a focar-se na preservação da língua literária. Os extensos escritos didáticos tardios sobre gramática, métrica e retórica de que dispomos são bastante vagos, e sua análise não leva a um homem comparável a Herodiano em lugar algum.[65] Élio Donato[66] certamente não o é, e Sérvio[67] nada mais faz que diluir a erudição antiga. Prisciano desempenha, em última insância, o papel mais importante,[68] mas apenas porque entra em contato com a obra de Apolônio Díscolo em Constantinopla, sob o patriarcado de Anastásio. À época, o Império dos Romanos cultivava zelosamente a língua romana, como a codificação justiniana das leis comprova.[69]

Já no século IV, os melhores romanos viam um risco para a cultura latina no fato de o conhecimento do grego estar desaparecendo no Ocidente, e procuravam combatê-lo por meio de traduções. Agostinho, afinal, mal estava em condições de estudar seriamente um livro grego, e ainda que em Bordeaux, sede de formação da Galícia no século IV, professores ainda se ocupassem de Menandro,[70] o sucesso permanecia limitado. Fato é que só de lá um certo conhecimento da língua grega pode ter chegado à Irlanda

[65] Herodiano: ver acima.

[66] Élio Donato (séc. IV): gramático latino, talvez nascido na África por volta de 310, professor de Jerônimo em Roma. Donato escreveu uma *Ars grammatica* e comentários a Virgílio e a Terêncio. Ver *DNP* s.v. *Donatus* [3]; *OCD* s.v. *Donatus, Aelius*.

[67] Sérvio (séc. IV): gramático latino, autor de um vasto comentário a Virgílio, em parte embasado em trabalho anterior de Élio Donato (ver acima), ora perdido. Ver *DNP* s.v. *Servius* [2]; *OCD*, *ODLA* s.v. *Servius*.

[68] Prisciano (séc. VI): gramático latino, autor de uma vasta gramática do latim. Ver *DNP* s.v.; *OCD* s.v.

[69] Trata-se do chamado *Corpus Iuris Ciuilis* (*Romanii*), obra jurídica fundamental comissionada pelo imperador bizantino Justiniano I.

[70] Como bem nota Lloyd-Jones (Wilamowitz *HCS* n. 60), Wilamowitz parece ter em mente Ausônio (*Idyll.* 4.22.45–7, *ad nep.*): *Perlege, quodcumque est memorabile, prima, monebo, conditor Iliados et amabilis orsa Menandri evolvenda tibi*. ["Lê tudo o que for memorável. Aconselho-te, antes de tudo, a desvendar o criador da *Ilíada* e as belas obras de Menandro."].

livre, onde permaneceu por mais tempo que no continente, ao qual retornou no tempo dos Carolíngios. Livros gregos, todavia, não parecem ter chegado à Irlanda, e tudo não passa de uma curiosidade. Para a intercompreensão com as pessoas de outro povo houve dicionários grego–latim e pequenos livros de frases, exatamente como os de hoje, cujos restos se preservaram justamente devido ao uso. O valor desses livros para a língua falada ainda não foi explorado à exaustão. A luta da escola contra o vulgo, demonstrada pela Gramática tardia, tem um valor especialmente significativo para as línguas românicas, que emergiram do latim vulgar, bem como para os escritos nesse latim, como os de Gregório de Tours, conforme exemplarmente demonstrado por M. Bonnet.[71] De mesma estirpe são traduções do grego como as *Mulomedicina* de Pelagônio,[72] os escritos médicos de Sorano[73] e a crônica a que se chama *Barbarus Scaligeri* — esta que, no cerne, é o trabalho de Hipólito.[74] Muito material se torna no todo incompreensível em tradução bárbara, a exemplo do *Aratus latinus*.[75] Incompreensível,

[71] *Le latin de Grégoire de Tours* (1890).

[72] Pelagônio (séc. IV): autor do primeiro manual veterinário latino especializado em medicina equestre. Ver *ODLA* s.v. *Pelagonius*; *³SS* 129.

[73] Sorano de Éfeso, gr. Σωρανός (98–138): médico em Roma por volta de 100 d.C., Sorano foi o mais importante representante da escola médica dos chamados metodistas, tendo sido reconhecido no século XX como um dos mais importantes médicos da Antiguidade greco-romana em geral. Escreveu numerosos tratados, muitos dos quais estão apenas disponíveis na versão latina por Célio Aureliano. Ver *DNP* s.v. *Soranos*; *EMG* II s.v. *Methodiker-Schule*; *OCD* s.v. *Soranus*.

[74] "*Barbarus Scaligeri*" (i.e., "bárbaro de Escalígero") é como se chama convencionalmente o autor anônimo dos *Excerpta Latina Barbari*, primeiro editados em 1606 por J. J. Escalígero (ver índice). Trata-se de peculiar tradução latina, produzida por volta de 700 d.C. e preservada num único manuscrito (Paris B.N. lat. 4884), de uma cronologia grega produzida em Alexandria depois de 412 d.C. (o fim do patriarcado de Teófilo de Alexandria é o último evento mencionado), da qual nos chegou apenas uma folha de pergaminho do início do século V (P. Berol. 13296). A crônica do *Barbarus Scaligeri* é baseada em crônicas mais antigas de Hipólito, Africano e Eusébio. Ver *ODB* s.v. *Barbarus Scaligeri*. A relação da obra com Hipólito é discutida por JACOBY em *RE* VI 1566ss.

[75] *Aratus latinus* é como se chama convencionalmente uma versão latina do século VII, em latim bárbaro, dos *Phaenomena* de Arato; não confundir com a

mas por uma razão diversa, é também o que a última fase da Filologia britânica considerava um latim elegante, como no caso dos *Hisperica famina*.[76]

Parece que a língua e a cultura antigas haveriam desaparecido completamente se a Igreja não houvesse optado, tal como no Oriente, pela língua literária. Com isso, Gramática e Retórica foram salvas para a escola cristã. Os escritores abordados por último nessa empreitada — Virgílio, Luciano, os escritos retóricos de Cícero — mantiveram seu lugar. Não era muito; mas as famílias senatoriais de Roma, mesmo após se haverem submetido à nova crença, preocupavam-se em preservar a literatura antiga e, como comprovam as assinaturas de muitos manuscritos, tratavam de obter os melhores originais possíveis, que eram então copiados e distribuídos pelos *antiquarii*. Naturalmente, devemos ter cuidado para não enxergar nesses textos o trabalho de recensão acadêmica. Desta pouco entendiam os gramáticos da época; os distintos senhores, ainda menos. A atividade tradutória de Boécio exerceu enfim também influência inestimável sobre os estudos medievais,[77] pois ela preservou, de última hora, obras centrais para as *artes liberales*. Mas nada alcança a importância de um homem: Cassiodoro.[78] Ao aposentar-se do serviço civil gótico, ele fundou em sua propriedade *Vivarium*, perto de Squillace, um monastério destinado a tonar-se um centro de estudos. Equipou-o com uma biblioteca e, nas *Institutiones rerum divinarum et saecularum litterarum*, estabeleceu para ele — e, com isso, para os tempos vindouros — suas obrigações e tarefas, dentre as quais copiar livros antigos. Ele tinha

tradução da mesma obra por Cícero, Germânico e Avieno.

[76] Os *Hisperica famina* consistem de uma coleção de orações em latim, atribuída a um monge irlandês do século VII (ver SANDYS *HCS* I 438), que constituem um livro escolar sobre retórica e composição. A edição crítica canônica é HERREN (2 vols., 1974–87). Ver STONE (2022).

[77] Boécio (c. 480–524): *ODB*, *ODLA*, *ODMA* s.v. *Boethius*; SANDYS *HCS* I 237; *[3]SS* 41, 74, 79, 119, 132.

[78] F. M. A. Cassiodoro (c. 485–580): *ODCC*, *ODMA* s.v. *Cassiodorus, Flavius Magnus Aurelius*; SANDYS *HCS* I 244; *[3]SS* 79, 82, 118, 258, 261.

conexões com os centros de formação do Oriente, e no sul da Itália o conhecimento do grego não havia ainda se extinguido de todo, de sorte que também livros, ainda que nenhum clássico, estavam disponíveis na biblioteca. Esta — e o *Vivarium* em geral — não sobreviveu, claro, ao tempo dos lombardos, mas parece certo que uma parte considerável dos livros chegou a Bobbio,[79] e presumivelmente também à Biblioteca Capitular em Verona, ainda que como palimpsestos. O espírito de Cassiodoro e de sua fundação seguiam vivos pelo fato de os monges da Ordem Beneditina se aterem às *Institutiones*. O próprio fundador de Monte Cassino não pensara ainda no cultivo da ciência, empreendida apenas em modesta medida mesmo no monastério-pai, o qual, no século XIV, não era menos desprovido de cultura que St. Gallen e Fulda. Em contrapartida, os monastérios do Reino Franco logo se tornaram os mais distintos centros de formação. Justamente para lá é que fugiu o que remanesceu da conquista da Espanha pelos árabes. Lá, a tradição romana levara uma vida isolada e digna durante o reino visigótico, e Isidoro de Sevilha[80] coligira em forma de enciclopédia o conhecimento remanescente. Essa literatura veio de lá para o Ocidente e exerceu duradoura e forte influência. Ela preservava também alguns escritos de origem africana, a exemplo da *Antologia Latina*. Inigualavelmente mais importante foi, ainda, que os irlandeses e anglo-saxões tenham trazido seu conhecimento e seus livros consigo. Eles fundaram novos monastérios, parte em solo que haviam, antes, conquistado com as próprias mãos para o cristianismo: Luxeuil – no sopé dos Vosges –, Bobbio – às margens do Trebia –,

[79] A *communis opinio* hoje é de que a maior parte dos livros foi de *Vivarium* para Roma, não para Bobbio. Ver ³*SS* 258s.: "*The theory that the oldest Bobbio manuscripts came from Vivarium, advanced by R. Beer in 1911, has crumbled under the attacks of numerous scholars, in particular that of P. Courcelle,* Les Lettres grecques*, 357–88, etc*." ["A teoria de que os manuscritos mais antigos de Bobbio vieram de *Vivarium*, apresentada por R. Beer em 1911, desmoronou sob os ataques de vários estudiosos, em particular os de P. Courcelle, *Les Lettres grecques*, 357-88, etc."].

[80] Isidoro (c. 570–636): SANDYS *HCS* I 442; ³*SS* 79, 84, 89, 259.

St. Gallen, Reichenau, Fulda. Columbano,[81] Galo[82] e Bonifácio[83] são os nomes mais ilustres; mas apenas os discípulos em seu séquito, diligentes copistas, bem como eruditos que permaneciam fora dos monastérios é que desempenharam, eles próprios, o trabalho mais valioso. É assim que ocorreu, mesmo após a terrível barbarização sob os Merovíngios, a renovação da formação antiga, nomeada em homenagem a Carlos Magno. E de fato foi ele quem recobrou o título de imperador romano, o condutor em todos os caminhos, um verdadeiro rei, ao lado de quem mesmo os mais distintos de seus conselheiros, Alcuíno à testa,[84] não passavam de órgãos de uma vontade dominante. A poesia e a prosa agora anseiam novamente igualar-se aos modelos clássicos, e novos manuais de gramática e retórica educam para tanto. Discurso e escrita recebem formas novas e de bom gosto. Com afã e êxito rastreia-se e salva-se em asseadas cópias tudo o que ainda resta da literatura antiga. Felizmente, não foi pouco o que se preservou desses manuscritos carolíngios, e onde possuímos apenas cópias mais recentes, elas costumam remontar a outra do período carolíngio e a um monastério do Reino Franco. Nessa empresa de copiar, desenvolveu-se até mesmo uma técnica a que se poderia chamar filológica, e ninguém menos que o próprio Imperador Carlos enunciou certa vez uma premissa filológica que deve guiar-nos a todos. Ele solucionou uma disputa acerca do antifonário genuíno com a seguinte pergunta: "Acaso a água mais pura jorra da fonte ou do riacho?".[85]

[81] (São) Columbano (c. 543–615): *ODMA* s.v. *Comlumban*; *³SS* 77s.

[82] (São) Galo († 645): monge e suposto fundador de uma cela perto do Lago Constança, que mais tarde se tornou o Mosteiro de S. Gallen. A historicidade de São Galo é contestada. Ver *ODLA* s.v. *Gallus*, S.; *³SS* 87.

[83] (São) Bonifácio (c. 675–754): apelidado "apóstolo dos germanos", teve papel decisivo na conversão dos povos da Germânia para o cristianismo. Ver *ODCC* s.v. *Boniface*, S.; *³SS* 89–92.

[84] Alcuíno de Iorque (c. 740–804): *ODMA* s.v. *Alcuin*; SANDYS *HCS* I 455; *³SS passim*.

[85] A resposta uníssona, claro, é que a água mais pura jorra da fonte, o que se transpõe no imperativo filológico de se tentar chegar às evidências mais antigas. Sobre a disputa, ver VON EUW (2000: 89ss.).

Em tratamento da *Regula Benedicti*, Ludwig Traube[86] demonstrou de forma exemplar que o retorno consciente ao texto original, em conflito com a aderência morosa ao *textus receptus* e às modernidades embelezantes, acabou não prevalecendo. Poder-se-iam aduzir facilmente os paralelos quanto ao tratamento textual de muitos poetas latinos de outros períodos da Filologia. Também Suetônio deixa entrever com clareza o método de Lupo de Ferrières,[87] o qual está no centro desses afãs filológicos: adquire manuscritos antigos, colaciona-os, copia excertos, amiúde em benefício dos textos, ainda que tenha, claro, por vezes a mesma audácia que encontramos em Aretas[88] — assim como a Renascença Carolíngia em geral exibe similaridades surpreendentes com o tempo de Fócio.[89] A caligrafia carolíngia corresponde perfeitamente à antiga minúscula grega, e bem como o caminho desta remonta, no mais das vezes, a um único livro remanescente da Antiguidade, assim o fazem os arquétipos carolíngios, com os quais operamos inicialmente. Movida pelo senso histórico de Traube, a Paleografia tornou-se a condutora da vida e da atividade científicas daqueles tempos, os quais foram decisivos para a história textual dos escritos latinos. Para o grego, no entanto, o trabalho principal ainda precisa ser feito.

Seria uma unilateralidade grosseira se quiséssemos olhar apenas para os livros no que diz respeito à Renascença Carolíngia. A Catedral de Aachen, os palácios imperiais, as pinturas em miniatura e esculturas em marfim são evidências nada menos significativas da conformidade com construções romanas e obras de arte oriundas do Oriente. O Ocidente é capaz de aprimorar o que recebeu; mas esse novo mundo, exalando vigor, não se rende ao

[86] L. Traube (1861–1907): SANDYS *HCS* III 195; sua *Textgeschichte der Regula Sancti Benedicti* foi publicada em 1898.
[87] Lupo Servato, de Ferrières (c. 805–862): *³SS* 82, 100, 103-5, I75- 265.
[88] Aretas de Patra: ver acima.
[89] Fócio: ver acima.

material antigo. Ao contrário: é justamente agora que os novos povos germânicos e romanos tomam consciência de seu caráter singular e logo começam a escrever em sua própria língua, estruturada com a ajuda do latim. A arquitetura, a escultura e a pintura românicas têm seu próprio espírito novo; ele sopra cada vez mais forte também na poesia latina, ainda mais quando o vernáculo substitui o latim. Nisso consiste a diferença entre o fenômeno no Ocidente e seu paralelo no Oriente — neste, o classicismo não conseguiu encontrar ressonância no povo e, portanto, tampouco gerar uma nova formação capaz de emergir. Isso dita, ao mesmo tempo, o comportamento diverso para com a herança antiga. O zelo para com a literatura antiga — ao qual, no período carolíngio, se pode chamar com justeza "filológico" — não encontra sucessor algum. É claro que se ensina a língua latina, e Wackernagel pode até exaltar o progresso à época feito no conhecimento da estrutura da língua;[90] é claro que surge uma historiografia conforme a modelos romanos — mas, nesse aspecto, Eginhardo[91] e o lombardo Paulo[92] (o qual era também suficientemente erudito para ler o léxico de Festo e preservá-lo num excerto) já haviam desempenhado algo melhor que o que seus sucessores lograram. É claro que se pode ler diligentemente os poetas e aprender a imitá-los com virtuosismo — especialmente quando destacamos Ovídio —, mas é justamente na poesia que vemos que ela atinge seu ápice ao conquistar uma riqueza nas novas formas rítmicas que os romanos nunca possuíram. O latim desses poemas é algo

[90] Wilamowitz tem em mente WACKERNAGEL (1920: 22ss.; ingl. 2009: 34ss.).
[91] Eginhardo (c. 770–840): biógrafo de Carlos Magno, tendo escrito sua *Vita Caroli Magni* emulando Suetônio. Ver *ODMA* s.v. *Einhard*; SANDYS *HCS* I 463. Organização dedicada a sua obra é a *Einhard-Gesellschaft*, responsável pela série de livros científicos *Acta Einhardi* (até agora, 3 vols.).
[92] Paulo, o Diácono (c. 725–797): autor de numerosas obras historiográficas, dentre as quais a mais importante é a *Historia Gentis Langobardorum*, que, muito embora incompleta, abarca o período de 568 até a morte de Luitprand, em 744. VER *ODCC* s.v. *Paul, the Deacon*; SANDYS *HCS* I 456.

melhor que emulação, e apenas um espírito tacanho pode torcer o nariz para os neologismos linguísticos dos escolásticos; afinal, não poucos deles continuam vivos em nossa terminologia científica. Saberes antigos são prontamente absorvidos, e um influxo deles chega mesmo antes que as Cruzadas pusessem o Ocidente em contato direto com os gregos. No sul da Itália, mesmo sob domínio dos duques lombardos, o helenismo não se havia extinguido de todo. Da localização geográfica e da troca de governantes decorreu que influências gregas, latinas e árabes se cruzassem ali e na Sicília. Os príncipes da Normandia e seus sucessores de Hohenstaufen, Frederico II[93] e Manfredo,[94] levam, por fazerem parte dessa cultura, seus traços quase modernos. Nesse contexto, traduzem-se também muitas obras gregas, da língua original ou da árabe: obras filosóficas, científicas, médicas. A Escola Médica de Salerno deve seu renome a esse saber.[95] Esses escritos também se espalham rumo ao norte, e lá chega também muito material da Espanha árabe. Um outro Aristóteles, diverso do lógico — o único conhecido até então — é recebido em parte com entusiasmo, em parte com desconfiança. Especialmente na Inglaterra sucede um fenômeno curioso: João de Salisbury,[96] Roberto Grosseteste[97] e, sobretudo, Roger Bacon[98] não apenas possuem um surpreendente conhecimento, mas o último em especial é inspirado a pensamentos ousados; só que a Igreja ainda não tolerava isso, por mais que fosse incapaz de classificar e subjugar tudo conforme seu sistema — como fez Tomás de Aquino, de modo decisivo, para a Ortodoxia. Concerne-nos, especialmente, que disso não emerja um estudo do

[93] Frederico II (1194–1250).
[94] Manfredo (1232–1266).
[95] A chamada Escola Médica de Salerno, lat. *Schola Medicina Salernitana*, fundada no séc. IX, foi a primeira e mais proeminente escola médica medieval. Ver *EMG* III s.v. *Salerno, Medizinschule von*.
[96] J. de Salisbury (1110–1180): SANDYS *HCS* I 517; ³*SS* 112s., 119, 267-8.
[97] R. Grosseteste (c. 1168–1253): SANDYS *HCS* I 552; ³*SS* 120, 270.
[98] R. Bacon (c. 1214–1294): SANDYS *HCS* I 567.

grego — nem mesmo algo preparatório para as disciplinas História e Filologia. Era justamente o contato com os originais que faltava, e os livros especializados não fazem brilhar o caráter especificamente helênico, tampouco a nobreza do belo e da arte.

Essa nobreza é encontrada, por outro lado, nas obras surgidas durante a Idade Média Tardia, e o escolasticismo em si não carecia de vigor intelectual. O tempo que desenvolveu no gótico um estilo capaz de expressar seu próprio espírito perfeitamente, por toda parte, era incapaz de esperar um outro estilo e um outro espírito. Os monastérios estavam sabidamente esquálidos, pois agora a vida transcorria nas cidades e em algumas cortes principais. Não surpreende que os antigos pergaminhos jazessem, mortos, nos esquecidos armários dos monastérios. Todos eles teriam sucumbido, não houvesse vindo de fora, a procurá-los, um novo espírito, o qual, quando potente, pôs termo à arte gótica e ao escolasticismo e trouxe à tona um novo tempo, com novos ideais e novas formas de vida.

***

Esse novo espírito é despertado, num primeiro momento, pela nostalgia do patriotismo italiano, o qual se refugia da penúria do presente na rememoração da grandeza da República Romana e nesta nutre sua esperança. Na Itália, o estilo gótico não prevalecia, as ruínas relembravam, por toda parte, uma majestade decaída. É claro que o povo italiano, como nenhum outro, tinha em Dante um poeta nacional, e esse poeta dera ao vernáculo uma cunhagem clássica; mas o fato é que Dante elegeu como condutor Virgílio,[99] e se enalteceu a visão de mundo medieval e a metafísica eclesiástica, ele não por isso deixara de censurar os danos causados pela Igreja de sua época. A nova piedade das ordens mendicantes logo não bastava de todo, os sonhos gibelinos eram perseguidos, o

[99] Dante (1265–1321), na *Divina Comédia*, elege sabidamente Virgílio como seu condutor. Para a propensão de Dante aos autores clássicos, ver CURTIUS (2013).

papado, sediado em Avignon, desprovido de liberdade e glória.[100] Justamente o fato de que o presente era tão opressivo é que incitou o sentimento emergente da força nacional a criar algo novo. Nesse contexto, Cola di Rienzo[101] instrui o povo romano sobre seus direitos de soberania na *Lex de imperio Vespasiani*, Petrarca é laureado no Capitólio, e a grandeza de Roma traz nova luz ao ocaso do presente. Redespertar a beleza da poesia e do discurso romanos é a ideia seguinte do primeiro humanista.[102] Isso leva, claro, a ir à busca pelos escritos esquecidos dos romanos, os quais devem nutrir o novo espírito romano.

É bom não se esquecer dessa origem histórica do grande movimento intelectual a que chamamos Renascença. Sabemos todos o que dele adveio: como ele, gradativamente, reformulou, em toda a Europa, o pensamento e sentimento, os pressupostos, as formas e os objetivos de toda a vida; tanto menos importante é que se fale sobre isso aqui. Importante, em contrapartida, é o aspecto negativo de que o interesse histórico-filológico não toma parte nem na busca nem na difusão da literatura antiga. Ainda por muito tempo, os humanistas não passam de *litterati*, publicistas, professores — mas de forma alguma filólogos. Toda a figura de Petrarca nos cativa com muitos encantos; os colecionadores florentinos de manuscritos Coluccio Salutati,[103] Niccolò Niccoli[104] e muitos outros

[100] Alusão ao Grande Cisma, que durou de 1309 a 1377.

[101] Cola di Rienzo (c. 1313–1354): notário romano que duas vezes tomou o poder em Roma (1347 e 1354); na segunda ocasião, foi assassinado por uma turba. Cola foi um dos primeiros expoentes da ideia de que a República Romana da Antiguidade clássica deveria servir como modelo para o governo da Roma contemporânea. Ver *ODR* s.v. *Cola di Rienzo*.

[102] F. Petrarca (1304–1374): para além de sua prolífica atividade poética, a importância da atividade humanística de Petrarca tem se tornado cada vez mais clara, sobretudo ao fim do século XX, pela pesquisa de Billanovitch (ver bibliografia).

[103] C. Salutati (1331–1406): influente humanista italiano, atuante em Florença; entre os professores que levou para a cidade está Crisolora (ver índice). Ver Pontani em *HAGS* 514; *ODMA* s.v. *Salutati, Coluccio*; Sandys *HCS* II 17; ³*SS* 134–6, 138, 144, 273-4.

[104] N. (de') Niccoli (c. 1364–1459): humanista e bibliófilo italiano, nativo e comerciante de Florença. Ver *ODR* s.v. *Niccoli, Niccolò de'*; Sandys *HCS* II 43.

merecem, por si próprios, nosso interesse, e os *litterati* mais ou menos errantes — dos quais basta nomear Poggio[105] — são, com uns lados obscuros, outros luzidios, aparições tão singulares que talvez acompanhemos suas vidas, suas adulações e invectivas, com muito mais simpatia do que de fato merecem. A quem não enfeitiçou a sobejante alegria de viver e a desnorteante variegação do *Quattrocento*? O quadro geral permanece turvo, se não se trouxerem à tona os centros individuais da cultura — Roma e Florença, Milão e Nápoles, Ferrara e Rimini — também individualmente. Cada um tem seu círculo de humanistas, ainda que amiúde cambiem, e delineiam-se muitos grupos brilhantes; mas ninguém espera ouvir sobre isso aqui. Para a história da Filologia, os *litterati* só têm valor na medida em se que descobriram e difundiram escritores antigos. Nesse contexto, toca-nos o fato de as *Cartas a Ático* fazerem Petrarca perceber, vergonhosamente, que ele não pode admirar a pessoa de Cícero tão incondicionalmente quanto admira o orador. Partilhamos a alegria dos veronenses pela descoberta de seu compatriota, Catulo, entre eles; saudamos a retomada das *Histórias* de Tácito de Monte Cassino por Boccaccio, independentemente de quais meios tenha empregado para tanto; seguimos Poggio em suas viagens a St. Gallen, aos monastérios franceses e mesmo à Inglaterra (onde nada havia a buscar); acompanhamos, ainda, Enoch d'Ascoli,[106] o qual, em missão papal, saiu em busca de toda a obra de Tito Lívio e levou a casa, se não esta, ao menos os *scripta minora* de Tácito. Podemos entender a exaltação geral suscitada pelo *Codex* de Lodi,[107] que completou os escritos retóricos de Cícero, bem como os constantes esforços feitos para procurar os *Anais* de Tácito, o que só logrou, enfim, em 1508. Seria, porém,

[105] Poggio Bracciolini (1380–1459): humanista e copista de manuscritos toscano. Ver *ODMA* s.v. *Bracciolini, Poggio*; SANDYS *HCS* II 25; *³SS* 136–40.
[106] Enoch d'Ascoli (1400–1457): professor humanista comissionado pelo Papa Nicolau V para buscar manuscritos contendo textos clássicos.
[107] Encontrado em 1421 por Gerard Landriani, ver SANDYS *HCS* I 31.

impossível acompanhar isso em detalhes aqui; devemos remeter aos *Scoperte dei codici greci e latini* de R. Sabbadini.[108] Quando o antigo manuscrito não chega até nós, substitui-o, no melhor dos casos, a cópia feita por seu descobridor diretamente a partir dele, pois ele, na ocasião, não teria tido tempo de pensar em nada além de copiar. Assim, foi um muitíssimo bem-vindo alívio para a crítica quando as asseadas cópias de Poggio do texto de Manílio, das *Siluae* de Estácio e do texto de Ascônio vieram à luz, pois os copistas pósteros alteram o texto onde julgam necessário, e isso ocorre com desnorteante arbitrariedade, de sorte que a recensão propicia dificuldades das mais embaraçosas. Não podemos exigir Filologia dos humanistas. A obra de Propércio, por exemplo, remonta certamente a um único manuscrito, mas nunca se terá sucesso em estabelecê-lo com certeza, e, quanto ao Cícero de Lodi, isso ao menos ainda não foi alcançado.

Para os grandes modelos gregos, aos quais os próprios romanos haviam indicado, já Petrarca olhava com nostalgia. Observava também um Homero que adquirira com reverência, como um tesouro, ainda que permanecesse selado a ele, pois um monge do sul da Itália não pôde conferir-lhe acesso. É verdade que os monges basilianos de lá possuíam alguns manuscritos gregos, mas quase que só eclesiásticos, e eles estavam separados do intercâmbio com os círculos bizantinos que se ocupavam dos clássicos. É verdade que, no século XIV, alguns gregos vieram do Oriente para cá, mas o progresso feito no conhecimento da língua era ainda pequeno, e, por maior que seja o renome de Crisolora[109] — que atuou como professor especialmente em Florença, viajou por toda parte como diplomata e encontrou seu túmulo em Constância, na Alemanha, e escreveu até mesmo seus *Erotēmata*, a primeira gramática grega para estrangeiros —, pouquíssimos foram por ele formados a ponto de conseguirem traduzir escritos importantes; exceção é,

[108] *Le scoperte dei codici latini e greci ne' secoli XIV e XV* (1905–14).
[109] Crisolora: ver abaixo.

por exemplo, Leonardo Bruni,[110] que morreu em 1444 na condição de chanceler da República de Florença. De início, quem realmente quisesse aprender o grego antigo precisava ir a Constantinopla, e manuscritos inteiramente bons só podiam ser obtidos do Oriente. Assim, Guarino da Verona[111] aprendeu grego em Constantinopla, vindo a difundi-lo por meio de seu ensino abençoado. Na busca de manuscritos empenharam-se dois jovens humanistas, que tornaram a casa com um espólio particularmente rico: Francesco Filelfo[112] e João Aurispa.[113] Este, em particular, esvaziou em algum lugar — infelizmente não sabemos onde — um ninho dos mais antigos manuscritos e recuperou, assim, obras tais como o Ateneu, desconhecidas aos bizantinos há séculos. Como estudioso, Aurispa nada significa, e Filelfo — por mais que tenha feito, por séculos a fio, tremendo barulho com suas selvagens contendas — pouco ou nada fez de duradouro. A influência do helenismo restringia-se ainda a traduções; a poesia, portanto, permanecia ausente. Ainda assim, a influência foi egrégia. A partir da *Geografia* de Ptolomeu,[114] passou-se a conhecer o globo terrestre; isso mostrou ao genovês Colombo seu caminho para a Índia. Escritos matemáticos e técnicos suscitaram trabalho póstumo; Leonardo ainda pôde aprender com os *Automata* de Herão.[115] A *Política* e a *Ética* de Aristóteles tornaram-se acessíveis pelas mãos de Bruni, e, na *Escola de Atenas*, de Rafael, Aristóteles empunha a *Ética*, e não o *Órganon*. Especialmente importante foi que o Papa Nicolau V, ele próprio bem formado humanista do círculo de Cosmo de Médici, tenha dado início à

[110] L. Bruni (1369–1444): Sandys *HCS* II 45; Pfeiffer *HCS* II 27.
[111] Guarino: ver abaixo.
[112] F. Filelfo (1398–1481): *ODR*, *ODB* s.v. *Filelfo, Francesco*; Pfeiffer *HCS* II 48; Pontani em *HAGS* 518–20; Sandys *HCS* II 55.
[113] J. Aurispa (1398–1481): Pfeiffer *HCS* II 48; Pontani em *HAGS* 518–25; Sandys *HCS* II 36.
[114] Traduzida para o latim por Giacomo d'Angelo em 1406.
[115] Herão (2ª metade do séc. I): matemático e engenheiro; *ODR* s.v. *Hero of Alexandria*. Excertos de sua obra constam no *Griechisches Lesebuch* de Wilamowitz (Wilamowitz *GS* 1902: 252–68).

tradução dos historiadores gregos; é que isso despertou discernimento histórico mesmo naqueles que só podiam aprender dos gregos por meio de traduções, como o fez, por exemplo, Maquiavel. Heródoto e Tucídides couberam a Lorenzo Valla,[116] o qual, comparado a seu inimigo mortal, Poggio, e praticamente a todos os seus contemporâneos, deve ser louvado como um homem de estirpe inteiramente diversa, um verdadeiro crítico. Já sua tradução de Tucídides é a obra de um verdadeiro erudito, e, ao executá-la, Valla adquiriu também conhecimentos para exercer o ofício de historiador, como comprova sua história do rei Alfonso de Nápoles,[117] o qual precisou protegê-lo da Inquisição mais de uma vez. Já aqui, afinal, o conhecimento da verdade histórica entra em conflito com a Igreja dominante. Somente enquanto Nicolau V manteve sua mão sobre ele é que Valla pôde permanecer em Roma. Sua exposição da forjada doação dos Estados Papais por Constantino não pôde ser publicada. Ninguém antes de Ulrich von Hutten[118] ousou imprimi-la como arma contra as reivindicações romanas e dedicá-la ao Papa Leão X. Não menos sacrílego parecia o fato de o filólogo Valla ter levado a *Vulgata* ao tribunal de sua crítica textual e estilística. O cego séquito de adoradores de Lívio não ficou menos indignado quando Valla provou ser impossível que Tarquínio, o Soberbo, tivesse sido filho de Prisco.[119] A propósito, emendas de

[116] L. Valla (1407–1457): Pfeiffer *HCS* II 35–41; Pontani em *HAGS* 527; *ODCC*, *ODMA*, *ODR* s.v. *Valla, Lorenzo*; Sandys *HCS* II 66.

[117] Anacronismo: Alfonso comissionou as *Gesta Ferdinandi Regis Aragonum* de Valla em 1445, ao passo que sua tradução de Tucídides só veio à tona após 1448, quando se mudou para Roma a convite do Papa Nicolau V. Ver Pfeiffer *AS* 164.

[118] U. von Hutten (1488–1523): polêmico humanista alemão, ele editou o tratado de Valla sobre a "Doação de Constantino" (publ. c. 1520) com uma sarcástica dedicatória ao papa (datada de 1 de dezembro de 1517). Ver *ODCC* s.v. *Hutten, Ulrich von*.

[119] Ver Cornell em *OCCC* s.v. *Tarquinius Superbus, Lucius*: "*According to the oldest sources (Fabius Pictor fr. 11 Peter) he was the son of Tarquinius Priscus, although on the traditional chronology that is impossible (Dion. Hal. 4.6–7). It follows either that Superbus was in fact the grandson of Priscus (thus Piso fr. 15 P. = Dion. Hal. 4.6–7), or, more probably, that the traditional chronology of the regal period is unsound*" ["De acordo

sua pena também prevalecem em nosso texto de Lívio. O mesmo senso histórico demonstrou Valla, no campo linguístico, em suas *Elegantiae linguae Latinae*,[120] ensinando a distinguir os tempos e os estilos dentro do latim e indo ao encalço não apenas dos barbarismos comuns, mas também da mistura de palavras e frases de regiões completamente diversas da literatura latina. A busca por emular os melhores modelos acabou desembocando, necessariamente, no ciceronianismo — e, em contraste, a defesa de um movimento mais livre, como defendido por Policiano, também é justificada.[121] Por fim, os tratados filosóficos de Valla, que tentam fazer jus até mesmo a Epicuro, não são menos ousados nem menos característicos por sua surpreendente argúcia e liberdade intelectuais. Se olharmos mais fundo, chegaremos necessariamente à conclusão de que foi o contato com o verdadeiro espírito helênico o que deu asas à alma de Valla, e de que nada antes dos livros gregos tinha sido capaz de promover o avanço do humanismo para a ciência. A Filosofia e a Ciência Natural foram despertadas a uma nova vida somente devido a eles.

A imigração de verdadeiros eruditos de Bizâncio para este lado do mundo, começada algo antes, teve consequências monumentais. Teodoro Gaza[122] e o menos agradável Jorge de Trebizonda[123] trouxeram para cá a concepção bizantina da filosofia aristo-

---

com as fontes mais antigas (*Fabius Pictor fr.* 11 Peter), ele era filho de Tarquínio Prisco, embora na cronologia tradicional isso seja impossível (Dion. Hal. 4.6–7). Consequentemente, Superbo era de fato neto de Prisco (assim *Piso fr.* 15 P. = Dion. Hal. 4.6–7) ou, mais provavelmente, que a cronologia tradicional do período real é infundada"].

[120] As *Elegantiae linguae Latinae* (1441–1449) de Valla são a primeira obra a incorporar o anseio dos humanistas de emular os grandes autores da Antiguidade.

[121] Policiano (ver abaixo) divergia da *communis opinio* da época por não crer que o estudo da Antiguidade se prestasse como modelo para a vida cívica. Ver GRAFTON (1994: 72s.).

[122] T. Gaza (c. 1415–1475/6): *ODR* s.v. *Gaza*, *Theodore or Theodore Gazes*; SANDYS *HCS* II 62.

[123] J. de Trebizonda ou Trapezúncio, gr. Τραπεζούντιος (1396–1472/3): *ODMA*, *ODR* s.v. *George of Trebizond or Giorgios Trapezountios*; SANDYS *HCS* II 62.

télica. O Concílio de Florença, responsável pela vã tentativa de unificar as Igrejas Ortodoxa e Romana, levou o já idoso filósofo Gemisto Pletão[124] para lá, e ele precisou defender uma ortodoxia que desprezava tanto quanto a outra. Afinal, ele era um confesso neoplatônico e não se intimidava em alocar também a Zeus um lugar na hierarquia dos divinos. Ele é, nesse século, tanto mais no esquálido Peloponeso, uma figura decerto impressionante, e essa audácia do pensamento, por mais que precisasse amiúde ocultar-se, continua a surtir efeito silenciosamente; tampouco há dúvidas de que o neoplatonismo sempre continuara a brilhar sob as cinzas. Cem anos após Pletão, sua chama vem à tona, fulgurante, em Giordano Bruno. Pupilo e acompanhante de Pletão era Bessarion de Trebizonda,[125] a quem essa filosofia facilitou a conversão para a Igreja de Roma. Nela, ele protegeu as ciências e o platonismo, tornou-se cardeal e legou sua riquíssima coleção de livros não ao Vaticano, mas à República de Veneza, onde à época se protegia a liberdade de pensamento, bem como posteriormente na Holanda. A contenda entre os gregos que se autodenominavam "aristotélicos" e "platônicos" pode ser esquecida. Eternamente digna de consideração é a fundação de uma academia platônica na Florença dos Médici e o fruto que ela trouxe: a filosofia de Pico della Mirandola,[126] o qual, inspirado pelos espíritos de Platão e Pletão, munido da beleza de sua pessoa e de seus sonhos e pensamentos tão afastados da terra, parecia ser aos homens quase um dos benditos espíritos — um a quem agradasse passar algum tempo entre os mortais. Marcílio Ficino,[127] em semelhante crença, encarregou-se de pesado fardo: ele traduziu Platão e Plotino, os

[124] (J.) G. Pletão, gr. Πλήθων (c. 1355–1452): *HAGS* 521–3; *ODB* s.v. *Plethon, George Gemistos*; *ODCC* s.v. *Gemistus Plethon, Georgius*; SANDYS *HCS* II 62; ³*SS* 149, 157.

[125] Bessarion, gr. Βεσσαρίων (1403–1472): *HAGS* 406, 520, 522–3, 525–7; *ODB*, *ODCC* s.v. *Bessarion*; SANDYS *HCS* II 61; ³*SS* 149-52, 157, 164, 277s.

[126] (G.) P. della Mirandola (1463–1494): SANDYS *HCS* II 82; *TER* s.v. Discussão sobre as fontes de Pico della Mirandola encontra-se em AKOPIAN (2020: 38–53), com bibliografia atualizada.

[127] M. Ficino (1433–1499): SANDYS *HCS* II 82.

quais encontraram, por meio dele, o caminho para milhares de corações.

Sem nenhuma filosofia, mas apenas pelo romantismo nacional, Pompônio Leto[128] deixou-se seduzir a Roma para, na condição de pontífice de uma academia romana por ele próprio fundada, celebrar as Palílias,[129] realizar reuniões secretas nas catacumbas e praticar outras brincadeiras no fundo inofensivas — dentre as quais, provavelmente, os delírios republicanos de seus camaradas. Isso lhe propiciou uma intensa perseguição e um longo encarceramento; mas ele foi logo apartado da vida com todas as honras de um grande romano. Ele também entendia das ruínas e colecionava antiguidades; isso não deu fruto algum, e sua selvagem crítica textual, tampouco. Somente para a preservação dos *Quarteniones* de Festo, que estão desde então perdidos do manuscrito, é que suas cópias são imprescindíveis. Sua pessoa é tão característica para todo o período que ele não poderia estar omitido aqui.

Que o tempo áureo de Florença — o governo de Lourenço de Médici — seja aqui representado, no que diz respeito aos filólogos, por seu companheiro Ângelo Policiano,[130] que se equipara a Magnífico[131] também com seus belos poemas em italiano; a propósito, seus poemas em latim não são inferiores a estes. Ele aprendeu grego com Demétrio Calcondila,[132] cujo principal mérito é justamente o êxito de Policiano; este, afinal, sabia grego tão bem que conseguia traduzir até poetas, era realmente um filólogo. Suas muitas colações comprovam que ele sabia valorizar a tradição genuína — e se ele, morto aos 40 anos, não chegou a publicar edição alguma, suas *Miscellanea* dignamente inauguraram um gênero

[128] (Júlio) Pompônio Leto, lat. *Julius Pomponius Laetus* (1425–1498): PFEIFFER II 51; SANDYS *HCS* II 83;
[129] Palílias ou Parílias: celebração da fundação de Roma, em 21 de abril.
[130] A. Policiano (1454–1494): *HAGS* 501, 529; SANDYS *HCS* II 83; ³*SS passim*.
[131] Lourenço de Médici (1449–1492): também conhecido como Lourenço, o Magnífico, pela qualidade de sua poesia.
[132] Calcondila: ver abaixo.

literário a que tantos filólogos se acomodaram tanto que não mais iam além de observações individuais, o que foi, com justeza, censurado por Escalígero. Foi o senso por um estilo individual, ao qual não basta um vocabulário fixo, o que o permitiu ir de encontro ao ciceronianismo.

Lourenço, ademais, comissionou um grego para adquirir manuscritos para sua biblioteca, João Láscaris,[133] facilmente confundido com um parente mais velho, Constantino Láscaris.[134] Esse Constantino levou uma vida pobre, mas foi certa vez capaz de doar uma valiosa coleção de livros à cidade de Messina, de onde a maior parte foi parar em Madrid. No mais, seu renome restringe-se ao fato de ter impresso a primeira gramática do grego. João Láscaris levou sua vida de Florença a Paris, onde era o mais distinto representante de seu povo na corte de Francisco I; ele, no entanto, acabou voltando para a Itália. Seu renome se deve ao fato de ter feito as primeiras impressões de poetas gregos, tão difíceis como Apolônio, Calímaco e os da *Antologia de Planudes*. Ele era páreo para a tarefa, e não é pouco que tenha reavido as maiúsculas — i.e., que tenha reconhecido quão bárbaras e impróprias para a impressão eram as cursivas de seu tempo. Foi desastroso que a pujantíssima gráfica de Aldo[135] tenha decidido em favor das cursivas e reduzido o sem-número de fontes necessário para a produção dos compêndios. As *typi regii*, com as quais imprimem os filólogos franceses do século subsequente, já diminuíram esse número drasticamente, e fez-se progresso nesse sentido; mas do bizantinismo não conseguimos livrar-nos: os filólogos parecem ter-se afeito a ele, ainda hoje, apesar de termos diante dos olhos os livros do tempo de Aristarco, cuja beleza e legibilidade não serão superadas por nenhum livro impresso. Uma bênção que os humanistas tenham estabelecido

[133] J. Láscaris (1445–1535): SANDYS *HCS* II 83; PFEIFFER *HCS* II *passim*.
[134] C. Láscaris (1434–1501): *HAGS* 515, 522; SANDYS *HCS* II 76.
[135] A. Manúcio (1449–1515): *HAGS* 499s.; *ODR*, *ODB* s.v. *Aldus Manutius*; PFEIFFER *HCS* II 56; SANDYS *HCS* II 98; *[3]SS* 140, 155ss., 203, 278s.

ao menos para o alfabeto latino formas belas e legíveis, as quais nunca se deveriam ter abandonado.

A impressão, levada a Roma pelos alemães já nos anos 60 do século XV, marca, por óbvio, a época. Ela vem para o bem de toda literatura, mas o mais grandioso é a série das aldinas,[136] por meio das quais as obras gregas se tornam acessíveis em todo o mundo. Trata-se de tomos que só encontravam lugar sobre a mesa do erudito, mas também em formatos mais manuseáveis se apresentam, principalmente, os clássicos latinos — também esses naquela fina fonte a que os ingleses chamam *italics*. Tudo isso prova que as pessoas se haviam tornado maduras para esse deleite. Muitas impressões não passam de reproduções de um manuscrito, da forma como estava, mas outras se baseiam em atividade crítica mais intensa por parte do editor — para tanto, Aldo tinha a seu serviço um grego, Marco Musuro,[137] o qual demonstrou um talento admirável em textos tão difíceis quanto Ateneu, Hesíquio e os escólios a Aristófanes, claro que não sem violência, de sorte que hoje se queixa de interpolações. Surgem outras editoras afora a de Aldo Manúcio, como a Giunta em Florença e Zacarias Calliergi em Roma, cujo Píndaro era, até há pouco, imprescindível, dados os escólios que continha;[138] seus escólios a Homero são imprescindíveis até hoje. Mas com as aldinas nenhuma gráfica pode competir. Em verdade, dever-se-ia utilizar o sobrenome dos Manúcios, pois a gráfica continuou em operação após a morte de seu grande fundador, ainda que seu filho, Paulo Manúcio, não mais estivesse no comando da gerência técnica. Paulo é o latinista mais importante do século XVI, e seu nome permanecerá duradouramente

[136] "Aldinas" (it. *aldine)* eram chamados os clássicos publicados pela gráfica de Aldo Manúcio.

[137] M. Musuro (c. 1470–1517): *ODR* s.v. *Musurus, Marcus*; SANDYS *HCS* II 79; ³*SS* 156ss., 165, 278.

[138] Z. Calliergi, gr. Καλλιέργης: cretense que operou uma gráfica em Roma de 1499 a 1523. Sua edição dos escólios a Píndaro permaneceu canônica até a de DRACHMANN (1903–27). Ver SANDYS *HCS* II 80.

aliado ao de Cícero, pois ele dispôs as bases para a interpretação de muitos discursos de Cícero, mas particularmente de muitas de suas cartas. Também da pesquisa de antiguidades ele participou honrosamente. Com ele, já entramos profundamente no século XVI, e à época não houve mais nenhum crítico ou intérprete digno de menção; afinal, o *Thesaurus Ciceronianus* de Nizólio[139] — a bíblia da observância ortodoxa — foi publicado também como *apparatus latinae locutionis* e admite, assim, o propósito de servir a fins práticos.

Em Roma, contudo, há ao menos um homem que, mesmo sob as circunstâncias totalmente alteradas pela Contrarreforma, prestou serviços muito valiosos para a ciência: Fúlvio Orsini.[140] A coleção de manuscritos que ele amealhou como bibliotecário dos Farnese constitui hoje uma seção especial da Vaticana e contém muitas peças de primeira estirpe. Devido à sua conexão com os príncipes da Igreja e à sua própria riqueza, ele estava conectado com todo o mundo erudito e gostava de disponibilizar a outros não somente sua biblioteca e suas ricas coleções, mas também sua cooperação. Assim se deu com Agustín[141] e seu tratado *De legibus et senatus consultis*;[142] em contrapartida, Fúlvio recebeu uma cópia do manuscrito dos *Excertos* de Constantino,[143] advindo do Monastério do Escorial; ele foi o primeiro a editar o manuscrito, bem como outros materiais. Ele sabia da necessidade de coleções de fragmentos, e sua edição dos *Carmina illustrium feminarum et lyricorum*[144] trouxe também material novo de manuscritos desconhecidos. De tendência semelhante é seu uso das moedas familiares romanas para fins prosopográficos. As mais conhecidas atualmente são, provavelmente, suas *Imagines*, a primeira iconografia a preservar muito

[139] Nizólio (1498–1576): SANDYS *HCS* II 146.
[140] F. Orsini (1529–1601): SANDYS *HCS* II 153; *[3]SS* 168, 281.
[141] Agustín: ver abaixo.
[142] Publicado em 1583.
[143] C. Porfirogênito: ver abaixo.
[144] Publicado em 1598. Ver também *PMG* v.

material esquecido, embora, em certa medida, também algumas falsificações pela pena de Ligório. Nessa iconografia ele trabalhou até sua morte, em 1600. Das ilustrações à mão para a sequência das *Imagines* emergiu, recentemente, o retrato de Aristóteles.[145]

Apenas mais um grande representante dos estudos gregos é engendrado pela Itália. Piero Vettori[146] é realmente grande, sobretudo como minucioso editor de tesouros disponibilizados a ele pela *Biblioteca Laurenziana*. Os *Stomata* de Clemente, o *De Abstinentia* de Porfírio, dois dos escritos retóricos de Cícero — tudo isso foi ele quem primeiro imprimiu. Também a *Electra* de Eurípides e toda a obra de Ésquilo foram impressas, pela primeira vez, por ele. Não menos importantes são seus comentários à *Retórica* e à *Poética* de Aristóteles, e também para as cartas de Cícero foi benéfica sua sempre prudente crítica. Seus interesses chegavam ainda muito mais longe, como comprova, afora suas *Variae lectiones*, seu legado escrito (agora em Munique). O que ele copiou de escólios a Homero (do *Towneleianus*, à época em Florença) e de Hesíodo, por exemplo, foi utilizado no século XIX antes mesmo dos originais. Absolutamente: Vettori merece o reconhecimento que lhe coube em vida. Afora ele, pode-se mencionar também F. Robortelli,[147] que, tal qual Vettori, editou a obra de Ésquilo e a *Poética* de Aristóteles, tendo interesse na teoria da arte e, portanto, com justeza orgulhoso de que lhe tenha cabido a sorte de ter sido o primeiro a imprimir o tratado *Do Sublime*. Sua má sorte foi que, no que tange aos *Fasti consulares*, tenha ido de encontro a um oponente superior a ele, Sigônio.[148]

Os monumentais restos da Antiguidade — os quais, sobretudo em Roma, se erguiam sempre em majestosa grandeza da desola-

[145] Pode-se ver o retrato em RICHTER (1968: 172).
[146] P. Vettori (1499–1585): PFEIFFER *HCS* II 135; SANDYS *HCS* II 135; ³*SS* 166, 168, 174, 281.
[147] F. Robortelli (1516–1567): SANDYS *HCS* II 153;
[148] Sigônio: ver abaixo.

ção do Campo Vaccino e do Monte Palatino — atraíram os artistas desde cedo. Vê-se o Coliseu já em imagens do *Trecento*. Nicola Pisano[149] imita os relevos de sarcófagos; os grandes arquitetos florentinos não apenas assimilam motivos ornamentais, mas também criam um novo estilo, que, oposto ao gótico, se atém às ruínas preservadas, já antes de as regras de Vitrúvio entrarem em vigência. A arte de Mantegna revela justamente tendências arqueológicas desse grande mestre. Muita vez, coligem-se obras da pequena arte, também no que tange a estátuas que ocasionalmente vêm à tona. O grupo das Três Graças está no museu da Catedral de Siena. Poggio fizera para si uma coleção de toda sorte de antiguidades que rastreara ao perambular pelos campos de ruínas em Roma e na Campagna, e deu cativante expressão ao ânimo suscitado pelo ocaso da antiga glória. Pompônio Leto e seu círculo prestaram homenagem a tendências similares. Assim, tem início também um estudo científico, e Flávio Biondo († 1463) já compõe uma *Roma instaurata*, uma *Italia illustrata* e uma *Roma triumphans*[150] — esta, uma tentativa de ilustrar toda a vida dos grandes antepassados. No tempo áureo da já avançada Renascença, esses esforços avançam tanto que surge a ideia de explorar sistematicamente a cidade antiga — também, é claro, por meio de escavações, dada a ávida busca por estátuas. O Apolo de Belvedere vem de Âncio; o Laocoonte, das Termas de Tito; e todos sabem com que júbilo o Laocoonte foi recebido. Jardins e palácios ornam-se com esses achados. Os bustos dos imperadores e dos grandes escritores eram foco de interesse já desde muito antes — e, se necessário, a crença

[149] N. Pisano (c. 1220/5–1284): escultor italiano. Ver *ODR* s.v. *Pisano, Nicola or Niccolò Pisano*.

[150] F. Biondo (1392–1463): publicou sua *De Roma instaurata* em três volumes entre 1444 e 1446; sua *De Roma triumphante*, em 1459; sua *De Italia illustrata*, em 1474. A obra de Biondo vem sendo reeditada pelo *Istituto Storico Italiano per il Medio Evo*; por ora, a *Italia illustrata* já foi inteiramente editada por PONTARI (= BIONDO 2011, 2014, 2017) bem como o primeiro vol. da *Roma instaurata*, por DELLA SCHIAVA (= BIONDO 2020). Ver *ODR* s.v. *Biondo, Flavio*.

se encarrega de criá-los, interpretando ousadamente as cabeças preservadas. As *lógias* de Rafael vivem das *grottesche*, das pinturas e dos relevos em estuque de abóbadas soterradas. Ele, sobretudo, defendia também planos científicos, no que se assemelha a A. Fúlvio,[151] o qual, em suas *Antiquitates urbis Romae*, dispôs as bases para os estudos topográficos pouco após Francesco Albertinelli[152] haver escrito sobre os *Mirabilia urbis Romae*. A essa esperançosa atividade, porém, levou a termo o *Sacco di Roma*.

As inscrições, que falavam de forma imediatamente compreensível, devem ter tentado alguns a copiá-las ainda mais cedo. No entanto, se fecharmos os olhos ao que os peregrinos de Roma registraram já no século VIII (*Anonymus Einsiedlensis*),[153] as coleções preservadas em manuscritos só podem ser remontadas ao início do século XV. Foram necessárias as mais extenuantes pesquisas nas bibliotecas para se chegar, na medida do possível, às primeiras cópias e se determinar a confiabilidade dos testemunhos. Esse trabalho preliminar em nosso *corpus* por Mommsen, Henzen e de Rossi[154] não é peça pequena de crítica textual diplomática. Os copistas e colecionadores são muito diversos em sua diligência e sua confiabilidade; destaca-se o engenheiro Fra Giocondo,[155] de Verona; também Poggio tem méritos nesse quesito. Mais tarde,

[151] A. Fúlvio (c. 1470–1527): publicou suas *Antiquitates* em 1527, tendo auxiliado Rafael nas reconstruções da Roma antiga para seus afrescos.

[152] Trata-se, em verdade, de F. Albertini (1469–1510) — aqui erroneamente chamado "Albertinelli" por Wilamowitz — e sua obra *Opusculum de mirabilibus nouae et ueteris urbis Romae* (1510). Ver *ODCAA* s.v. *Mirabilia urbis Romae*.

[153] *Anonymus Einsiedlensis:* trata-se de um monge de Einsiedeln (Suíça) que, durante o século VIII ou IX, em visita a Pádua e Roma, fez cópias de inscrições latinas e gregas, bem como um plano de Roma. Ver MOMMSEN *GS VIII 64ss.*

[154] Mommsen, Henzen e de Rossi: ver abaixo.

[155] Fra Giocondo (1443–1515): arquiteto, engenheiro e humanista italiano com um interesse particular por manuscritos, os quais colecionava e publicava. Ver *ODR* s.v. *Giocondo*, Fra; SANDYS *HCS* II 121.

muitos tiveram em vista uma publicação em grande estilo, mas ela só foi levada a cabo por Jan Gruter,[156] instigado por Escalígero.[157]

Como explorador do solo grego há um único e peculiar homem a ser nomeado: Ciríaco de Ancona,[158] o qual, afora outras viagens, visitou diversas vezes a Grécia — praticamente todo o país, ou ao menos toda a sua área costeira, onde ele, em meados do século XV, ainda amiúde encontrava compatriotas na condição de senhores de terras. Em Atenas, ele fez os primeiros desenhos de esculturas do Pártenon; afora isso, a propósito, fez surpreendentemente poucas cópias. Foi de fato um enorme tesouro, especialmente de inscrições, que ele levou a casa. E se muito disso se perdeu, ainda devemos a ele considerável material, e é difícil que já tenha sido explorado por completo o que se esconde nas bibliotecas. O fato de ele ser desmesuradamente vaidoso, por vezes algo trapaceiro, não deve ser tomado como algo trágico; para sua época, isso não é tão ruim, e muito mais milagroso é que tenha feito cópias com tanta diligência e, no todo, com tanto zelo. Por muito tempo, ele permanece isolado em seus méritos.

Quando a Igreja, após os abalos do tempo da Reforma, se recompôs interna e externamente, tornando-se assim uma nova potência, sua atitude para com a Antiguidade alterou-se fundamentalmente. O espírito do humanismo foi suprimido pela ordem jesuíta, a qual só reconhece a educação formal com a gramática e a retórica latinas e dela se vale em suas escolas, com determinada consistência, para fins próprios. Todo o Romantismo é inteiramente alheio ao espírito do período barroco. Uma nova e grandiosa atividade construtiva invade implacavelmente as ruínas. O

[156] Gruter: ver abaixo.
[157] Escalígero: ver abaixo.
[158] Ciríaco de Ancona (c. 1391–1455): comerciante italiano e classicista amador que desempenhou um papel vital na descoberta da Antiguidade na Renascença. Ver *OCWA* s.v. *Cyriac of Ancona*; PFEIFFER *HCS* II 51; SANDYS *HCS* II 39.

verso jocoso *quod non fecere barbari, fecere Barberini* procede.[159] Sexto V teria querido reformar até mesmo o Coliseu, transformando-o em alguma sorte de construção nova. Como adorno para salões e jardins, as esculturas antigas permaneciam populares, mas elas tinham de resistir a qualquer coisa para servir a este propósito. Nesse contexto, foi uma bênção que artistas como ambos os Sangallo[160] tenham desenhado e medido numerosos componentes de construções bem como feito registros de prédios; uma bênção, ademais, que esculturas tenham sido fielmente desenhadas, como mostram, entre outros, os *Codex Pighianus* (Berlim)[161] e *Codex Coburgensis*.[162] Das ilustrações consta também o valor das grandes publicações de Bellori e P. S. Bartoli,[163] do século XVII, sem as quais se saberia relativamente pouco sobre as pinturas murais. A arqueologia cristã é datada a partir da publicação da *Roma sotterranea* por

[159] Ou "*quod non fecerunt barbari, fecerunt Barberini*" ["o que os bárbaros não fizeram, fizeram os Barberini"]. Famosa invectiva gravada em 1638 no Pasquino, a mais conhecida das ditas estátuas falantes de Roma, contra o Papa Urbano VIII (Maffeo Barberini), o qual, durante seu pontificado (1623–1644), despojou o Panteão de seus bronzes para fazer canhões para sua guerra contra Urbino e para decorar as colunas e o baldaquino do altar-mor de São Pedro. A frase é amiúde citada com referência a outros atos de vandalismo.

[160] Giuliano (c. 1443–1516) e Antonio (1455–1534) Sangallo: irmãos de uma família de arquitetos florentinos, próximos de Michelangelo. Ver *ODCC* s.v. Sangallo.

[161] *Codex Pighianus*: assim chamado em honra a seu autor, o holandês Pigge, lat. *Pighius* (ver abaixo); o *Codex Pighianus* trata do conhecimento antiquário do início do período moderno com uma metodologia que estabelece tendências.

[162] *Codex Coburgensis*: nomeado conforme o local em que foi encontrado, Coburgo (Alemanha), o *Codex Coburgensis* compreende quase 300 desenhos de um desconhecido artista de meados do século XVI, baseados em 241 esculturas antigas de Roma. Trata-se do primeiro livro sistemático de Arqueologia, hoje inteiramente disponível no acervo digital do *Deutsches Archäologisches Institut* (iDAI). Link: https://arachne.dainst.org/entity/15075).

[163] G. P. Bellori (1615-1696): bibliotecário da Rainha Cristina da Suécia em Roma, ele colaborou com os irmãos Pietro Santo e Francesco Bartoli na publicação de muitos monumentos romanos. Ver Sandys *HCS* 179.

A. Bosio († 1629),[164] a qual coube a G. de Rossi[165] renovar de forma tão grandiosa. Indiretamente, tornam-se-nos úteis até mesmo as *vedutas*, com as quais os visitantes de Roma gostavam de manter vivas suas impressões, até os famosos traços de Piranesi, com os quais se alcança o tempo de Winckelmann. Mas foi feito também muito trabalho no que diz respeito a outras regiões da Itália, especialmente à Etrúria. Colecionadores não faltavam; tampouco, individualmente, observadores atentos como Flamínio Vacca[166] — mas ninguém esperará que se discuta aqui o que não passava de material para a arqueologia científica futura; é que o processamento desse material permanece — quando quer que seja empreendido — não-científico.

Há que se rememorar mais um homem que, com grande atividade e implacável diligência, pesquisou os monumentos de todas as épocas, mas era também um falsificador em grande estilo: Pirro Ligório († 1583).[167] Seu legado, em numerosos tomos, se encontra disperso em diversas bibliotecas. Contudo, também a seus contemporâneos ele compartilhou muito material, de sorte que, afora o que era genuíno, também sobeja uma grande quantidade de falsificações, e os erros enraizados só foram dissipados de forma muito gradual e fastidiosa. Continua desconcertante o fato de que não se pode rejeitar toda a obra de Ligório sem, antes, analisá-la com cuidado. No papel, há inscrições falsificadas de todas as

[164] A. Bosio (c. 1575–1629): estudioso italiano, primeiro explorador sistemático das catacumbas romanas. Sua *Roma sotterranea*, publicada em Roma em 1632, está hoje disponível digitalmente pela Universidade de Freiburg (http://dl.ub.uni-freiburg.de/diglit/bosio1632).

[165] G. B. de Rossi (1822–1894): arqueólogo italiano, ele publicou uma *Roma sotterranea Cristiana*, em três volumes (I, 1864; II, 1867; III, 1877).

[166] F. Vacca (1538–1605): escultor italiano do maneirismo. Escreveu em 1594 suas *Memorie di varie antichità trovate in diversi luoghi di Roma*, hoje inteiramente disponível no acervo digital do *Deutsches Archäologisches Institut* (iDAI). Link: https://arachne.dainst.org/entity/15295).

[167] P. Ligório (c. 1510–1583): *ODR* s.v. *Ligorio, Pirro*; SANDYS *HCS* II 154; SPEYER (1972: 320 n. 2). Estudo recente sobre o legado de Ligório é OCCHIPINTI (2007).

épocas, umas tão inocentes quanto uma carta em latim da Virgem Maria para a cidade de Messina (*CIL* X 1042), mas outras bastante refinadas. As *falsae* de nosso *Coburgensis* chegam aos milhares; tampouco das pedras se ausentam falsificações. Talvez não se visasse a engano algum quando a suposta identificação de um busto foi cinzelada em letras monumentais. Isso acontecia também no que tange às cabeças gregas, e vez ou outra há também outras falsificações gregas em pedra — as quais, de tão desleixadas, são inofensivas. No papel, o ofício de falsear é sempre levado adiante — provavelmente, por último, por François Lenormant († 1883),[168] o qual, mesmo após ter sido exposto, continuou membro da Academia de Paris. Ele queria, após ter ludibriado seus conterrâneos, divertir-se também com os alemães, o que conseguiu, efetivamente, por pouco tempo.

Ligório surtiu desastroso efeito especialmente devido ao fato de os *antiquarii* confiarem em seu trabalho — especialmente Onófrio Panvínio,[169] um monge agostiniano, cujos planos ambiciosíssimos foram interrompidos por sua morte precoce. Seu legado foi largamente utilizado e continha, além de ricas coleções de artigos antiquários, também uma coleção de inscrições. Ao seu lado atuava um espanhol, A. Agostín,[170] que morreu como arcebispo de Tarragona em 1586. Seus *Diálogos de medallas, inscriciones y otras antiguedades*, logo traduzidos para o latim e para o italiano, bem como tratados jurídicos, exerceram forte influência. Espanhóis, quando iam para o exterior, participavam individualmente de estudos humanísticos; ainda encontraremos alguns deles. Pode-se mencionar aqui Núñez,[171] o primeiro a editar o Léxico de Frínico — edição que

[168] F. Lenormant (1837–1883): SANDYS *HCS* III 165; SPEYER (1972: 323–5).
[169] O. Panvínio, lat. *Panvinius* (1530–1568): PFEIFFER *HCS* II 95; SANDYS *HCS* II 145;
[170] A. Agostín, lat. *Augustinus* (1517–1586): SANDYS *HCS* II 160.
[171] P. J. Núñez, lat. *Nunnesius* (1525–1602): SANDYS *HCS* II 159. PFEIFFER *HCS* II 65 menciona, ademais, a participação de Núñez na Bíblia poliglota, "*the most celebrated Spanish publication of the early sixteenth century*". ["a publicação espanhola mais celebrada do começo do século dezesseis"].

ainda fundamenta, em grande medida, o texto atual. A duradouramente influente obra *Minerva seu de causis linguae latinae*, publicada em 1587 por F. Sánchez,[172] em contrapartida, dá sequência ao tratamento da Gramática tal qual era empreendido na Idade Média. A influência italiana, afinal, também muito forte na poesia clássica da Espanha, só começa com a Contrarreforma. Nesse contexto, atrofiam-se as abordagens humanísticas. Nunca se empreende o estudo do grego, por mais ricos que fossem os tesouros presentes em Madri e no Escorial — neste, muito se perdeu em decorrência do incêndio de 1671.

O caminho de antiquário para historiador só foi percorrido por um estudioso, o qual deve ser tanto mais louvado por isso: o modenense Carlo Sigônio († 1584).[173] Ainda que ele, em seus numerosos escritos, trate majoritariamente de questões individuais sobre a constituição e o direito público, fato é que sempre tem o todo diante dos olhos e é muito superior à mesquinhez que domina as *antiquitates* comuns. Temas romanos, é claro, prevalecem; contudo, ele também foi o primeiro a perguntar pela constituição de Atenas. Sobre ela era impossível saber muito à época, mas quem tão cedo aspirou a desbravar *phylai* e *dēmoi* estava no caminho certo. Sigônio foi quem primeiro e mais distintamente editou os *Fasti consulares*, encontrados em 1546–47 ao lado do templo de Castor, e, ao compará-los com os *Anais* de Lívio, fundou a cronologia romana. Ora, o próximo passo era, por óbvio, prover a História de um firme vigamento com listas de oficiais. Isso, porém, só foi levado a cabo pelo holandês S. Pigge[174] em seus *Anais*, que permanecem, ainda hoje, quase imprescindíveis. Sigônio também avançou quanto à exposição da história de sua pátria, não obstante a tenha começado com o fim da Antiguidade. Ao lado de tamanha luz, é necessário

[172] F. Sánchez, lat. *Sanctius* (1523–1601): SANDYS *HCS* II 159.
[173] C. Sigônio, lat. *Sigonius* (1520–1584): *ODR* s.v. *Sigonius, Carolus;* PFEIFFER *HCS* II 143; SANDYS *HCS* II 143.
[174] Pigge: ver abaixo.

suportar também a sombra de desedificante polêmica, mas há mais a ser dito sobre ela. É pouco provável que Sigônio não tenha fabricado uma *consulatio* e a atribuído a Cícero. Já Robortelli[175] afirmava-o, e aqui parece que a verdade reside em suas páginas. Houvera falsificações suficientes, sem mencionar atribuições de composições modernas à Antiguidade. É possível que os estudiosos também tenham querido provocar uns aos outros, pregando peças aos críticos ao apresentar versos de autoria própria. Só por diversão, vale mencionar que um membro da distinta família volterrana Inghirami[176] se referiu a *libri lintei* etruscos que continham oráculos sobre a Reforma, bem como os Sibilinos[177] para com o anticristo. Outras falsificações, tais como o *De progenie Augusti* de Messala e o *De ortographia* de Apuleio, conseguiram enganar por mais tempo — o último, até ser exposto por Madvig.[178] A prática de referir-se a manuscritos fictícios perdurou até o século XIX, mas a caligrafia antiga é tão difícil de ser emulada quanto o antigo cinzelamento de pedras. Ainda assim, em meados do século anterior, um grego de nome Simônides,[179] fazendo esse tipo de falsificação, quase enganou os estudiosos da Academia de Berlim com um manuscrito grego, e mais recentemente publicou-se a folha de um palimpsesto, até mesmo em fac-símile — longa vida, no

[175] Trata-se, em verdade, de A. Riccoboni (1541–1599), que em sua carta *De consolatione edita sub nomine Ciceronis iudicium secundum* (1585) demonstrou as falsificações por Sigônio; para a *consolatio*, ver SPEYER (1972: 319 n. 1).

[176] C. Inghirami (1614–1655) em seus *Etruscarum antiquitatum fragmenta* (1637), mais tarde combatidos por L. Alácio (ver abaixo).

[177] Os chamados Oráculos Sibilinos são uma compilação de oráculos contidos em 14 livros de datas diversas (sécs. II a.C.–VII d.C.), combinando elementos judeus e cristãos. Ver *ODB*, *ODCC* s.v. *Sibylline Oracles*.

[178] Madvig expôs a inautenticidade do tratado *De ortographia* em seus *Opuscula academica* (1834, 2ª ed. 1887).

[179] C. Simônides (1824–1867): forjou numerosos manuscritos, podendo ser considerado um dos forjadores mais versáteis à época; Wilamowitz alude aqui a sua *História Egípcia de Urânio*, que apresentou a W. Dindorf (ver abaixo); para o *Urânio de Simônides-Dindorf*, ver LYKOURGOS (1856). SANDYS *HCS* III 382 tem uma visão algo mais parcimoniosa de Simônides: SPEYER (1972: 323 n. 8).

entanto, não estava destinada a esse *Anonymus Cortesianus*.[180] Sobre Sigônio, entretanto, recai um peso ainda maior por ter advogado pela autenticidade do palimpsesto mesmo após o engodo ter sido exposto. Caso seja culpado, isso não diminui sua importância para a Filologia, e ela fulgura com tanto mais clareza por ele não ter tido sucessores na Itália. Quando a Biblioteca de Heidelberg é levada para Roma, o Vaticano não pode enviar ninguém senão o quiota Leão Alácio,[181] que foi mais tarde bibliotecário na Barberina e publicou algumas obras inéditas, dentre as quais cartas dos socráticos e escritos neoplatônicos. Na mesma biblioteca e no Vaticano há, afora ele, mais um bibliotecário que faz algo de valioso: o alemão Lucas Holste († 1661).[182] Formado em Leiden, ele publicou pouco de suas ricas coleções, mas preparou muito, por exemplo, sobre os geógrafos gregos menores, submissos até hoje à má sorte. Assim se dá também com os fragmentos de Porfírio que queria coligir. Uma biografia de Porfírio ele levou a cabo: algo significativo para seu tempo, e ela ainda não foi completamente substituída. Seu legado — em parte no Vaticano, em parte na cidade natal de Holste, Hamburgo — também produziu resultados no que diz respeito aos gramáticos. Ele fora suscitado a seus estudos geográficos por um outro alemão, Philipp Clüver († 1623),[183] de Gdansk, que era muito maior que sua fama, pois até o mais competente dos mestres o reconheceu como fundador da geografia histórica. Incansável viajante que era, Clüver perambulou pela Itália e pela Sicília e descreveu-as com aguda observação e sagaz uso da tradição escrita. Embasando-se nele, os estudos de C. Keller († 1707)[184]

[180] Alusão a Giacomo Cortese, que forjou fragmentos de um décimo terceiro livro do tratado *De uiris illustribus* de Cornélio Nepo; ver SPEYER (1972: 323 n. 8).
[181] L. Alácio, lat. *Allatius* (1586–1669): *ODCC* s.v. *Allatius, Leo*; SANDYS *HCS* II 361, III 356.
[182] L. Holste, lat. *Lucas Holstenius* (1596–1661): *ODCC* s.v. *Holste, Lucas*; SANDYS *HCS* II 364.
[183] Ph. Clüver, lat. *Philippus Cluverius* (1580–1622): SANDYS *HCS* II 313.
[184] C. Keller, lat. *Christophorus Cellarius* (1638–1707): SANDYS *HCS* II 369.

expuseram sumariamente toda a geografia antiga — é verdade que no estilo de um *polyhistor*, porém não só com erudição, mas também com juízo organizador.

***

Nosso encalço do curso do humanismo até o cessar de seu impacto sobre nossa ciência na Itália levou-nos longe, e ao fim já nos vimos forçados a mencionar alemães. Agora devemos voltar ao século XIV. Todas as tentativas de manter uma sequência cronológica malogram justamente devido ao fato de que não se podem encaixar os desenvolvimentos individuais num único escopo.

Os liames que se puderam demonstrar já entre a corte dos imperadores luxemburgueses na Boêmia e os prenúncios da Renascença italiana não se podem apresentar aqui, tampouco se pode descrever a Alemanha visitada cem anos mais tarde por Enéas Sílvio.[185] A fundação das universidades, as lutas de artistas e poetas por reconhecimento, o venerável Reuchlin[186] e o mestre Hardwin von Grätz[187] com seu judeu Pfefferkorn,[188] o círculo de poetas e literatos de Erfurt, Hutten e Zwingli, e o Lutero que queimou a bula de excomunhão: todo o movimento que abriu espaço para o novo pensamento nos domínios da ciência e da religião viria a garantir

[185] E. S. Piccolomini, lat. *Æneas Silvius* (1405–1464), Papa Pio II de 1458 a 1464. Ver SANDYS *HCS* II 72.

[186] J. Reuchlin (1455–1522): talvez seja mais bem conhecido no contexto da "pronúncia reuchliniana", a qual dava espaço às variedades de pronúncia locais e foi sobrepujada na Europa pela erasmiana (ver ALLEN 1987³: 146s.). Ele foi também forte opositor de H. von Grätz (ver abaixo), tendo ensejado a publicação das *Epistolae obscurorum uirorum* (1516 sobretudo por J. Jäger, 1517 por U. v. Hutten): trata-se de uma coleção de cartas fictícias interpelando H. von Grätz que, em defesa de Reuchlin, zombavam do latim monástico e da erudição escolástica. Ver *ODR* s.v. *Reuchlin, Johannes*; PFEIFFER *HCS* II 86s.; SANDYS *HCS* II 156.

[187] H. von Grätz, lat. *Ortuinus Gratius* (1419–1541): BURSIAN *GPhD* 119ss.; SANDYS *HCS* II 257.

[188] J. Pfefferkorn (1468/9–1522): judeu alemão que se converteu ao catolicismo por volta de 1504, vindo a adotar forte posicionamento antijudaico e a defender, por exemplo, a queima de livros do Talmude. Ver BURSIAN *GPhD* 125; *ODR* s.v. *Pfefferkorn, Johannes*; PFEIFFER *HCS* II 89.

um modesto espacinho também à Filologia, mas esta ainda não o ocupou. Regiomontano († 1476)[189] merece certamente um posto de honra por ter pensado numa reforma do calendário e por ter assim, a despeito de ser arcebispo, entrado em conflito com a Cúria. Na qualidade de astrônomo, porém, é que ele foi o primeiro a publicar Manílio. A verdade é que não há ninguém a ser mencionado antes de Erasmo de Roterdã, mas este já alcança de pronto envergadura europeia. Aldo publicou a segunda edição de seus *Adagia*,[190] uma obra de erudição ilimitada — é verdade que não científica *stricto sensu*, mas toda a sua pessoa está ali, também em suas observações plácidas e bem-humoradas dos impulsos humanos. Como ele conseguiu, trabalhando, ascender da mais restrita pobreza e como, particularmente em Paris, adquiriu seu conhecimento, em especial da língua grega, permanece um mistério. Na Inglaterra, onde encontrou amplo reconhecimento e incentivo, ele já era um dos primeiros apóstolos do grego, mas até a *Utopia* de Thomas More deixa entrever a influência de sua delicada arte; ambos os eruditos se relacionavam amigavelmente. Em Lovaina, ele participa da fundação do Colégio Trilíngue, do qual adveio a universidade. Quando visita a Itália, já era um homem famoso. Preferimos imaginá-lo na Basileia, local de repouso de sua idade avançada. A arte de Holbein[191] tornou suas delicadas e agudas feições conhecidas ao público geral, e a imagem corresponde exatamente a seus escritos. Não poucos destes — os *Colloquia, Laus moriae*, as cartas — ainda encontram leitores agradecidos, e ele cativa onde quer que se abram seus tomos. Holandês de nascença e com laços estreitos

[189] Regiomontano, lat. *Regiomontanus*, calque de (Johannes Müller) von Königsberg (1436–1476): SANDYS *HCS* II 252.

[190] Os *Adagia* consistem de uma coleção de provérbios e dizeres notáveis, originalmente inspirados em Plutarco. Erasmo de Roterdã (1466–1536): SANDYS *HCS* II 127; ³*SS passim*; PFEIFFER *HCS* II 71ss., *AS* 208–21.

[191] H. Holbein, o Jovem (1497–1543), pintou três retratos de Erasmo de Roterdã, dos quais os mais conhecidos se encontram no Louvre, em Paris, e na Galeria Nacional de Londres.

com a França, Brabante e a Inglaterra, ele se sente um cidadão do grande reino do humanismo, cuja língua é o latim. Justamente por isso é que ele não permite que o latim seja agrilhoado pelo ciceronianismo. Toda a sua obra é um protesto contra o espírito governante do escolasticismo eclesiástico e, em verdade, também contra a Igreja daquela época. Foi provavelmente ele quem fez com que o espanhol J. Vives[192] abjurasse o escolasticismo e o combatesse em obras extremamente eficazes. Também Melâncton é inconcebível sem Erasmo. Foi um duro golpe à causa da Reforma que este, tendo exposto os abusos da Igreja e preparado o caminho para um retorno ao Evangelho através de seu Novo Testamento grego, tenha acabado se apartando deste. Seus escritos contra Hutten nos ferem, mas é compreensível que ele não tenha podido deixar de fazê-los, uma vez que o Hutten vivo não usava, em nada de sua pessoa, a auréola que ora transfigura sua imagem. E o luteranismo tornou-se necessariamente repugnante para o grande humanista por "ter feito a formação lenta retroceder", para falar com Goethe.[193] Erasmo publicou em vários fólios as obras dos mais prolíficos Pais da Igreja — Ambrósio, Agostinho, Jerônimo e também vários escritores de prosa romana —, mas apenas algumas poucas obras gregas. Esses livros dormem há muito tempo nas bibliotecas, mas o homem está vivo e assim permanecerá. Seu impacto sobre a sua época foi egrégio. Associado está seu nome à pronúncia erasmiana do grego, e todos os gregos modernos — exceto os poucos que têm alguma formação linguística — maldizem seu nome de forma selvagem e sem instrução. Ele havia aprendido a língua não da boca dos gregos, mas dos livros, então nada mais natural que exigisse a pronúncia vigente quando se fixou essa escrita — e ele tampouco foi o primeiro a fazê-lo (como provou a rara erudição

[192] J. L. Vives (1492–1540): Pfeiffer *HCS* II 96; Sandys *HCS* II 214.
[193] Goethe, *Vier Jahreszeiten* (*Herbst*, 62).

de Ingram Bywater),[194] mas sim um humanista espanhol, Antonio de Nebrija,[195] e ninguém menos que Aldo Manúcio advogava essa mesma perspectiva. Desde que a ciência tomou consciência de que cada língua, a cada momento histórico, soa diferente na boca de pessoas diferentes, e de que a pronúncia reconhecida como correta dos caracteres escritos também muda ao longo do tempo, a disputa perdeu seu significado científico. Como podemos e queremos pronunciar o grego antigo é meramente uma questão de ordem prática e não admite, em geral, resposta definitiva. E achar a língua viva dos gregos feia por ter perdido — bem como o alemão — sua antiga riqueza tonal não deve, ao menos não ao filólogo, passar pela cabeça.

A Basileia propiciou a Erasmo uma proveitosa estada, já que era a sede das gráficas que desempenhavam, para o norte, o trabalho de que as gráficas italianas se ocupavam ao sul. Os Amerbach, Froben, Cratander e Heerwagen[196] não precisam temer a comparação com Aldo em termos de tipografia. É notável que também a xilogravura tenha sido utilizada para ilustrações. Ademais os estudiosos que estabelecem os textos são, de acordo com o progresso da ciência, superiores aos *Itali* em termos de zelo e discernimento crítico. Eles fazem uso dos tesouros que os mosteiros ainda guardam. Os próprios manuscritos estão perdidos, exceto o *Codex* irlandês, que contém os restos da quinta década de Lívio (agora em Viena, editado por Griner).[197] A perda aumenta o valor das edições de Veleio por Beato Renano,[198] da quarta década de Lívio pelo

[194] Alusão ao artigo "*The Erasmian pronunciation of Greek and its precursors*" de Bywater (1908). Sobre a pronúncia erasmiana do grego, ver também Allen (1987³: 146ss.).

[195] A. de Nebrija, lat. *Nebrissensis* (1444–1522): Pfeiffer *HCS* II 65; Sandys *HCS* II 157.

[196] Para as gráficas da Basileia, ver Reske (2015²) bem como o cap. XXIV "*The history of the book in Germany*" em *OCB*.

[197] Viena lat. 15: ³*SS* 99, 102, 139.

[198] Beato Renano, lat. *Beatus Renanus*, nasc. *Beat Bild von Rheinau* (1485–1547): estudioso e impressor humanista alemão, editou e publicou obras de Tácito

mesmo e Gelênio, e também das edições de Amiano e das cartas de Símaco, da *História Natural* de Plínio pelo último, e das cartas de Cícero na edição de Cratander. Estes estudiosos não são de forma alguma apenas críticos textuais — sendo Beato Renano particularmente hábil como tal —, mas também acrescentam explicações úteis. Tácito desperta o sentimento nacional nesses alemães, e eles cuidam de difundi-lo. Isso está ligado a seu senso histórico. L. Glareano,[199] o qual imprimiu um grande número de textos — em sua maioria latinos, com comentários —, também prestou serviços à cronologia. Escritos gregos também foram impressos em massa na Basileia, uma quantidade considerável pela primeira vez, especialmente neoplatônicos, e algumas repetições de impressões italianas representam um avanço para o texto, como a *Antologia* de Planudes.[200]

Enquanto o humanismo tinha assim uma sede firme no alto vale do Reno, passando por Sélestat e Estrasburgo até Heidelberg, em nítido contraste com Colônia, ele só tinha importância para o norte protestante na medida em que a nova igreja se valia dele para suas escolas. Porém, foi justamente essa política de fundar escolas que teve um efeito benéfico para o futuro, também pelo fato de que os jesuítas, em competição com a nova igreja, fundaram escolas próprias nas quais a educação formal e retórica alcançou grandes sucessos por meio do uso do latim. Elas permaneceram hostis ao espírito helênico, mas a este tampouco as escolas luteranas introduziam seus alunos. Como um verdadeiro *praeceptor Germaniae*, Melâncton[201] atuou a partir de Wittenberg

(1519, excluindo as histórias), Tito Lívio (1535), Veleio Patérculo (1522, a partir de um manuscrito que ele próprio descobriu) e Erasmo (9 vols., incluindo uma biografia, 1540–1). Ver *ODR* s.v. *Beatus Rhenanus or Beat Bild von Rheinau*; SANDYS *HCS* II 263.

[199] Heinrich Loriti (1461–1535), chamado Glareano (lat. *Glareanus*) por ser oriundo de Glarus, cantão suíço.

[200] A *Antologia de Planudes* foi primeiro editada por J. Láscaris em 1491.

[201] F. Melâncton, al. *Melanchthon* (1497–1560): BURSIAN *GPhD* 185; *ODCC*, *ODR* s.v. *Melanchthon, Philipp*; PFEIFFER *HCS* II 91; SANDYS *HCS* II 265. A obra de Melâncton

em capacidade organizacional, escreveu gramáticas (sua gramática do grego, revisada, permaneceu em uso até a época de Buttmann), e também produziu materiais de ajuda para o ensino de retórica — o qual, por mais que nos pareça estranho, ainda era cultivado aqui, também por Camerário.[202] Lutero praticou a interpretação dos livros bíblicos ao longo de toda a sua vida e, ainda que atuasse dentro de uma tradição que remontava aos Padres da Igreja, não se esquivou de criticar seu conteúdo, e assim os teólogos continuaram a fazer. Isso foi mais do que se tentou durante muito tempo para com os clássicos. Essa prática teológica, porém, parece nunca ter tido influência sobre a Filologia. Deve-se dizê-lo provavelmente também do grande trabalho crítico sobre a história da Igreja antiga realizado pelos Centuriadores de Magdeburgo, sob a liderança de Flácio Ilírico.[203] No entanto, essa abordagem teve pouco apoio em geral, alarmando os ortodoxos e provocando uma defesa erudita por parte dos católicos. No fim das contas, isso acabou também beneficiando a ciência. Leal pupilo e colaborador de Melâncton foi Joaquim Camerário, de Nurembergue, que atuou sobretudo — mas de forma alguma exclusivamente — no ensino por meio de edições comentadas; por todas as épocas, seu nome permanecerá associado ao de Plauto, cujos melhores manuscritos ele trouxe à luz.

Uma figura absolutamente peculiar é o médico Conrad Gesner, de Zurique,[204] pois ele serve, concomitantemente, a interesses médicos e filológicos, e é louvável em ambos os campos. Seria preferível, é claro, que ele tivesse posto as mãos em outro material

vem sendo editada pela de Gruyter (FRANK et al. 2017–).

[202] Joaquim Camerário, lat. *Joachim Camerarius*, o Velho, nasc. *Kammermeister* (1500–1574): BURSIAN *GPhD* 185; PFEIFFER *HCS* II 91; SANDYS *HCS* II 266. Pesquisadores da Universidade de Wurtzburgo vêm empreendendo a tarefa hercúlea de apreender toda a obra de Camerário (em dois projetos subsequentes financiados pela *DFG*: *Opera Camerarii*, completo [2017–21]; *Camerarius digital*, em andamento [2021–24]); para mais informações, ver http://www.camerarius.de.

[203] Centuriadores de Magdeburgo: 1559–1574.

[204] C. Gesner (1516–1565): SANDYS *HCS* II 269.

grego de ciências naturais que não a hedionda *História dos Animais* de Eliano, a qual foi o primeiro a editar, bem como fez com o *Florilegium* de Estobeu. Ele trabalhou em ambas as obras de modo bastante arbitrário, mas elas foram, por muito tempo, as edições de referência. Seus grandes trabalhos compilatórios estão ora esquecidos. O exercício prático da Medicina e da Filologia competia, à época, amiúde à mesma mão; é que as doutrinas gregas já haviam sabidamente trazido à luz uma ciência médica científica,[205] então era de se esperar que os médicos se ocupassem da edição e da tradução dos livros gregos. Com honras, há que se mencionar Jano Cornário,[206] que comprovou sua surpreendente perspicácia também nas correções do texto de Platão. Sucedem-lhe Zwinger[207] e, ao fim do século, a edição de Hipócrates de A. Foës,[208] natural de Metz — ainda hoje imprescindíveis para a elucidação dessas obras há muito condenavelmente negligenciadas pela Filologia. Que se antecipe aqui já a advertência contra a edição de Chartier, que abarca também a obra de Galeno (última impressão: Paris, 1779)[209] e gozou, infelizmente, de duradouro prestígio. Vem se tornando cada vez mais aparente que ela foi produzida em parte com meios bastante duvidosos e contém decididamente falsificações.

No decorrer do século XVI, alguns excelentes alemães também criaram edições de valor duradouro no campo grego:

[205] A repetição está também no original: "*wissenschaftliche Arzneiwissenschaft*."
[206] J. Cornário, lat. *Cornarius*, calque de J. Hainpol (1500–1568): um dos mais importantes médicos filólogos, tendo trabalhado intensamente com as antigas autoridades médicas e editado e traduzido todo o *Corpus Hippocraticum* (Basileia, 1538). Ver BURSIAN *GPhD* 191; *EMG* I s.v. *Cornarius, Janus*.
[207] T. Zwinger (1533–1588): médico e professor de Medicina, conhecido por seu *Theatrum vitae humanae*, obra em que tenta ilustrar todo o conhecimento da atividade humana por meio de quadros sinópticos (1ª ed. Basileia 1565, ed. rev. 1571). Ver *EMG* III s.v. *Zwinger, Theodor.*
[208] A. Foës, lat. *Foësius* (1528–1595): médico e filólogo dedicado à história da Medicina, conhecido sobretudo por sua famosa *Œconomia Hippocratis* (1558), chamada por W. H. S. Jones *"a perfect mine of medical lore"* ["uma mina perfeita de conhecimento médico"] (1923: lxviii). Ver *EMG* I s.v. *Foës, Anuce*.
[209] 1ª ed. Paris, 1679.

Jerônimo Wolf[210] para Demóstenes e Isócrates, Löwenklau[211] para Xenofonte, Xylander[212] para Plutarco — todos nós ainda o citamos conforme as páginas dessa edição — e Marco Aurélio, que foi o primeiro a imprimir, Sylburg[213] para Clemente, Dionísio de Halicarnasso, o *Etymologicum magnum*, a *Sintaxe* de Apolônio — e não foi pouca coisa que ele tenha se aventurado na literatura gramatical, que significava algo apenas para a ciência *stricto sensu*, mas nada para o humanismo. Sylburg também teve a honra de ajudar no *Thesaurus* de Estienne. Com isso está dito que ele já pertence a uma outra época, na qual a Filologia como ciência havia tomado consciência de si mesma. Isso foi conquista da Renascença francesa.

***

Desde o período carolíngio, o norte da França sempre foi líder no campo intelectual.[214] O domínio inglês não suprimira isso, mas fortalecera na própria Inglaterra o elemento românico, em oposição ao saxão. Paris fora o baluarte do escolasticismo e fizera, pois, por muito tempo, oposição ao humanismo italiano, mas as invasões francesas da Itália abriram as portas para o novo espírito, e quando o poderoso reino se mostrou favorável ao mesmo, toda a nação se rendeu a ele. Francisco I convoca os grandes artistas da Itália, prepara um local para os estudos gregos, colige uma biblioteca, funda o *Collège de France*. Basta mencionar os nomes de Rabelais, Montaigne e Ronsard para perceber quão grande e profundo era o efeito do humanismo, ora maduro na literatura nacional e em uma nova visão do mundo, do homem e da arte. Calvino

[210] J. Wolf, nasc. Hieronymus Wolf (1516–1580): Bursian *GPhD* 210; Pfeiffer *HCS* II 139; Sandys *HCS* II 168.
[211] J. Löwenklau (1533–1593): Bursian *GPhD* 234.
[212] W. Xylander, gr. para Holtzmann (1532–1576): Bursian *GPhD* 228; Pfeiffer *HCS* II 140; Sandys *HCS* II 170.
[213] F. Sylburg (1536–1596): Bursian *GPhD* 229; Pfeiffer *HCS* II 141; Sandys *HCS* II 270.
[214] Estudo clássico sobre a filologia greco-romana na França ainda é Egger (1869).

retoma a Reforma Eclesiástica e a reformula num espírito românico; o humanismo permaneceu mais forte entre os calvinistas que no luteranismo. As pesadas guerras religiosas e as lutas dos nobres entre si e com o reino só aumentaram o desdobramento de todas as forças, como as rixas internas na Itália também haviam feito. Em meio a esses tempos confusos estão os grandes estudiosos em quem temos de honrar os fundadores de nossa ciência. Antes deles, porém, há que se memorar um venerável estudioso, que, praticamente sozinho, preparou o terreno para o humanismo: o parisiense Guillaume Budé.[215] Ele foi um advogado praticante e deu início ao estudo histórico do direito romano, que continua sendo uma glória particular da ciência francesa. J. Cujas († 1590)[216] é considerado certamente como um dos fundadores. Exerce seu ofício com domínio dos meios filológicos (o famoso códice dos *Digestos*, que Florença surrupiara aos pisanos, já estava incluso por Policiano) e se coloca em pé de igualdade com os mais ilustres estudiosos. Sucedem-lhe outros como Hotman[217] e, em seguida, Godefroy († 1621),[218] cuja explicação do *Codex Theodosianus* ainda é indispensável para os historiadores da época. Budé também veio do Direito para o estudo da Numismática romana. Entretanto, ele também defendeu o grego contra as fortíssimas objeções da Igreja e da Sorbonne — e com sucesso, contribuindo significativamente

[215] G. Budé, lat. *Budaeus* (1467–1540): *ODR* s.v. *Budé, Guillaume*; PFEIFFER *HCS* II 101; SANDYS *HCS* II; ³*SS* 171–3, 282.

[216] J. Cujas, lat. *Cujacius* (1522–1590): natural de Toulouse, lecionou em Cahors, Valência, Paris e Bourges, tendo fundado a escola histórica de jurisprudência; ganhou fama como autor de uma extensa série de *Observationes et emendationes* (1566); a edição mais completa de suas obras se estende por onze volumes. Ver SANDYS *HCS* II 193.

[217] F. Hotman, lat. *Franciscus Hotomanus* (1524–1590): parisiense, autor de "*Observações*" sobre o Direito Romano, e de comentários sobre os discursos de Cícero. Ver SANDYS *HCS* II 193.

[218] Wilamowitz tem em mente Denis Godefroy (1549–1621), mas parece confundi-lo com seu filho, Jacques Godefroy (1587–1652), quem de fato preparou uma edição de autoridade do *Codex Theodosianus* (1665). Ver *ODR* s.vv.; SANDYS *HCS* II 193.

para a fundação do *Collège de France*. Como pessoa, enfim, ele possuía uma posição de poder comparável à de Erasmo.

Entre os gregos que foram atraídos para a corte francesa, os melhores, como Jano Láscaris,[219] vieram apenas por pouco tempo. Elementos questionáveis não faltaram e tentaram satisfazer o desejo por manuscritos a seu próprio modo. Cópias desleixadas de escritores como Darmário sobejam, e não faltam falsificações atribuídas a nomes famosos. Diassorino produziu o *Léxico* de Filemon e a *Métrica* de Draco. Também a *Historia physica* de Pólux advém de uma falsificação dessa sorte. Todos eles enganaram, por mais ou menos tempo, até mesmo os leitores mais instruídos; nenhum de forma pior que o *Léxico* de Eudóxia, forjado por Constantino Palaeocapa a partir de excertos de livros impressos.[220]

Em termos práticos, o evento com consequências mais drásticas na França foi também a impressão de livros, para a qual o rei mandou cortar os caracteres gregos. A gráfica dominante estava nas mãos da família Estienne, cujo líder era, ao mesmo tempo, o erudito editor. Robert Estienne[221] foi o primeiro a imprimir o Antigo Testamento grego, e é a ele que remonta a contagem dos versículos de nossa Bíblia. Seu *Thesaurus linguae latinae* é o modelo do *Thesaurus* grego de seu filho mais velho, Henri — também um grandioso impressor de livros e chamado, provavelmente para distingui-lo dos numerosos membros dessa família de impressores, "*Henri, le Grand*." Antes que nos voltemos a ele, porém, deve-se apresentar outro pai de um grande filho: Júlio César Escalígero,[222] que emigrou de Riva del Garda e levou uma vida contenciosa no sul da França. Seus escritos, nos quais ele deu expressão apaixonada

[219] J. Láscaris: ver abaixo.
[220] Para Darmário, Diassorino, Constantino Palaeocapa e suas respectivas falsificações, ver SPEYER (1972: 321).
[221] R. Estienne, lat. *Stephanus* (1503–1559): *ODR* s.v. *Estienne, Robert the Elder*; PFEIFFER *HCS* II 66; SANDYS *HCS* II 173;
[222] J. C. Escalígero (1484–1558): PFEIFFER *HCS* II 113; SANDYS *HCS* II 177; ³*SS* 173–7, 182, 210, 282.

a suas convicções e humores, encontraram muitos leitores em seu tempo, e a honestidade dessa natureza impulsiva deve ser reconhecida, mesmo onde ela ofende e se torna tão irracional quanto contra Erasmo. Ele também possuía um respeitável talento como crítico, demonstrado em seu tratamento dos escritos botânicos de Teofrasto e do Pseudo-Aristóteles. Seu maior sucesso, porém, ele alcançou em outro campo. Sua poética teve validade canônica por muito tempo. Ela complementa as obras simultâneas dos italianos sobre Aristóteles e Horácio, mas em escala maior e com juízo completamente independente. Aqui, o espírito românico declarou honestamente que o *spiritus Graiae tenuis Camenae* [Horácio, *Odes*, 2.16.38 "o espírito sutil da Camena grega"] lhe é fundamentalmente repugnante. A estrutura teórica da poética e da doutrina das figuras do discurso vem, é claro, dos gregos — e Escalígero é surpreendentemente familiarizado com eles, e também ensaia uma pesquisa histórica, mas o desígnio mais caro a seu coração só desabrocha em seus últimos livros, *Liber criticus* e *Hypercriticus*: a comparação dos gregos com os latinos, que sempre acaba sendo mais favorável não só a Virgílio, mas também a Valério Flaco e Claudiano. Para ele, a poesia latina abrange tanto os poetas do humanismo como os antigos, e às claras enuncia seu julgamento estético sobre todos eles. Trata-se do gosto artístico da era barroca. Voltaire e Frederico, o Grande, assim ainda o sentiam.

José Justo Escalígero, *Iulii Caesaris filius*, acreditava firmemente ser descendente dos príncipes della Scala, os senhores de Verona. Seja como for, ele seria um príncipe, sob todos os aspectos um príncipe, ainda que seu pai tivesse sido de tão humilde descendência, como alegavam seus desprezíveis inimigos, dentre os quais um alemão renegado, C. Schoppe,[223] desempenha um papel ignominioso. Este ganhou mérito pelas cartas de Símaco; mas mesmo aqui ele não é mais necessário; ele era um talento, mas a falta de

[223] C. Schoppe, lat. *Scioppius* (1576–1649): SANDYS *HCS* II 362.

caráter o destruiu. O retrato de Escalígero revela o homem consciente de sua posição senhorial por sua força e beleza. Ele também sobrepuja os outros dois, Estienne e Casaubon,[224] que carregam a Ciência da Antiguidade Clássica da potência à atualidade. Mas embora o escopo dessa ciência possa ser ainda limitada ao legado literário da Antiguidade por meio do material, a visão do todo desses estudiosos pioneiros não é prejudicada. Eles também têm em comum o fato de que todos os três tiveram que deixar sua pátria por causa de sua fé, o que teve sérias consequências para os estudos gregos na França. Não em ordem cronológica, mas sim de importância, é que Escalígero vem antes. Ele já tinha no mundo um estatuto de príncipe quando foi chamado para Leiden em 1594, para a Universidade reformada, que não negou suas origens na luta holandesa pela liberdade e por isso considerou um duro golpe que Joest Lips tenha se convertido à antiga igreja e se mudado para Leuven, ora o centro intelectual do Brabante católico. Leiden ofereceu ao estudioso calvinista as condições mais brilhantes; ele não tinha obrigação alguma de lecionar. Como um homem livre, ele deveria apenas servir à ciência, e a expectativa de que seu nome atrairia os jovens para Leiden não foi contrariada. Essa posição incomparável alcançou Escalígero após uma vida agitada que o fizera perambular para longe, pois na França o calvinista não conseguiu encontrar emprego; ele só deu aulas uma vez em Genebra por um curto período de tempo. Contudo, a conexão com o magnata arguto de la Roche-Posay não só lhe permitiu viajar para a Itália e a Inglaterra, mas sempre lhe concedeu um refúgio. Ademais, ele também soube viver a vida em uma nobre corte e cultivou amizades com os melhores estudiosos, tais como Cujas, Dorat, de Thou,[225] que o reconheceram como um semelhante. Ele teria se tornado um grande nome se tivesse apenas escrito o que antecedeu sua nomeação para Leiden, onde viveu apenas 15 anos

[224] Estienne: ver acima. Casaubon: ver abaixo.
[225] J. A. de Thou, lat. *Thuanus* (1553–1617): PFEIFFER *HCS* II *passim*; [3]*SS* 168, 177.

(† 1609); mas foi aqui que ele se tornou o príncipe da ciência, precisamente porque estava livre do ensino universitário habitual, e também se tornou o primeiro organizador científico. Ele é merecedor do registro, por discípulos admiradores, das *Scaligerana* — comparáveis, com a distância apropriada, às *Conversas* à *Mesa* de Lutero e as *Conversas* de Eckermann. A inanidade das *-ana* vindouras não deve ser comparada a elas.[226] Cartas de estudiosos foram trocadas e impressas em grandes números naquela época. Elas são, não raro, ricas em conteúdo e oferecem encanto pessoal; mas algumas delas são escritas na esperança de publicação posterior, emproadas e vazias. Com tanto mais força vem à tona a diferença entre os compositores, e também aqui Escalígero mostra sua superioridade; mas não como poeta, se do poeta se exige poesia; ele produz peças artísticas, é claro, que ninguém é capaz de imitar. Filosofia lhe era bem distante. De empatizar com um poeta, de pôr as mãos no elemento individual — disso ele era incapaz. Deve-se dizê-lo precisamente, dado o fato de o texto que ele editara dos *Triumviri Amoris* romanos ter impedido que fossem compreendidos por séculos. Em geral, suas edições de textos não são particularmente notáveis; ele não publicou nenhum texto de autores gregos, e se há inúmeras melhorias por ele aqui e ali em nossos textos, é somente porque elas lhe acometeram durante sua brandíssima leitura. A manuscritos ele se dedicou avidamente, e ainda devemos muito somente a esse esforço, mas o trabalho editorial ele preferia deixar a outrem. Estienne fê-lo para os gregos, Casaubon fez o comentário: o que resta? O que ninguém sabia, o que ninguém pensava: Escalígero descobriu o latim antigo. Em Varrão e Festo, ele soube encontrá-lo, e esse latim se lhe tornou tão vívido que traduziu os Hinos Órficos e Licofrão apenas para usar os vocábulos arcaicos. Ademais, ele reconheceu que nenhuma história é possível sem o firme alicerce de um sistema cronológico. E como toda

[226] Para as *-ana*, ver PATTISON (1892²: 425–6).

a cronologia repousava sobre Jerônimo, este que, porém, traduzira Eusébio, recuperar esse último passou a ser a tarefa seguinte. Ele tentou fazê-lo, mas a posteridade entendeu tão pouco que ela tomou sua Ὀλυμπιάδων ἀναγραφή ("*Registro dos Jogos Olímpicos*") como antiga. Também a ideia de coligir todas as inscrições latinas foi dele; rudimentos para tanto conhecemos de anteriormente; agora os holandeses Smet[227] e S. Pigge[228] tinham feito boas cópias; material impresso e não impresso havia em quantidade suficiente, mas que algo finalmente adviesse disso foi uma conquista para a qual uma academia ora precisou ser reunida. Escalígero encontrou um ajudante em J. Gruter, que possuía diligência e dedicação suficientes, mas foi ele próprio quem fez os índices. Coletas de fragmentos haviam começado, Robert Estienne havia coletado fragmentos de poesia grega num delicado volume duodécimo. O Ênio de Merula[229] já tinha predecessores — e contém, a propósito, falsificações perversas. Da escola de Escalígero adveio o belo Lucílio de Pranz Dousa.[230] Putschen[231] uniu nos *Grammatici latini* um material frágil, mas indispensável. O Manílio de Escalígero é peculiar não por causa de suas conjecturas selvagens, mas, antes, pelo fato de o editor estar preocupado com a Astrologia — não porque nela cresse, mas como um lado da antiga fé. Tudo são rudimentos, poucos são continuados, mas isso é muito menos importante que o objetivo em direção ao qual tudo caminha: a ciência única, infinda e, ainda assim, indivisível. Antes de Niebuhr, ninguém tinha concedido as devidas honras a Escalígero.

Henri Estienne também leva uma vida instável. Sua natureza pode ter contribuído para o fato de que ele só se livrava da penúria e da preocupação brevemente. Empobrecido e solitário, ele morreu no hospital de Lyon em 1598. É incompreensível o fato de que

[227] M. Smet, lat. *Martinus Smetius* († 1578): SANDYS *HCS* II 145.
[228] Pigge: ver abaixo.
[229] P. Merula (1558–1607) publicou sua edição de Ênio em 1595.
[230] Pr. Dousa (1577–1606).
[231] El. van Putschen, lat. *Putschius* (1585–1606).

ele, tendo levado uma vida tal, tenha sido capaz de alcançar feitos tão grandiosos como editor e impressor. Ele, afinal, imprimiu uma grande parte dos escritores gregos na forma em que eles se mantiveram até o século passado. I. Bekker marcou sua edição de Platão com ς.[232] É por isso que esse símbolo é amiúde usado para a *Vulgata*, mesmo quando a leitura não é de Estienne. Algumas edições inéditas estavam entre a massa das obras que imprimiu: a maior parte de Diodoro, algo de Apiano, e — o que causou a maior impressão — as *Anacreontea*, finalmente poemas gregos que caíram no gosto da época, uma prova de que não mais eram genuinamente helênicos. Estienne tratou os textos que imprimiu de maneira muito desigual, conforme o material que tinha em mãos. Ele comunica variantes, mas apenas ocasionalmente, como acessórios — incluindo, decerto não intencionalmente, mesmo o que não passava de conjectura. Ele não tinha tempo de se deter longamente num texto, e mesmo assim completou o *Thesaurus linguae Graecae*, fazendo para sua época, sozinho, o que o mundo interessado nos helênicos não ousava empreender quando ainda havia um sentimento comum em prol da ciência. Tanto quanto se sabe, ele teve pouca ajuda. Ele deve, portanto, ter prestado atenção constante a elementos lexicais ao ler. Obviamente, ele estava particularmente interessado na língua, e também compôs escritos notáveis sobre sua língua materna, na qual ele escreveu excelentemente — mais uma vantagem que ele não partilhava com estudioso algum antes de Bentley. Era inevitável que traços de seleção aleatória no *Thesaurus* se tornassem perceptíveis; por exemplo, o historiador Herodiano aparece com muita frequência, um imitador trivial que não merecia espaço algum. Também o tardio Sinésio[233] é favorecido. Que a separação de tempos e estilos ainda não pode ser esperada é óbvio para todos. Para tanto, pouco foi feito mesmo na nova

[232] O uso do sigma (ς) para marcar as edições de Estienne deve-se à versão latina de seu nome, *Stephanus*. As edições são por vezes chamadas *Stephaniana*.
[233] Wilamowitz publicou sobre os hinos de Sinésio em Wilamowitz *KS* 163ss.

adaptação de Hase e dos irmãos Dindorf,[234] com a qual precisamos contentar-nos.

Isaac Casaubon, genro de Estienne, complementa os outros grandes, a cuja altura ele, como o mais novo, se alçou. Ele é um explicador, principalmente um explicador factual, e escolhe, pois, os textos que apenas um conhecimento abrangente pode tornar compreensíveis, e onde quer que se agarre, ele dá informações decisivas. Diógenes Laércio, Estrabão, os *Caracteres* de Teofrasto, o Ateneu, *scriptores historiae Augustae*, Pérsio: essa seleção atesta claramente o que ele almejava e o que era capaz de fazer. A erudição é maravilhosa, mas não está lá por si mesma, como em muitos comentários posteriores. Todos nós nos alimentamos de sua diligência como da de Estienne; Escalígero é exemplar para nós por mostrar-nos o objetivo de toda a nossa tarefa. Os escritores tratados por Casaubon, especialmente o Ateneu, levaram-no também à história literária, e por isso ele foi o primeiro a fazer uma investigação crítica tal: *De satyrica poesi et satyra Romana*. Ela pode ser chamada exemplar e já foi reimpressa muitas vezes. Casaubon também teve que deixar sua pátria como protestante após o assassinato de Henrique IV. A Inglaterra recebeu-o hospitaleiramente, e ele descansa em Westminster.

Ao lado desse triunvirato de primeira categoria, havia muitos outros que estabeleceriam sozinhos a primazia da Filologia francesa, e provavelmente mereceriam mais do que a breve palavra que lhes pode ser dada aqui, e sempre apenas numa seleção. Ambos os Pithoei (Pithou)[235] e os Puteani (Dupuy)[236] são colecio-

[234] C. B. Hase e irmãos Dindorf: ver abaixo.

[235] Pierre (1539–1596) e François (1543–1621) Pithou: irmãos juristas. Pierre editou, afora as fábulas de Fedro (1596), o tardio poema latino *Peruigilium Veneris* (1587), Juvenal e Pérsio (1585), bem como, junto com François, o *Corpus iuris canonici*. Ver *ODR* s.v. *Pithou, Pierre*; SANDYS *HCS* II 192.

[236] Pierre (1582–1651) e Jacques (1591–1656) Dupuy: filhos do grande humanista Claude Dupuy (1545–1594), que formou uma coleção de 136 manuscritos e cerca de 2.000 livros medievais, Pierre e Jacques expandiram em muito a coleção de

nadores de manuscritos. O *Puteanus* de Lívio preserva a memória dessa família. Pierre Pithou usou alguns manuscritos perdidos, especialmente para a sua *editio princeps* de Fedro. O *Nônio* de Josias Mercier[237] permaneceu a melhor edição até tempos recentes. W. Canter, um holandês — que, no entanto, merece ser citado aqui em virtude de sua formação —, foi o primeiro a ir ao encalço das correspondências nas canções dos trágicos; sua obra sobre Aristides é tida em altíssima estima pelos poucos que têm se esforçado para ler o texto desse difícil orador. Em importância, porém, esses homens ainda não alcançam Turnèbe e Lambin, cujas obras são imprescindíveis ainda hoje, mesmo que só os procure quem trata dos mesmos autores.

A. Turnèbe,[238] que morreu jovem, no início de 1565, exerceu efeito profundo como professor em Paris. Montaigne, o inimigo dos pedantes, prestou-lhe homenagem, e poder-se-ia desejar que ele tivesse editado mais textos e comentários que seguir o costume do adversário. Quão poucos são capazes de emendar Ésquilo, e o quanto isso quer dizer para a época! Seu amigo Dorat[239] também alcançou muitos feitos excelentes, mas foi uma injustiça que Hermann o tenha preferido a Turnèbe. É verdade que ele prejudicou Sófocles por ter confiado em Triclínio, o que só Brunck corrigiu. Ele o fez, porém, porque tinha à frente um manuscrito daquela recensão que continha muitas leituras corretas. Que estas

seu progenitor, tendo coletado mais de 10.000 documentos. Ver *OCB* s.v. *Dupuy family*.

[237] W. Canter (1542–1575): Pfeiffer *HCS* II *passim*; Sandys *HCS* II 216; ³*SS* 179s.

[238] A. Turnèbe (1512–1565): Pfeiffer *HCS* II 111; Sandys *HCS* II 185; ³*SS* 173–5.

[239] J. Dorat, lat. *Auratus* (1508–1588): Pfeiffer *HCS* II 102–5; Sandys *HCS* II 186. Pfeiffer *HCS* II 102s. n. 7 critica a postura de Wilamowitz para com Dorat: "*Wilamowitz ... put Dorat at the end of the French Renaissance and so obscured his historical position; he dismissed him in a single sentence blaming Gottfried Herrnann for having exaggerated the importance of Dorat's Aeschylean emendations*". ["Wilamowitz ... pôs Dorat no final da Renascença Francesa e, assim, obscureceu sua posição histórica; ele o descartou em uma única frase, culpando Gottfried Herrnann por ter exagerado a importância das emendas esquilianas de Dorat"].

se embasavam em correções bizantinas, ninguém ainda podia discernir. Seu comentário sobre o tratado ciceroniano *De Legibus* é o melhor até hoje, pois ele dá a explicação correta da filosofia estoica com amplas evidências. Quem ignorou isso à época?

Denis Lambin († 1572)[240] tem um nome mais ressoante, por ter sido latinista. Que tenha podido coletar material manuscrito na Itália, foi um bônus adicional. Assim, afora uma edição de Cícero, ele melhorou substancialmente o texto de Lucrécio e de Horácio e lançou as bases para sua explicação. Ele era capaz, afinal, de seguir a filosofia de Lucrécio e também viu corretamente em Horácio tanto a dependência de seus modelos quanto a originalidade do grande artista — e devemos dar graças que este não tenha permanecido nas mãos dos pedantes.

Francês era também Muret,[241] mas ele tinha todos os motivos para fugir para o exterior e para o seio da Igreja Romana. Em Roma, ele encontrou não somente um porto seguro, finalmente no clero, mas uma posição altamente respeitada. Ele deve ter possuído um encanto pessoal e cativado até mesmo os mais eminentes com sua inteligência e erudição, embora não hesitasse em ornar-se com plumas estrangeiras. Seu estilo, ciceroniano sem pedantismo, concedeu-lhe uma fama negada a muitos estudiosos mais eminentes e pessoas melhores. O que de grandioso ele de fato tem para mostrar, algo que tenha continuado a ter efeito sobre a ciência?

Se a conversão de Muret já era um ganho para a Igreja, mais ainda foi o fato de Joest Lips[242] ter desistido de sua cátedra em Leiden para retornar à fé que descartara quando jovem e até mesmo combatera durante sua curta permanência como professor em Jena em seus *Wanderjahre* ("anos de peregrinação"). Ele era natural de Brabante e, quando trocou Leiden por Leuven, o antagonismo entre os espanhóis e a Holanda livre transpôs-se também

[240] D. Lambin (1520–1572): Pfeiffer *HCS* II 112; Sandys *HCS* II 188; ³*SS* 174–5.
[241] M. Muret (1526-1585): Pfeiffer *HCS* II 112; Sandys *HCS* II 148.
[242] J. Lips (1547–1606): Pfeiffer *HCS* II 112; Sandys *HCS* II 301; ³*SS* 165ss., 283s.

para a Filologia. Lips foi considerado o chefe do campo católico, e não há dúvida de que ele estava na vanguarda das críticas textuais à prosa latina. Seu *Tácito* foi o primeiro a explorar os manuscritos de Médici[243] — embora ele próprio não os tivesse examinado na Itália — e foi considerado insuperável por muito tempo. Ele possuía, porém, afora o crítico, também senso histórico. Era professor universitário de História e, além das *variae lectiones* habituais, escreveu também sobre o exército romano, com distinções. Foi provavelmente ainda mais significativo que seu *Manuductio ad philosophiam Stoicam* tenha ido ao encontro dos ânimos da época. Sêneca era então, para muitos, ainda mais do que fora para Montaigne: o guia de sua filosofia de vida. A pintura dos quatro amigos de Rubens no Palazzo Pitti, com a cabeça do (suposto) Sêneca ao fundo, é um belo sinal da época. O domínio que Lips tinha do grego era amplo o suficiente para suas necessidades, mas ele declarava que seu conhecimento não passava de um adereço ao filólogo — algo que belgas e holandeses levaram a sério demais.

Também a França teve de pagar o preço por ter rejeitado seus homens mais importantes por causa de sua fé. Nenhum outro crítico ou exegeta importante dos helenos genuínos surgiu na França. A boa tradição, porém, durou mais um século; só que ela era ora cultivada pelas grandes ordens ou partidos eclesiásticos, o que determinou o campo de atividade da mesma. Os jesuítas constituíam o maior número de seus membros ou alunos. No caso do mais importante destes, D. Pétau,[244] o desejo não só de corrigir Escalígero, mas de tirar-lhe a fama, é inconfundível. Ele, porém, de fato o corrigiu substancialmente na *Doctrina temporum*. Pode ser perdoável se esquecer, no processo, quem propôs os problemas e foi assim pioneiro. Em seu *Uranologium*, ele trouxe à tona textos

[243] Lips não foi o primeiro a usar os manuscritos de Médici ao editar Tácito, ver Brink (1951: 32s.).

[244] D. Pétau, lat. *Petavius* (1583–1652): Pfeiffer *HCS* II 118, 132; Sandys *HCS* II 283. Sua *Doctrina temporum* veio à tona em 1627.

importantes sobre astronomia. Ele fez edições muito utilizadas de vários autores do século IV — todas úteis, mas nenhuma exaustiva. Seu *Sinésio* reinou por mais de 200 anos. H. Valois,[245] talvez ainda mais excelentemente, editou e elucidou com precisão ainda maior os historiadores da Igreja de Eusébio a Evágrio e, além deles, Amiano, o qual conta uma parte importante da história contemporânea relevante ao período. Coube-lhe também, como primeiro teste de sua enérgica diligência, editar — após importante trabalho preparatório de Grócio e Saumaise — a parte importante dos *Excertos constantinianos*, contida no manuscrito do industrioso colecionador Peiresc.[246] J. Sirmond,[247] que exerceu grande influência como confessor do rei, foi igualmente respeitável como pessoa e estudioso, à vontade como nenhum outro no período de transição da Antiguidade para a Idade Média. Seu Sidônio Apolinário permaneceu com autoridade até tempos recentes. Inteiramente por conta própria ficou F. Guyet,[248] que não chegou a publicar nada; mas suas conjecturas, extraídas do legado que chegou à biblioteca do Colégio Jesuíta, dão a impressão de serem séculos mais jovens dadas sua ousadia e, especialmente, sua alegria ao fazer supressões. Seu senso de intuição é bastante excepcional, e não poucas delas serão preservadas por muito tempo. Inalcançável até hoje é du Cange com seus *Glossaria medii aevi* 1678–88,[249] que estão à altura do *Thesaurus* de Estienne. Para ambos os idiomas, mas provavelmente ainda mais para o grego, ele continuou sendo o único, mas maravilhosamente confiável conselheiro, e é difícil entender como foi capaz de adquirir esse conhecimento do grego vulgar. Há muito a renovação destes trabalhos é um desejo urgente, mas

[245] H. Valois, lat. *Valesius* (1603–1676): SANDYS *HCS* II 287.
[246] N.-C. F. de Peiresc (1580–1637): PFEIFFER *HCS* II 133; SANDYS *HCS* II 185.
[247] J. Sirmond (1559–1651): SANDYS *HCS* II 283.
[248] F. Guyet (1575–1655): SANDYS *HCS* II 283.
[249] C. du Fresne du Cange (1626–1688): PFEIFFER *HCS* II 133; SANDYS *HCS* II 289. Trata-se do *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis* (1883–7) e do *Glossarium mediæ et infimæ græcitatis* (1688).

que provavelmente não passará, por muito tempo, de um desejo de um devoto. A seu lado põe-se, concomitantemente, Port Royal e L.-S. Le Nain de Tillemont, o autor das *Mémoires écclesiastiques* e da *Histoire des empereurs*,[250] que com claríssima diligência e insuperável erudição produziu a história do Império e da Igreja por seis séculos a fio a partir das fontes escritas, embora também de acordo com essas fontes. Assim estão traçados os limites de suas críticas, e não se poderia esperar nada senão que a Igreja lhe fosse uma autoridade — trata-se, ainda assim, de um feito gigantesco, comparável ao de du Cange e igualmente canônico por muito tempo, fundamental para sempre. O leitor de Gibbon[251] não deve esquecer que a arte desse mestre da composição histórica, com o espírito de Voltaire, em longos trechos apenas traçou e reestilizou a pintura mosaica de Tillemont. Depois disso, a Ordem Beneditina entrou em cena e alcançou feitos tão grandiosos quanto no período carolíngio. Ainda hoje a ciência haure do que os mauristas[252] fizeram pelos grandes mestres da Igreja, cujas obras imprimiram em numerosos e belos fólios, não apenas consultando a melhor tradição, mas também eliminando criticamente tudo quanto fosse inautêntico. Algum material ainda precisa ser retrabalhado, e muitas das lacunas deixadas pelos mauristas ainda estão por preencher até hoje. E então emerge em Mabillon[253] o fundador da Diplomática e, ao mesmo tempo, o primeiro a tratar cientificamente a Paleografia.

---

[250] L.-S. Le Nain de Tillemont (1637–1698): Pfeiffer *HCS* II 133.

[251] E. Gibbon (1737–1794).

[252] Os mauristas constavam, nas palavras de Pfeiffer *AS* 180, de "*a silent army of learned workers, anonymous for the most part, who completed in monumental fashion the last legacy of Erasmus, the task of editing all the Latin and Greek fathers of the Church*". ["um exército silencioso de trabalhadores eruditos, anônimos em sua maioria, que concluiu de forma monumental o último legado de Erasmo, a tarefa de editar todos os padres latinos e gregos da Igreja"]. Ver também ³*SS* 83, 109, 169, 189, 193, 284.

[253] J. Mabillon (1632–1707): Pfeiffer *HCS* II 131; Sandys *HCS* II 239; ³*SS* 189s.; Traube *VA* I 13ss.

Ele o fez numa disputa com o jesuíta Papebroch,[254] vindo as dissidências entre as ordens decerto a desempenhar um papel; mas ambos os ilustres estudiosos conduziram sua disputa num senso tão elevado de puro amor à verdade que ela permanecerá sempre um exemplo brilhante, um agradável contraste com as feias contendas dos humanistas no século XV e de muitos holandeses nos séculos XVII e XVIII. A Mabillon sucede seu grande amigo Bernard de Montfaucon,[255] o qual, tendo pesquisado extensamente manuscritos italianos — afora os tesouros da Biblioteca de Paris, que estava enriquecida pelas coleções do Duque de Coislin e do presidente da recém-fundada Academia de Paris, P. Séguier[256] —, de fato fundou essa disciplina com sua *Paleographia Graeca* e deu uma visão geral de tudo quanto ainda estava ao alcance em sua *Bibliotheca Bibliothecarum* — obras que dominam a posteridade, mesmo que raramente sejam procuradas. Do mesmo modo deve-se avaliar o que tentou fazer nos muitos volumes de sua *Antiquité expliquée et representée par les monuments*: tornar compreensível a tradição dos monumentos; sobre ela, nada digno de menção fora feito deste lado dos Alpes — afora as obras sobre as moedas, especialmente por Vaillant. Esse lado da ciência, porém, só poderá ser tratado quando nos voltarmos novamente à Itália.

Sua Majestade Cristianíssima também mantinha relações com a Sublime Porta, e assim seus enviados e viajantes individuais (aliás, também alguns ingleses) chegaram ao Oriente. Em Atenas, havia ao lado do monumento de Lisícrates (a "Lanterna de Diógenes", como o chamavam) um mosteiro de capuchinhos franceses. A essas conexões devemos alguns relatos e, sobretudo, os desenhos das esculturas do Partenon — um delicioso presente do destino; afinal, imediatamente depois, a vã campanha militar de Morosini

[254] D. Papebroch (1628–1714): *ODCC* s.v. *Papebroch (or van Papenbroeck), Daniel*; Traube *VA* I 18; ³*SS* 189ss.
[255] B. de Montfaucon (1632–1707): ³*SS* 190; Traube *VA* I 31ss.
[256] P. Séguier (1588–1672): Sandys *HCS* II 287.

viria trazer sua destruição, a qual a Europa aceitou, ainda sem nenhuma noção da perda insubstituível. Felizmente, dois exploradores haviam estado em Atenas anteriormente: o inglês Wheler[257] e o excelente francês J. Spon.[258] Este estendera suas viagens para longe, de olhos abertos para tudo quanto fosse monumento e diligente ao copiar as inscrições, de sorte que se pode chamá-lo o primeiro viajante verdadeiramente científico. Ele também se esforçava para apresentar suas descobertas ao mundo, que, no entanto, ainda não estava pronto para elas. Assim, ele morreu pobre, em Genebra. É provável que os arqueólogos o tenham esquecido, indevidamente. Ele havia, afinal, inclusive tentado conceitualizar essa disciplina especial — *Arqueografia*, como a chamava — e dividi-la em subáreas de acordo com o objeto. Uma geração mais tarde (1729–31), M. Fourmont[259] visitou a Grécia, comissionado por seu governo, e preservou para nós, sozinho, um grande número de inscrições. Aprendemos cada vez mais a entender suas cópias e a apreciar seu zelo. Que ele também se permitiu caprichosas falsificações está claro desde a prova de Boeckh[260] — embora não se entenda de modo algum com que intenção —, e que ele se vanglorie em suas cartas de ter destruído monumentos, o que fez apenas no papel, é um enigma psicológico.

É uma prova da riqueza da vida intelectual que na França, que cada vez mais fez do catolicismo sua única religião dominante, mesmo que em direções diferentes, Gassendi[261] tenha sido capaz de produzir sistematicamente a doutrina de Epicuro, e que se lhe tenha permitido fazê-lo. É claro que isso dificilmente teria sido tolerado quando o protestantismo foi violentamente perseguido nos últimos dias de Luís XIV, e o ceticismo de P. Bayle teve

[257] Sir G. Wheler (1650–1723): SANDYS *HCS* II 299.
[258] J. Spon (1647–1685): SANDYS *HCS* II 299.
[259] M. Fourmont (1690–1746): SANDYS *HCS* II 390.
[260] Boeckh: ver abaixo.
[261] P. Gassendi (1592–1655): médico e filósofo francês, tendo escrito um comentário em três tomos a Epicuro.

de buscar um refúgio livre na Holanda. Seu *Dictionnaire historique et critique*[262] é, por sua fabulosa erudição, um tesouro não apenas para a história dos estudiosos, mas também fornece uma introdução conveniente às opiniões que prevaleciam naquela época sobre as pessoas da Antiguidade — na medida em que a arbitrariedade dele as registrou —, e o tratamento espirituoso torna a leitura um prazer, apesar de todo o lastro erudito. Na corte do próprio Luís XIV, o judeu batizado Jean Astruc[263] vivia como médico pessoal e iniciou, com a diferenciação dos nomes de Deus no Gênesis, a análise da Torá. Sucederam críticas frutíferas à Bíblia por R. Simon,[264] Spinoza,[265] Le Clerc,[266] entre outros. A observação estava ora feita, e sua consequência era inevitável enquanto a Ortodoxia resistia; os protestantes o fizeram até de Wette.[267] A Filologia, porém, também aguardou até que ela própria fosse levada a problemas semelhantes, recusando-se a aprender com sua disciplina irmã.

Quem quer que faça um levantamento de tudo isso elogiará a França como o país que tem sido a sede de nossa ciência através desses séculos — poder-se-ia quase dizer desde Ausônio e Sulpício

[262] O *Dictionnaire historique et critique* de P. Bayle (1647–1706), publicado originalmente em 1697 em Roterdã, está hoje inteiramente disponível *online* na página do Projeto *ARTFL* (*Project for American and French Research on the Treasury of the French Language*), sediado pela Universidade de Chicago.

[263] J. Astruc (1684–1766) era médico de Luís XV, não de Luís XIV. Suas *Conjectures sur les mémoires originaux dont il paraît que Moise s'est servi pour composer le live de Genèse* vieram à tona em 1753. Ver *ODCC* s.v. *Astruc, Jean*.

[264] R. Simon (1638–1712): *Histoire critique du Vieux Testament* (1678), *Histoire du texte du Nouveau Testament* (1689).

[265] B. Spinoza (1632–1677): *Tractatus theologico-politicus* (1670), sobretudo os caps. 1–15, que contêm uma história do Pentateuco, talvez a história de um texto mais antiga de que se tem notícia (Pfeiffer *HCS* II 128s. n. 6).

[266] J. Le Clerc (1657–1736): é mais importante como teólogo que como filólogo, tendo produzido um comentário sobre o Pentateuco (1699), uma tradução anotada do *Novo Testamento* (1703) e comentários tanto sobre os livros históricos do *Antigo Testamento* (1708) como sobre os Salmos, os escritos de Salomão e os profetas (1731). Ver *ODCC*, *TRE* s.v. *Le Clerc, Jean*.

[267] W. M. L. de Wette (1780–1849): teólogo alemão famoso por sua abordagem crítica à história do texto bíblico. Ver *ODCC*, *TRE* s.v. *de Wette, Wilhelm Martin Leberecht*.

Severo e, posteriormente, quando Lupo de Ferrières exercia sua crítica textual, quando a Sorbonne era o reduto da filosofia medieval — desde que a Renascença francesa elevou o humanismo, que veio para cá da Itália, ao estatuto de ciência. E, no entanto, é inconfundível que precisamente o apogeu do período clássico francês teria causado o ocaso desses estudos, como uma vez ameaçou fazer sob o reinado gótico, se outras nações não tivessem pegado a tocha e reacendido a luz moribunda. Os poetas gregos e os verdadeiros clássicos não encontram mais nenhum cuidado científico. A longa série das edições *in usum Delphini* tem apenas valor tipográfico.[268] E se se podem mencionar as modestíssimas realizações de Tanneguy Le Fèvre, sua filha Anna e seu marido A. Dacier;[269] se Hardouin[270] tem, é verdade, alguns méritos no tocante à *História Natural* de Plínio, embora seja, no mais, conhecido pela loucura de ter declarado quase toda a literatura latina como sendo uma falsificação medieval tardia; se, enfim, Ménage, ainda que compile material útil para Diógenes Laércio, serve como o modelo para o *Vadius* de Molière[271] — isso diz o suficiente. É claro que ainda apresentaremos um estudioso francês de importância, Saumaise — mas apenas posteriormente, porque ele exerceu sua atividade principal fora de sua pátria. É a própria poesia que pode se lisonjear por ter superado os modelos da Antiguidade, assim como a língua francesa começa a demover o latim das obras de erudição. Surge inevitavelmente a questão quanto a se os modernos já não merecem ser preferidos aos antigos, e por mais apaixonadamente

[268] *Ad* (não "*in*") *usum Delphini*, ingl. também chamada *Delphin Classics*, foi uma série de edições anotadas dos clássicos latinos concebida em 1670 por P.-D. Huet (1630–1721) com o objetivo primário de educar o Grande Delfim (Luís de Bourbon, 1661–1711), donde o nome da série. Ver *OCB* s.v. *Delphin Classics*; SANDYS *HCS* II 292.

[269] Tanneguy Le Fèvre, lat. *Faber* (1615–72); Anna (1654–1720) e André (1651–1722) Dacier: PFEIFFER *HCS* II 134s.; SANDYS *HCS* II 29s.

[270] J. Hardouin (1646–1729): *ODCC*, *TER* s.v. *Hardouin, Jean*; SANDYS *HCS* II 298.

[271] Wilamowitz alude à peça *Les femmes savantes*, de Molière, cuja personagem *Vadius* — caricato erudito — é inspirada em Gilles Ménage, lat. *Menagius* (1613–1692).

que essa *Querelle*, levantada por Perrault,[272] tenha sido discutida por ambos os lados, na prática a vitória na França permaneceu com os modernos. Durante toda a vida de Voltaire, os franceses permanecem inanes em todas as partes da ciência, e os pensamentos determinantes para ela não vieram dali desde então. Ao menos o efeito das *Considérations* de Montesquieu[273] é apenas indireto, e o tratamento da história tal como praticado pelo Abade de Mably,[274] por exemplo, não significa nada cientificamente. Por ocasião da *Querela*, a crítica dirigiu-se também contra Homero e, ao fazê-lo, deparou-se com os antigos testemunhos que abrem espaço para dúvidas quanto à unidade de nossa *Ilíada*, a qual tão estranhamente está no início da história grega. Nesse contexto, o Marquês d'Aubignac[275] expressara — em escritos altamente confusos e, à época, ineficazes — pensamentos que mais tarde se tornariam frutíferos. É possível que F. A. Wolf realmente lhe deva mais do que admite.[276] É o mérito de G. Finsler ter exumado d'Aubignac,[277] pois os franceses o haviam esquecido, e tomara que se envergonhem, mesmo em casa, aqueles que ora trombeteiam sua fama por toda parte, quando eles próprios não entenderam — nem de longe — os problemas homéricos.

[272] À polêmica intelectual conhecida como a *Querelle des anciens et des modernes* deu início Charles Perrault (1628–1703) com seu *Parallèle des anciens et des modernes* (1688–1698), em que advoga pela superioridade dos modernos. Ver PFEIFFER *HCS* II 134; SANDYS *HCS* II 403.

[273] Montesquieu (1689–1755) publicou suas *Considérations sur les causes de la grandeur et la décadence des romains* em 1734.

[274] G. Bonnot, abade de Mably (1709–85). Wilamowitz alude aqui a suas *Observations sur les Grecs* (1749) e *Observations sur l'histoire de la Grèce*, ou *Des causes de la Prospérité et des malheurs des Grecs* (1766).

[275] F. Hédelin, abade d'Aubignac (1604–76), aqui erroneamente chamado "marquês" por Wilamowitz.

[276] Wolf: ver abaixo. Wilamowitz parece aludir à aguda crítica à obra *Un mensonge de la science allemande: les "Prolégomènes à Homère"* de Frédéric-Auguste Wolf, por BÉRARD (1917).

[277] G. Finsler (1852–1916) publicou seu Homero em 1908.

Se ora retornarmos para a Holanda, para observar os sucessores de Escalígero e de Lips, a Alemanha poderá ser incluída. Faltava-lhe um centro da cultura, que tampouco mostra alguma unidade — nem mesmo uma tentativa de unidade. Nenhuma corte principal, nenhuma cidade cultiva ciência e artes — nem mesmo antes da perniciosa guerra, que destruiu praticamente tudo. Quanto às universidades, Wittenberg perdeu sua importância sob a pressão de um luteranismo de visão estreita. No entanto, muitos estrangeiros de renome continuavam a lecionar lá, e com honras pode-se mencionar Erasmus Schmid,[278] cuja crítica textual em Píndaro é tão significativa que ele pode ser comparado a Turnèbe, e, por mais estranha que nos pareça sua exegese, a tentativa de entender os poemas como obras de arte retóricas estabelece uma tarefa em que ninguém mais pensou por muito tempo. Em Augsburgo, os ricos comerciantes forneceram fundos para a compra de manuscritos, e ainda foi possível formar a importante coleção que ora se encontra em Munique (*Augustani*). Ela foi bem utilizada por David Höschel,[279] o primeiro a publicar obras tão importantes como a *Biblioteca* de Fócio, *Contra Celso* de Orígenes, um volume dos *Excertos Constantinianos*, reconhecido por Escalígero e Casaubon. Também em Heidelberg foi a biblioteca que atraiu os estudiosos e os estimulou a proveitoso trabalho. Já Xylander tinha estado à frente da Biblioteca de Heidelberg, e mais tarde Jan Gruter[280] encontrou aqui uma atividade feliz, concedida a esse diligente e honesto estudioso. A vida o atirara muito ao redor. Tendo deixado — já quando criança, por causa de sua fé — seu lar, a Antuérpia, mudado com seus pais para a Inglaterra, sido educado em Cambridge e se tornado então devoto pupilo de Escalígero, ele tentou firmar-se em várias universidades no norte da Alemanha e, quando se estabeleceu em Heidelberg, teve que viver o sequestro não só da Biblioteca

[278] E. Schmid (1570–1637) publicou seu Píndaro em 1616.
[279] D. Höschel (1556–1617): Sandys *HCS* II 272.
[280] J. Gruter (1560–1627): Pfeiffer *HCS* II 138; Sandys *HCS* II 359.

Palatina, mas também de seus próprios livros pelas forças imperiais, vindo a morrer logo em seguida em reclusão rural. Ele imprimiu uma grande massa de autores latinos, e também inaugurou as coleções de obras filológicas mais antigas com suas *Lampas*, que agora estão se tornando moda. Seu nome está quase exclusivamente associado à coleção de inscrições que ele completou sob a direção de Escalígero. Caso contrário, no que diz respeito ao tempo antes da Grande Guerra, é provável que apenas Valtin Havekenthal,[281] que morreu em tenra idade, mereça menção por causa de suas belas melhorias em Plauto, e no máximo M. Kraus,[282] de Tübingen, por causa de sua *Turcograecia*, já que ele se esforçou para buscar contato com a terra e o povo gregos e para descrever as condições do presente. Significa pouco se, no século XVII, Thomas Reines,[283] que morreu em Leipzig, goza de uma reputação pessoal dada sua correspondência com todo o mundo e chega até a ser recompensado por Luís XIV por sua edição da recém encontrada *Cena Trimalchionis*. Pois apesar de ter grandes planos, ele realizou apenas trivialidades. Nesse tempo dos aventureiros exploradores de terras, encaixa-se bem Caspar von Barth,[284] de Küstrin, que havia visitado a Itália, Espanha e Inglaterra, viveu em Leipzig como isolado estudioso e imprimiu apenas uma parte inapreciável de uma massa disforme de suas *Adversaria*. Não se pode lê-lo sem ser infectado pela confusão de seu pensamento e escrita, e isso é exatamente o que o autor quer, pois ele escava as coisas mais remotas para dar a impressão de que tem tesouros raros à disposição. Ele revê minuciosamente manuscritos, incluindo muitos que ainda não foram recuperados; e ele engana não apenas por negligência, mas de propósito. Os versos de Vestrício Espurina, que ele

[281] V. Havekenthal, lat. *Acidalius* (1567–1595): SANDYS *HCS* II 273.
[282] M. Kraus, lat. *Crusinus* (1526–1607): SANDYS *HCS* II 359. Sua *Turcograecia* (1584) consistia de uma sorte de arquivo que buscava descrever a situação da vida na Grécia sob o domínio turco.
[283] T. Reines, lat. *Reinesius* (1587–1667): SANDYS *HCS* II 364.
[284] C. von Barth (1587–1658): SANDYS *HCS* II 363.

põe à mesa, são falsificados. Dever-se-ia ser feito um exame de seu legado impresso e manuscrito, mas não será fácil que alguém decida fazê-lo.

Os melhores estudiosos alemães haviam se voltado para a Holanda já antes desse período, e mesmo quem fica em casa gravita para lá. Podemos, pois, retomar nossa abordagem da Holanda, a começar pela sucessão de Escalígero. Seu último pupilo favorito, Daniel Heins,[285] que lhe dedicou entusiastas obituários, era para o distintíssimo cargo ainda demasiado jovem e insuficientemente preparado. Ele recebeu altas honras como educador e a serviço dos Estados Gerais, compôs admirados versos latinos e até mesmo uma tragédia, mas o que trouxe à tona filologicamente não está acima da média. Muitíssimo jovem era também Hugo Grócio[286] quando, em 1600, aos 17 anos de idade, apresentou a seu mestre — para a satisfação deste — seu *Syntagma Arateum*. A obra unia — o único arranjo praticável — o Arato com suas traduções, e o jovem demonstrou seu incomparável talento para a forma ao complementar a tradução dos fragmentos de Cícero. Mais tarde, em involuntário ócio, ele traduziu os fragmentos da poesia no *Florilegium* de Estobeu e na *Antologia de Planudes* tão habilmente que os filólogos costumavam, por muito tempo, imprimir seus versos ao lado junto com os originais. O que era preciso para conceder a Escalígero uma sucessão a sua altura — isso apenas ele tinha; mas a vida o atraiu para seus redemoinhos, e ele teve que provar a prisão e o banimento — encontrou, é verdade, reconhecimento suficiente, mas também ataques, e foi, por sua força intelectual, um poder em si. Triste foi o fim que conheceu em Rostock, naufragado em sua viagem de regresso da Suécia, ainda maculado por calúnias em seu túmulo. As obras que ainda hoje mantêm viva sua fama ocupam-se de outras áreas; contudo, que não falte menção ao fato de que ele também fez uso de sua filologia para comentar a Bíblia. *Aliter*

[285] D. Heins, lat. *Hensius* (1580–1655): SANDYS *HCS* II 313.
[286] Grócio, lat. *Grotius* (1583–1645): PFEIFFER *HCS* II 126; SANDYS *HCS* II 315.

pueri Terentium legunt, aliter Grotius ["os meninos leem Terêncio de um modo, Grócio de outro"] — um juízo que o apresenta como o conhecedor consumado — cravou-se à mente de Goethe.[287]

Gerhard Voss[288] teria de bom grado tomado o lugar de Escalígero e ficou ressentido por ter sido passado para trás. Em troca, ele recebeu um cargo importante em Amsterdã e o ocupou com dignidade. Seu livro *De historicis Graecis et Latinis*, uma das muito raras obras literário-históricas, manteve-se como autoridade até meados do século XIX. Em seu *Aristarchus de arte grammatica*, ele apresentou uma obra sistemática, algo como uma enciclopédia da Filologia, e talvez até se pudessem demonstrar as relações que tem, olhando para o futuro, com a conhecida palestra de Boeckh e, para o passado, com as sete artes liberais e da ἐγκύκλιος παιδεία ["educação completa"] com a Gramática antiga, mas também com a retórica. Algo especial é o fato de ter tratado a antiga *theologia gentilis*, como dizia, uma vez que se costumava ignorá-la. Aqui não há, ainda por muito tempo, nenhum vestígio de compreensão. Na medida em que não se concebia a mitologia como um jogo poético e as personagens divinas como metonímias e alegorias — como usadas nos poemas latinos —, ou não se percorriam os caminhos dos estoicos, mostrados por Cícero em *De natura deorum*, estava-se sob efeito do feitiço dos Pais da Igreja e dos neoplatonistas. Nesse contexto, os deuses eram demônios, diabos; a religião, um desvio do monoteísmo revelado. Qual seja: os deuses ainda podiam realizar milagres e permaneciam realidades. Causou grande ofensa quando o doutor Van Dale fez oposição a isso em *De oraculis ethnicis*, 1683. Seu racionalismo, no entanto, não conhecia explicação melhor que falácia sacerdotal, a qual mais tarde calhou muito bem aos racionalistas. De modo geral, a concepção de Voss sobre a ciência está muito acima da tacanha prática de produzir textos e de distribuir *adversaria*, mas prepara a polimatia da próxima geração.

[287] Para as citações de Goethe desse dito, ver GRUMACH (1949: 79, 207, 330, 333).
[288] G. Voss, lat. *Vossius* (1577–1649): SANDYS *HCS* II 359; ³*SS* 182–4.

Convocado foi, após longa vacância na cátedra de Escalígero, novamente um francês: Claude de Saumaise.[289] Sua erudição e a amplitude de seus interesses fizeram com que a escolha parecesse justificada, mas ele não era capaz de concentrar suas forças num trabalho maior. Uma ausência de forma, algo bem pouco francês, prejudica seu impacto, e uma tendência à polêmica o afastou do assunto. Quando jovem, ofereceu-se-lhe uma esplêndida tarefa: em Heidelberg, onde estudou com Gruter, ele copiou a *Antologia* de Céfalas, a que chamamos *Antologia Palatina*. Saumaise foi o culpado de ela ter sido chamada *Inedita* até F. Jakobs. Afinal, apesar de toda a insistência de Escalígero e Casaubon, que reconheceram seu talento, ele — ainda que provavelmente tenha dado a conhecer, ocasionalmente, outras partes — só editou de fato os *carmina figurata*,[290] cuja estranheza o atraía. Movido pelo mesmo interesse, ele acrescentou um amplo comentário aos poemas de Marcelo de Side,[291] preservados em inscrições, do *Triópion* romano de Herodes Ático. O terrivelmente corrompido *Liber memorialis* de Ampélio, que ele trouxe à luz a partir de um manuscrito perdido, o qual continha também a obra de Floro, era assim o objeto ideal para seu fazer filológico, provavelmente exercido com a maior felicidade nas *Exercitationes Plinianae*. Não é a crítica textual, e sim a explicação factual o que o atrai — e aqui também estava posta, no relacionamento de Plínio com Solino, uma tarefa de análise literária. Ele se dedicara, na juventude, a estudos jurídicos e, portanto, escreveu sobre questões jurídicas e econômicas. Isso o envolveu numa disputa com o advogado D. Hérauld[292] — um adversário superior, que

[289] C. de Saumaise, lat. *Salmasius* (1588–1653): Pfeiffer *HCS* II 122; Sandys *HCS* II 185.
[290] Gr. τεχνοπαίγνια. Trata-se de poemas semelhantes aos que conhecemos como "concretos", como os de Décio Pignatari.
[291] Também Wilamowitz publicou sobre Marcelo de Side em Wilamowitz *KS* II 192–227.
[292] D. Hérauld, lat. *Heraldus* (1579–1649): Sandys *HCS* II 287.

triunfou sobre ele impiedosamente. É significativo que Boeckh[293] ainda tenha que lidar detalhadamente com essas disputas em sua *Economia Pública*. Amargamente maldosa foi também uma troca com Pétau sobre a questão da vestimenta. Uma outra se deu com Daniel Heins sobre o que então era chamado de "helenismo" — basicamente o grego da Bíblia, que, comparado ao ático correto, certamente pareceu um amontoado de barbarismos e solecismos, o que se tinha como incompatível com a dignidade da Palavra de Deus. Portanto, inventou-se um dialeto que foi chamado de "helenismo". Saumaise tinha toda a razão em rejeitar a existência desse dialeto. No mais, ambas as partes mostram que o desenvolvimento real da linguagem não era nem podia ser compreendido naquela época. Isso deve ser suficiente. De fama Saumaise gozou o bastante, e quando a rainha Cristina da Suécia quis levá-lo à sua corte, ela lhe pediu diplomaticamente que deixasse os Estados Gerais por um tempo. O clima do norte, no entanto, não lhe caía bem; ele morreu logo após retornar a casa.

A rainha Cristina da Suécia, igual a seu grande pai em energia, realmente fez com que os mais distintos estudiosos se mudassem para sua corte, no norte. Eles provavelmente também foram escolhidos — tendo em conta as inclinações da rainha — como representantes diplomáticos. Descartes, Grócio e Saumaise já eram famosos quando foram para lá, mas logo partiram. Laços mais estreitos formaram os filhos de dois pais famosos, Isaac Voss[294] e Nicolau Heins,[295] cuja ligação perdurou até mesmo depois que Cristina foi para Roma, onde manteve sua corte católica. Dentre os intelectos de baixa patente, que se mencione ao menos Meibom[296] — não tanto por causa de seu Diógenes Laércio, mas por causa dos *Scriptores musici*, que mantiveram sua importância até os dias de

[293] Boeckh: ver abaixo.
[294] I. Voss, lat. *Vossius* (1618–1689): SANDYS *HCS* II 322; ³*SS* 183s., 283.
[295] N. Heins, lat. *Nicholas Heinsius* (1620–1681): SANDYS *HCS* II 323; ³*SS* 183s., 284.
[296] M. Meibom (1630–1710): SANDYS *HCS* II 327.

hoje. Na própria Suécia, o impacto dessa colônia de estudiosos ainda não pôde se tornar forte. Ainda assim, Norrmann[297] não apenas editou algum material bizantino a partir de manuscritos que haviam chegado a Upsala como espólios, mas também provou ser um crítico da *Retórica* de Aristides.

Isaac Voss era comissionado por Cristina para comprar-lhe manuscritos, dos quais se originam os *Codices Reginae* no Vaticano. Ele, no entanto, também sabia cuidar de si mesmo, daí os *Vossiani* em Leiden. Instável na vida e no pensamento, ele morreu um espírito livre e, concomitantemente, canônico em Windsor. De suas muitas ideias sobrou pouco, e suas edições quase ninguém mais leva às mãos. Ímpeto absolutamente diverso era o de Nicolau Heins, cujos meios lhe garantiram um posicionamento independente. Ele já havia feito muitas viagens e cotejado muitos manuscritos — tendo vindo a adquirir alguns — antes de começar a servir Cristina por alguns anos. Mais tarde, atuou como representante diplomático de seu Estado na Suécia e esteve envolvido na vida pública, até decidir dedicar-se ao ócio acadêmico. Seu campo de trabalho era pura e exclusivamente a poesia latina, desde Catulo até Prudêncio. Além de numerosas edições, ele ainda deixou ainda muito material que conferiu valor às futuras impressões. Dificilmente outra pessoa sentiu de modo tão congenial o que os poetas, especialmente Ovídio, queriam dizer e como se exprimiam. Eles dificilmente rejeitariam como indignas deles as palavras que os fez dizer, talvez às vezes reconhecendo que as tinha melhorado; afinal, por mais diligentemente que tenha consultado os manuscritos e por mais corretamente que seu sentimento pelo genuíno o tenha guiado, a crítica verdadeiramente diplomática lhe era desconhecida. Ele emendou *et codicum et ingenii ope* [com base tanto nos manuscritos quanto em conjecturas], como era costume, e assim deu um exemplo ao qual aderiram muitos que não possuíam nem o senso

[297] L. Norrmann (1651–1703): SANDYS *HCS* III 344.

de estilo nem o *ingenium*. A aversão a suas conjecturas inanes não pode, no entanto, perturbar nossa admiração pela genialidade de Heins.

Ao seu lado está Johann F. Gronow[298] no que diz respeito à prosa latina, e em matéria de cientificidade ele é provavelmente superior a Heins. Ele era natural de Hamburgo, e seu retrato mostra feições genuinamente baixo-alemãs. De viagens à Itália, à França e à Inglaterra ele trouxe de volta colações, dentre as quais a de Etrusco, que devolveu às tragédias de Sêneca seu texto genuíno. Depois disso, ele foi tido, por muitos anos, na mais alta estima como professor, por último em Leiden, e fez consideráveis progressos no estudo da prosa latina desde Lívio, para quem seus méritos são maiores — não apenas por meio de edições, mas também em suas *Observationes*. Pode-se talvez dizer que Madvig[299] é o primeiro a superá-lo. O livro tem, é verdade, a forma habitual das miscelâneas, mas o método e o único objetivo de introduzir a essa língua garantem um todo coeso. Há 50 anos, o estudante alemão ainda era encorajado a tomar Gronow em suas próprias mãos. Ao fazê-lo, ele de forma alguma deixou de atentar aos assuntos, e também escreveu com sucesso *de pecunia Romanorum*. A filologia holandesa, na medida em que trata de textos, se apoia sobre esses homens até o final do século e, no que diz respeito ao latim, também pelo seguinte. Ruhnken[300] é quem primeiro traz uma mudança. Imprimem-se muitas edições — e quem agora trata de escritores individuais deve consultá-los —, mas, no geral, elas estão mortas. Afinal, os estudos de manuscritos são insignificantes e as ideias críticas, amiúde, sem fundamento — afora acertos ocasionais, há inanidade em demasia. Há, é claro, pessoas melhores nisso

[298] J. F. Gronow, lat. *Gronovius* (1611–1671): SANDYS *HCS* II 319.
[299] Madvig: ver abaixo.
[300] Ruhnken: ver abaixo.

que os mal-afamados Burman:[301] Lindenbrog[302] — mais um natural de Hamburgo e, ainda, pupilo de Escalígero — para Estácio, Oudendorp[303] para Lucano e Apuleio, Drakenborch[304] para Lívio, também espirituosos como o retardatário J. Schrader († 1783),[305] mas isso não muda o fato de que todo esse empreendimento significa um declínio, ainda que os elogios mútuos e as contendas equilibrem uns aos outros. A história da ciência não perde nada se atentar aqui tão pouco às figuras individuais quanto aos humanistas italianos, que, além do mais, são muito mais interessantes como pessoas. O grego fica totalmente em segundo plano. No Heródoto de Gronow[306] apenas as informações dos manuscritos florentinos são valiosas; o poema astrológico do chamado Manetão foi uma primeira impressão, nada mais. O Suidas do alemão Küster[307] só tornou acessível a importante obra. O Calímaco de Grévio (1697)[308] não é sem mérito, mas tem seu principal valor na coleção de fragmentos contribuída por Bentley, afora o comentário de Ezequiel Spanheim,[309] que também aqui deixou sua propensão para as moedas tomar as rédeas. Spanheim vinha de Genebra, entrou cedo no serviço da corte e morreu na Inglaterra como o primeiro emissá-

[301] P. Burman, o Jovem (1668–1741), e seu sobrinho homônimo P. Burman, o Velho (1714–1778), ocuparam-se sobretudo de autores latinos e são em parte malvistos por filólogos modernos (por exemplo, Müller 1869: 54–9) pelo fato de terem produzido edições embotadas com inúmeras variantes; segundo Papy (*DNP* s.v.), no entanto, suas edições, ainda que não sejam pioneiras, "*sind seine Ausgaben immer noch wertvolle Beiträge zur Textkritik, insbes. seine Editionen der lat. Dichtung und diejenigen, die auf den Anmerkungen von Heinsius basieren*" ["ainda são contribuições valiosas para a crítica textual, especialmente suas edições de poesia latina e aquelas baseadas nas anotações de Heins"]. Ver, ademais, Sandys *HCS* II 443–5; 455.

[302] F. Lindenbrog (1573–1648): Sandys *HCS* II 319.

[303] F. von Oudendorp (1696–1751): Sandys *HCS* II 454.

[304] Arn. Drakenborch (1684–1748): Sandys *HCS* II 447.

[305] J. Schrader (1722–1716): Sandys *HCS* II 455.

[306] J. Gronow, lat. *Gronovius* (1611–1671): filho de Johann Friedrich G. (ver acima); Sandys *HCS* II 319.

[307] L. Küster (1670–1716): Sandys *HCS* II 447.

[308] J. J. Grévio, lat. *Graevius* (1684–1748): Sandys *HCS* II 447.

[309] E. Spanheim (1629–1710): Sandys *HCS* II 327.

rio do rei prussiano Frederico I. Apenas como numismata é que ele pode ter mérito; seu Juliano é insignificante. Grévio, também alemão, transplantado cedo para a Holanda e professor universitário em Leiden, publicou extensamente, especialmente *cum notis uariorum*, um costume que está agora emergindo. À renovação de trabalhos mais antigos também se presta um *Thesaurus antiquitatum Romanarum*, no estilo das *Lampas* de Gruter.

Muitas compilações tais, em muitos volumes, são ora organizadas. Esse tratamento das "antiguidades", como se dizia seguindo Varrão, foi meritório por ter coletado, a custa de muito suor, as evidências literárias de inúmeros fenômenos individuais da vida antiga — uns grandes, outros absolutamente triviais — e tê-las ordenado da melhor forma possível. Nesse sentido, o suor dos compiladores e de seus livros esquecidos continua a surtir efeito. Porém, como lhes faltava em absoluto a tradição dos monumentos, eram absolutamente ignorantes quanto à crítica das fontes e continham uma crítica histórica muito fraca, não se podia alcançar muito mais, ainda que a maioria dos estudiosos nessa direção tivesse sido cientificamente superior. Um representante típico é J. van Meurs,[310] que editou, sem incentivo algum, a obra de Aristóxeno e outros escritos sobre música a partir de um manuscrito que devia a Escalígero. Também de Calcídio ele fez uma edição ruim, mas depois se lançou sobre as antiguidades gregas, especialmente áticas. A coleção de citações é muito grande e todos os escritos foram muito utilizados, mas dificilmente se encontrará um pensamento em qualquer lugar. Em geral, teve as piores consequências o fato de que ao lado das edições dos escritores — as quais não costumavam lidar com o conteúdo — se puseram as compilações de antiguidades, criando assim um contraste entre filologia do verbo e filologia das coisas. A primeira parecia mais nobre, porque a conjectura deve nascer da mente; para compilar, a

[310] J. van Meurs, lat. *Meursius* (1579–1639): SANDYS *HCS* II 447.

habilidade de ficar sentado parecia suficiente. Todo o conceito das antiguidades com sua polimatia tem prejudicado, até os tempos recentes, o registro vivo da vida antiga — e onde ainda persiste, como na maioria das chamadas "antiguidades privadas", reina o velho caos e, assim, uma séria lacuna em muitos filólogos quanto ao conhecimento vívido da vida antiga, o qual deve ser transmitido principalmente por meio da tradição de monumentos. Onde a capacidade se tornou cada vez mais fraca, o conhecimento tornou-se cada vez mais importante, a *polyhistoria* era o ideal a ser buscado. Já Saumaise o revela em contraste com Escalígero, mas que "polimatia não gera compreensão" já disse Heráclito.[311] Somente o fâmulo Wagner diz: "Sei muito, mas quisera saber tudo."[312] Em seu *Polyhistor*, Daniel Morhof († 1691)[313] expôs o ideal dessa época; foi precisamente então que a filologia estava em seu mais baixo refluxo na Alemanha. Claro que essa é também a época de Leibniz, o primeiro alemão desde Lutero de envergadura europeia, e Leibniz inclusive pode ser chamado de *polyhistor*, mas com isso está dito que o prestígio da Antiguidade e especialmente da Filologia tinha se afundado nos cem anos desde Escalígero. A Filosofia, a Matemática e as Ciências Naturais, com a ajuda da ciência grega, haviam avançado muito para além dela. A vida moderna se tornara consciente de sua independência, e todas as artes se sentiam em desacordo com a Antiguidade como era então conhecida. Sua validade autoritária se perdera. A Filologia deveria ter mudado depois disso; mas ela só seguiu ao máximo os antigos trilhos. Uma caixa de citações, eis o livro dos antiquários; uma caixa de conjecturas, o livro dos filólogos. Discursos pomposos e versos latinos, essas são as flores orvalhadas dessa Filologia, afora as cartas eru-

[311] DK 22B B40: πολυμαθίη νόον ⟨ἔχειν⟩ οὐ διδάσκει κτλ. ["Polimatia não ensina (a ter) compreensão etc".]
[312] *Fausto* I, v. 601, citado conforme a tradução de Jenny Klabin Segall (ver bibliografia).
[313] D. Morhof (1639–90): SANDYS *HCS* II 365. Seu *Polyhistor* veio à tona em 1688.

ditas e as ervas daninhas luxuriantes de venenosa polêmica. Isso é um epigonismo. A vitalidade afunda; nova seiva deve fluir, devem levantar-se homens que vejam e ensinem de maneira diferente, caso contrário tudo secará. Como na Filosofia e na visão do Estado, também aqui o novo espírito veio da Inglaterra.

***

Quem caminha entre as construções monásticas esplendorosas dos *Colleges* de Oxford e Cambridge percebe que na Inglaterra a transição para a Reforma não significa uma ruptura severa com o passado, como aconteceu na Alemanha. Isso também vale para o humanismo. Wycliffe[314] e Roger Bacon[315] foram, sabe-se, também precursores, mesmo que não tenham tido sucesso de início. Os apóstolos da nova direção chegaram cedo, Crisolora, Enéas Sílvio, Poggio, depois Erasmo, e este ganhou terreno entre os condutores e nas universidades. Os ingleses estudaram na Itália e espalharam os germes da nova formação quando, de volta a casa, ocupavam altos cargos na Igreja. Essa relação se preservou; Cramer e Gaisford ainda foram bispos.[316] Ainda se combinam claramente *sacred and classical philology*, muito embora ainda se distinga entre ambas. Podemos sentir a reverência com que o inglês olha para figuras como Linacre.[317] Para a grandeza de alma com a qual Jane Grey[318]

[314] J. Wyclif(fe) (c. 1328–1384): *ODCC*, *ODMA* s.v. *Wyclif, John*; *ODR* s.v. *Wycliffe, John*.
[315] R. Bacon: ver abaixo.
[316] J. A. Cramer e T. Gaisford eram diáconos, não bispos.
[317] T. Linacre (c. 1460–1524): *ODR* s.v. *Linacre, Thomas*; PFEIFFER *HCS* II 66; SANDYS *HCS* II 447.
[318] Lady Jane Grey (c. 1536/7–1554): filha do duque de Suffolk, Lady Jane foi nomeada sucessora dele por seu primo Eduardo VI, tendo precedência sobre as reivindicações de suas meias-irmãs Maria e Elizabeth. O lorde protetor de Eduardo, John Dudley, Duque da Nortúmbria, casou Jane com seu quarto filho, Guildford Dudley. Com a morte de Eduardo, Jane foi declarada rainha e seu marido se declarou rei, mas, em nove dias, a reivindicação de Maria ao trono foi confirmada e Jane foi executada. Jane recebeu uma educação humanista de John Aylmer (1521–1594), tendo conhecido o latim e o grego desde a infância e estudado também hebraico com Aylmer e italiano com Michelangelo Florio; ela se comprazia, durante toda a vida, em escrever cartas em latim e grego. Ver *ODR*

vai ao cadafalso — é a filosofia helênica que lhe dá forças para tanto. Porém, assim como o alemão, o humanismo inglês pouco tem a apresentar que seja digno de registro na história de nossa ciência. E aqui isso ainda é verdade para o tempo de Elizabete e até mesmo para os Cromwell. O Homero de Chapman[319] e o verso latino de Buchanan[320] pertencem à história da literatura inglesa. É claro que Shakespeare não se sente, interna nem externamente, vinculado a nenhuma crença da Igreja, o que significa mais que a influência de Sêneca no estilo de suas tragédias e de Plutarco em sua matéria. Milton é o épico do puritanismo, mas ele já pressupõe a Antiguidade no que diz respeito ao conteúdo, assim como o fazem os poetas do continente, que têm relação semelhante com a Antiguidade. A Inglaterra, porém, ainda permanece receptiva. Mesmo o fato de Casaubon e Isaac Voss terem passado seus crepúsculos na Inglaterra não inspira nenhuma sucessão, a menos que contemos o fato de que Thomas Gale[321] recebeu de Voss o manuscrito *De mysteriis* de Jâmblico e fez a primeira edição. Mesmo assim, porém, os estudos silenciosos dos gregos dão frutos deliciosos. Se Platão e Plotino não tivessem sido lidos com simpatia em Cambridge, Shaftesbury não teria haurido dessa filosofia. Trata-se, assim, apenas de obras individuais produzidas por ingleses no século XVII, e elas poderiam muito bem, como as obras contemporâneas alemãs, ser classificadas com a filologia holandesa: os comentários de Gataker[322] à filosofia estoica de Marco Aurélio, o Ésquilo de Stanley,[323] os *Historiae poeticae scriptores* de Gale, o Clemente e o Licofrão de Potter[324] bem como sua *Antiquity*

s.v. *Grey, Lady Jane*. Para a relação de Lady Jane com os clássicos, ver Ives (2009: 50 ss.).

319 G. Chapman (c. 1559–1634): Sandys *HCS* II 241.

320 G. Buchanan (c. 1506–1582): Sandys *HCS* II 243.

321 T. Gale (c. 1635–1702): Sandys *HCS* II 353.

322 T. Gataker (1574–1654): Sandys *HCS* II 341.

323 T. Stanley (1625–1678): Sandys *HCS* II 351.

324 J. Potter (c. 1674–1747): Sandys *HCS* II 356.

of Greece — todas obras bastante meritórias em seus dias. Os escritos de Henry Dodwell[325] sobre cronologia em geral — e, especificamente, no que diz respeito a uma grande quantia de historiadores — foram usados mais do que mereciam e estão agora há muito esquecidos. Como prenúncio de grandes sucessos, é bom notar que J. Selden,[326] famoso como orientalista por seu livro *De deis Syriis*, publicou já em 1629 a *Crônica de Paros* nos *Marmora Arundelliana*, uma coleção de pedras gregas que, após várias aventuras, havia parado nas mãos do conde de Arundel. O *Marmor Parium* foi mais tarde vergonhosamente negligenciado e mutilado até encontrar morada em Oxford. Selden trabalhou honestamente, mas não era capaz de decifrar nem mesmo uma inscrição tão limpa e correta, e ninguém se apressou em consultar a própria pedra. Nem mesmo Boeckh o fez, é claro, ainda que tenha sido quem primeiro tornou acessível esse monumento inestimável. Joshua Barnes,[327] o editor de Homero e Eurípides, conhecemos agora apenas como uma folha de Bentley; seu Homero, no entanto, reuniu material útil para seu tempo. Uma coisa pulula em tudo isso: um retorno ao grego, e este rejuvenesceu nossa ciência também dessa vez. Shaftesbury faz, consciente ou inconscientemente, desse elemento helênico, numa concepção congenial mais profunda, o condutor de sua filosofia. Ele tem e incita um sentimento completamente novo para a natureza e para a arte, e opõe o entusiasmo ao puramente intelectual. Nada disso sentiram os estudiosos de profissão na Inglaterra ou na Holanda; reluz aqui a aurora da ressurreição do verdadeiro helenismo.

No ano de 1691, apareceu como apêndice à edição da *Crônica de Malala*, da qual o único manuscrito estava em Oxford, a *Epistola ad*

[325] H. Dodwell (1641–1711): SANDYS *HCS* II 357.
[326] J. Selden (1584–1654): SANDYS *HCS* II 342.
[327] J. Barnes (1654–1712): SANDYS *HCS* II 357.

Millium. O autor era Richard Bentley,[328] um homem ainda bastante desconhecido de 29 anos, que vivia como tutor de um estudante em Oxford. Algo como esse escrito nunca havia existido. Ali havia não apenas uma pletora de emendas que ninguém podia fazer à época; ali estavam recolhidos os fragmentos de Íon de Quios, ali se revelava uma familiaridade inédita com os gramáticos — mesmo com Hesíquio, de tão difícil acesso —, ali estava finalmente estabelecido o fato — até então absolutamente desconhecido — de que os anapestos gregos estão em sinafia até a catalexe.[329] De fato, todo o Bentley já está nessa sua primeira obra; a felicidade do acerto do emendador, a observação exata que consegue ganhar regras firmes, a clarividência que reconhece as grandes tarefas da ciência. Ele se debruçou sobre muitas, não tendo completado nenhuma, porque uma sempre o afastava da outra. É claro que, na verdade, cada uma delas excedia a força de um só homem — fazem-no já a coleta de todos os fragmentos de poesia e a reedição dos gramáticos, projetos que o jovem Bentley tinha em mente. A reconstrução da linguagem homérica e uma edição crítica do Novo Testamento acresceram-se mais tarde. Em todas essas áreas, ainda hoje a ciência tem muito a fazer. Como o jovem veio a ser capaz de saber e querer tanto é o segredo do gênio. Nenhum professor lhe mostrou o caminho, e ninguém compreendia ainda a grandeza do desafio presente no que ele alcançou. Ao menos na Holanda, porém, havia quem se impressionasse com ele. Grévio pediu-lhe que editasse os fragmentos para seu Calímaco, e assim se publicou, em 1697, esse trabalho

[328] R. Bentley (1662–1742): SANDYS *HCS* II 342. A *Epistola ad Johannem Millium* foi reeditada em 1962 com uma introdução por G. P. Goold (= Bentley 1962).

[329] Sinafia (gr. συναφεία) implica, para fins de escansão, o tratamento de palavras "*as a continuous stream of sound, divided into syllables according to the sequence of consonants and vowels without regard to word-division or syntactic division*" ["como um fluxo contínuo de som, dividido em sílabas de acordo com a sequência de consoantes e vogais, sem considerar a divisão das palavras ou a divisão sintática"] (WEST *GM* 4).

magistral, junto com o comentário de Spanheim.[330] O contraste no método não poderia vir à tona mais claramente. Nesse ínterim, já havia começado a divertida disputa sobre as Cartas de Fálaris, o que em 1699 levou à imortal *Dissertation*,[331] a qual um alemão melhor caracteriza ao colocá-la no mesmo nível dos escritos polêmicos de Lessing. Isso se deve à arte formal que o próprio Bentley possui apenas em sua língua materna, mas que é tão alta que a tradução latina e até mesmo a alemã — que nunca deveriam ter sido feitas — não dão ideia alguma dela. Por si mesmo, esse objeto não valia a pena; Leibniz, ainda estudante, já tinha reconhecido que as cartas eram espúrias, e o ofício filológico que Bentley despende ao fazê-lo nos parece um desperdício. Não precisamos mais ouvir que na Acragas de Fálaris não havia tragédias e nem dracmas áticas. Naquela época, dizê-lo ainda era necessário; naquela época, porém, a supressão também teria bastado. O que os autores das Cartas de Fálaris e de invenções semelhantes desmascaradas por Bentley pretendiam ao produzi-las nunca soubemos, e assim permanece até hoje. Embora ele ainda fosse muito combatido, foi-lhe dada a posição que merecia em Cambridge como Mestre do *Trinity College*, onde constantemente tinha altercações muito desagradáveis com seus colegas e subordinados. Aparentemente, é vantajoso para sua memória se o considerarmos apenas na sua condição de estudioso. Concluídas foram apenas as três edições de Horácio em 1712, as de Terêncio e Fedro em 1726 e a de Manílio em 1739, três anos antes de sua morte. Os fragmentos de Menandro e Filêmon — publicados por ele, com polêmicas afiadas contra Le Clerc,[332] sob um pseudônimo — são apenas um *intermezzo*, e das muitas contribuições que prestou a outros estudiosos basta mencionar aquela às *Tusculanas* de Davies. O Horácio é seu trabalho mais utilizado. Sua

[330] Spanheim: ver acima.
[331] *Dissertation on the epistles of Phalaris, Themistocles, Socrates, Euripides and the fables of Aesop* (1699).
[332] Le Clerc: ver acima.

importância verdadeiramente não está nas conjecturas: o texto de Horácio, graças a Deus, tem uma necessidade infinitesimal delas, mas no vigoroso domínio da tradição genuína. Da mesma forma, seu Terêncio se baseia no *Codex Bembinus*, tornado acessível por Faerno[333] em 1565; mas aqui se adiciona a observação métrica, por meio da qual Bentley abriu o caminho para a versificação do latim antigo. Em seus papéis e cópias pessoais ainda havia uma pletora de observações sobre muitos poetas, especialmente latinos, que se tornaram conhecidos gradativamente. Alguns deles ele deixou de lado porque seus esforços para encontrar uma tradição confiável ainda não tinham levado ao resultado desejado. Enorme trabalho exigiam também os já mencionados planos. Quanto a Homero, ele descobrira que o digama ainda estava vivo em seus versos. Quanto ao Novo Testamento, ele teria antecipado a recensão de Lachmann, mas também incitado seus comentários, como se mostra nos sermões que pregou em 1713, com grande aclamação. Na Alemanha, ele só se tornou conhecido tardiamente; Lessing, ao que parece, não o leu. F. A. Wolf o elevou como seu líder, na condição de maior filólogo, em seus literários *Analectos*, não sem deixar transparecer que ele também era um Bentley. A escola de Hermann e Lachmann praticou então o mesmo culto. Nossa admiração não deve minguar pelo fato de ele, em seu tratamento dos poetas latinos, ter muito em comum com os holandeses em torno de Nicolau Heins; a verdade é que há mais que isso na Filologia. Já para a compreensão verdadeira, de um poema e de um poeta, o intelecto, a única ferramenta de Bentley, não basta: isso é o que ensinam suas conjecturas a Horácio, e quem segue a regra não levará o elemento individual em devida consideração. A *Dissertation* estabelece fatos históricos, mas isso é apenas um meio para atingir um fim. A arte desse fazer filológico depura as obras escritas; certamente algo grandioso, pré-requisito para tudo, mas elas ainda não ganham vida

[333] G. Faerno (1510–1561).

com isso, e para que ganhem vida, como queriam seus autores — para tanto, a pesquisa histórica deve despertar toda a vida de seu entorno para nossa imaginação. A descoberta do digama também é algo grandioso, mas o fato de R. Wood, no estreito entre Quios e o Monte Mimas, ter tomado consciência da verdade da descrição homérica da natureza e, em consequência disso, ter podido elogiar o gênio original de Homero, provavelmente teve uma importância maior para o florescimento de nossa Ciência da Antiguidade.[334] Com a fundação da *Society of dilettanti*[335] e as viagens de Stuart e Revett,[336] os quais registraram os monumentos gregos preservados acima da terra, começou um movimento com um ponto de partida no todo diverso, mas que contribuiu na mesma medida para o surgimento de nossa ciência atual.

Inteiramente na observação, como praticada por Bentley, R. Dawes[337] baseou seus estudos gramaticais, e os *Canones Dawesiani* se tornaram uma pedra angular da sintaxe grega. O Homero de Clarke, lido por Goethe,[338] bem como o Lísias e o Demóstenes de Taylor[339] foram significativos para seu tempo. A relação de Gibbon com Tillemont já foi mencionada. Ele não era um pesquisador — tampouco um *paddler*, como disse Mommsen —, mas sua arte como escritor torna seu trabalho imperecível, e a tendência do voltairiano revigora mesmo o mais estéril material. Logo seu trabalho

[334] R. Wood (c. 1717–1771). Ao visitar a Trôade, Wood ficou convencido de que a descrição homérica da geografia e de outros aspectos da paisagem era precisa, o que expôs em seu *Essay on the original genius of Homer* (= Wood 1769). No capítulo *Homer's Language and Learning*, Wood tenta demonstrar que as epopeias homéricas foram criadas — e, de início, também transmitidas — oralmente, até serem fixadas no tempo de Pisístrato. Ver *DNP* s.v. *Wood, Robert*.

[335] Londres, 1734. Ver *OEAGR* s.v. *Dilettanti, Society of*; SANDYS *HCS* II 431.

[336] J. Stuart (1713–1788) e N. Revett (1720–1804): arquitetos que publicaram em conjunto suas *Antiquities of Athens* (4 vols., 1762–1815).

[337] R. Dawes (1708–1766). SANDYS *HCS* 415. Seus *Syntaxeos Atticæ Canones Dawesiani* ainda são importantes.

[338] S. Clarke (1625–1729): SANDYS *HCS* II 413; para Goethe e seu uso do Homero de Clarke, ver GRUMACH (1949: 117–22).

[339] J. Taylor (1704–1766): SANDYS *HCS* II 414.

se concentrou no drama ático, essencialmente por este oferecer o ático mais puro, pois como poesia ele só parece ter sido apreendido por Thomas Tyrwhitt,[340] cuja edição da *Poética* de Aristóteles é testemunha de sua fina compreensão. J. Markland,[341] que edita as *Silvae* de Estácio ainda com violenta crítica conjectural, não procede de modo muito diferente quanto a Eurípides, assim como Wakefield,[342] cuja crítica aos trágicos deu nos nervos de Porson tanto quanto seu Lucrécio deu nos nervos de Lachmann. Muito superior é S. Musgrave[343] com suas edições dos trágicos. O passo decisivo, porém, foi dado por Richard Porson,[344] a quem um círculo de pupilos reverenciou como mestre. Esse impacto pessoal era o ponto principal; professor universitário ele era apenas *pro forma*. Ele só extraiu da tradição o que estava disponível, e seu Eurípides não chegou muito longe, mas ele, por meio da observação, finalmente estabeleceu a métrica do diálogo e, em conformidade, foi ao encalço do uso da língua. Ele só conseguiu levar a cabo a cópia do léxico de Fócio; no mais, seu desempenho se restringe a emendas muito felizes, mas apenas para alguns escritores gregos. De seus alunos, Peter Elmsley[345] continuou se ocupando dos trágicos, mas finalmente conseguiu uma tradição genuína de manuscritos da Itália. Uma morte prematura encurtou essa vida tão auspiciosa. Ainda mais severo foi o golpe de Peter Dobree[346] ter morrido no mesmo ano, 1825, de modo que a maior parte de seu trabalho teve que ser editada fora das coleções. Ele era superior aos demais em inventividade, e não menos na amplitude de seus interesses, pois eles também incluíam a comédia e a prosa ática. No que diz respeito a Aristófanes, o *Codex Ravennas*, divulgado por Invernizi[347]

[340] T. Tyrwhitt (1730–1786): Sandys *HCS* II 419.
[341] J. Markland (1693–1776): Sandys *HCS* II 413.
[342] G. Wakefield (1756–1801): Sandys *HCS* II 430.
[343] S. Musgrave (1693–1776): Sandys *HCS* II 413.
[344] R. Porson (1759–1808): Pfeiffer *HCS* II 159; Sandys *HCS* II 424.
[345] P. Elmsley (1759–1808): Pfeiffer *HCS* II 159; Sandys *HCS* II 394.
[346] P. P. Dobree (1782–1825): Sandys *HCS* III 399.
[347] F. Invernizi (1759–1808): Sandys *HCS* III 86.

em 1794, aumentou a confiança dos críticos, que encontraram não poucas de suas suspeitas confirmadas. Afora esses homens eminentes, há vários outros que têm méritos em detalhes, mas não exigem ênfase.

Aos estudos de Bentley e Porson sobre os gramáticos deram continuidade, afora Dobree com a cópia do *Lexicon Cantabrigiense*, o bispo Cramer[348] com as diligentes cópias presentes nos oito volumes de seus *Anedocta*, T. Gaisford[349] com os — altamente práticos, ainda que criticamente inadequados — fólios de seu Suídas e de seu *Etymologicum magnum*. Então, esses estudos deixaram de receber incentivo na Inglaterra. O Heródoto e os *Scriptores metrici* de Gaisford constam essencialmente de coleções de trabalho alheio, mas são práticos e arquitetados com inteligência. Era de todo injustificado elogiar o Suídas de Bernhardy,[350] cujo julgamento realmente não supera o de Gaisford, a cujas colações Bernhardy recorre.

Para a Holanda logo estendeu-se o impacto de Bentley, pois Tibério Hemsterhuis[351] já havia voltado sua atenção para o grego. Ele era reverenciado por seus amigos e seguidores como o perfeito mestre da Filologia, e Ruhnken lhe fez uma famosa *eulogia*. Suas obras não lhe fazem jus o bastante, mas é preciso levar em conta também o que ele comunicou a outros, assim como seu estímulo pessoal. Seu objetivo era estabelecer o grego genuíno, ou seja, no sentido da Gramática, que desde Trifão tinha fornecido aos clas-

[348] J. A. Cramer (1793–1848): SANDYS *HCS* III 443. Não era bispo, e sim diácono (como mencionado acima). Wilamowitz se refere como "*Anecdota*" a seus monumentais *Anecdota Graeca* e *codicibus manuscriptis bibliothecarum Oxoniensium descripta* (4 vols., 1835–7) e *Anecdota graeca e codicibus manuscriptis bibliothecae regiae Parisiensis* (4 vols, 1839–41).

[349] T. Gaisford (1779–1855): LLOYD-JONES *BG* 81–102; SANDYS *HCS* III 395. Wilamowitz refere-se às seguintes obras do autor: *Sudae Lexicon* (1834), *Scriptores Latini rei metricae* (1837) e *Etymologicum magnum* (1848).

[350] G. Bernhardy (1800–1875): SANDYS *HCS* III 121. Wilamowitz alude a seu *Suidae Lexicon* (4 vols., 1834–53).

[351] T. Hemsterhuis (1684–1766): SANDYS *HCS* II 447.

sicistas vocabulário, teoria das formas e sintaxe. Por isso é que ainda se consideram os imitadores tão exemplares quanto seus modelos áticos, o que teve um efeito duradouro. É significativo que Hemsterhuis tenha editado Pólux e Luciano — i.e., o onomástico mais rico e o imitador mais hábil. O estudo dos léxicos acresce-se a isso. Blancard[352] produziu uma edição de Tomás Magistro; Pierson,[353] de Meris; Valckenaer,[354] de Amônio; Ruhnken,[355] de Timeu. Ruhnken também tinha copiado em Paris os léxicos que Bekker veio mais tarde a publicar, e eles eram amiúde consultados nessas cópias. Hesíquio, que contém o melhor material para a língua dos poetas, foi publicado pela primeira vez por Alberti, mas há aqui muito da mão de Hemsterhuis. Dos poetas ele se manteve distante desde que Bentley lhe demonstrara amigavelmente que ele não era capaz de dominar as citações em Pólux. Se ele chegou a publicar o *Pluto* de Aristófanes em 1744, foi apenas porque esse texto era inofensivo e uma peça modelar de linguagem simples e pura. À época, os acréscimos dos escólios eram meritórios; ora são bastante obsoletos. Dos estranhos esforços nos campos da etimologia e da fonologia em que Hemsterhuis e Valckenaer prodigalizaram muitos esforços ninguém mais fala. É assim que Hemsterhuis pertence inteiramente ao passado, ao passo que do vestefaliano Peter Wesseling[356] — que, como professor, foi completamente ofuscado por Hemsterhuis — ainda se podem consultar com proveito as edições de Diodoro e Heródoto (para cujo texto, no entanto, Valckenaer provavelmente contribuiu com a melhor parte). Lodewijk Caspar Valckenaer parece à posteridade decidi-

[352] Wilamowitz parece aludir ao holandês N. Blancard, nasc. Blankaart (1625–1703), que publicou seu Θωμᾶ τοῦ Μαγίστρου κατ᾽ ἀλφάβητον ὀνομάτων Ἀττικῶν ἐκλογαί ["As coleções de substantivos áticos de Tomás Magistro, em ordem alfabética"] em 1690. Lloyd-Jones (WILAMOWITZ *HCS* n. 343) crê erroneamente tratar-se de alusão a J. S. Bernard (1718–1793).
[353] J. Pierson (1731–1759): SANDYS *HCS* II 461.
[354] Valkenaer (1715-1785): SANDYS *HCS* II 456.
[355] Ruhnken: ver abaixo.
[356] P. Wesseling (1692–1754): SANDYS *HCS* II 453.

damente a mais importante figura dessa filologia. Ele inaugura os comentários aos trágicos com duas tragédias euripidianas e reconhece a inautenticidade de muitos versos das *Fenícias* (a supressão ainda era bastante incomum naquela época), vindo também a engolfar-se na reconstrução de tragédias perdidas e a romper terreno para o estudo da negligenciada poesia helenística com sua edição de alguns poemas de Teócrito, além de trazer à luz os fragmentos de Sófron, o que faz avançar o estudo dos dialetos gregos, bem como a pesquisa da história literária. Seu tratado *De Aristobulo* só foi publicado, após sua morte, por seu genro Luzac, e a exposição de falsificações judaicas sob os nomes de poetas famosos teve um efeito duradouro. Nisso — e em sua crítica multiforme em geral —, pode-se sentir a influência de Bentley, inclusive no fato de que ele a estende ao Novo Testamento.

Aqui deve-se incluir o alsaciano Philippe Brunck,[357] pois seu trabalho sobre os trágicos e os alexandrinos de Valckenaer é paralelo. Ele foi tomado pela beleza da poesia quando ficou ocioso como comissário de guerra em Giessen, durante a Guerra dos Sete Anos. Que ele publicou os poemas por prazer, não apenas para ensinar linguagem ou crítica, é evidente pela decoração de bom gosto de suas impressões. Ele, porém, também fez uso diligente da biblioteca de Paris, o que os estudiosos profissionais negligenciavam. Isso beneficiou todos os trágicos, sobretudo Sófocles; afinal, a redação de Triclínio, introduzida por Turnèbe, é enfim expurgada. De Apolônio de Rodes e seus escólios a biblioteca oferecia apenas poucos manuscritos; mas quando finalmente tivermos uma edição à altura do poeta, Brunck receberá ainda mais honras.[358] Os *Analecta Brunckii* foram particularmente bem-vindos à época como uma coleção de fragmentos e, especialmente, como substituto para a Antologia ainda não impressa, e a disposição dos poemas de acordo com os autores tem grandes vantagens. Também aqui o

[357] Ph. Brunck (1729–1803): SANDYS *HCS* II 395.
[358] P. Wesseling: ver acima.

amor genuíno pela poesia foi o princípio orientador, e isso pesou mais que alguns equívocos e erros de julgamento pelos quais os mestres do ofício desprezavam Brunck.

Um bom contraponto a ele configura J.-Ph. d'Orville,[359] que também não tinha um posto de professor, mas vivia confortavelmente em sua propriedade rural após muitas viagens, conseguia manter talentosos jovens como Ruhnken e Reiske como amanuenses e era tido à época como um estudioso de pleno direito. O mau cheiro que suas brigas com o inane C. de Pauw[360] espalharam por toda parte desapareceu. Se um insultava o outro "*Orbilius*",[361] o nome mais apropriado "*Pavo*"[362] voava em resposta. As ruins edições de Pauw estão esquecidas; o Cáriton de d'Orville teve, por muito tempo, um certo prestígio por, com comentários e coleções bastante triviais, prestar-se como introdução ao ático do período imperial, que durante muito tempo ainda parecia perfeitamente atemporal. Tratava-se da primeira edição, mas d'Orville não copiara ele próprio o único manuscrito restante, descarregando não pouco do trabalho sobre os ombros de Reiske. O esforço crítico comum empreendido por todo o círculo de estudiosos holandeses deixa-se entrever no Xenofonte de Éfeso, que acabava de ser impresso, pela primeira vez, de forma bastante deplorável. A edição de Hofman-Peerlkamp (1818) resume isso. Que esse trabalho ocorreu *in corpore vili* mal sabiam esses críticos, cegos pela alegria de emendar. A posição de liderança na Filologia foi herdada, em verdade já de Hemsterhuis, pelo pomeraniano David Ruhnken, que se tornou holandês e soube preservar a nobre e sedutora dignidade de um

[359] J.-Ph. d'Orville (1696–1751): SANDYS *HCS* II 454.
[360] C. de Pauw: SANDYS *HCS* II 454.
[361] Lat. *Orbilius* designa um mestre que açoita seus pupilos. Trata-se de alusão a Lúcio Orbílio Pupilo, mestre de Horácio em Roma; Horácio (*Epist*. 2.1.69ss.) o chama *plagosus* "espancador" devido às surras infligidas durante as aulas sobre a versão de Lívio Andronico da *Odisseia* de Homero. Há um relato sobre Orbílio em Suetônio (*Gramm*. 9). Ver *OCD* s.v. *Orbilius Pupillus, Lucius*.
[362] Lat. *pāvo* "pavão". A brincadeira consiste no fato de que o sobrenome (de) Pauw é também a palavra para "pavão" em holandês.

princeps criticorum. Como tal, F. A. Wolf dedicou-lhe os *Prolegomena*, presumivelmente não sem gozar da ironia que nisso se encontrava; pois do grande movimento intelectual em sua pátria, do qual Wolf se sentia o líder, Ruhnken não tinha a menor compreensão. O que a Filologia significava para ele é mais bem demonstrado pelo fato de que ele editou os escritos de Mureto. Latim exemplar era tão importante para ele quanto a ciência. Como professor, porém, ele deve ter sido brilhante; várias de suas notas de palestras foram impressas. Ele também fez muitas descobertas que deixou por utilizar, como a *Retórica* de Longino na de Apsines, o que foi então compensado por J. Bake. Tudo o que Ruhnken publicou é impecável dentro de seus limites. É esse o caso do *Hino homérico a Deméter* — cujo manuscrito, roubado por C. von Matthaei em Moscou, chegou a Leiden —, o Léxico de Timeu, Rutílio Lupo com uma *Historia critica oratorum Graecorum* — que compila notas muito úteis para o período helenístico, mas que realmente não merece o nome de uma história. Em suma, isso é bastante pobre para um *princeps criticorum*.

A tradição é continuada honrosamente pelo bernês Daniel Wyttenbach[363] — o qual concede a *eulogia* a Ruhnken e merece crédito como editor dos *Moralia* de Plutarco —, depois pelo perspicaz, mas não muito produtivo J. Geel,[364] para ser finalmente concluída da maneira mais brilhante por Carl Gabriel Cobet.[365] Afinal, nessa direção seria impossível continuar. Apreender o ático puro não só gramaticalmente, mas também lógica e estilisticamente e fazer o mesmo para sua imitação no período imperial, para demonstrar, passo a passo, a imperfeição dessa imitação — esse é o objetivo alcançado por Cobet. Ele próprio era capaz de escrever em ático tão perfeitamente como Ruhnken em latim clássico. Agora, ele exigia de todos os textos absoluta pureza de forma e a lógica mais

[363] D. Wyttenbach (1746–1820): SANDYS *HCS* II 461.
[364] J. Geel (1789–1862): SANDYS *HCS* III 280.
[365] C. G. Cobet (1813–1889): SANDYS *HCS* III 282.

concisa, e se eles resistissem, as coisas não poderiam estar corretas. Ele trabalhara muito nas bibliotecas da Itália e da França — é verdade que sem estudos paleográficos sistemáticos, mas as leituras e grafias incorretas dos bizantinos dos últimos séculos lhe eram familiares. Foi por isso que ele recorreu, tanto quanto possível, aos bons manuscritos dos séculos IX–XI. Contudo, mesmo estes não eram bons o suficiente — já deviam ter sido muito distorcidos —, e assim ele chegou à conclusão de que seria possível restringir-se aos manuscritos mais antigos, mas que mesmo os textos destes estariam muito danificados por *scioli magistelli, protervi interpolatores* ["professorzinhos ignorantes, interpoladores atrevidos"]. Nesses postulados viriam a encontrar sua justificativa as inúmeras emendas e supressões dos críticos. A sagacidade de sua exposição nas grandes coleções de conjecturas das *Variae* e das *Novae lectiones* não podia deixar de ser uma maravilha. As desculpas esfarrapadas com as quais muitos defensores buscavam ir de encontro a ele só fortaleceram seu poder. A crença tanto na autarquia dos manuscritos mais antigos como nas interpolações de tolos escribas e leitores encontrou reconhecimento voluntário em muitos críticos, não apenas nos da Holanda, e os textos assumiram uma feição muito diferente. Ao que estava nos livros, cujas palavras purificava, Cobet era bastante indiferente; só raramente é que levava isso em conta, e mais raramente ainda com sucesso. Poder-se-ia dizer que sua Filologia não teria sabido fazer nada se os *magistelli* não lhe tivessem dado algo a fazer. A utilidade positiva de suas críticas para os textos é grande, e sobejam emendas brilhantes. Porém, seu principal valor residia precisamente no fato de que seus princípios precisavam ser superados. Isso foi feito pela Linguística Histórica, que reconhece que os séculos helenísticos tinham o direito de falar sua própria língua. E só se pode rir quando Calímaco é repreendido por não imitar servilmente Homero. Então, o encalço do elemento individual pôs termo ao

igualitarismo. É mais difícil, mas também mais gratificante, deixar-se viver na mente de grandes mestres do estilo tão diferentes como Tucídides e Isócrates, Platão e Hipérides, e mesmo os pequenos podem reivindicá-lo, contanto que possuam traços particulares; o crítico, enfim, tem também que respeitar as fraquezas e vícios dos autores a que se dedica. O conveniente descarte de todos os manuscritos mais recentes sempre que um de idade vetusta está à mão provou-se, no mais das vezes, errôneo quando se examinavam os demais, e os restos de livros antigos acabaram decidindo a questão. Foi assim que o movimento, começado com Hemsterhuis, também chegou a cabo na Holanda, após ter cumprido sua tarefa com honras. À Ciência da Antiguidade alemã Cobet era conscientemente hostil e, com ele, a maioria de seus numerosos alunos. H. van Herwerden[366] não queria fazê-lo, mas apenas criar obras duradouras no estilo de Cobet. Seu nome será sempre mencionado com honras sob o texto de numerosos poetas e prosadores. Quanto a Cobet, devem-se sempre estudar sobretudo os primeiros escritos, pois o método de um homem tão intelectualmente rico sempre ensina muito, mesmo que se saiba que é unilateral. E aqui esse método repousa sobre um conhecimento da língua como poucos possuem e possuirão.

Sem o recrudescimento dos estudos de grego na Inglaterra e na Holanda, não teríamos chegado a uma ciência rigorosa, pois somente com base na compreensão linguística é que é possível construir algo sólido. O surgimento de uma genuína Ciência da Antiguidade ocorreu, porém, quase sem nenhuma conexão com aquela Filologia esotérica. O fator decisivo foi o despertar de um novo espírito na Alemanha, igualmente poderoso na poesia e na filosofia. Tratava-se de uma nova Renascença. Esse espírito descobre o helenismo imortal, ao qual se sente aparentado e do qual haure a vitalidade da liberdade e da beleza, levando necessaria-

[366] H. van Herwerden (1831–1910).

mente a uma ocupação com a poesia e a escultura helênicas que gradualmente se torna uma Filologia científica e alcança, ao fim, o método histórico. Somente por meio deste é que a Gramática antiga se torna decididamente obsoleta; somente então é que uma compreensão interior do passado, não somente da Antiguidade, se torna possível. Entrementes, devem-se mencionar de antemão alguns alemães do período de transição, cada qual com uma estrela de luz própria e de estatura ao menos equivalente à dos professores do exterior, elogiados com muito mais alarde: J. Albert Fabricius,[367] J. Matthias Gesner,[368] J. Jacob Reiske.[369] Fabricius vem do Eleitorado da Saxônia, onde ao menos a escola não perdera completamente a tradição da época de Melâncton; mas ele atuou em Hamburgo, aonde a destruição da Guerra dos Trinta Anos não havia chegado. O comércio trouxe estímulo revigorante de fora; a Escola Acadêmica do *Johanneum* floresceu; Hamburgo era sem dúvida a cidade alemã mais letrada. Ela concedeu Gronow à Holanda, Holste a Roma bem como Lambeck a Viena, onde ele catalogou a bela biblioteca que, no entanto, permaneceu inutilizada. Viena tinha uma vida diferente, inspirada na Itália. Na escola jesuíta de lá, cresceu um erudito que viveu muito além de Winckelmann, mas apesar de tratar das mais nobres obras de arte, resplandecentes em intacta originalidade, ele permaneceu completamente intocado pelo espírito de Winckelmann: Joseph Eckhel,[370] que, com sua *Doctrina nummorum veterum* (1797/98), pôs a Numismática sobre um fundamento do qual nunca será removida. Entretanto, ele ainda não a trata com relação à história e à arte, o que contribui para o fato de se empreender essa disciplina de modo mais fortemente especializado que

[367] J. A. Fabricius (1628–1680): SANDYS *HCS* III 2.
[368] J. M. Gesner (1691–1761): PFEIFFER *HCS* II 168; SANDYS *HCS* III 5–9; 39s., 316.
[369] J. J. Reiske (1716–1774): PFEIFFER *HCS* II 171s; SANDYS *HCS* III 172. Reiske é considerado o fundador da Filologia árabe.
[370] J. Eckhel (1737–1798): SANDYS *HCS* III 44.

as demais. Fabricius há que ser chamado *polyhistor*, mas o que ele traz é mais que apenas polimatia. A massa de conhecimentos que ele acumulou em suas *Bibliothecae Graeca* e *Latina* é quase assombrosa. Ao fazê-lo, no entanto, ele é um conselheiro confiável, sempre pensando nas necessidades do usuário. Tudo é conciso, claro e bem ordenado; ele conhece os livros e estudiosos de todos os tempos, de forma alguma cobrindo apenas a Antiguidade, pagãos e cristãos, mas, ao levar em conta os bizantinos, compilou um material que não perde o valor por permanecer utilizado. Ademais, ele incluiu nessas obras muitos escritos que nunca foram impressos ou, se sim, apenas inadequadamente, e sua edição de Sexto Empírico é, já através do índice linguístico, um auxílio como quase nenhum outro à época. Um homem tal também tem um efeito sobre aqueles que o rodeiam por meio de sua personalidade. Seu genro é Reimarus, que mencionamos aqui apenas por ter sido excelente editor de Cássio Dio; mas ele é também o fragmentista cuja crítica racionalista ao cristianismo foi editada por Lessing. A filiação a esse círculo de Hamburgo foi decisiva para o último período de Lessing.

Gesner poderia ser quase designado como um novo *praeceptor Germaniae*, pois ele transformou a *Thomasschule* de Leipzig numa instituição-modelo, concedeu ao ensino de grego uma crestomatia, mais tarde substituída por uma melhor por F. Jakobs; isso foi muito mais inteligente do que o início, aparentemente mais nobre, com Xenofonte. Também um léxico latino foi produzido por Gesner, e ele mantém a fama de ter fundado o primeiro seminário filológico. Se essa forma de ensino universitário, que incentiva os estudantes a pensar por si mesmos e a cooperar, está agora sendo generalizada, é porque a Filologia sempre liderou o caminho e não parou de desenvolver e expandir o seminário. Exercícios ministrados por um único professor, em contrapartida, não deveriam

poder arrogar-se o nome de "seminário."[371] Gesner foi chamado por Hemsterhuis para trabalhar com ele em Luciano; isso era uma espécie de título nobre que à época apenas os holandeses podiam conceder. Ele próprio editou muitos autores latinos — para o benefício da ciência, mas para ele uma obra secundária. Ele preparou o terreno para Heyne, assim contribuindo para que Göttingen, a fundação do Barão de Münchhausen, se tornasse algo diverso das antigas universidades alemãs, até mesmo da Halle prussiana. A antiga dignidade de Leipzig, por outro lado, não ressurgiu. Lá, Ernesti[372] era o homem principal — também teólogo, como era comum à época —, altamente celebrado por causa de seu Cícero e de algumas outras edições, sem dúvida úteis por seus comentários práticos e concisos. Também ele possuía e difundia um conhecimento enciclopédico, e seus *Lexica Technologica*[373] não perderam o valor para a retórica; mas sua sobriedade não testemunha nenhum pensamento fresco e muito menos profundo, e não podemos esquecer a arrogância com a qual depreciou Reiske, não sendo digno nem mesmo de desamarrar-lhe os cadarços. Ele trajava, porém, peruca e toga com dignidade; Reiske ficou sob suspeita de pensar livremente, porque a ausência de um traje de

[371] O chamado *Seminar* é um modelo de aula ainda hoje bastante difundido em universidades alemãs em que os participantes se tornam, eles próprios, professores ao apresentar tópicos específicos, que são então debatidos em conjunto; o *Seminar* se opõe à mais "tradicional" *Vorlesung* (ingl. *lecture*), conduzida somente pelo professor. Ver Lloyd-Jones *BG* 266: "*The German tradition of the seminar [was] invented, it would seem, by Gesner, Heyne and Wolf, greatly developed by Ritschl, carried further by Usener and Bücheler, and perfected by the generation of Frankel's Berlin and Göttingen professors*". ["A tradição alemã do seminário [foi] inventada, ao que parece, por Gesner, Heyne e Wolf, muito desenvolvida por Ritschl, levada adiante por Usener e Bücheler e aperfeiçoada pela geração de professores de Frankel em Berlim e Göttingen"].

[372] J. A. Ernesti (1707–1781): Sandys *HCS* III 11.

[373] Os *lexica* sobre a técnica dos antigos retores a que Wilamowitz alude aqui — *Lexicon technologiae Graecorum rhetoricae* (1795) e *Lexicon technologiae Romanorum rhetoricae* (1797) — são, em verdade, de um outro Ernesti (J. C. G., 1756–1802). Ver Pfeiffer *HCS* II 171s.; Sandys *HCS* III 13.

domingo o impedia de ir à igreja. Talvez ele dispensasse traje e sermão sem grandes dores, se podia passar o tempo com seu grego ou seu árabe. Sua autobiografia e suas cartas deveriam ser lidas por filólogos — e não apenas por filólogos, pois a esse homem devemos sempre garantir um lugar junto com Winckelmann e Lessing. Como eles o menosprezam em Leiden e em Leipzig! Como ele tem que passar fome e curvar-se, mas não perde o vigor de sua alma! Como ele faz sacrifício após sacrifício pela ciência, despreocupado com a falta de reconhecimento! E se as Cáritas claramente não sorriram para ele, passa a ser também um mérito que ele, sem graça alguma, se tenha tornado um homem amável. Dificilmente tantas conjecturas de outra mão foram confirmadas pela melhor tradição manuscrita, e o círculo de escritores em que trabalhou exaustivamente é muito maior que no caso de qualquer um de seus contemporâneos — impossível enumerá-los. Onde quer que possa, ele adquire manuscritos, mas muito mais o ajuda o fato de encontrar imediatamente seu caminho em cada estilo. A poesia em nada lhe agrada e, mesmo assim, após breve trabalho, ele consegue fazer emendas brilhantes até mesmo em Teócrito. Seu interesse vai muito além da crítica textual, como demonstram seus comentários à primeira edição de *De Caerimoniis*, de Constantino Porfigorênito. Pode-se senti-lo também em suas traduções — grosseiras, mas que valem a pena ser lidas. Não como filóloga, mas decerto como parceira deve-se elogiar sua mulher, pois ela ficou ao lado desse homem com amor e lealdade. Enquanto vivia, Gesner foi adequadamente apreciado por apenas uma pessoa; mas trata-se de Lessing, e isso basta.

É edificante que tantos de nossos melhores homens tenham se elevado, trabalhando, das profundezas do povo e que a necessidade tenha apenas intensificado suas forças. Também Winckelmann[374] teve que saborear toda a amargura da privação e da humilha-

[374] J. J. Winckelmann (1716–1774): Pfeiffer *HCS* II 167–72; Sandys *HCS* III 172.

ção até encontrar o caminho para Roma e experimentar a glória de ganhar reconhecimento em toda a Europa, embora tenha escrito em alemão — o primeiro alemão que, junto com Lessing, também pode ser listado como um estilista entre nossos clássicos. Ele teve a sorte de Goethe e Justi terem escrito sua vida,[375] de modo que está vivo diante de nós, mesmo com as fortes falhas de seu caráter, sem as quais não poderia ter cumprido seu destino. Ânsia pelo helenismo, por liberdade e beleza foi o que o fez ir para a Itália. Das obras dos poetas ele absorvera o que não só lhe pôs nas mãos a chave para interpretar os monumentos no mito grego, mas também lhe capacitou a descobrir a escultura helênica nas cópias romanas e captar na ideia a tranquila beleza e a alta graça, tão longe do rococó. "Na ideia", pois lhe escaparam muitas obras gregas genuínas. O admirador de Rafael Mengs[376] permaneceu tão cego à glória do início da Renascença quanto Goethe em sua jornada italiana; era ainda muito cedo para que ele pudesse apreciar a arte arcaica. Até mesmo Fídias foi visível apenas para sua alma presunçosa. Pesto, porém, foi ele quem primeiro viu com a devoção correta; para qualquer outra pessoa, a força e a seriedade do templo dórico teriam parecido estranha e bárbara. Ele criou a Arqueologia como uma ciência da arte, por mais que sua teoria da arte tenha sido completamente superada, assim como a maioria das interpretações das quais ele se orgulhava particularmente. Foi precisamente esta teoria que o mundo recebeu com admiração. E, no entanto, seu grande feito foi ter ousado escrever uma história de arte, e de fato, em conexão com a história de toda a cultura. É completamente indiferente quantos erros a Filologia de Heyne pode imediatamente imputar-lhe. Ao dar à luz uma história do

[375] Goethe (1805) e Justi (1866).

[376] A. R. Mengs (1728–1779): pintor alemão, ele se mudou em 1752 para Roma, onde se tornou amigo próximo de Winckelmann, vindo este a prover-lhe, em grande parte, a inspiração teórica para seu trabalho. Ver *ODA* s.v. *Mengs, Anton Raphael*.

estilo, da qual os filólogos não tinham ideia alguma no que diz respeito à poesia tampouco à prosa, ele deu à luz um modelo para o qual todas as épocas deveriam olhar com admiração. Dessa fonte advém a seiva vital que fez praticamente todos os ramos de nossa ciência crescerem e florescerem.

Os compiladores de antiguidades haviam olhado para os monumentos apenas no intuito de verificar se eles forneciam uma ilustração para esta ou aquela questão individual. Somente na Itália é que os monumentos se projetaram diretamente, por toda parte, no presente e se ergueram do solo em tal abundância que os estudos arqueológicos nunca cessaram completamente, embora, é claro, raramente tenham extrapolado a pesquisa local, permanecendo inteiramente orientados para o mundo romano. Esses arqueólogos, em sua erudição real ou fingida, foram magistralmente descritos por Justi, na medida em que entraram em contato com Winckelmann. São precisamente os mais genuínos conhecedores, grandes príncipes da igreja, que não podem ser mencionados aqui porque se limitaram ao prazer. A Itália, porém, mesmo assim, tem muitos nomes a serem mencionados — inclusive de filólogos, que devem ser valorizados ainda mais numa época de decadência política e moral. Há muito mais deles aqui do que se verifica na França de enciclopedistas. A grandíssima maioria pertence à Igreja; muitos são sacerdotes em capacidade regular. No seminário de Pádua, Forcellini[377] sacrifica secretamente uma longa vida ao *Thesaurus Latinus* e morre não antes de ser concluído, mas antes de ser impresso (1771), o que atrasou indevidamente sua realização pessoal. Muratori,[378] arquivista em Módena, empreende para a história de sua pátria, com suas próprias forças, algo semelhante a nossos *Monumenta Germaniae*. Aqui, importa apenas sua coleção de inscrições, uma compilação. Ela já foi criticada por Scipio Maffei,[379]

[377] E. Forcellini (1688–1768): SANDYS *HCS* II 374.
[378] L. A. Muratori (1672–1750): SANDYS *HCS* II 381.
[379] S. Maffei (1688–1768): SANDYS *HCS* II 374.

cuja descoberta da biblioteca capitular de sua cidade natal, Verona, capacitou-o a superar Mabillon na Paleografia Latina. Apenas ele, por meio de suas extensas viagens, transcendeu a mesquinhez de todos os demais, embora fosse também um excelente antiquário local, ao mesmo tempo homem do mundo e poeta. E quem adentra o gracioso museu que leva seu nome em Verona sente que ele também sentiu um suspiro da essência helênica. Lá estão, em particular, pedras com inscrições que acabaram indo para lá a partir do domínio veneziano na Grécia, como ocorreu também com esculturas individuais. O teatino Paciaudi[380] publicou outra coleção semelhante nos *Monumenta Peloponnesiaca*. Na Toscana, uma superabundância de antiguidades etruscas surgira gradativamente do chão — e se não ofereciam atração artística, ao menos sua estranheza e o mistério das inscrições incompreensíveis eram atraentes. Já no início do século XVII, um escocês, Dempster,[381] escrevera um livro sobre a Etrúria, que foi impresso cem anos depois, e agora os toscanos sentiam a ocupação com as coisas etruscas como um dever patriótico. A. Gori († 1757)[382] se destaca entre eles por sua diligência em muitas áreas. O interesse pelos vasos etruscos ainda não havia começado. Mesmo Winckelmann, que passou a saber deles em Nápoles, pouco mais fez que tocá-los. Em Nápoles estão nomes como Mazzocchi (editor das tábuas de bronze de Heracleia),[383] Martorelli (que escreveu um grosso livro sobre um antigo tinteiro que nem sequer era um),[384] Ignarra (antiquário local napolitano)[385] — homens cujo olhar não vai além de sua terra natal, onde são de fato muito grandes, mas apenas lá. Como seriam capazes de lidar com o que foi trazido pela descoberta de Herculano, fomentada

[380] P. M. Paciaudi (1710–1785): SANDYS *HCS* II 382.
[381] T. Dempster (1579–1625): SANDYS *HCS* II 340.
[382] A. F. Gori (1691–1757): SANDYS *HCS* II 380.
[383] A. S. Mazzochi (1684–1771): SANDYS *HCS* II 384. Seu *Commentario sulle Tavole Eracleensi* veio à tona em 1754.
[384] G. Martorelli (1699–1777).
[385] N. Ignarra (1579–1625): SANDYS *HCS* II 384.

energicamente por Carlos III, que fundou, em 1736, uma *Accademia Ercolanese*?[386] Acima de tudo, nenhum estrangeiro deveria ter acesso ao sítio; todos estavam de acordo sobre isso. Felizmente, técnicos estrangeiros foram contratados para a própria escavação. As *Antichità di Ercolano* começaram a aparecer em 1760;[387] mas elas espalharam as grandes novidades muito menos do que as missivas de Winckelmann, ainda que estas só refletissem as impressões de fugaz observação. Ainda pior: com os papiros não se sabia absolutamente o que fazer. Itens insubstituíveis são destruídos por negligência e falta de compreensão, até que Padre Piaggi inventou a engenhosa técnica de desenrolá-los.[388] Apenas em 1793 é que aparece o primeiro volume de *Sobre a música*, de Filodemo, e é preciso reconhecer nele um honroso feito dos acadêmicos. Mas apenas alguns volumes sucederam, e então tudo adormeceu. Mesmo das cópias que haviam chegado a Oxford, pouco veio à luz. Somente a *Italia una* é que trouxe um homem enérgico ao leme na figura de G. Fiorelli,[389] que publicou os antigos relatórios de escavação, promoveu vigorosamente a descoberta de Pompeia e traçou as linhas básicas da história arquitetônica sobre as quais A. Mau[390] e H. Nissen[391] continuaram a construir. A maior parte do trabalho, porém, ainda está por fazer, e é bom que a fonte de ensinamento fresco continuará a fluir por um longo tempo. Também as antigas cópias dos papiros foram publicadas numa nova série de volumes, o que reavivou o interesse — em verdade, só agora o despertou.

[386] A *Regale Accademia Ercolanese di Archeologia* foi fundada por B. Tanucci (1698–1783) em 1755, não 1736.
[387] As *Antichità di Ercolano* começaram a aparecer em 1757, não 1760.
[388] A. Piaggio, não Piaggi (c. 1713–1796). Os papiros encontrados em Herculano estavam, devido à erupção do Vesúvio, "carbonizados" — i.e., não era possível desenrolá-los até a invenção de Piaggio. Ver a breve discussão em TURNER (1968: 17–24).
[389] G. Fiorelli (1824–1896): SANDYS *HCS* III 246.
[390] A. Mau (1840–1909): BURSIAN *GPhD* 1097, 1136; SANDYS *HCS* III 246.
[391] H. Nissen (1839–1912): BURSIAN *GPhD* 963.

Pouco a pouco, tem início um trabalho muito promissor, mas que também ainda está muito longe do objetivo.[392]

Na Nápoles cujos estudiosos de profissão eram tão pouco capazes de fazer uso do tesouro que lhes caiu no colo, viveu de fato um homem cuja arquitetura filosófica também introduziu pensamentos completamente novos e revigorantes na ciência da História: Giambattista Vico, o autor da *Scienza nuova* († 1744).[393] Em muitos aspectos, ele antecipou as ideias de Herder,[394] e se o Romantismo dirigia o olhar do indivíduo para o povo, da criação consciente para o progresso involuntário do desenvolvimento, das alturas da cultura para seu discreto início, foi porque Vico apontou esse caminho; a religião e a lenda só agora podiam ser devidamente compreendidas. Também a decifração de certas figuras como Licurgo e Homero — qual seja, a tentava de determinar o que era verdade e o que era mentira nelas — começou com Vico. Que ele e outros, independentemente, tenham buscado esses caminhos talvez se possa ver como uma confirmação do que ele havia introduzido de novo na observação histórico-filosófica.

Winckelmann entrou na arqueologia italiana com seus *Monumenti inediti* e com a tradução de sua *História da Arte*.[395] E Ennio Quirino Visconti,[396] o mais importante membro de uma família de arqueólogos de Roma, ainda tem uma conexão pessoal com ele. Em sua descrição das coleções do Vaticano — muito aumentadas pelos papas tardios —, ele está inteiramente sobre os ombros de Winckelmann. Sua *Iconografia* dá continuidade ao que Fúlvio Orsini começara anteriormente; isso, no entanto, provoca forte crítica.

[392] Ver PRIMAVESI (1996).
[393] G. Vico (1668–1744): SANDYS *HCS* III 246.
[394] J. G. Herder (1744–1803): SANDYS *HCS* III 31. As relações entre os pensamentos de Vico e Herder são exploradas exemplarmente por I. BERLIN (1980²) e (2013²).
[395] Seus *Monumenti antichi inediti* foram completados em 1767; sua *História da Arte da Antiguidade* (*Geschichte der Kunst des Alterthums*) veio à luz em alemão alguns anos antes (1763), vindo a versão italiana por C. Amoretti a ser publicada em 1779 sob o título *Storia delle arti del disegno presso gli antichi*.
[396] E. Q. Visconti (1751–1818): SANDYS *HCS* II 383.

Braço direito e sucessor complementar de Winckelmann foi o dinamarquês Georg Zoëga, cujos antepassados longínquos eram italianos e de fato se tornou um romano em Roma. Formado sob a tutela de Heyne, ele também havia experimentado a exuberância daqueles anos em sua juventude. Em Roma, onde a vida o obrigou a resignar-se a muitas coisas, ele se tornou um modelo daquele verdadeiro método que trata cada tarefa como ela exige, breve ou amplamente, sempre tanto quanto lhe cabe — não mais, mas também não menos —, a plena compreensão sempre dirigida a um ponto. No caso de monumentos, o estabelecimento do factual na descrição correta não é apenas a base, mas uma boa parte da explicação. Nesse aspecto, ele foi exemplar e, sobretudo, seus *Bassi rilievi* concederam a uma série de obras — majoritariamente pouco importantes — um comentário, o que ainda não havia sido feito para obras escritas. É uma pena que ele tenha dito tão pouco do que ganhara em termos de visões gerais. Pode ser que os egiptólogos, no entanto, pensem de forma diferente, uma vez que ele lhes forneceu muito material para o copta, talvez ainda mais do que Reiske ofereceu para os arabistas. Ele terá manifestado muitas de suas ideias oralmente. Não há dúvida de que Welcker e quiçá até Wilhelm von Humboldt estavam, consciente ou inconscientemente, sob sua influência. O mesmo valerá para o círculo de homens e mulheres altamente instruídos de Copenhague, que naquela época faziam parte do movimento alemão emergente. Thorvaldsen era próximo de Zoëga.

Zoëga adquirira sua formação em Göttingen, onde Gesner fundara o estudo da Filologia e C. G. Heyne[397] ora acrescentava a história da arte e a abordagem histórica de Winckelmann. Em Göttingen, uma série de homens importantes em todos os campos oferecia um estímulo decisivo aos jovens, que afluíam de toda parte e estavam receptivos ao novo espírito. Heyne, porém — o

[397] C. G. Heyne (1729–1812): SANDYS *HCS* III 36.

líder da sociedade das ciências local e de sua revista de eruditos, o fundador da rica biblioteca, o confidente do governo anglo-hanoveriano —, era a figura central. Ele possuía o duplo dom de governar e ensinar; esse era seu forte. Ninguém notava que ele era filho de um pobre tecelão de Chemnitz e tivera uma juventude difícil atrás de si. Ruhnken o recomendara em seu lugar quando recusou o chamado para suceder a Gesner. Tão altamente estimada fora na Holanda sua primeira obra, uma edição de Tibulo, embora seu forte não fosse a crítica textual. Ele pôs a língua e a gramática em segundo plano, mas, afora isso, suas aulas já abrangiam toda a amplitude da Ciência da Antiguidade, assim como seus escritos. Ele não se aprofundava muito, mas sentia o que era importante, e o senso histórico não faltava a quem ousava abordar o gênio de uma época como a ptolomaica. Homero e Virgílio tornaram-se suas grandes obras, e, com seus comentários, ele concedeu à época o que ela exigia, uma introdução à poesia. Ele intuía os problemas em Homero, incluindo os da formação da *Ilíada*, e também produziu material útil, provando bom senso e bom gosto. Vale a pena inquirir com ele. Ele foi um grande sucesso em seu tempo, mas fora ultrapassado ainda em vida e teve o amargo destino de ser impiedosamente afastado por estudantes ingratos. Isso impediu, por muito tempo, que fosse apreciado devidamente. Quem espalha uma semente que deu frutos tão diversos em Zoëga, em Voss e Wolf, nos irmãos Humboldt e Schlegel, pode ser chamado, num sentido ainda mais elevado que Gesner, de *praeceptor Germaniae*.

Heyne ainda poderia ter usado os escólios venezianos a Homero; afinal, J.-B. d'Ansse de Villoison[398] imprimiu-os em 1788, sem ele próprio suspeitar do tesouro que desenterrara. Ele já imprimira o valioso Léxico Homérico de Apolônio e, claro, a *Eudóxia* de Palaeocapa, *carbones pro thesauro.* Antes de mudar-se para Veneza, ele visitou Weimar, do que divertidamente testemunham suas

[398] J.-J. Barthélemy (1716–1795): SANDYS *HCS* II 392.

Epistulae Vinarienses. Que um estudioso francês tenha feito epigramas latinos no círculo da Duquesa Anna Amalia dá ao livro um valor carinhoso; os escassos trechos de manuscritos da biblioteca de Weimar parecem altamente pedantes em comparação. Villoison também viajou pela Grécia e recolheu inscrições; a Revolução, porém, impediu-o de usar o ganho da viagem como desejava. Pesquisador ele não era. Tampouco J.-J. Barthélemy,[399] mas seu romance *Voyage du jeune Anacharsis* não só lisonjeou os franceses por ter os grandes homens da época falando sob máscaras gregas, mas também apresentou a inúmeros leitores uma variegada fantasia justamente da grandiosa Atenas. Ele inaugura a série de romances históricos, e devemos ter cuidado para não subestimar o que se consegue por esses meios, mesmo que entre os alemães só Georg Taylor (Hausrath)[400] possuísse conhecimentos e habilidade formal suficientes. Kingsley com *Hypatia*,[401] W. Pater com *Marius the Epicurean*,[402] V. Rydberg com *Den siste Athenaren*,[403] Sienkiewicz com *Quo vadis?*[404] satisfizeram o interesse de amplos círculos na luta do cristianismo com o afundamento da Antiguidade — e a ciência, que encontra fortes anacronismos em cada página desses romances, falhara em atender a essas necessidades em si mesma. Abertamente com propósitos educativos, o versátil Böttiger[405] já adotara essa forma em sua *Sabina*. Em seguida, W. A. Becker[406] a adotou em *Cáricles* e em *Galo*, ambas com conhecimento realmente sólido. Esses livros estão agora bastante ultrapassados, mas não há substitutos; a *História dos costumes de Roma* de Ludwig Friedländer,[407]

[399] J.-B.-G. d'Ansse de Villoison (1753–1805): Joret (1910); Sandys *HCS* II 397.
[400] A. Hausrath (1857–1909), que sob o pseudônimo G. Taylor publicou numerosos romances históricos: *Antinous* (1880); *Klytia* (1883); *Jetta* (1884); *Elfriede* (1885); *Pater Maternus* (1898); *Potamiäna* (1901).
[401] C. Kingsley (1819–1875): *Hypatia, or New Foes with an Old Face* (1853).
[402] W. Pater (1839–1894): *Marius the Epicurean and Imaginary Portraits* (1885).
[403] V. Rydberg (1828–1895): *Den siste Athenaren* (1859).
[404] H. Sienkiewicz (1846–1916): *Quo vadis?* (1895).
[405] K. A. Böttiger (1760–1835): Sandys *HCS* III 74.
[406] W. A. Becker (1796–1846): Sandys *HCS* III 67.
[407] L. Friedländer (1824–1909): Bursian *GPhD* 1194.

por mais bonita que seja e por mais agradável leitura que propicie, não pode fornecê-lo pelo simples fato de que hoje não mais podemos prescindir de imagens, como Montfaucon já havia reconhecido.

Aqui precisam figurar mais alguns estudiosos do período de transição que não se encaixam na grande linha do desenvolvimento e, ainda assim, alcançam feitos dignos de reconhecimento. I. Schweighäuser[408] († 1830, mas sua atividade cai quase inteiramente no século XVIII) viveu em Estrasburgo e teve relações com W. v. Humboldt; como no caso de Brunck, é um contrassenso alojar esse homem, completamente alemão, entre os franceses. Ele editou escritores tão extensos e tão diversos como Apiano e Políbio, Epiteto e Ateneu, finalmente também Heródoto, com anotações muito úteis, além de ter se ocupado dos manuscritos. Ninguém pode exigir críticas estritamente diplomáticas; mas há nesse excelente homem o espírito de Casaubon, a quem ele, em muitos aspectos, recorre. Aqueles que seguiram seu exemplo não deixarão de apreciar sua crítica saudável.

Gottlieb Wernsdorf,[409] em Danzig, só há que ser mencionado como o primeiro editor de Himério, e ele não viveu para ver a impressão do livro, indispensável até hoje e que, longe de qualquer material de auxílio, deve ter custado um esforço incalculável para produzir. Foi seu irmão Johann Christian, professor universitário em Helmstedt, quem o imprimiu e, na coleção *Poetae Latini minores*, ao menos fez com que muitos poemas um tanto esquecidos se tornassem novamente de fácil acesso.

Caminhos absolutamente próprios seguiu J. G. Schneider, que adicionou "Saxo" a seu nome e seguiu um espinhoso caminho de fome e servidão (ele foi, por um tempo, fâmulo de Brunck, esses foram seus dias bons), até receber uma cátedra em Breslau, mas sem alegria nem sucesso na profissão de professor. Ele combinava

[408] I. Schweighäuser (1742–1830): Sandys *HCS* III 396.
[409] G. Wernsdorf (1717–1774): Sandys *HCS* III 396.

inclinações à Filologia e às ciências naturais e escolhia conforme esse critério os escritores a que se dedicava. Embora não cumprisse esse critério, seu Xenofonte permaneceu sendo o texto dominante por muito tempo. Ainda hoje seu Teofrasto bem como seu Opiano não são dispensáveis, tampouco seu Vitrúvio ou seus *Scriptores rei rusticae*, ainda que esses textos só tenham sido postos em seu firme fundamento depois dele. Enfim, o trabalho diligente de seu léxico grego continua vivo em esforços posteriores: o léxico foi ampliado ainda mais pelo amável Franz Passow[410] — o qual, em seus primeiros anos, em Breslau, teve um efeito altamente estimulante para a formação do novo espírito da Filologia, também sobre O. Müller[411] — sem, é claro, produzir nada de duradouro por si mesmo.

Só agora estamos no limiar do século XIX, no qual se completa a retomada da Antiguidade pela ciência, e mais uma vez a história da Filologia precisa passar por aquilo que promove o recrudescimento da vida intelectual em geral e, portanto, o vicejar de nossa ciência. Não podemos, no entanto, demorar-nos em Lessing,[412] Herder[413] e Goethe.[414] O que Lessing, em quem ainda existe algo do humanista e do *polyhistor*, também contribuiu no que diz respeito a objetos da Antiguidade são apenas bagatelas, e suas polêmicas contra Klotz e seus pares são boas apenas para iluminar o baixo nível da Filologia universitária daquela época. Mas o que seria de

[410] F. Passow (1786–1833): SANDYS *HCS* II 114. O grande *LSJ* se baseia no léxico de Passow bem como na metodologia lexicográfica disposta por Passow (1812). Ver prefácio de *LSJ*.

[411] O. Müller: ver abaixo.

[412] Afora o famoso Laocoonte, vale mencionar também a *Hamburgische Dramaturgie* (1767–60), que contém argutas críticas a dramas antigos.

[413] Entre as muitas obras de Herder, talvez valha sublinhar, nesse contexto, suas *Kritische Wälder, oder Betrachtungen die Wissenschaft und Kunst des Schönen betreffend* ["Florestas críticas, ou observações a respeito da ciência e da arte do belo"], publicadas anonimamente em 1769, em que faz observações sobre a natureza do drama antigo.

[414] Para a influência dos antigos sobre Goethe, ver a excelente monografia de GRUMACH (1949), o capítulo em LLOYD-JONES *BG* 32–60 bem como o artigo "*Goethe und der griechische Geist*" ["Goethe e o espírito grego"] de PFEIFFER *AS* 235–55.

toda poética, especialmente do drama, sem ele? É precisamente a unilateralidade e os equívocos de sua teoria das artes plásticas e discursivas que há muito têm uma reputação canônica. O que seriam todas as pesquisas sobre as origens da linguagem e da poesia, sobre o desenvolvimento orgânico dos povos individuais e da humanidade, todas as comparações de fenômenos paralelos em todo o mundo sem Herder? Nos estudos gregos do jovem Goethe, vemos a devoção arrebatadora à beleza grega. A Antiguidade, para a qual ele olhou na Itália com os olhos de Winckelmann, determina suas concepções de arte em geral, que se interpenetram com sua ciência natural. Nos *Propyläen*,[415] encontramos um classicismo rígido — e, ainda assim, ele por vezes faz oposição à grecomania. Sua própria poesia traz à luz o que o tempo deseja ver como o ideal helênico, e o Goethe maduro inquirimos sobre todos os temas, grandes ou pequenos, a fim de saber qual é sua atitude para com eles, também para com as obras e as pessoas de seu tempo. A esse triunvirato deve-se adicionar como quarto — como aprendemos cada vez mais — Wilhelm von Humboldt,[416] embora ele não fosse um poeta, nem mesmo em suas traduções classicistas, e deixe sua sabedoria fluir de forma bastante livre e compreensível apenas em suas cartas. Essa sabedoria é puramente humana, mas o ser helênico é, para ele, puro ser humano; isso diz muito mais que "humanidade." Ele nunca deixou de haurir dele; morreu com versos de Homero nos lábios. Se alguém lê até mesmo apenas sua correspondência com Welcker, fica espantado com a profundidade de conhecimento, superior até mesmo à de um Welcker. Devido à

[415] Periódico editado por Goethe de 1798 a 1800, dedicado às artes plásticas.

[416] W. v. Humboldt (1767–1835): Bursian *GPhD* 587ss.; Pfeiffer *HCS* II *passim*; Sandys *HCS* III 68; Sweet (1978–80), biografia em dois volumes resenhada por Lloyd-Jones *BG* 61–75. Pfeiffer *AS* 256–68, em seu ensaio "*Wilhelm von Humboldt, der Humanist*" ["Wilhelm von Humboldt, o humanista"], delineia bem a importância humanística de Humboldt; sua importância para a linguística fica evidente na premiada seleção de ensaios publicados pela Ed. da Universidade Federal de Uberlândia, na tradução de Harden & Carvalho (Humboldt 2021).

virada desastrosa dos acontecimentos no governo prussiano, foi-lhe negada a oportunidade de liderar todo o sistema educacional, do qual ele ao menos criou a universidade. Mas mesmo na solidão de Tegel, ele continuou sendo o chefe do círculo que, apesar da reação, soube elevar Berlim à capital científica da Alemanha.

Impacto mais direto têm ambos os Schlegel.[417] O mais espirituoso Friedrich traçou as linhas básicas para o que a geração seguinte considerou como o desenvolvimento orgânico exemplar da poesia grega. A doutrina de Schiller da poesia ingênua e sentimental[418] acresceu-se a isso, e por mais que fosse preciso fazer correções, havia em ambos verdades que os filólogos eram incapazes de compreender por si mesmos. Schlegel também deu a Schleiermacher o ímpeto para sua tradução de Platão. August Wilhelm Schlegel determinou o julgamento artístico dos dramaturgos áticos por tempo demais. Mais valiosa foi sua revisão da *História Romana* de Niebuhr. Entrementes, mais importante que todas as obras individuais é o senso histórico e a compreensão do elemento primitivo, inclusive em crenças e costumes, que o Romantismo, como sucessor de Herder, trouxe à Filologia — um contrapeso à crítica necessário, claro, sobretudo para dissipar a opressiva névoa da fé preguiçosa na autoridade.

Enfim, J. H. Voss,[419] o árbitro da arte classicista da tradução, não deve ser privado de sua fama. Afinal, muitas pessoas, mesmo aquelas das quais se deve exigir mais, ainda veem Homero de uma maneira completamente vossiana. Inegavelmente, ele tinha a vantagem sobre todos os seus concorrentes de estar no auge da compreensão das palavras, e um estilo firme ele realmente alcançou. No que diz respeito às *Geórgicas*, de Virgílio, ele também acrescen-

[417] Friedrich (1772–1829) e August W. (1767–1845) Schlegel: SANDYS *HCS* III 71s.
[418] F. Schiller (1759–1820): SANDYS *HCS* III 71. O seminal ensaio de Schiller "*Über naive und sentimentale Dichtung*" ["Sobre poesia ingênua e sentimental"] consta em português na tradução de M. SUZUKI (= SCHILLER 1991[1879]).
[419] J. H. Voss (1751–1826): SANDYS *HCS* III 61.

tou a experiência e o amor da criança do campo. No mais, suas traduções posteriores — e a infindável horda de tentativas do mesmo tipo empreendidas por ele — não foram propícias à compreensão dos poetas. E a estrondosa polêmica desse racionalista contra a *Symbolik* de seu colega Creuzer é não apenas pouco edificante, como também se privou de seu efeito justificado.

Como amigo de Goethe e Wilhelm von Humboldt, F. A. Wolf[420] estava capacitado a descobrir a Ciência da Antiguidade que herdara de seu professor, Heyne, como um todo que agora tinha que ser construído. Ele o fez logo com a fundação de uma revista filológica em alemão, que dedicou a Goethe. Isso de fato marcou a época, e que ele tenha, infundadamente, exagerado o valor da Antiguidade é perdoado pelo estado de espírito dos tempos. Se ele, quando de sua matrícula em Göttingen, só permitiu que fosse inscrito como estudante de Filologia, é provavelmente porque foi movido por sua aversão a tudo quanto é teológico — mas significado sintomático isso teve, já pelo fato de ter obtido sucesso. Na prática, foi provavelmente mais importante que seu programa o fato de ter dado à Filologia um impulso numa determinada direção. Os alemães ainda não possuíam as habilidades linguísticas indispensáveis, e também tinham que aprender críticas filológicas específicas. Portanto, Wolf apontou-os enfaticamente para Bentley. Ele mesmo quase não conseguiu nada nesse aspecto com suas edições, das quais não há muitas. Mas se I. Bekker,[421] em seu primeiro trabalho — uma revisão do Homero de Wolf —, se prova um crítico superior, foi só porque recebeu o ímpeto para tanto desse professor. Quando os *Prolegomena ad Homerum* apareceram, podia-se esperar que a segunda parte prometida traria a solução para as questões levantadas pela primeira. Isso não se concre-

[420] J. W. Wolf (1759–1824): Pfeiffer *HCS* II 173–7; Sandys *HCS* III 51. Niebuhr (1843: 227) chama a Wolf "herói e epônimo da linhagem de filólogos alemães." Ver a discussão em Silva (2022: 123ss.), *c. lit.*

[421] I. Bekker: ver abaixo.

tizou, e a pérfida polêmica contra Heyne e Herder forneceu um substituto desagradável.[422] O principal valor dos *Prolegomena* não está de modo algum na Questão Homérica, que há muito tempo fora levantada, mas no fato de ter tornado acessíveis os escólios — i.e., a história do texto. Mesmo como professor em Berlim, Wolf não mais conseguiu fazer o que justamente o tornou famoso em Halle. E quando ele, seguindo os passos de Markland,[423] declara ora este, ora aquele discurso de Cícero como inautêntico, quase parece como se ele quisesse fazer de parvos seus colegas. O círculo de Berlim, no qual ele deveria ter se tornado o mestre, fez o trabalho sem ele — ou melhor, contra ele —, e a liderança da crítica textual no sentido de Bentley coube a um outro, que a princípio se curvou admiravelmente diante de Wolf, mas seguiu seu próprio caminho.

Gottfried Hermann[424] nasceu e continuou atuando em Leipzig, e o racionalismo saxão é inconfundível nele. Ele reverenciava F. W. Reiz[425] como professor, o que preserva a memória do homem modesto e destro que teve sucesso em alguns aspectos de Plauto e Lívio. À lógica kantiana Hermann rendeu-se de pronto, completamente, e alegou que o ponto de vista científico que ele adotou com sua ajuda era absolutamente correto. Ele rejeitou com brusquidão todos os outros, e o que não se enquadrava no círculo de visão claramente definido que ele aprendera a abarcar em sua juventude, ele se considerava no direito de ignorar. Seu livro *De emendanda ratione linguae Graecae*,[426] sobremodo influente, é completamente dogmático, e, em verdade, o latim é a língua normal para ele — ele, afinal, só tem um estilo próprio quando escreve em latim.

[422] A polêmica fica evidente nas cartas de Wolf a Heyne (Wolf 1797).
[423] J. Markland: ver acima.
[424] G. Hermann (1772–1848): Pfeiffer *HCS* II 178–9; Sandys *HCS* III 179ss.
[425] F. W. Reiz (1733–1790): Sandys *HCS* III 18. O *reizianum*, metro eólico de cadência ×—⏑⏑—× (= ferecrácio acéfalo), é assim chamado em honra a ele. Ver West *GM* 30ss.; Wilamowitz *GV* 94, 122, 248, 399; na forma mais abreviada: 403, 431; em dócmio: 405; em *responsio livre*: 259, 559.
[426] O livro se chama, em verdade, *De emendanda ratione Graecae grammaticae* (1801).

Hoje, o livro não é menos estranho para nós do que as *Origenes Graecae* de Valckenaer.[427] Mesmo em sua métrica a estrutura teórica está construída de forma demasiado abstrata e lógica — e, por isso mesmo, insustentável. De sua mitologia, felizmente, ninguém tomou conhecimento. Não admira que sua concepção da poesia e também da tarefa de elucidá-la parecesse estreita e superficial para a Filologia de Welcker,[428] a qual sempre se voltou ao todo, e ainda mais ao historiador O. Müller.[429] Mas o Hermann que encantou as pessoas nas relações pessoais e no púlpito foi felizmente bastante diverso, e quando ele lia uma canção coral, toda a beleza se apresentava diretamente diante das almas dos ouvintes. Ele era um cavaleiro em todos os sentidos da palavra e adorava a batalha, mas a conduzia com cavalheirismo. Língua e verso estavam vivos nele, e o despertar dessa vida em seus alunos era seu carisma especial. Quem não absorvesse nada disso, é claro, poderia facilmente transformar a filologia do verbo num moinho vazio. Como crítico, Hermann é o oposto de um sistemático e, em contraste com a analogia perseguida pela escola de Porson, defende o direito à individualidade, ou seja, à anomalia. A *Medeia* de Elmsley[430] e a revisão de Hermann ensinam isso melhor. Ele foi amiúde longe demais, mas isso lhe permitiu compreender, como nenhum outro, a língua fortemente idiomática de Sófocles. Ele mostrava coragem e também felicidade ao conjecturar quando quer que se aproximasse de um texto. Homero, Píndaro e os trágicos permaneceram os objetos favoritos de seus estudos ao longo de sua longa vida. Ele ainda era muito jovem quando Heyne o incumbiu da métrica de seu Píndaro e recebeu uma riqueza das mais belas contribuições críticas, as quais, reconhecidamente, causaram-lhe arrepios. Em geral, suas obras mais eficazes e belas foram feitas durante

[427] Valckenaer: ver acima.
[428] Welcker: ver abaixo.
[429] O. Müller: ver abaixo.
[430] Elmsley: ver acima.

a juventude. Nenhuma é mais elevada que os *Orphica*, nos quais ele vai ao encalço do estilo hexamétrico desde Homero até seus últimos desdobramentos e, portanto, já aqui de um curso histórico. Os *Prolegomena* de Wolf atraíram-no para o campo da análise. Neste, porém, ele não foi feliz nos *Hinos homéricos* tampouco em Hesíodo, mas na *Ilíada* fez algumas observações que eram tão irrefutáveis quanto de longo alcance. Devemos reconhecer os limites de sua capacidade e vontade, e por mais correto que tenha sido seu conselho de praticar a *ars nesciendi* (como, aliás, já dissera Grócio: *nescire quaedam magna pars sapientiae est*),[431] ele e, especialmente, muitos de seus pupilos fizeram uso excessivo dele. Sua exigência, no entanto, permanece válida: o crítico deve saber o que o escritor do qual trata teria pensado e como poderia tê-lo expressado, o que, naturalmente, não só escapa a provas rigorosas, mas permanece para cada um de nós sempre um desejo de um devoto — assim como todos devem, por toda a vida, desejar com Escalígero: *utinam essem bonus grammaticus*![432]

O jovem Hermann despertou de pronto importantes pupilos, aos quais sucederam tantos mais dos quais aqui se pode fazer apenas uma seleção estreita, sobre a qual se pode decerto discutir; porém, é assim que este esboço precisa proceder. Um dos mais antigos é F. Thiersch,[433] que se tornou o reformador da escola em Munique e o despertador do novo espírito na universidade. A fun-

[431] Poem. 228: "Não saber certas coisas é uma grande parte da sabedoria".

[432] Escalígero (1695: 176s.): "*Utinam essem bonus Grammaticus; sufficit enim ei qui auctores omnes probe vult intelligere esse bonum Grammaticum. Porro quicumque Doctos viros, grammaticos* pour tout potage *vocant, sunt ipsi indoctissimi, idque semper observabis. Non aliunde dissidia in Religione pendent, quam ab ignoratione Grammaticæ*". ["Que eu seja um bom gramático! Para quem quer entender bem todos os autores, basta ser um bom gramático. Ademais, quem quer que chame aos doutos 'gramáticos *pour tout potage*' é, ele próprio, o mais indouto, e isso observarás sempre. As dissidências na religião não advêm de outra fonte senão da ignorância gramatical"].

[433] F. Thiersch (1784–1860): Sandys *HCS* III 110. Seus méritos para a Baviera propiciaram-lhe a alcunha *praeceptor Bavariae* (ver Pfeiffer *GG* 116ss.).

dação da Gliptoteca, a coleção de vasos e, posteriormente, também a conexão da Baviera com a nova Grécia do Rei Otto levaram-no para além do que a Escola de Hermann tinha alcançado. Assim, porém, ele teve um efeito benéfico sem promover positivamente a ciência. Provavelmente, o mais peculiar dos pupilos de Hermann é C. A. Lobeck,[434] que fundou sua própria escola em Königsberg. A observação apurada da língua, a qual ele foi capaz de estender para toda a sua área, confere já a suas edições do *Ájax* e de Frínico grande e duradouro valor. Em obras seguintes, puramente gramaticais, ele retomou o fio condutor dos gramáticos gregos.[435] O material e a ordenação em que é apresentado tornam os livros úteis até hoje, quando a comparação linguística há muito abandonou o ponto de vista que adotam, já à época dificilmente justificado. Dificilmente se suspeitaria de um homem de inteligência brilhante e temperamento animado por trás do autor desses livros gramaticais. Lobeck se mostra como tal em alguns de seus deliciosos discursos acadêmicos, e a malícia muita vez se manifesta através da pesada erudição de seu *Aglaophamus*, que já promove um jogo de provocação no título, pois esse professor traco-órfico de Pitágoras revela aqui que por trás de todos os mistérios não há nada além de fraude e superstição. Foi uma ousadia do jovem estudioso.[436] Entre aqueles que combateu, sobretudo o acadêmico francês Sainte-Croix[437] (cujo trabalho, no entanto, era de mérito para os historiadores de Alexandre) tinha um nome respeitado, e a *Symbolik* de Creuzer,[438] conselheiro da corte de Heidelberg, era considerada como uma grande obra que, no lugar da religião natural tal como concebida pelo racionalismo, pôs uma revelação que, recebida em obscuros tempos primitivos, teria se difundido pelo

[434] C. A. Lobeck (1781–1860): SANDYS *HCS* III 65.
[435] *Paralipomena grammaticae Graecae* (1837), *Pathologiae semonis Graeci prolegomena* (1843) e *Pathologiae Graeci semonis elementa* (1853).
[436] O *Aglaophamus* foi publicado em 1829, quando Lobeck tinha 48 anos.
[437] G. E. J. de Sainte-Croix (1746–1806): SANDYS *HCS* II 397.
[438] G. F. Creuzer (1771–1858): SANDYS *HCS* III 65.

mundo em cultos secretos. O homem bem como sua obra tinham o poder de impressionar e ganhar prosélitos; isso ia ao encontro das tendências místicas do Romantismo tardio e também ameaçava turvar as mentes científicas. O renascimento dos neoplatônicos por Creuzer, especialmente Plotino — que Lobeck também sabia distinguir bem dos que estavam ao redor de Jâmblico e Proclo —, merece total reconhecimento e teve seu efeito estendido também à França por V. Cousin,[439] o editor de Proclo. Na Heidelberg que durante anos era o centro do Romantismo e da qual também os irmãos Grimm hauriam, Creuzer assumia uma posição que não podia ser abalada pela *Antisymbolik* de Voss;[440] mas ela não resistiu à pesada artilharia de *Aglaophamus*. Creuzer sobreviveu à sua derrota por mais uma geração; o trabalho de Lobeck, por outro lado, igualmente impressionante por sua erudição e astúcia, ainda não encontrou uma sucessão correta — i.e., que o corrigisse —, embora seu racionalismo há muito tenha deixado de contar com mais confessores. Faltava-lhe o sentido histórico que precisa surgir dos fantasmas neoplatônicos para o antigo orfismo, o qual almejava uma reforma da fé e do culto e por trás do qual está a liturgia ingênua à Mãe Terra, a qual nem Lobeck nem Creuzer foram capazes de compreender.

A. F. Naeke[441] pode reivindicar o elogio de ter tomado o caminho certo para a interpretação devido a duas obras que foram publicadas após sua morte prematura: a edição do chamado Valério Catão[442] e a reconstrução da *Hécale* de Calímaco.[443] Um trabalho tal acerca de uma obra de arte perdida não era algo irrisó-

[439] V. Cousin (1792–1867): SANDYS *HCS* III 251.
[440] A *Antisymbolik* de Voss foi publicada em dois tomos, respectivamente, em 1824 e 1826.
[441] A. F. Naeke (1788–1838): SANDYS *HCS* III 109.
[442] *Carmina Valerii Catonis cum A. F. Naekii annotationibus* (ed. SCHOPEN 1847). Trata-se de edição de *Dirae* e *Lydia*, poemas transmitidos na *Appendix Vergiliana*, atribuídos à época a P. Valério Catão (séc. I a.C.), gramático e poeta da República Romana.
[443] Vol. II dos *Opuscula philologica* (ed. WELCKER 1845).

rio. Como alento para tanto serviu-lhe provavelmente seu colega e amigo Welcker com sua tentativa sobre a trilogia do *Prometeu*. Aqui se aborda, ademais, um poema helenístico, numa época em que essa bela arte era quase totalmente negligenciada; afinal, mesmo no que diz respeito a Teócrito — cuja influência sobre a poesia inglesa é perceptível em Shelley e nos *lake poets* — nada houve senão abordagens isoladas após Valckenaer. Calímaco, enfim, permaneceu completamente incompreendido. A *Antologia* de Céfalas, após o manuscrito ter retornado a Heidelberg via Paris (muito embora deliberadamente desprovido de algumas páginas), foi finalmente impressa por F. Jacobs. Esse excelente homem, que viveu em Gotha toda sua vida[444] e gozava de popularidade geral apesar dos antagonismos da escola, tendo morrido venerado quase como um patriarca († 1847), era um sucessor que Brunck apenas podia desejar. Ele publicara a *História dos animas* de Eliano com base no trabalho de Schneider-Saxo, as *Imagens* de Filóstrato — em associação com Welcker — bem como o romance de Aquiles Tácio. Para a escola, ele criou um belo manual de leitura de grego e fundou uma coleção de edições com pequenas explicações em latim. Numerosos escritos menores foram capazes de trazer para mais perto do público geral a imagem transfigurada da Antiguidade, tal como se apresentava à alma dessa geração.

Ainda mais duradouro foi o efeito de August Meineke[445] para a acessibilidade da poesia helenística. Ele começou a tratar dos fragmentos de Euforião na Schulpforta sob o excelente — embora muito estranho — Reitor Ilgen,[446] professor de Hermann e amigo de Humboldt. Alunos na Pforta haviam sido já Grévio e Ernesti,

[444] F. W. Jacobs (1746–1847): embora tenha de fato morado quase a vida toda em Gotha, ele teve um breve interlúdio em Munique (1807–10), onde foi professor de literatura antiga na escola e, ademais, professor particular para o príncipe herdeiro Luís I da Baviera. Ver PFEIFFER *GG* 115ss.; SANDYS *HCS* III 64.

[445] A. Meineke (1790–1870): SANDYS *HCS* III 117.

[446] K. D. Ilgen (1763–1834): BURSIAN *GPhD* 666 n. 2; SANDYS *HCS* III 63ss.

depois Boettiger e Thiersch, Döderlein[447] e Dissen,[448] Nauck e Bonitz.[449] Jahn[450] também recebeu ali o primeiro impulso para a arqueologia. Euforião foi mais tarde incluso por Meineke em seus *Analecta Alexandrina*, que ressuscitaram mais de um poeta perdido. Ele editou os bucólicos três vezes, num trabalho nunca apressado, e seus vestígios encontram-se por quase toda parte dessa literatura. E ainda assim, sua principal obra é a coleção dos *Fragmenta comicorum* no estilo de Bentley, com uma *historia critica* conforme ao padrão de Ruhnken, mas incomparavelmente mais rica. A obra merece a mais completa admiração e não deve ser tirada das mãos dos leitores por uma edição inferior dos mesmos textos.[451] Em sua idade avançada, Meineke imprimiu Estrabão, Estobeu e Ateneu, rapidamente e com base nas últimas edições, de modo que apenas as melhorias aos textos lhe pertencem; elas, no entanto, sobejam. Naquela época, ele já pertencia há muito tempo ao círculo de Berlim como diretor do Ginásio Joachimsthal e membro da *Academia*, preservando em plena harmonia sua natureza amável como aluno de Hermann. As ondas de contracorrentes haviam diminuído. Outrora, porém, o choque fora violento — inevitável, não fosse o navio da ciência encalhar na areia.

Em Berlim, havia em 1810 estudiosos suficientes para ocupar a universidade quando foi fundada. F. A. Wolf acrescentou um

[447] L. Dördelein (1791–1863): SANDYS *HCS* III 113.
[448] L. Dissen (1763–1834): SANDYS *HCS* III 113.
[449] Nauck e Bonitz são tratados abaixo. À lista de *alumni* da Pforta acrescem-se, claro, Nietzsche e o próprio Wilamowitz, que relata o período em suas *Memórias* (WILAMOWITZ *Er.* 62ss.).
[450] Jahn: ver abaixo.
[451] Alusão à edição em três volumes dos *Fragmenta comicorum* por T. Kock (1820–1891), publicados em 1880–8. Trata-se de seu último trabalho, em que desejava produzir uma nova *editio minor* de Meineke; a edição de Kock, contudo, fica aquém do esperado, uma vez que, nas palavras de SANDYS *HCS* III 156, "*a higher standard was expected in 1880 than that which had sufficed thirty-three years before.*" ["esperava-se um padrão mais elevado em 1880 do que aquele que fora o bastante trinta e três anos antes"].

grande nome, nada mais. Schleiermacher[452] era provavelmente o mais clarividente de todos aqueles a quem era permitido fazer propostas para a estrutura da universidade, a qual, conforme o ideal de Humboldt, se tornou um centro da ciência, algo bem diferente do que as universidades tinham sido até então. Sua *Teologia* não estava voltada para a pesquisa histórica, mas sua filosofia certamente estava. Seu Platão alemão dissipou, afora sua auréola, também as névoas que envolviam — de fato, desde a morte de Platão — a imagem desse filósofo, e já com seus tratados sobre Diógenes de Apolônia e Heráclito ele despertou o estudo dos pré-socráticos. Seu também será o plano de convidar Bekker a editar os escritos de Aristóteles. Em Platão, Heindorf[453] também praticava — de forma tão modesta quanto salutar — a arte de explicar as palavras, a qual também teve que começar do início. Ao seu lado estavam Spalding († já em 1811),[454] conhecido com honra como um latinista por meio de seu Quintiliano, e sobretudo Philipp Buttmann,[455] tão impressionante como pessoa, por seu *ethos* absolutamente especial, quanto como estudioso. Antes dele, não havia nenhuma teoria da morfologia e da formação de palavras gregas dignas desse nome — e se não fosse o estudo comparativo de línguas, nossa gramática teria permanecido, para sempre, inteiramente buttmanniana. Lobeck aparece ao seu lado apenas como um colecionador de material: aqui estão os pensamentos revigorantes. Seu *Lexilogus* foi tão além da etimologia antiga quanto sua gramática de Herodiano. Algumas partes de seu *Mythologus* revelam, em sua forma verdadeiramente clássica, uma compreensão de lendas e poesias antigas que Welcker e O. Müller não superaram. L. Ideler,[456] o astrônomo da Academia, dominava não apenas a língua grega, mas também a árabe, de modo que pôde aplicar, em prol da

[452] F. Schleiermacher (1768–1834): SANDYS *HCS* III 82.
[453] L. F. Heindorf (1774–1816): SANDYS *HCS* III 82.
[454] G. L. Spalding (1762–1811): SANDYS *HCS* III 81.
[455] P. Buttmann (1764–1829): PFEIFFER *HCS* II 185–6; SANDYS *HCS* III 82.
[456] C. L. Ideler (1766–1846): SANDYS *HCS* III 99.

Antiguidade, seu conhecimento em numerosas e belas investigações sobre os nomes das estrelas e constelações e outros aspectos das astronomias científica e popular, e ele acabou criando em sua *Cronologia* um manual que, por mais que muito se tenha acrescido no que diz respeito a calendários e ciclos individuais, é insuperável em suas explicações fundamentais por sua clareza luminosa e acuidade conceitual. Nele se percebe claramente que apenas o especialista pode trazer à luz o que os gregos alcançaram em sua área. É claro que ele deve ser, *a priori*, filologicamente tão bem formado quanto Ideler era, e a complementaridade mútua dos amigos terá tido seu papel. A eles juntou-se Immanuel Bekker,[457] formado por Wolf, e tornou-se um membro altamente estimado desse círculo, embora, pessoalmente, mal tenha dado algo de si (ele era docente apenas *pro forma*) e logo tenha partido em viagem para realizar uma tarefa hercúlea ao comparar os manuscritos que, por meio do roubo francês, acabaram unidos em Paris. Ele viajou amiúde com o mesmo propósito, vindo a publicar os textos de quase todos os escritores de prosa ática até Aristóteles de forma segura, corroborada pelos documentos. Ele sempre quer dar ao leitor apenas o que é mais necessário; como ele chegou ao resultado, se laboriosa ou facilmente, não se saberia dizer. Compare-se, por exemplo, o que ele realmente alcançou em Pólux; mas sobre o inventário de manuscritos a partir dos quais o texto é montado o leitor não aprende nada — e a verdade é que ele não precisa dessa informação. Ninguém nega que Bekker foi longe demais na concisão de suas anotações, e que também cometeu erros aqui e ali em sua avaliação das testemunhas textuais. Agora, se está correto imputar-lhe que não tenha dominado completamente a crítica diplomática é duvidoso, pois os papiros nos levaram muito amiúde de volta à crítica eclética praticada por ele, com base em seu senso de estilo extraordinariamente seguro. Quem dera ele ao menos

[457] I. Bekker (1785–1871): Pfeiffer *HCS* II 181s.; Sandys *HCS* III 85.

houvesse revelado mais de tudo quanto sabia. Uma anedota transmitida oralmente conta que os amigos estavam lendo Demóstenes juntos e Lachmann queria, conjecturando, reconstituir uma palavra. Concordância geral; Bekker permanece em silêncio. Enfim, pergunta-se a ele: "Acaso ele não restaurou bem essa palavra?" Bekker diz apenas: "Em Demóstenes?". Esse foi o fim da conjectura para todos. Falar ele falou apenas sobre Homero, feliz apenas em suas observações linguísticas, e acabou — seguindo os passos de Bentley — restaurando o digama de modo mais normalizador do que o estado de nosso texto admite. Com isso, abriu-se o caminho para experiências mais violentas em que se engolfaram também holandeses e ingleses.[458] Em sua idade avançada, Bekker publica muitos textos nos quais ele nada fez senão inspecionar textos já publicados e melhorá-los com a arte de sua pontuação. Quem quiser negar-lhe isto, depõe contra sua própria compreensão do idioma. Sobre as questões de autenticidade de um texto ele raramente tomava posição. Quando o fez, como nos escritos de Luciano, seu radicalismo é desconcertante.

Ao lado — pode-se até dizer acima — de todos eles estava Barthold Georg Niebuhr,[459] filho maior de um grande pai — já nisso semelhante a Escalígero, cuja obra ele admirava e elevou, ele próprio, a uma potência superior. O súdito dinamarquês se tornara prussiano por inclinação. Prestara os mais valiosos serviços a esse Estado como funcionário público, mas fora então forçado a renunciar ao cargo e não dera ainda prova alguma de sua aptidão científ-

[458] Alusão a uma série de tentativas de restaurar o digama, como bem aponta Kopff (1998): os *Carmina Homerica* de Bekker (1858), numa tentativa de ir além do texto de Aristarco, contam com o digama, ao que sucedem a Ilíada de Christ (1884) bem como a Odisseia e a Ilíada de Fick (1883–6); na Holanda, van Leeuwen & M. B. Mendes da Costa (1887–9, 2ª ed. 1895–7) dedicaram a Cobet, seu professor, uma Ilíada com o digama restaurado; na Inglaterra, Platt (1892–4) introduziu o digama sistematicamente em seus *The Cambridge Homer: Odyssey* e, dois anos mais tarde, *The Cambridge Homer: Iliad*.

[459] B. G. Niebuhr (1766–1831): Pfeiffer *HCS* II 183; Sandys *HCS* III 77. Wilamowitz refere-se à *Römische Geschichte* (3 vols., 1811–32).

fica — quando a perspicácia de Humboldt fez com que fosse eleito à Academia. Não na Academia, mas como acadêmico é que ele deu as palestras das quais adveio a *História Romana*, a qual o tornou imediatamente um homem famoso. Para o grande público, seu principal mérito foi e continua sendo ter posto termo à *fable convenue* da história real romana. Procuraram-se então os precursores, encontrados em Perizônio[460] e L. de Beaufort († 1795).[461] Como se o negativo fosse importante com Niebuhr! Ele não lança problema algum, como os *Prolegomena* de Wolf, mas busca mostrar, primeiramente, como teria surgido aquela tradição, mas especialmente o que teria de tomar seu lugar como história. Sabemos hoje que ele ainda acreditava demais e, em sua história, mal chegou à época de que se pode dar uma narrativa coerente. O crítico em Niebuhr não é exatamente decisivo para sua grandeza, mas sim o estadista que conhece as forças motrizes na vida dos povos e as exigências da ordem e da administração estatais e, portanto, leva em conta o que não costuma constar nas narrativas sobre guerras e sobre medidas governamentais e estatais. Por isso, ele sabia que os documentos são mais confiáveis que a mais envolvente historiografia e que todo testemunho da vida passada deve ser explorado. Sua visão era histórico-mundial. As palestras que ele deu mais tarde em Bonn sobre a história da Antiguidade são provavelmente iguais à *História Romana* em seu resultado positivo, e quando a tradução armênia da *Crônica* de Eusébio veio à tona, ele pôde imediatamente registrar o ganho num de seus tratados mais magistrais. Aqui, um feliz acaso o uniu a Escalígero. Inspirado por este, ele tentou conquistar a Academia de Berlim com seu plano hercúleo de coletar todas as inscrições antigas em todas as línguas, e até mesmo pen-

[460] Perizônio (lat. *Perizonius*), nasc. J. Voobroek (1651–1715): SANDYS *HCS* II 330. Trata-se das *Animaduersiones historicae* de Perizônio, publicadas em 1685.

[461] L. de Beaufort (1703–1795): PFEIFFER *HCS* II 183; SANDYS *HCS* III 77. Trata-se de sua *Dissertation sur l'incertitude des cinq premières siècles de l'histoire romaine* (1738), em que põe em xeque a credibilidade de fontes históricas.

sou que seria possível realizá-lo num futuro próximo. A princípio, porém, ele só pensava em materiais publicados ou disponíveis em cópias, e apenas incidentalmente em viajar pela Grécia. De participar ele mesmo da coleção impediu-o sua nomeação como embaixador em Roma, mas ele fez todos os esforços para realizar isso lá. Concluiu-se de início apenas o começo do *Corpus inscriptionum Graecarum*, que Boeckh assumiu, ainda que isso tenha interferido em seus próprios planos. Por mais importante que o trabalho fosse em si mesmo, ele foi mais significativo como o início do empreendimento em larga escala da ciência pela Academia. O historiador de Roma cuja alma apaixonada estava voltada para o povo dominante não se sentiu à vontade na cidade papal com a caricatura de um Estado, como o fizera Humboldt. Faltava-lhe a relação com a arte, mas isso de fato se explica pela diferença interior entre os dois grandes homens. O registro e a descrição cuidadosa dos restos da cidade antiga foram empreendidos por ele próprio, e suas cartas mostram como ele olhou para as condições do presente italiano para ver se ele permitia tirar conclusões sobre a Antiguidade. Ele também pesquisou nas bibliotecas. É bem conhecido o fato de que ele logrou, já em Verona, descobrir Gaio. Os achados de Angelo Mai[462] — Cícero *De re publica* e Frontão —, haviam suscitado esperanças de enriquecer a literatura latina com palimpsestos, e Niebuhr ao menos encontrou fragmentos de discursos ciceronianos no Vaticano e Merobaudes em St. Gallen. Ele sempre manteve liame estreito com a Filologia *stricto sensu*, sem possuir o necessário juízo de estilo, como comprovam sua atribuição de Petrônio e Cúrcio ao século III[463] e, ainda mais claramente, a tenacidade com que considerava *Lydia bella puella*[464] e poemas similares como antigos. Que ele, ao fim da vida, tenha proposto uma mera reim-

[462] Cardeal A. Mai (1782–1854): SANDYS *HCS* II 241; [3]*SS* 192–4; 285.
[463] Petrônio e Quinto Cúrcio Rufo pertencem ao séc. I.
[464] Niebuhr publicou um famoso artigo "*Ueber das Alter des Lieds Lydia bella puella*" ["Sobre a antiguidade de *Lydia bella puella*"] em *RhM* 3 (1829) 1–8.

pressão dos historiadores bizantinos é perdoável: afinal, nenhum livreiro conseguia arcar com os custos de uma edição crítica. Esta era, à época, totalmente inviável; que a Academia, porém, após sua morte, tenha continuado um empreendimento tão pouco científico e que seus melhores homens tenham participado dele, é infelizmente uma prova de que ainda se tinha esse tratamento como suficiente no que diz respeito aos bizantinos.

Para a nova Universidade de Berlim convocou-se August Boeckh,[465] jovem e fresco. Ele permaneceu membro dela até 1867. O nativo de Baden não era nenhum estranho no norte da Alemanha: ele, afinal, estudara com Wolf e vivera em Berlim por algum tempo, de modo que os melhores homens o conheciam e, por isso, o convocaram. Entrementes, é verdade que de Heidelberg, onde ele se tornara professor, ele não levava consigo nem o Romantismo nem a crença na *Symbolik* de Creuzer, mas ele havia experimentado a influência pessoal de Creuzer e cultivado essa conexão, mesmo quando este estava praticamente esquecido. Em Boeckh havia uma veia a que não chamaremos propriamente filosófica, mas talvez se possa dizer pitagórica. A Astronomia como base dos sistemas físico e metafísico o atraiu; daí que tenha logo trabalhado no *Timeu* de Platão e em Filolau, e foi a teoria da música o que o levou à métrica e desta a Píndaro. Medir, pesar, calcular eram-lhe tarefas bem-vindas. Isso produziu suas descobertas pioneiras nos campos da metrologia e da cronologia, e ele, em idade avançada, retornou aos estudos da juventude. Afora isso, porém, havia sua inclinação de apreender a vida antiga — mais precisamente a da Atenas clássica — em todos os seus aspectos, e sua capacidade de, trabalhando, adentrar todos os aspectos dessa vida, na medida em que se pode fazê-lo sentado a uma escrivaninha. A testemunha mais surpreendente desse aspecto de seu fazer filológico é seu tratamento dos documentos marítimos, mais facilmente

[465] A. Boeckh (1785–1867): Pfeiffer *HCS* II 181; Sandys *HCS* III 95.

acessíveis nos documentos atenienses, que compõem o segundo volume de sua *Economia pública dos Atenienses*.[466] Quando essa obra foi publicada pela primeira vez, era tudo tão novo e ia tão além de tudo o que fora empreendido até então para qualquer povo, qualquer época, que sua importância foi apreciada apenas por pouquíssimos filólogos, talvez fora dos círculos profissionais mais que dentro deles. E quase concomitantemente veio seu Píndaro, que pela primeira vez empreendia explicar os poemas como documentos históricos. Nisso reside o principal valor da obra, por mais belo que seja seu tratamento dos escólios e dos fragmentos, por mais prudente que seja sua crítica textual. Esta pouco o atraía, e é preciso admitir que sua *Antígona* — tanto a grega como a alemã — não deixa entrever nenhum talento particular para a poesia como tal, assim como a língua pouco lhe interessava. Seu tratamento das inscrições também mostra os mesmos méritos e deficiências. O útil comentário, especialmente aos documentos, é exemplar; o que as pedras ensinam para a história da língua fica completamente em segundo plano. A maior falha de Boeckh nesse aspecto é que nunca tenha chegado a admitir em relação às pedras o que, em princípio, já era certo para os manuscritos: que se deve partir do original. De início, isso era impossível, mas mais tarde Ross lhe forneceu da Grécia suas excelentes cópias; ele as tinha como suficientes e não aceitava as reivindicações dos epigrafistas que trabalhavam *in loco*. Nós involuntariamente pensamos em Boeckh como o velho senhor mostrado, com dignidade solene, em seu famoso retrato. Ele é sábio e sensato; ele ocupava, tanto na Universidade como na Academia, uma posição de comando e transmitia, a uma geração de ouvintes após a outra, a ciência abrangente cujo plano fundamental foi esboçado em sua *Enciclopédia*;[467] hoje, porém, não

[466] *Staatshaushaltung der Athener*: publicada originalmente em 1817, com numerosas reedições.

[467] *Enzyklopädie und Methodologie der philologischen Wissenschaften* ["Enciclopédia e metodologia da ciência filológica"] (= BOECKH 1877).

nos daremos por satisfeitos com a tese de que nosso trabalho deve ser fundado no conhecimento do conhecido. Tão grande foi sua posição por décadas, e ele a preencheu dignamente. Mas o Boeckh que conduziu a nova ciência à vitória foi um outro. Há também um bom retrato dele, e é óbvio que ele não se esquivou da luta, almejando, cônscio de si mesmo, o objetivo que nenhum outro estabelecera para ele. Nos primeiros vinte anos de sua atividade em Berlim, ele conquistou suas vitórias. Foi também quando ele recrutou seus mais importantes pupilos e colegas. Afinal, quisesse ou não, ele formava uma escola ao seu redor, exatamente como Hermann, e ainda que tenha prestado homenagem a este quando jovem e ambos se tenham visto forçados a reconhecer a importância e a capacidade do outro, eles não eram capazes de fazer jus um ao outro.

A ocupação de Boeckh com a economia pública levou-o ao direito ateniense. Propondo o tratamento do processo legal ático como tarefa premiada, ele trouxe à luz a importante obra para a qual ambos os candidatos, pupilos de Boeckh, M. H. E. Meier[468] e G. F. Schömann,[469] se uniram. O primeiro, em amigável dependência de seu mestre, foi permanentemente ativo na mesma direção. Schömann, a seu turno, representou honrosamente, por anos a fio, toda a Filologia em Greifswald. Seu livro *De comitiis Atheniensium* não parece menos estranho hoje, como se fosse de Sigônio. À época, contudo, ele fornecia tudo quanto era possível alcançar. Sua apresentação de bom gosto das antiguidades resume a tradição literária com um julgamento cauteloso, mas apenas a literária. Em contrapartida, seu livro sobre as partes do discurso como introdução à teoria antiga permanece o melhor.

Outra tarefa premiada — igualmente feliz — concebida por Boeckh foi a de exigir uma história da Retórica. Disso adveio a

[468] M. H. E. Meier (1796–1855): SANDYS *HCS* III 168; SANDYS *HCS* III 95.
[469] G. K. Schömann (1793–1879): SANDYS *HCS* III 165.

excelente Συναγωγὴ τεχνῶν [*Compilação das artes*] de L. Spengel,[470] apontando a seu autor a direção para sua vida de sucesso; afinal, nenhum outro, nem de longe, conheceu tão bem a essência e a técnica da Retórica. As edições comentadas de Anaxímenes e Aristóteles de Spengel permanecem, junto a muitos *scripta minora* importantes, a melhor introdução a esses autores. Por conhecer suas artimanhas, Spengel foi quem primeiro estimou corretamente a credibilidade dos oradores áticos; dava-se pouca atenção a ele também. Seus esforços nos textos de Aristóteles e Filodemo mostram o quão mais capaz era ele que muitos cujo nome tem mais eco.

O pupilo mais antigo de Boeckh foi E. Gerhard.[471] Ele acabou acometido por problemas oculares ao comparar escólios para o Píndaro de Boeckh, viajando à Itália para repousar. Assim, em vez de continuar seus excelentes estudos sobre Apolônio e a construção do hexâmetro tardio, ele se tornou o primeiro arqueólogo profissional na Alemanha. *Monumentorum artis, qui unum uidit, nullum uidit, qui mille uidit, unum uidit* ["Das obras de arte, quem vê apenas uma, não vê nenhuma; mas quem vê mil, vê uma"] tornou-se o princípio que embasou na experiência de muitos anos. É por isso que se esforçava para catalogar todas as coleções que havia e tornar públicos tantos monumentos quanto possível. Logrou-o fundamentalmente quanto aos vasos, que justamente à época vinham à luz em massa. Seu *Rapporto Volcente*[472] pode-se designar como a primeira pedra para a ciência desse deleitoso gênero artístico, que ora quase alcança o estatuto de uma disciplina especial. Não foi a arte que atraiu Gerhard, mas a instrução factual que ele extraía das imagens dos vasos. Uma obra que fosse "meramente bela" não lhe interessava muito. Suas interpretações não costumavam ser

[470] L. Spengel (1803–1880): SANDYS *HCS* III 180. A versão expandida de sua Συναγωγὴ τεχνῶν foi publicada em 1828.
[471] E. Gerhard (1795–1867): SANDYS *HCS* II 217.
[472] *Rapporto Volcente* nos *Annali* (1831).

felizes, sua mitologia era um fracasso e, ainda assim, por meio de sua atuação pessoal, ele não só aportou muitos tesouros ao Museu de Berlim, onde finalmente recebeu a posição que merecia, e criou uma nova geração de professores, mas também se tornou o fundador de nosso Instituto Arqueológico, que, após longa preparação, surgiu como o *Instituto di corrispondenza archeologica* no dia das Palílias de 1829. Tratou-se de bela tentativa de unir todas as nações de cultura. Os franceses, com o Duque de Luynes[473] à frente, prestaram, por muito tempo, a mais valiosa ajuda, assim como o belga de Witte.[474] Os italianos há muito reconheceram a bênção de um instituto que, em contraste com a desunião de sua pátria, antecipava a unidade da Itália. O dinamarquês Kellermann[475] dedicou sua curta vida no instituto à Epigrafia. A Inglaterra está mais atrasada; ainda assim, Millingen[476] era um dos fundadores e a conexão foi mantida. Os secretários, porém, eram alemães, e sem a ajuda de Frederico Guilherme IV, que já havia assumido o protetorado como Príncipe Herdeiro, o Instituto teria entrado em colapso financeiramente. O fim foi sua transferência para o Estado prussiano e depois para o *Reich* alemão. A força motriz sempre permaneceu o incansável e cativante Gerhard, cuja disposição a sacrificar-se criava uma saída para todas as dificuldades. Afora ele, entrementes, há que se elogiar C. Josias Bunsen,[477] que foi um digno sucessor de Niebuhr como embaixador prussiano em Roma. Ao descrever Roma — também nisso seguindo o exemplo de Niebuhr —, ele talvez tenha feito o trabalho mais valioso de sua vida. A topografia romana foi muito estimulada pelas escavações, e os pesquisadores italianos C. Fea,[478] A. Nibby,[479] L. Canina[480] sabiam como explorá-

[473] H. T. P. J. A., Duque de Luynes (1803–1867): SANDYS *HCS* III 265.
[474] J. de Witte (1808–1889): SANDYS *HCS* III 293.
[475] O. Kellermann (1803–1838): SANDYS *HCS* III 219.
[476] J. Millingen (1774–1845).
[477] C. C. Josias, Barão de Bunsen (1791–1860).
[478] C. Fea (1753–1863): SANDYS *HCS* III 244.
[479] A. Nibby (1792–1839): SANDYS *HCS* III 244.
[480] L. Canina (1795–1856): SANDYS *HCS* III 244.

-las. Quando W. A. Becker,[481] na Alemanha, sem conhecer os monumentos, coletava excelentemente as evidências literárias, surgiu uma disputa vívida nos anos quarenta, vindo os conhecedores das ruínas — principalmente L. Urlichs[482] e L. Preller[483] — a se verem obrigados a combater essa unilateralidade. Isso já foi superado há muito, e ambas as partes receberam o que lhes era devido. A história mais antiga da cidade, porém, adquiriu uma feição completamente diversa por meio das escavações profundas das últimas décadas.

Por décadas a fio, o Instituto Romano trouxe apenas relatórios isolados do Oriente. É claro que os *Elgin marbles* do Parthenon, os eginetas e o friso da Figália — vindos, respectivamente, para Londres e Munique — haviam transformado completamente o conceito de arte grega genuína, mas estavam apartados de sua casa, da qual se sabia algo apenas por meio de viajantes individuais, principalmente ingleses. Somente nas descobertas em Egina e em Figália é que tinham tido parte também homens de outras nações — o dinamarquês Brøndsted[484] e o báltico Barão de Stackelberg,[485] cujos *Gräber der Hellenen* dirigiam nosso olhar para monumentos a partir dos quais o espírito helênico fala de maneira particularmente audível; no caso dele, no entanto, há muito da *Symbolik*. A atrativa monografia de Brøndsted sobre Ceos[486] permaneceu, infelizmente, a única. Dignos de menção são também os ingleses Gell[487] e Dodwell,[488] bem como Fellows[489] — o primeiro explorador de Lícia, abundantíssima em monumentos. Todos são

[481] W. A. Becker: ver abaixo.
[482] L. Urlichs (1813–1889): SANDYS *HCS* III 202.
[483] L. Preller (1809–1861): SANDYS *HCS* II 239.
[484] P. O. Brøndsted (1780–1842): SANDYS *HCS* III 318.
[485] O. M. Stackelberg (1787–1834): SANDYS *HCS* II 218, III 218.
[486] P. O. Brøndsted (1780–1842): SANDYS *HCS* III 318.
[487] W. M. Gell (1777–1836): SANDYS *HCS* III 443.
[488] E. Dodwell (1767–1832): SANDYS *HCS* III 443.
[489] Sir C. Fellows (1799–1842): SANDYS *HCS* III 443.

sobrepujados, porém, por M. Leake,[490] que lançou as bases para a geografia e para a topografia de toda a Grécia e partes importantes da Ásia, com aguda observação e sóbrio julgamento, o que o distingue com vantagem de Dodwell. Ele também já tinha escrito uma topografia de Atenas e investigado os demos. Ambas as obras tiveram de ser traduzidas para o alemão e, a princípio, apenas poucos lhes concederam a recepção e o trabalho posterior que mereciam. A guerra de independência da Grécia atraiu todos os olhares, e para lá dirigiram-se não apenas combatentes, mas também instruídos observadores. A *Expédition de la Morée* forneceu um bom mapa do Peloponeso e uma descrição do país. Então, ambos os alemães L. Ross[491] e Ulrichs[492] se estabeleceram na nova Universidade de Atenas. Ulrichs morreu após produzir apenas poucas, mas excelentes obras topográficas. L. Ross, por meio de suas vívidas descrições de suas viagens reais e pelas ilhas, trazia a paisagem para perto de todos os leitores e publicava ele próprio as inscrições ou as enviava a Boeckh. Ele fora educado por Hermann, e sua falta de formação histórica tornou-se gradualmente muito perceptível. Assim, a terra e o povo gregos entraram no campo de visão dos estudiosos, e a nostalgia não mais atraía tão somente para Roma. E foi para a Grécia que se mudou O. Müller, não para tornar a casa, mas para consagrar a terra na qual descansa como um lar para nossa ciência. E foi numa viagem à Grécia que Welcker experimentou um rejuvenescimento.

F. G. Welcker[493] recebera a direção intelectual decisiva de Humboldt e Zoëga em Roma. Ele se destaca já pelo fato de cultivar, afora a poesia antiga, também a arte antiga. Com Niebuhr, seu colega em Bonn, ele não entrou em contato próximo, tampouco com Boeckh ele tinha muito em comum, mas a oposição

[490] W. M. Leake (1777–1860): SANDYS *HCS* III 442.
[491] L. Ross (1806–1859): SANDYS *HCS* III 227.
[492] H. Ulrichs (1807–1843): SANDYS *HCS* III 227, 371.
[493] F. G. Welcker (1784–1860): SANDYS *HCS* III 442.

a Hermann uniu-os. Essa oposição foi inevitável quando Welcker escreveu *A trilogia esquiliana do Prometeu* junto com o suplemento sobre o drama satírico. Os críticos tinham muitas ressalvas filologicamente justificáveis, e o subtítulo "A consagração dos cabiros em Lemnos"[494] revela uma tendência alarmante para a *Symbolik*. Mas o que era significativo na busca pela composição trilógica, e o esforço para penetrar na alma helênica, que fala para nós, em igual medida, a partir da lenda, da poesia e da arte plástica — para isso os filólogos do verbo eram inicialmente cegos. Com o tempo, no entanto, veio a dominar a visão geral. Os fragmentos dos poetas líricos individuais foram gradualmente coletados; o próprio Welcker editou Álcman, e todas as coleções se tornam frutíferas, especialmente, por meio de sua revisão. E então vieram o ciclo épico e, em seguida, as tragédias gregas, organizadas levando-o em consideração. Isso já era impressionante dada a abundância do material e a ousadia da visão à qual, por toda parte, um todo se erigia a partir das ruínas. O homem de 57 anos cuja infatigabilidade nas andanças gregas esgotava seus companheiros sentiu a proximidade dos deuses quando finalmente estava no solo que os havia produzido. Aqui eles não eram símbolos ou abstrações, aqui eles eram deuses vivos.

Com outros planos, percorrera o mesmo caminho O. Müller,[495] diante de cujo túmulo Welcker tinha de lamentar sempre que subia o Monte Colono. O pupilo favorito de Boeckh era uma criança de sorte. Tendo assumido a cátedra de Heyne na mais fresca juventude, ele logo ganhou total reconhecimento entre os conselheiros da Geórgia Augusta. Uma viagem à Inglaterra o levou a uma sociedade que costumava desprezar os alemães. Müller se movia livremente e ganhou tanto prestígio que escreveu sua história literária primeiro para a Inglaterra. Quando o abjurado rei de

[494] *Die Aeschylische Trilogie Prometheus. Die Kabirenweihe auf Le*mnos (1824).
[495] O. Müller (1797–1840): SANDYS *HCS* III 213.

Hannover baniu os Sete de Göttingen,[496] Müller — que se posicionara de modo destemidamente confesso — poderia ter esperado tudo, exceto que lhe fossem concedidos tantos expedientes quantos desejasse para sua viagem. Também produzir nunca lhe causou problema. A transição para um assunto completamente diferente era tão fácil para ele que, além de seus grandes estudos históricos, foi capaz de publicar o Festo, resolver a tarefa premiada de Berlim sobre os etruscos — para a espantada surpresa de Boeckh — e, enfim, escrever a *História da literatura*,[497] que não é apenas a mais legível, mas também a única história verdadeira. Afinal, o livro desestruturado de Bernhardy[498] não é nenhum dos dois, e Bergk só faz exames de problemas individuais.[499] Também os *Prolegomena à mitologia*[500] compõem um livro escrito de natural advento de seus trabalhos históricos. O que O. Müller entendera já em sua dissertação é que os gregos, longe de serem um povo uno, coalesceram a partir de filos com características muito diversas; ir ao encalço disso na história, na estrutura da sociedade, na fé e na lenda — esse foi o grande feito de Müller. Ele dispôs, assim, a base para a construção da história mais antiga, que ninguém irá derrubar. É certo que ao principal — aos jônicos e atenienses — ele nunca

[496] Chama-se "sete de Göttingen" (al. *Göttinger Sieben*) ao grupo de professores que, em 1837, protestou contra Ernesto Augusto I de Hanôver, que desejava abolir a constituição liberal introduzida no Reino de Hanôver em 1833; os professores foram, em consequência disso, demitidos. Os Sete de Göttingen constam de estudiosos cujo mérito científico ressoa até hoje: W. E. Albrecht, F. C. Dahlmann, H. Ewald, G. G. Gervinus, W. E. Weber e os irmãos Grimm. J. Grimm escreveu sobre o episódio em "*Über meine Entlassung*" ["*Sobre minha exoneração*"] (1838).

[497] *Geschichte der griechischen Literatur bis auf das Zeitalter Alexanders* [*História da literatura grega até a época de Alexandre*] (2 vols., publicada postumamente por seu irmão E. Müller em 1841).

[498] Alusão ao *Grundriss der griechischen Literatur* [*Esboço da literatura grega*] (1836–45) de G. Bernhardy (1800–1875). Ver acima.

[499] Alusão à *Griechische Literaturgeschichte* [*História da literatura grega*] (4 vols., 1872–94) de T. Bergk (1812–1881). Ver abaixo.

[500] Os *Prolegomena zu einer wissenschaftlichen Mythologie* [*Prolegomena a uma mitologia científica*] de Müller vieram à tona em 1825.

chegou, e por isso os subestimava. Suas cartas da Grécia mostram, porém, que ele fez a estimativa correta quando esteve lá; ele também teria estado disposto a retificar sua crença na pura autoctonia da cultura grega. Para a causa, sua morte feliz foi uma calamidade, mas ele a encontrou através do trabalho, e mesmo nesse campo de batalha ele serve como condutor ao heroísmo.

A crítica textual não era estranha a Müller como o permaneceu a Welcker, mas a restrição à crítica textual era-lhe repudiável, e seu temperamento o levou a dar um golpe contra Hermann, cujos ataques, no entanto, o desafiaram a fazê-lo. Ele não apenas se opôs ao *Prometeu* de Welcker, mas também não elogiou o Píndaro de Dissen, e esse colega de Müller e amigo de Boeckh, de Lachmann e de Welcker exigia elogios e sabia como obtê-los de seus amigos com muito mais abundância do que de fato merecia. Os ataques de Hermann à primeira entrega do *Corpus* de Boeckh haviam sido os mais amargos e desencadeado uma feroz polêmica. Ora Müller invadia, com sua edição das *Eumênides*, o campo mais próprio a Hermann. Não surpreende que a guerra se tenha conflagrado e que intrusos tenham posto lenha na fogueira. Se olharmos para trás com calma, o veredicto é o mesmo em todos os lugares. Hermann era incapaz de entender o significado do grandioso trabalho de Boeckh e suas implicações, e o que Müller disse de profundo e belo sobre o direito de sangue e sobre o mito e sobre seu tratamento pelos poetas, o que sua interpretação queria alcançar, ele não compreendia ou descartava, porque lhe fosse indiferente. Por outro lado, porém, ele decerto tinha razão na maioria de suas exposições, não apenas no que diz respeito ao entendimento gramatical da próxima passagem. Fato é que os grandes estudiosos se complementavam, Hermann geria uma herança do passado e vislumbrava o risco de que uma nova Ciência da Antiguidade poderia pô-la a perder. Ela se tornou dominante, com justeza, e o perigo de que pudesse perder o terreno do conhecimento linguístico

seguro sob seus pés está sempre eminente. Somente por essa razão é que aquela infeliz disputa não deve ser esquecida, e o espírito de Hermann precisa permanecer vivo na condição de admoestador. Num primeiro momento, essa guerra entre as escolas concluiu um período de fecundidade incomparável. Müller morreu. Welcker, que estava sempre praticamente sozinho, não se cansou, mas reuniu suas forças para a grande realização de sua *Teologia*,[501] que, em 1862, se deparou com uma geração que lhe mostrou pouca receptividade. Boeckh seguiu o seu caminho corajosamente, mas teve o *Corpus* completado por outros improvisadamente, de uma maneira cujo método estava ultrapassado, e seus últimos tratados abordam assuntos bem afastados da rota percorrida. A crítica de Hermann tornou-se cada vez mais violenta. Em suas edições de Bíon e Mosco, que publicou sem fazer um incurso na transmissão, sem verificar a autoria, ele forçou uma divisão em estrofes absolutamente arbitrária e, com isso, deu um mau exemplo. Com a edição das *Báquides*, ele retomou o *Trinummus* de sua juventude (1800), graças ao qual Ritschl o havia apontado como o único crítico de Plauto afora Bentley; mas agora somente Ritschl tinha a palavra em se tratando de Plauto. Não houve, é claro, carência de estudiosos que dessem continuidade à tradição de ambas as escolas, e deles serão mencionados os mais notáveis mais tarde; mas o progresso em solo grego não é mais do que uma extensão do que foi alcançado.

Em contrapartida, após longa negligência, o latim vem para o primeiro plano, mas quase exclusivamente restrito à filologia do verbo, que também prevaleceu indevidamente algures. Os condutores são Karl Lachmann[502] e Nicolau Madvig, e mais tarde F. Ritschl.[503] Lachmann estudara em Göttingen, mas formado fora por si próprio num círculo de amigos, o qual ele decerto dominava. Ele é, em seu âmago, não pouco influenciado pelo Romantismo, do

[501] *Griechische Götterlehre* [*Teologia Grega*] (3 vols., 1857–62).
[502] K. Lachmann (1793–1851): PFEIFFER *HCS* II 190; SANDYS *HCS* III 127.
[503] N. Madvig e F. Ritschl: ver abaixo.

qual ele, de início, parece bastante distante. Ele logo aparece com seu Propércio pronto e expurga os rearranjos e suavizações cacográficas que distorciam o texto; Wolfenbüttel, cidade próxima, abrigava o único manuscrito confiável; dos demais ele escolhe, a gosto, um representante; a emenda faz o resto, não sem o golpe de misericórdia de redividir os livros. Seu Catulo segue mais tarde, propondo um enigma ao leitor despreparado. Ele quer restituir, a partir de cópias renascentistas, página por página, o único manuscrito em que o livro de poemas teria se preservado. A justificativa apresentada mais tarde por Haupt,[504] por mais astuta que tenha sido, não passa de um engano, e que seja tida como correta é fruto de um decreto da arbitrariedade. O princípio da recensão, porém, não apenas é verdadeiro, mas estabelecê-lo dessa forma foi algo grandioso. Ele foi mal compreendido e, ainda menos, obedecido. Entre as edições de Propércio e Catulo estão dois escritos sobre a métrica grega com seus jogos de números, sobre os quais seria preferível calar, se Lachmann não tivesse causado tanta desgraça com essa superstição. Ele já era agora o reconhecido mestre da crítica textual no campo do alemão antigo, onde sua fama nunca pode desvanecer-se, e seus amigos de Berlim o atraíram para textos particularmente difíceis como o de Gaio e os *Agrimensores*. Ele conseguiu muito, mas Mommsen, que o chamava de o maior mestre da linguagem, deu o veredicto: "Ele fez belas emendas, oxalá tivesse entendido um pouco mais do assunto". Por iniciativa própria, ele tentava — seguindo os passos de Bentley, justamente por ser um protestante devoto — fornecer à Igreja, em vez do *textus receptus* — uma massa de arbitrariedade e acaso que a ortodoxia considerava sagrado em cada letra — o texto transmitido do Novo Testamento. Ao *textus receptus* ele pôs um fim e, a partir dos manuscritos mais antigos e de Jerônimo, legou o texto que a Igreja do Oriente reconheceu como canônico. Que assim não se che-

[504] Haupt: ver abaixo.

gava, nem de longe, às mãos dos escritores do Novo Testamento ele sabia, e também deixou as corrupções no texto, porque não queria alterá-lo; ele, afinal, distinguia claramente entre recensão e emenda — termos de que precisamos depois dele — e declarou seu princípio no prefácio. É claro que a história textual precisa continuar, e é surpreendente que ele não tenha levado em conta as inúmeras citações mais antigas. Pouco antes de seu fim demasiado cedo, ele nos legou, em sua edição de Lucrécio, com seu comentário, o livro pelo qual todos nós aprendemos o método crítico, cujo estudo exigimos de todo estudante. Devido à tradição da gênese do poema, ele se sentia aqui no direito de explicar muitos lapsos da coerência supondo duplicatas e peças isoladas. Sem dúvida, ele foi longe demais. Em contrapartida, uma obra-prima de análise comparativa foi que tenha reconhecido a prioridade do Evangelho de Marcos sobre ambos os outros sinópticos; que estes se tenham valido do primeiro resulta como inferência necessária. Sua divisão da *Ilíada* em vários cantos é feita após sua divisão anterior da *Nibelungenlied* [Canção dos Nibelungos]. Ambos tiveram imenso sucesso, mas os resultados não se sustentaram; a observação, afinal, era desprovida da base de que só a pesquisa histórica pode dispor. Mas onde estaríamos sem ele? Nunca devemos esquecer isso. Sua pessoa e sua maneira de falar exerciam uma coação que ora paralisava, ora aduzia a distorcida imitação. Dessa coação é preciso livrar-se — mas, como ele prescrevia, não sem antes primeiro entregar-se a ela de boa vontade.

Madvig[505] — que, nascido em Bornholm, ascendeu aos mais altos postos de honra do Estado em sua pátria — também se formou inteiramente sozinho. Sua grandeza costuma acometer-nos pela primeira vez nas *Emendationes Liuianae* e na edição do *De finibus*, de Cícero. Ele é o mestre da prosa romana clássica, e estava certo ao repreender com veemência o desleixo em que caíra a crítica

[505] N. Madvig (1804–1886): SANDYS *HCS* III 319.

alemã. Como Lachmann, ele é inflexível em voltar à tradição genuína, embora tenha, na terceira década de Lívio, sucumbido à crença na validade exclusiva do manuscrito mais antigo. Ele tinha interesses linguísticos; embora sua visão enxergasse mais longe e mais profundamente, ele permanece para nós, principalmente, o gramático que, em sua sintaxe, sabe extrair suas regras do uso da língua latina, guiado pela lógica, o que também se justifica na língua artística da prosa. Na poesia, é claro que não, mas desta ele costuma manter-se afastado. A prosa ática ele não domina como Cobet, mas se este e outros usaram palavras duras contra seus *Adversaria* por conter muitas falhas, até mesmo gafes métricas, isto é muito irrazoável. As emendas aos prosadores gregos como Platão e Plutarco significariam, por si só, muito no trabalho de outra pessoa; aqui elas são incidentais. Não faltam, porém, trabalhos de uma sorte bem diferente cujos resultados se tornaram bem comum, como os sobre Ascônio, sobre os tribunos erários e sobre Grânio Liciniano. O livro que ele, já em idade avançada, produzira sobre a constituição e administração do estado romano é, naturalmente, trabalhado com um material e um método que não mais eram suficientes em 1880, mas a isso pode-se fechar os olhos de bom grado. O homem inteiro impressiona com a calma superior de uma mente clara, a cuja orientação se confia de bom grado, sem reservas. Ele, afinal, pensa sempre apenas na verdade e conduz sempre, sem nenhum desvio, em direção a ela. Assim, ele se tornou um professor não apenas para seus ouvintes e compatriotas. Formar escola era-lhe algo distante; ele era versátil demais para isso.

F. Ritschl[506] era em temperamento, talento e caráter no todo diverso. Ele fora formado em Halle por Reisig,[507] cuja morte precoce impede que se entreveja se ele teria sido capaz de atingir em trabalhos mais maduros os objetivos que estabelecera para si

[506] F. W. Ritschl (1806–1876): SANDYS *HCS* III 319.
[507] C. C. Riesig (1792–1829): SANDYS *HCS* III 108.

mesmo. Como professor, porém, ele era excelente. Ritschl começou com o grego. O tratado *De Oro et Orione*[508] já mostra sua destreza dialética, de modo que o resultado errôneo há muito se mantém. Para sua época, 1838, as investigações sobre a coleção pisistrática dos poemas homéricos e sobre a biblioteca e os bibliotecários de Alexandria foram excelentes o bastante, e sobre a formação da epopeia recaem adequadas observações. Já aqui, foi a entrada num manuscrito recente de Plauto que lhe deu o impulso. E então praticamente toda sua frutífera atividade gira em torno de Plauto. Apenas o que ele escreveu sobre a escrita de Varrão tem, incidentalmente, alguma importância. O grego ora desaparece de todo, precisamente no que se podia obter dele para Plauto. Ritschl foi o primeiro a valer-se da descoberta de Mai — o palimpsesto da Ambrosiana — e, de Milão, numa carta a Hermann, expôs o programa do trabalho de sua vida na alegria fresca de encontrar e criar. Bentley e Hermann foram seus condutores na observação linguística e métrica. Nesses campos, tudo ainda estava por fazer. Ele percebeu que precisaria reconstruir o latim antigo, ora muito diferente do que Escalígero fora capaz de fazer. A importância das inscrições era-lhe evidente, e, por elas, ele firmou uma parceria de trabalho com Mommsen por um tempo. Havia pouquíssimas pedras arcaicas, e Ritschl deixou de lado os dialetos italianos. Mesmo agora, quando tanta coisa provou ser de forma bem diferente da que supusera, o leitor cai completamente sob o feitiço dos *Parerga Plautina* e de sua introdução ao *Trinummus*, e mesmo o que foi alcançado contra ele não teria sido alcançado sem ele. Não admira que, a princípio, se tenha ficado completamente cativado pela pletora de observações e por essa brilhante exposição. Rapidamente saíram nove comédias, mas o afã então cessou. Ele viveu por mais 22 anos. A ciência que ele despertara

[508] *De Oro et Orione commentatio: specimen historiae criticae grammaticorum Graecorum.* Trata-se da dissertação de Ritschl, defendida em 1834.

continuou, também além dele, especialmente por K. F. W. Müller,[509] que foi elogiado por um conhecedor como tendo entendido o latim como poucos outros. Assim, Ritschl não passava de um professor, um professor que apenas repetia material já batido, quando se transferiu de Bonn para Leipzig após uma disputa infelicíssima com seu colega O. Jahn. O fim da escola filológica de Bonn, profetizado por um de seus seguidores, não ocorreu. Pelo contrário, ela só atingiu seu pleno vicejo por meio de seus alunos Bücheler[510] e Usener.[511] Ele, entretanto, era um professor como poucos outros e também formou intencionalmente escola, o que não pôde deixar de gerar um efeito contrário. Não apenas o número daqueles que professaram sua devoção a ele (os *Symbola in honorem F. Ritschelii* inauguraram essas antologias, cuja razão de ser não está fora de dúvida)[512] testemunha isso, mas também o fato de que seguem na mesma via-férrea de trabalho, da qual somente os mais importantes estudiosos se livram. Reminiscente de Escalígero, é grandioso que ele, delegando campos de trabalho e propondo temas, saiba

[509] K. F. W. Müller (1830–1903): BURSIAN *GPhD* 829; não confundir com K. O. Müller (ver índice).
[510] F. Bücheler (1837–1908): SANDYS *HCS* III 108.
[511] H. Usener (1834–1905): SANDYS *HCS* III 108.
[512] Trata-se dos *Symbola Philologorum Bonnensium in honorem Friderici Ritschelii* (1864–7), a primeira *Festschrift* de que se tem notícia. Wilamowitz era infenso à ideia de *Festschriften*, chamando-as, numa carta não datada (1899) em que discute a *Festschrift* a W. Helbig (ver índice), de "*populares pot-pourris*" ("*Helbigs 60. Geburtstag soll nun einmal gefeiert werden durch eines der leider beliebten Schriftsteller-Potpourris*" ["O 60º aniversário de Helbig será agora comemorado por um dos infelizmente populares 'poutpourris de autores'"], CALDER III & KIRSTEIN 2003 II 685). Quanto às *Commentationes Mommsenianae* (1877), que se podem ter como a primeira *Festschrift* de escopo internacional, comenta em suas *Memórias* (WILAMOWITZ *Er.* 180s.): "No conjunto, este volume também prova que tais escritos ocasionais são ruins ... Mais tarde, sempre protestei contra o absurdo das *Festschriften* de forma tão vigorosa quanto vã ... Bernays chamou ao volume amorfo das *Commentationes Mommsenianae* ciclope desprovido até mesmo de seu único olho, o índice". À história das *Festschriften* dedica-se Whitaker em seu artigo "*Congratulations and Celebrations: Unwrapping the Classical Festschrift*" (HARRISON & PELLING 2021: 351–76).

prover as necessidades de sua ciência. Vahlen[513] coleta os fragmentos de Ênio; Ribbeck,[514] os dramaturgos latinos; R. Schöll,[515] os das Doze Tábuas; A. Wilmanns,[516] os fragmentos gramaticais de Varrão; Reifferscheid,[517] os de Suetônio — de todo esse afã se ausenta especialmente o estudo dos gregos. Também o fato de a Academia de Viena se ter comprometido a publicar uma edição crítica dos Pais da Igreja latinos se deve à influência de Ritschl.

A escola de Ritschl é focada na crítica textual. Lachmann e Madvig trabalham do mesmo lado, Cobet também, Hermann sempre o fizera. Assim, a Filologia e a elaboração de conjecturas parecem tornar-se a mesma coisa. A decifração das obras escritas — mas raramente do ponto de vista do conteúdo — e a supressão de escritos inteiros são operadas com a mesma radicalidade. Ilimitada é a crença no método filológico, na *via ac ratio*. Esta parece ser, para muitos, como uma varinha de condão, a única coisa que se precisa obter; nada mais é necessário. Ao seu toque, abrem-se as portas de todos os tesouros; infelizmente, esses tesouros têm sido com muita frequência o ouro dos tolos, e o pior de tudo é que os erros não são do tipo que, uma vez superados, beneficiam a ciência. É uma estimativa generosa considerarmos bem-sucedida uma conjectura a cada mil das que vieram à tona nos periódicos e até mesmo nos textos daquela época. Nos trágicos gregos, a supressão assola; na prosa de Cícero, também. O holandês Hofman-Peerlkamp[518] mutilara Horácio aos moldes de sua lógica, encontrando solícitos sucessores. A crença de Lachmann no domínio oculto do número e o exagero de Hermann na correspondência estrófica passaram a ser aplicados também no diálogo dos dramas, nas tragédias de Sêneca, e onde não? Quase parecia como se bastasse encontrar o divisor,

[513] J. Vahlen (1830–1911): Wilamowitz *KS* VI 53s.
[514] O. Ribbeck (1827–1898): Sandys *HCS* III 188.
[515] R. Schöll (1844–1893): Sandys *HCS* III 198.
[516] A. Wilmanns (1833–1917): Sandys *HCS* III 108.
[517] K. W. A. Reifferscheid (1835–1887): Bursian *GPhD* 848.
[518] P. Hofman-Peerlkamp (1786–1865): Sandys *HCS* III 276.

e então a crítica em Hesíodo, em Teócrito, e mesmo nas elegias de Tirteu e Propércio, estava, de pronto, clara. Infelizmente, a superstição sobre o número parece inerradicável; ela apenas continua tomando novas formas. Por mais duro que soe, o veredito é justo: esse método complacente era inteiramente desprovido de sentido histórico e de sentido quanto ao que era possível; adentrar uma individualidade alheia estava absolutamente fora de seu alcance. Aprender a língua de um autor antes de pretender dominá-la — eles não dedicavam tempo suficiente para fazê-lo. Como desculpa, pode-se apenas dizer que a perfeição absoluta das obras antigas, na qual por tanto tempo se crera, foi mantida. E quando ora se notava muita coisa que não mais se podia admirar — então algo não estava certo, então o médico-crítico tinha que intervir, mesmo que isso significasse cortar e queimar. Horácio e Sófocles são os melhores exemplos disso.

É suficiente caracterizar essa direção em linhas gerais. Os mortos devem-se deixar que estejam mortos, diz Eurípides.[519] Somente os homens de mérito duradouro precisam ser desenterrados brevemente, e não são poucos. Antes, porém, vamos dar uma olhada na Inglaterra e na França. De início, a filologia do verbo mal trasladou para ambos os países — hoje, em contrapartida, tem seus adeptos na Inglaterra. Somente C. Badham[520] foi um crítico à maneira de Cobet, altamente merecedor de Platão, que não reivindicou um lugar em sua pátria, mas morreu representando a Filologia na Austrália. Em contrapartida, o humanismo continuava a viver nas humanidades da formação universitária geral, assim como permaneciam as formas externas do vínculo com a Igreja: filólogos tornavam-se bispos, e ministros líderes alcançavam seus primei-

[519] Creio tratar-se de referência a *Eupólide*, 99 *Pap. Cair.* 43227 (v. 102): ‚τί‚ τοὺς θανόντας ο‚ὐ‚κ ἐᾷς τεθνηκέν ‚αι;' ["Por que não deixas os mortos estarem mortos?"]. Há um *dictum* semelhante na *Antologia Grega* (8.186): νεκρῶν νεκρὰ πέλοι καὶ μνήματα κτλ. ["Que os monumentos dos mortos também estejam mortos etc."].

[520] C. Badham (1813-1884): SANDYS *HCS* III 407.

ros sucessos por meio de versos gregos. Assim, preservaram-se calorosamente o conhecimento dos grandes escritores bem como o amor e o zelo por eles; nunca, na Inglaterra, se rejeitou Virgílio porque não fosse Homero. E por mais que, após a morte de Elmsley e Dobree, não haja nenhum estudioso com estatuto de guia a ser nomeado até depois de 1870, não se pode negar que havia muito mais a ser aprendido lá para a interpretação e a compreensão geral — embora apenas dos clássicos — do que geralmente se supunha na Alemanha. Excentricidades certamente não faltam, mas também com elas se pode aprender; muitas trivialidades podem, afinal, ser úteis a círculos mais amplos. A Arqueologia era fortemente promovida por viajantes e escavações. Devemos lembrar Halicarnasso e Cnido, cujo descobridor, C. Newton,[521] também fez um relato de viagem tão cativante quanto o de Ross. Na pesquisa histórica da arte, porém, ninguém ainda havia intervindo.

Na França, o interesse pela Antiguidade clássica estava completamente suprimido pela política escolar do Primeiro Império e da Restauração, enquanto a genialidade de Champollion[522] criava a Egiptologia e jovens alemães voltavam-se a Silvestre de Sacy[523] para serem introduzidos às línguas semíticas. Em contrapartida, Diez[524] criava a Filologia Românica e I. Bekker imprimia épicos provençais e franceses antigos. Também o grego vinha da Alemanha. Quando o meritoso livreiro A. Firmin Didot[525] (que escreveu, ele próprio, sobre Aldo Manúcio e Musuro) empreendia imprimir os autores gregos — ainda com traduções latinas, como de praxe —, ele obtinha os editores sobretudo da Alemanha (o que, aliás, a *Clarendon Press* também fez muitas vezes), e os melhores volumes são de

[521] Sir C. Newton (1816–1894): SANDYS *HCS* III 443.
[522] J. F. Champollion (1790–1832): famoso egiptólogo francês, foi quem, por meio da inscrição trilíngue da Pedra de Roseta (hoje no Museu Britânico), decifrou os hieroglifos egípcios.
[523] S. de Sacy (1758–1838): famoso arabista.
[524] F. C. Diez (1794–1876).
[525] A. F. Didot (1790–1876): SANDYS *HCS* III 273.

longe os entregues pelos incansáveis F. Dübner[526] e Karl Müller.[527] Enfim, foi H. Weil,[528] de Frankfurt, quem despertou os estudos gregos em Paris, ora gratificantemente florescentes. Sem os *Fragmenta historicorum* de Müller e sem os inacabados *Geographi minores*, dificilmente podemos imaginar nosso trabalho no campo histórico. Igualmente indispensável é a renovação do *Thesaurus* de Estienne por C. B. Hase[529] e os irmãos Dindorf.[530] A reputação dos arqueólogos Quatremère de Quincy[531] e Raoul Rochette[532] foi efêmera; por outro lado, J. A. Letronne,[533] sobrepujado por eles, engendrava resultados duradouros no que quer que pusesse as mãos — especialmente na Arqueologia, da maneira mais feliz, com a coleção das *Inscriptions de l'Égypte*, que ele inaugurara, e de muitos tratados fortalecidos com críticas incorruptíveis e saudáveis, e também os mais importantes geógrafos menores, habilmente editados quando o único manuscrito apareceu de repente. O versátil J. F. Boissonade,[534] que se comprazia ao promover a área em todas as direções, teve um efeito mais amplo; valor duradouro têm seus *Anecdota* para os estudos bizantinos. Uma obra de primeira linha é o Hipócrates de E. Littré.[535] Nesse campo, que foi apenas uma etapa de sua afamada carreira, o grande estudioso deu origem ao estudo dos antigos médicos, o qual não foi admitido na Alemanha senão muito mais tarde. Também as *Études sur le Timée de Platon* de H. Martin[536] constam de uma obra que, por muito tempo, não tem

[526] F. Dübner (1802–1867): SANDYS *HCS* III 272s.
[527] K. O. Müller (1813–1894): BURSIAN *GPhD* 898; SANDYS *HCS* III 272s. Não confundir com K. F. W. Müller (ver índice).
[528] H. Weil (1818–1909): SANDYS *HCS* III 258.
[529] C. B. Hase (1780–1864): SANDYS *HCS* III 272.
[530] Irmãos Dindorf: ver abaixo.
[531] A.-C. Quatremère de Quincy (1755–1849): SANDYS *HCS* III 263.
[532] R. Rochette (1783–1854): SANDYS *HCS* III 264.
[533] J. A. Letronne (1787–1848): SANDYS *HCS* III 264.
[534] J. F. Boissonade (1774–1857): SANDYS *HCS* III 249.
[535] E. Littré (1801–1881): SANDYS *HCS* III 252.
[536] T. H. Martin (1813–1884): SANDYS *HCS* III 256. Suas *Études* foram publicadas em 1841.

nada comparável ao seu lado. Em contrapartida, Le Bas, em sua coleção de inscrições, trouxe apenas material cru.

Entre os pupilos posteriores de Hermann, Theodor Bergk[537] é inquestionavelmente o mais importante, nem que seja pela inesgotabilidade de sua crítica conjectural e pela inquietação de seu trabalho posterior, mesmo em suas próprias obras. De ambos os traços é testemunha a enorme obra de seus *Lyrici Graeci*,[538] que prepararam a primeira coleção dos fragmentos de Anacreonte. É certo que se pode sentir a quase completa ausência de recensão estritamente diplomática, tanto aqui como algures de sua obra, bem como arbitrariedades o bastante. Seus interesses, porém, se estendem muito mais, do latim antigo ao *Monumentum Ancyranum* e, enfim — quando abdicou de seu professorado em Halle para morar em Bonn —, a estudos topográficos sobre a Germânia romana. Sobre a métrica grega mais antiga, mitologia e astronomia, sobre Empédocles e o papiro de Crisipo, os poetas helenísticos e os Filóstratos — sobre tudo isso ele se debruçou, quase sempre com êxito, sempre com originalidade. Todo objeto individual o cativava, e é exatamente por isso que sua *História da literatura grega* teve que desintegrar-se em peças individuais.

Uma recensão tão rigorosa como nem mesmo Lachmann teria podido perfazer foi feita por H. Sauppe[539] para a edição dos oradores áticos que produzia com Baiter, ampliada por um belo volume de escólios e fragmentos. Quanto a Lísias, onde Bekker se deixara enganar por um códice interpolado, a famosa *Epistola critica* de Sauppe já estabelecera que o manuscrito palatino era a única fonte. Em seus textos de Demóstenes e Isócrates, Sauppe deu exagerada ênfase ao princípio de respaldar-se apenas no melhor manuscrito — e é também nisso exemplar. Seus interesses se esten-

[537] T. Bergk (1812–1881): SANDYS *HCS* III 146.
[538] *Poetae Lyrici Graeci* (1843, com numerosas reedições, 1878–82[4]).
[539] H. Sauppe (1809–1893): SANDYS *HCS* III 163. WILAMOWITZ *KS* VI 3ss. consta de um obituário de Sauppe.

diam à vida política e jurídica que falava a partir dos oradores. Isso também o levou às inscrições, à constituição de Atenas, à topografia, enquanto ele provou seu conhecimento da língua em muitos textos, de modo que se deveriam ler mais seus *Escritos seletos*.[540] A caracterização de Veleio — uma obra de juventude —, a análise de fontes do *Péricles* de Plutarco, a separação do sofista Antifonte e do orador homônimo são alguns de seus textos exemplares, de primeira linha.

H. Köchly[541] dificilmente merece ser destacado por suas realizações, pois sua crítica é selvagem, mesmo que ele tenha algumas boas ideias. O que ele, após Lachmann, tentou fazer na *Ilíada* é inane, e a edição dos *Escritores bélicos gregos*[542] que fez tendo Rüstow como perito militar é inadequada, e não apenas pela falta de um fundamento manuscrito. Ele, porém, foi praticamente o único a trabalhar sobre a épica grega tardia, tanto que, por exemplo, no que diz respeito a Manetão, ainda se depende dele. Os *Nicandrea* de O. Schneider[543] são de um tipo completamente diverso, circunspectos em suas críticas e no tratamento de questões literárias. Em seus *Callimachea*, é claro, o texto está alterado com demasiada frequência, conforme o proceder de Meineke, o que em nada enseja a reconstrução dos poemas cujos fragmentos estão reunidos com o maior zelo. Incluindo todo o material disponível — mesmo o que era praticamente inútil — como ainda não fora feito para nenhum texto até o momento, Tycho Mommsen[544] publicou Píndaro. É questionável, ainda assim, se tanta diligência vale o esforço.

Moritz Haupt,[545] genro e pupilo de Hermann, amigo e sucessor de Lachmann, devotou-se a este com toda a força de sua pujante alma, tanto na filologia clássica como na alemã, e sempre se consi-

[540] *Ausgewählte Schriften* (1896).
[541] H. Köchly (1815–1876): SANDYS *HCS* III 132.
[542] *Griechische Kriegsschriftsteller* (2 vols., 1853–55).
[543] O. Schneider (1815–1900): SANDYS *HCS* III 157.
[544] T. Mommsen (1819–1900): SANDYS *HCS* III 152.
[545] M. Haupt (1801–1874): SANDYS *HCS* III 132. WILAMOWITZ *KS* 176.

derou um apóstolo de sua doutrina. Já suas primeiras obras davam sequência ao pensamento de Lachmann sobre a recensão de Catulo e continuavam a construir sobre essa base. Também as delicadas impressões dos *Triumuiri amoris* e de Horácio se mantêm perto desse modelo. A eles juntou-se seu Virgílio; mas não se pode calar sobre o fato de que Haupt, na *Appendix Vergiliana*, não tomou como base a boa tradição, mas emendou a Vulgata *e codicibus et ex ingenio*. O tratado *De Calpurnio et Nemesiano* será sempre recomendado como um modelo de investigação vitoriosa. O mesmo se pode dizer sobre o *Epicedion Drusi*; mas hoje o consideramos particularmente instrutivo, antes, porque a erudição leva a um resultado falso. Mais tarde, o dever de anteceder os *Indices lectionum* com um pequeno tratado o impediu de realizar planos maiores. Nos *Indices*, porém, ele percorreu toda a literatura, predominantemente a latina, e se a crítica conjectural predomina no tempo, o leitor se sente encorajado pela intuição linguística e pela intuição estilística. E através disso tudo brilha a poderosa pessoa desse homem apaixonado e devoto a tudo quanto considera verdade e dever moral.

Sob a tutela de Haupt, Lucian Müller[546] escreveu seu valioso livro *De re metrica poetarum Latinorum*, depois do qual muito se esperava dele. Porém, ele destruiu seu talento por seu caráter. Da feia polêmica de seus numerosos escritos, apenas com relutância é que se podem colher boas ideias individuais.

Sucessor de Boeckh, A. Kirchhoff[547] também deve ser inserido nesse período, ao qual pertencem suas valiosas obras tanto em tempo quanto em caráter. Como aluno de Lachmann, ele recenseou Eurípides rigorosamente, conforme as diversas famílias dos

[546] L. Müller (1836–1898): SANDYS *HCS* III 189. Seu tratado *De re metrica poetarum latinorum praeter Plautum et Terentium* (1861, 2ª ed. expandida 1894) ainda é útil. Müller escreveu também uma *Geschichte der Philologie in den Niederlanden* [*História da filologia nos Países Baixos*] (MÜLLER 1869), presumivelmente consultada por Wilamowitz no que diz respeito à má-fama dos Burman (ver índice).

[547] A. Kirchhoff (1826–1908): SANDYS *HCS* III 478. WILAMOWITZ *KS* VI 40ss. escreveu-lhe um obituário.

manuscritos, e mais uma vez se pagou o preço por esse rigor; ele, afinal, chegou ao ponto de não estabelecer sequer a tradição da família aparentemente menos credível. Ao conjecturar, ele, de início, soltou as rédeas; mais tarde, foi longe demais para o lado oposto. Como emendador, ele se provou brilhante em Plotino, mas mutilou cruelmente as *Enéadas*. O pupilo de Lachmann também não é renegado em seu estudo da *Odisseia*, mas, metodicamente, ele avança para além dele. Peculiar que ele, mais tarde, nos *Trabalhos* de Hesíodo, tenha voltado à suposição de canções separadas. Para as inscrições foi atraído por Boeckh, tendo dirigido o *Corpus* durante décadas, inaugurado a nova coleção ática com o primeiro volume e escrito importantes tratados explicativos sobre ele. Como muito mais elevada deve-se avaliar sua *História do alfabeto grego*,[548] na qual repousa todo o seu trabalho subsequente. Se se levarem em conta os estudos de úmbrio e osco, bem como o alfabeto rúnico gótico, a soma de seus trabalhos — dos quais todos trouxeram progresso à ciência, vindo alguns a dar-lhe novo impulso — já é tão grande que se pode perguntar se alguém mais realizou tão numerosos e diferentes feitos em tão poucos anos. Isso não deve ser esquecido.

Uma posição muito peculiar ocupa Jacob Bernays,[549] cuja individualidade H. Usener — que o conhecia em todos os aspectos — caracterizou tão magistralmente no prefácio à coleção de seus *scripta minora* que uma referência a ele deve bastar aqui.[550] Tudo, afinal, está dito nas linhas e nas entrelinhas. A apresentação fina, mas também refinada, torna cada um de seus escritos uma iguaria; lamentar-se-á, porém, que ele gradualmente tenha vindo a servir apenas confeitaria. Os tratados sobre a teoria do drama

[548] Os seminais *Studien zur Geschichte des griechischen Alphabets* (1887) permanecem indispensáveis para o estudo dos alfabetos epicóricos; fala-se ainda hoje nos alfabetos "azuis", "verdes" e "vermelhos" conforme as cores utilizadas por Kirchhoff em sua exposição.

[549] J. Bernays (1824–1881): SANDYS *HCS* III 176. WILAMOWITZ *Er.* 87 relata suas relações com Bernays em Bonn.

[550] *Gesammelte Abhandlungen* [*Artigos reunidos*] (2 vols., 1885).

de Aristóteles são ainda objeto de vívida controvérsia; metodicamente, seu feito mais valioso é provavelmente ter extraído o escrito de Teofrasto sobre a piedade de excertos de Porfírio. Isso agora parece fácil, mas apontou o caminho para uma análise de fontes capaz de reaver escritos perdidos. Alguns anos depois, o igualmente erudito e perspicaz Ingram Bywater obteve o mesmo êxito ao encontrar excertos do *Protréptico* aristotélico em Jâmblico,[551] o que levou a outras descobertas na mesma compilação.

A escola de Lobeck continua em K. Lehrs,[552] cujas primeiras obras nos levaram a esperar o maior, e seu livro *De Aristarchi studiis Homericis* permanecerá sempre vivo, e alguns de seus ensaios populares também merecem ser recomendados. Afinal, esse homem de pensamento classicista tinha um sentimento para o belo, ainda que tenha dedicado a maior parte de seu trabalho a objetos inteiramente áridos. Seus *Herodiani scripta tria* bastam para fazer do gramático uma pessoa viva. A reconstrução de Herodiano por Lentz, infelizmente nada prática e erigida sobre frágil fundação, não é apenas inspirada em Lehrs, mas o autor o segue servilmente. Também as *Quaestiones epicae* trazem resultados valiosos, mas no tratamento dos *Trabalhos* de Hesíodo já se anuncia a mente em decomposição com a qual Lehrs, em Horácio e nas *Heroides* de Ovídio, erra incrivelmente.

Wilhelm e Ludwig Dindorf[553] viviam como estudiosos privados em Leipzig, e aquele, em particular, exercia a atividade editorial como um negócio. A observação linguística de Ludwig é mais ele-

[551] Desde as observações inaugurais de Bernays (1863), empreenderam-se algumas tentativas de reconstruir o *Protréptico* aristotélico, sobretudo por DÜRING (1961), CHROUST (1964) e HUTCHINSON & JOHNSON (2015; disponível online em http://www.protrepticus.info, *c. lit.*).

[552] K. Lehrs (1802–1878): SANDYS *HCS* III 107.

[553] Wilhelm (1802–1883) e Ludwig (1805–1871) Dindorf: SANDYS *HCS* III 144. WILAMOWITZ *Aesch.* XIII não o tem na maior estima, afirmando que "*multa dexterrimus ille editionum caupo neglegenter fecit*" ["Ele fez muitas coisas de forma descuidada como curador de edições"]. FRAENKEL *Ag.* 53 tem um julgamento mais parcimonioso.

vada, mas ele é muito menos proeminente. Wilhelm era extremamente destro e disposto, conhecia bem a língua e sabia nadar conforme a corrente dos respectivos princípios, como demonstram seus textos dos trágicos, amiúde reeditados. Isso lhe conferiu um reconhecimento maior do que merecia. Ele utilizou bom material quando este estava prontamente disponível para ele, mas também se virava sem ele, de modo que as edições têm um valor bem diferente. Definitiva nenhuma é, e ele prejudicou a reputação alemã com seu trabalho para a editora inglesa *Clarendon Press* (Clemente, os escólios a Homero). Enfim, ele se rebaixou tanto que chegou a plagiar o excelente *Léxico a Sófocles* de Ellendt.[554]

Enquanto muitos textos gregos foram inadequadamente editados em razão de fugaz pressa e de crítica embotada ou sobremodo afiada (para a embotada, podem-se mencionar o espesso Tucídides de Poppo[555] e o Platão de Stallbaum;[556] para a sobremodo afiada, todas as edições de R. Hercher), muitos prosadores latinos estão prudentemente editados, sobre sólida base. Os comentários eram proveitosos mesmo quando se tratava, de início, de edições escolares. Basta mencionar os nomes dos editores mais merecedores: K. Halm[557] (Cícero, Quintiliano, *Rhetores latini*), Roth[558] (Suetônio),

[554] *Lexicon Sophocleum* (1ª ed. 1834, 2ª ed. revisada por Genthe 1872). Ellendt publicou uma tradução inglesa sob o título *Lexicon to Sophocles* em 1841.

[555] E. F. Poppo (1794–1866): SANDYS *HCS* III 159. Sua exaustiva edição de Tucídides (11 vols., 1ª ed. 1821–40, 3ª 1882–8 rev. por J. M. Stahl) conta, além de um *prolegomenon*, com escólios e notas explicativas, e ainda pode ser consultada com proveito. Ela só foi sobrepujada pela edição de Alberti (3 vols., 1972–2000).

[556] J. G. Stallbaum (1793–1861): SANDYS *HCS* III 161. Produziu entre 1827 e 1860 uma edição em dez volumes, com notas em latim, de toda a obra de Platão; foi também reitor da *Thomasschule* de Leipzig (ver acima).

[557] K. Halm (1809–1882): SANDYS *HCS* III 195. Após a morte de J. C. Orelli (1787–1849), estranhamente omitido por Wilamowitz, Halm se uniu a J. G. Baiter na preparação de uma edição crítica revisada dos escritos retóricos e filosóficos de Cícero (1854–62); seu Quintiliano e seus *Rhetores Latini minores* foram produzidos para a Teubner, respectivamente, em 1868 e 1863.

[558] K. L. Roth (1811–1860): BURSIAN *GPhD* 959s., 1149; SANDYS *HCS* III 200 (erro no índice em SANDYS *HCS* III 517). Roth publicou seu Suetônio em 1858.

F. Haase[559] (Sêneca, Tácito), H. Keil[560] (as cartas de Plínio, *Grammatici latini*), M. Hertz[561] (Gélio, Prisciano, Lívio), Nipperdey,[562] cujo *César* foi admirado pela consistência com que seguia apenas uma família de manuscritos — o que, em verdade, era precisamente uma fraqueza. Seu comentário aos *Anais* de Tácito, por outro lado, tinha o então raro mérito de não esquecer as causas e as pessoas acima do plano linguístico. Como se deve tratar um compilador para utilidade geral foi mostrado pelo *Solino* de Mommsen, infelizmente sem encontrar muita sucessão. Os poetas não estavam tão bem. Mesmo Ovídio, Manílio, Lucano e Estácio tiveram que esperar muito tempo antes mesmo de sua tradição ser estabelecida. Ainda mais aquém estavam os comentários. R. Merkel,[563] porém, contribuiu com muito material útil aos *Fastos*, mesmo que não faça jus à arte do poeta. Isso acontece ainda menos no Apolônio de Merkel, cujos abstrusos *prolegomena* tratam apenas de um lado da língua.

Um trabalho de vida com um caráter absolutamente diverso dos críticos textuais tratados até então é o de K. F. Hermann,[564] que exerceu uma profícua carreira como professor em Marburgo e Göttingen e era fundamentalmente um erudito. Ele acumulou uma grande quantidade de material nos volumes de suas Antiguidades, agrupou-o de forma bastante destra e foi, como mostram as reedições, ao encontro das necessidades da época. Manuais assim, porém, murcham rapidamente. Assim, são mais significativas sua

[559] F. Haase (1808–1867): SANDYS *HCS* III 137. Seus *L. Annaei Senecae Opera quae supersunt* (3 vols.) foram publicados em 1852–3, seguidas pelos *Cornelii Taciti Opera* (2 vols.) em 1855.

[560] H. Keil (1822–1894): SANDYS *HCS* III 202. Publicou sobre as cartas de Plínio, o Jovem, em 1853 e 1870, contando com numerosas reedições; seus monumentais *Grammatici latini* (7 vols.) vieram à tona em 1855–80.

[561] M. J. Hertz (1793–1861): SANDYS *HCS* III 161. Suas edições de Prisciano (1855–9), Aulo Gélio (*editio minor* 1853, *editio maior* 1883–5) e Tito Lívio (4 vols., 1857-64) marcaram a época. Hertz também publicou uma biografia de Lachmann em 1851.

[562] C. L. Nipperdey (1821–1875): SANDYS *HCS* III 117. Seus *C. Iulii Caesaris commentarii cum supplementis* vieram à tona em 1847; seu comentário aos *Anais* de Tácito, em 1852.

[563] R. Merkel (1811–1885): SANDYS *HCS* III 193.

[564] K. F. Hermann (1804–1855): SANDYS *HCS* III 120.

revisão do texto platônico e certamente sua *Vida de Platão*, a qual, em contraste com Schleiermacher e mesmo Ast, foi a primeira tentativa de entender a carreira do filósofo. Afora Hermann, atuava em Göttingen também Schneidewin;[565] ambos morreram quase ao mesmo tempo, e pode-se dizer que eles preservaram a tradição de Göttingen ao se afastarem da crítica textual unilateral. É verdade que os estudiosos de Göttingen não renunciaram de forma alguma a ela, e ao lado de Ahrens estava A. Emperius,[566] um excelente crítico, como atesta acima de tudo seu Dio Crisóstomo. Sua morte precoce foi o único fator a impedir que um já iniciado comentário florescesse. Também Schneidewin foi ativo como crítico dos poetas líricos — que Bergk lhe surrupiou à força — e do recém-descoberto *Elenchos* de Hipólito, editado por ele com o teólogo Duncker. Ainda assim, ele se esforçava para produzir comentários dos textos, o que era decerto meritório. Muito profundo, é claro, eles não chegavam, e não se pode de fato chamar significativa a sua edição de Sófocles, na qual muitas gerações de estudantes conheceram o poeta.[567]

Foi uma coincidência peculiar que ele tenha sido substituído por A. Nauck,[568] estudioso de direção absolutamente diversa. Este, afinal, só estava interessado nas críticas a que cria ter direito, porque Sófocles, por toda parte, deveria ter produzido apenas o absolutamente perfeito; o que isso queria dizer, decidia o gosto do editor. Nauck já havia adquirido uma erudição rara quando fez a ainda autoritária coleção de fragmentos de Aristófanes de Bizâncio. Então, enquanto era professor no Ginásio Joachimsthal ao lado de Kirchhoff, ele também se debruçou sobre Eurípides e deve figurar entre seus mais meritórios improvisadores. Seus *Fragmenta tragicorum* são insuperáveis em completude, confiabi-

[565] F. W. Schneidewin (1810–1856): SANDYS *HCS* III 120.
[566] A. Emperius (1806–1841): SANDYS *HCS* III 120.
[567] PAGE em *PMG* vi e FRAENKEL *Ag*. I 54 têm Schneidewin em mais alta estima.
[568] A. Nauck (1822–1892): SANDYS *HCS* III 192.

lidade e arranjo prático.[569] Sua convocação para Petersburgo fez com que ele permanecesse com a atitude científica que adquirira em Berlim. Isso se reflete em suas valiosas edições de Porfírio e Jâmblico, seu tratamento do texto homérico, seguindo os caminhos de Bekker, e suas numerosas contribuições críticas. Como professor, ele fez com que, também na Rússia, pesquisadores notáveis na área grega estivessem ativos desde então.

A Gramática ainda se operava, na Filologia Latina, em forte conformidade com a tradição. Hand[570] tratava as partículas até mesmo conforme um antigo livro de Torsellini, do século XVI (Hermann, entretanto, fez o mesmo com o livro *De idiotismis linguae Graecae*, do jesuíta Viger).[571] O latim ainda estava muito isolado enquanto as outras línguas itálicas permaneciam, incompreendidas. Acesso a elas provieram os *Dialetos do Sul da Itália* de Mommsen, um esplêndido livro, por mais que ele, em idade avançada, o tenha renegado. O umbro foi descoberto pouco tempo depois por Aufrecht[572] e Kirchhoff; Kirchhoff também foi além dos primórdios de Mommsen quanto ao osco. Estudar os dialetos gregos, com pleno domínio do novo método: H. L. Ahrens[573] começou a fazê-lo já em 1839, quando as inscrições ainda eram escassas. Um problema ocular o inibiu desde cedo, mas, ainda assim, ele alcançou grandes feitos para os poetas bucólicos, contribuiu para a etimologia de muitas maneiras e, ao fim da vida, ocupou-se também do cipriota — um estudioso que trabalhou por conta própria, não reconhecido em vida por seus méritos. A língua ática não havia sido pesquisada com uma sintaxe tão completa até K. W. Krüger,[574] e sua gramática, que Buttmann

[569] A. Emperius (1806–1841): SANDYS *HCS* III 120.
[570] F. G. Hand (1786–1851): SANDYS *HCS* III 287.
[571] F. Viger, lat. *Vigerus* (1591–1647): SANDYS *HCS* II 287.
[572] T. Aufrecht (1822–1907): SANDYS *HCS* III 478. O seminal *Über die umbrischen Sprachdenkmäler* ["Sobre os documentos da língua úmbria"] foi lançado em dois tomos em 1849–51. Aufrecht é central sobretudo na Indologia, tendo editado os hinos do Rigveda.
[573] H. L. Ahrens (1809–1881): PFEIFFER *HCS* II 187s.; SANDYS *HCS* III 120.
[574] K. W. Krüger (1798–1874): SANDYS *HCS* III 119.

baniu da escola, representa um progresso, ainda que as distinções lógicas confundam em vez de facilitar. Igualmente excelentes são suas edições com comentários gramaticais de Heródoto, Arriano e Tucídides, nos quais sua brevidade e linearidade deixam não só Poppo, mas também J. Classen[575] muito para trás. Tucídides não se adequava a Classen, amável e venerável pedagogo, um classicista no melhor sentido da palavra, cujos comentários sobre o uso da língua homérica estão entre os melhores escritos dessa sorte. Na morfologia, é claro, tudo que ignora a Linguística fundada por F. Bopp[576] está obsoleto. A criação de uma porta de entrada para essa disciplina é o mérito de G. Curtius,[577] cujos livros, outrora dominantes, estão agora obsoletos apenas devido ao rápido pro-

[575] J. Classen (1806–1891): SANDYS *HCS* III 159.

[576] F. Bopp (1791–1867): fundador da Linguística Histórica, a importância dele está associada sobretudo à publicação de seu *Über das Conjugationssystem der Sanskrit-sprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache* [*Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita em comparação com o das línguas grega, latina, persa e germânica*] (1816), o primeiro estudo comparativo sistemático entre línguas indo-europeias. Ver SANDYS *HCS* III 205. PFEIFFER *HCS* II 185 sublinha a importância de W. v. Humboldt para o reconhecimento de Bopp: "*[I]t was on the recommendation of Humboldt that Franz Bopp (1791–1867) was given a professorship of 'Orientalische Literatur und allgemeine Sprachkunde' in 1823 at the university of Berlin; he had in 1816 (at the age of twenty-five) laid the foundation of 'indogermanische Sprachwissenschaft'. Humboldt's earlier writings had been educational and historical, but after retirement from his high diplomatic and ministerial offices in 1819 he concentrated on the study of language. His highest and most original achievements were in this field. As his interests were world-wide, he was able to recognize the significance of Bopp's discovery of the relationship of Sanskrit to the Greek, Latin, Persian, and Germanic languages.*" ["Foi por recomendação de Humboldt que Franz Bopp (1791–1867) recebeu a cátedra de '*Orientalische Literatur und allgemeine Sprachkunde*' em 1823 na Universidade de Berlim; em 1816 (aos vinte e cinco anos de idade) ele havia lançado as bases da '*indogermanische Sprachwissenschaft*'. Os escritos anteriores de Humboldt tinham sido educacionais e históricos, mas depois de se aposentar de seus altos cargos diplomáticos e ministeriais em 1819, ele se concentrou no estudo da língua. Suas maiores e mais originais realizações foram nesse campo. Como seus interesses eram vastos, ele foi capaz de reconhecer a importância da descoberta de Bopp sobre a relação do sânscrito com as línguas grega, latina, persa e germânica"].

[577] G. Curtius (1820–1885): SANDYS *HCS* III 207.

gresso da disciplina. Era inevitável que a gramática continuasse a escapar das mãos dos filólogos, pois a fonologia e morfologia não mais se podem tratar com base nas línguas individuais.

Na Filosofia Antiga, Aristóteles predomina nesse período — graças à edição de Bekker. Todo o filósofo, especialmente o lógico, é destrinchado por A. Trendelenburg,[578] e o *Organon* é explicado por T. Waitz;[579] a *Metafísica*, por Schwegler[580] e Bonitz;[581] a *Zoologia*, por Aubert e Wimmer. A *Retórica*, a *Política* e a *Poética* estão mais próximas dos filólogos. O principal meio de compreensão é o léxico no qual Bonitz, justamente devido a sua limitação, criou um padrão de como tais tarefas devem ser tratadas.[582] Bonitz também levou a explicação de Platão para além de Schleiermacher, tratando de forma atrativa vários diálogos.[583] O *Lexicon Platonicum* de Ast[584] não basta, por mais indispensável que infelizmente ainda seja. Ast conhecia bem o escritor, também o emendou bem, mas também começou a fazer supressões. Quanto aos pré-socráticos, o holandês S. Karsten[585] edita os poetas filosóficos; para Heráclito, Bernays é eficaz, especialmente ao fazer uso dos novos fragmentos do *Elenchos* de Hipólito. Krische[586] aponta o caminho certo para

[578] A. Trendelenburg (1802–1872): SANDYS *HCS* III 174.
[579] T. Waitz (1821–1864): SANDYS *HCS* III 174.
[580] A. Schwelger (1819–1857): SANDYS *HCS* III 174. Sua *Metaphysik des Aristoteles* [*Metafísica de Aristóteles*] foi publicada em quatro tomos em 1847.
[581] H. Bonitz (1814–1888): SANDYS *HCS* III 174. Publicou extensamente sobre Aristóteles: duas *Obseruationes criticae* (1842–4), uma edição crítica da Metafísica (2 vols., 1848–9) bem como uma tradução alemã (1890), seus *Aristotelische Studien* [*Estudos aristotélicos*] (5 vols., 1862–7) e seu *Index Aristotelicus* (1870).
[582] Alusão ao *Index Aristotelicus* (Bonitz 1870).
[583] Alusão às *Disputationes Platonicae duae* (1837), vertidas para o alemão sob o título *Platonische Studien* [*Estudos platônicos*] (1886).
[584] G. A. F. Ast (1778–1841): SANDYS *HCS* III 112. Tem-se hoje o *Platon-Lexikon* [*Léxico de Platão*] de SCHÄFER (2007), *c. lit.*
[585] S. Karsten (1802–1864): SANDYS *HCS* III 289.
[586] A. B. Krische (1809–1848). Prantl em *DB* s.v. escreve que ele, já em 1830, "provou seu grande talento ao escrever *De societatis a Pythagora in urbe Crotoniatarum conditae scopo politico commentatio*, em que demonstra a posição fundamental, até então pouco notada, que a Liga Pitagórica assumia nas relações políticas." Ver, ademais, BURSIAN *GPhD* 920.

sua classificação histórica dos pitagóricos em seu tratado sobre o *Scopus politicus* deles. A filosofia helenística ainda permanece negligenciada. Tudo isso é ofuscado pela grande *História da Filosofia* de Eduard Zeller.[587] Ele faz com que penetre na Filologia um proceder que a Escola de Teologia de Tübingen já empregava: ir ao encalço de um movimento intelectual através daqueles que o promoveram, ou seja, ir ao encalço do contexto histórico e, ao mesmo tempo, da elaboração dos sistemas dogmáticos individuais. Isso era algo aristotélico, e o trabalho de Zeller também é orientado dessa forma. Seu impacto é impossível de estimar e não cessa nem mesmo quando a pesquisa se afasta dele. Não tentemos elevá-lo ao nível do presente, retrabalhando sua obra como se fosse um livro didático. Obras de tão alto nível devem ser deixadas como o autor as legou. Queremos ouvi-lo mesmo onde ele falaria de maneira diferente hoje.

A Arqueologia ainda era tratada de forma negligenciada nas universidades, tendo poucos representantes nas sedes, e contava apenas com um museu de gesso destinado ao ensino em Bonn. Fundado por Welcker, estava agora sob os cuidados de O. Jahn,[588] o qual precisava e era capaz de correpresentar a Filologia. Certa vez, ele quase se rendera à epigrafia latina, depois imprimiu alguns textos em latim a partir dos manuscritos, também com a ajuda de Lachmann. Mas isso não lhe convinha; ele tinha o ímpeto de explicar, e o fez com Pérsio; de sua edição se pode dizer o que Escalígero dissera da de Casaubon: que o molho era melhor que o peixe. Ele também explicou o *Orador* e o *Bruto* de Cícero, e nunca antes apreendeu-se com tanta clareza que esses escritos se prestavam à

[587] E. Zeller (1814–1908): Sandys *HCS* III 477. Ele é lembrado sobretudo como autor da monumental *Philosophie der Griechen* [*Filosofia dos gregos*] (3 vols., 1844–52), seguida por seu *Grundriss der Geschichte der griechischen Philosophie* [*Esboço da história da filosofia grega*](1883), a que Wilamowitz alude aqui. A edição revisada por W. Nestle apareceu em 1921–3; a mais recente é de 2013, pela *WBG*, com um prefácio por C. Horn (Zeller 2013).

[588] O. Jahn (1813–1869): Sandys *HCS* III 220; Wilamowitz *Er.* 86ss.

autodefesa de Cícero contra o tacanho aticismo emergente. Para suas aulas, ele arranjou alguns textos — finamente escolhidos, finamente guarnecidos —, que, renovados por mão especializada, ainda gozam de merecida popularidade. Explicar é também o que ele exerce quanto aos monumentos, especialmente sarcófagos e pinturas em vasos, mesmo em peças discretas de toda sorte, e ele o faz com o método de Zoëga. Não se trata de história de arte, e sim de filologia de monumentos. Por mais que aquela seja mais proeminente, indispensável para ela é a compreensão do que o artista ou artesão queria fazer e representar. Infelizmente, esses escritos são pouco lidos em sua difusão; mas por escritos como os sobre o columbário da Villa Pamphili, a cesta *ficoroni*, o rapto de Europa e sobre o mau-olhado ninguém deveria passar sem lê-los. As *Crônicas ilustradas da Grécia*, que na verdade remontam às ilustrações do livro, foram ao menos completadas a partir de seu legado por seu sobrinho Michaelis.[589] Seu grande plano para uma coleção de sarcófagos foi retomado pelo Instituto. No entanto, deve-se contar também com o que Jahn legou de novo em suas aulas. O que sobre o caráter da poesia e da arte helenísticas e a transição para o classicismo se tornou *communis opinio*, o que consta, em geral, no excelente trabalho de K. Dilthey[590] sobre a *Cídipe* de Calímaco e nas *Pinturas murais de Pompeia* de Helbig,[591] o que é adotado dos livros

[589] A. Michaelis (1835–1910). Trata-se das *Griechische Bilderchroniken* [*Crônicas ilustradas gregas*] (1873) de O. Jahn.

[590] K. Dilthey (1839–1907): irmão do filósofo W. Dilthey, publicou seus *De Callimachi Cydippa* em 1863.

[591] W. Helbig (1839–1915): importante arqueólogo alemão; sob *Pinturas murais de Pompeia* estão subsumidas as *Wandgemälde der vom Vesuv verschütteten Städte Kampaniens* [*Murais das cidades da Campânia soterradas pelo Vesúvio*] (1868) e as *Untersuchungen über die Campanische Wandmalerei* [*Estudos sobre os murais da Campânia*] (1873). Foi Helbig, aliás, quem em 1887 primeiro apresentou ao público a chamada Fíbula Prenestina, o testemunho mais antigo em língua latina.

alemães na *Poésie alexandrine* de Couat[592] — tudo remonta a Jahn. Isso não basta mais, mas ainda é a opinião predominante.

O complemento da dimensão artística deve-se a H. Brunn,[593] que era formado por Ritschl e Welcker e entregou em sua *História dos artistas gregos* algo como uma *historia critica* em grande estilo. Em Roma, como secretário do Instituto, ele encontrou a tarefa à qual estava destinado: entender as obras de escultura quanto ao estilo e, em seguida, atribuir-lhes seu lugar na história. A Arqueologia tem ora uma grande quantidade de obras de arte sem autores nomeados e relatos de artistas sem suas obras, e ela não pode se abster de buscar conexões, mesmo que elas, de modo geral, não passem de assíntotas. Tanto mais fortes eram a alegria e a esperança quando se identificaram com segurança o *Doríforo* de Policleto, os *Tiranicidas* de Crítio, a *Eirene* de Cefisódoto, o *Apoxiômeno* de Lísipo, as estátuas votivas da oferenda atálica em Atenas — descobertas das quais participou C. Friederichs,[594] que morreu cedo demais. Brunn então educou em Roma e, mais tarde, em Munique a próxima geração de arqueólogos que puderam trabalhar com obras genuinamente gregas, diferentemente de seu mestre, a quem o elemento genuinamente arcaico permaneceu tão alheio que ele podia considerar vasos áticos certas imitações etruscas. O que nos parece dificilmente compreensível agora deve apenas nos servir de aviso para que, acima de nossa riqueza, não esqueçamos quanta verdade os fundadores da Arqueologia foram capazes de extrair do pouco que lhes era acessível.

Na Mitologia, visto que é uma saga heroica, o caminho foi aberto por Welcker e O. Müller; visto que é religião, muito pouca atenção foi dada a ela, porque um novo simbolismo havia surgido.

[592] A. Couat (1846–1899). Sua *Poésie alexandrine* (1882) testemunha a ideia de que há um elemento romântico na poesia helenística (ver PFEIFFER *AS* 151).
[593] H. Brunn (1822–1894): SANDYS *HCS* III 221. Sua *Geschichte der griechischen Künstler* [*História dos artistas gregos*] foi publicada em numerosos tomos em 1853–9.
[594] C. Friederichs (1831–1871): SANDYS *HCS* III 115.

A última tentativa de encontrar ou buscar elementos cristãos em Homero terá sido a *Teologia homérica* de Nägelsbach[595] — uma obra útil, aliás. Agora, não apenas, mas principalmente por meio da tentativa de descobrir os deuses indo-europeus e da supervalorização do sânscrito, surgiu um novo simbolismo que sabia como encontrar por toda parte o Sol e a Lua, Nuvens e Ventos e, acima do mito, esqueceu-se completamente do culto; além daquela etimologia selvagem que transformava Hermes em Sarameya, centauros em *gandharvas*.[596] L. Preller fez do simbolismo da natureza a base de sua mitologia grega e romana, que, no entanto, não só foi muito usada, como também permanecia útil, contando até mesmo com revisões de outrem. O excelente estudioso também trabalhou em torno da topografia romana e, em associação com H. Ritter, tem méritos pela obra de consulta *Historia philosophiae Graecoromanae*.

A história política não avançara após Niebuhr, já que nem Boeckh nem O. Müller tinham o foco nela. Só agora é que vinham da Inglaterra os *Fasti Hellenici* e os *Fasti Romani* de Clinton,[597] há muito indispensáveis, e depois a *History of Greece* de Grote,[598] que marcou a época ao tratar da democracia ateniense no sentido do liberalismo moderno. O livro é conscientemente trabalhado a partir das fontes literárias e escrito de forma a exercer forte efeito, mas como panfletagem política. Isso é fato, mas a bênção que aqui, finalmente, alguém com senso político tenha tratado da política desobstruiu o ar e forçou até mesmo os mais relutantes a reconhecerem os verdadeiros poderes na vida do Estado. É por

[595] K. F. Nägelsbach (1806–1859): SANDYS *HCS* III 106. Wilamowitz alude à *Homerische Theologie in ihrem Zusammenhange dargestellt* [*Teologia homérica contextualizada*] (1ª ed. 1840, 2ª ed. 1861 rev. por Autenrieth), a que sucede a *Nachhomerische Theologie des griechischen Volksglaubens bis auf Alexander* [*Teologia pós-homérica do pensamento popular grego até Alexandre*] (1857).

[596] Opinião semelhante tem WEST (2022: 324, n. 14). A origem comum de ambas as figuras, porém, talvez seja muito menos irrazoável do que pinta Wilamowitz, ver JANDA (2022).

[597] H. F. Clinton (1781–1852): SANDYS *HCS* III 439.

[598] G. Grote (1806–1871): LLOYD-JONES *BG* 103s.; SANDYS *HCS* III 438.

isso que, apesar do sucesso que o estilo lhe propiciou, a *História da Grécia* de Ernst Curtius[599] não foi um progresso para a ciência; afinal, aqui ainda prevalecia aquele classicismo que Kaulbach pintou n'*O vicejo da Grécia*,[600] e o autor, a quem todos tinham que honrar pessoalmente, sem mudar sua disposição, sempre manteve e pregou a crença em seu ideal. Seu principal mérito, além de ter realizado as escavações em Olímpia, está na exploração do país, a qual é sempre trazida ao leitor de modo muito cativante, sobretudo em seu *Peloponeso*, mas também tratados como os da construção de estradas. Que uma fragrância do solo helênico a permeie também conferiu charme a sua *História*. Perambulações no solo antigo fizeram também de Heinrich Kiepert[601] um cartógrafo do mundo antigo. Sua ajuda beneficiou inúmeros trabalhos de outros, especialmente coleções de inscrições, e nenhum de nós poderia trabalhar sem seus mapas.

O primeiro historiador completo a surgir para os gregos na Alemanha foi J. G. Droysen.[602] Nele estava o poeta a quem isso convinha. Seu Aristófanes é tão magistral quanto seu Alexandre. Ele não se esquivava nem mesmo de trabalho minucioso, já editava papiros e provava a falsidade dos documentos na *Oração da Coroa* de Demóstenes. Quem fala sobre o helenismo está num solo que ele descobriu.[603] Valentemente, ele erigiu a história de um período sobre o qual nenhuma narrativa coerente permaneceu para nós,

[599] Original: *Griechische Geschichte* E. Curtius (1814–1896): SANDYS *HCS* III 228.
[600] W. von Kaulbach (1850–1920): pintor alemão. Seu *Die Blüte Griechenlands* foi comissionado para o *Neues Museum* de Berlim, onde ainda se encontra.
[601] H. Kiepert (1818–1899): SANDYS *HCS* III 227. Seus *Atlas Antiquus* (1859) e *Atlas von Hellas* [*Atlas da Hélade*] (1872) estão disponíveis digitalmente pela *Universitätsbibliothek Heidelberg*.
[602] J. G. Droysen (1808–1884): PFEIFFER *HCS* II 188s.; SANDYS *HCS* III 230.
[603] Trata-se de "helenismo" no sentido de "período helenístico". Droysen foi quem primeiro usou o termo com esse sentido em sua inacabada *Geschichte des Hellenismus* [*História do helenismo*] (2 vols., 1836–43), com clara referência ao período histórico; anteriormente, "helenismo" designava *lato sensu* a tendência a imitar o grego clássico.

ainda que constitua o ponto alto do poder helênico. Frustrou-se quem quis estimar o grande rei diferentemente, e documentos às centenas confirmaram as ousadas combinações de Droysen com mais frequência do que seria de se esperar humanamente. Tivesse ele continuado a escrever, Mommsen não teria distorcido tanto o mundo helênico a partir de uma perspectiva unilateralmente romana.

O mais asseado trabalho de erudição foi entregue por A. Schäfer[604] em seu Demóstenes, mas trata-se de um trabalho filológico, poder-se-ia dizer. A crença no herói que é sempre justo não se prende Schäfer de modo diferente do que a fé eclesiástica se prendia a Tillemont. No entanto, o livro permanece tão fundamental quanto o de Tillemont. São justamente os opositores que, por querer combatê-lo com arrazoamento político, se veem forçados a reaprendê-lo repetidamente.

Uma coleção crítica de material, ainda que sem forma, foi fornecida por W. Drumann em sua *História de Roma em sua transição da constituição republicana para a monárquica*,[605] com enorme diligência e o maior zelo. Também não se deve duvidar que a forma biográfica era apropriada à natureza daquele período e à sua tradição. Isso, porém, também significava que a avaliação das pessoas era decisiva para a compreensão dos acontecimentos, e nesse aspecto Drumann apaixonadamente tomou partido. Esquece-se com demasiada frequência o quanto ele influenciou Mommsen, e dificilmente alguém ainda nega que a imagem de Cícero — e não apenas a de Cícero — é grosseiramente deturpada e distorcida. Drumann não escreveu de uma maneira menos advocatícia que Grote e que o orador Cícero, mas apenas o orador é completamente absolvido por seu ofício.

[604] A. Schäfer (1819–1883): SANDYS *HCS* III 169.
[605] W. Drumman (1786–1861): SANDYS *HCS* III 233. Trata-se de sua *Geschichte Roms in seinem Übergange von der republikanischen zur monarchischen Verfassung* (1831–44).

Finalmente, que se mencione a *História da Antiguidade* de M. Duncker.[606] Não que ela significasse muito em si, mas decerto se justificava conectar o Oriente, que ora tinha se tornado tão conhecido, com os gregos; daí que o trabalho tenha causado também forte impressão. Só que não foi possível alcançar nada duradouro, já que o autor não era um especialista em nenhuma das muitas áreas que desejava cobrir como historiador. Somente quem também pode utilizar diretamente os documentos orientais é que está à altura dessa tarefa.

É hora de dar um basta nos nomes. A enumeração fatigou ainda mais o escritor do que o fará para com os leitores. E, ainda assim, não se ausentará a repreensão de que um ou outro não poderia ter faltado. De toda a obra dos últimos cinquenta anos pode-se dar apenas um panorama, deixando de lado as pessoas. Isso é lícito também porque os antagonismos entre as escolas foram superados e uma comunidade de trabalho se espalha pelo mundo inteiro; também a América ora começa a formar museus e a fornecer colaboradores ativos nos mais diversos campos.[607] A ciência vem se configurando cada vez mais no sentido de tornar-se um empreendimento em larga escala. Apenas um estudioso ainda tem que vir à tona, em sua atuação concluída, por ter posto a serviço dessa comunidade de trabalho sua excepcional força pessoal e ter posto em movimento o empreendimento em larga escala: Theodor Mommsen.[608] Formado como advogado, ele reconheceu, a partir da jurisprudência histórica, a necessidade do *Corpus Inscriptionum Latinarum* e muito cedo alimentou em seu seio o desejo de fazê-lo ele mesmo. O zelo de O. Jahn com o legado de Kellermann o levara a

[606] M. W. Duncker (1811–1886): SANDYS *HCS* III 230. Trata-se de sua *Geschichte des Alterthums*, publicada em quatro tomos em 1852–7.

[607] Os estudos da Antiguidade greco-romana já haviam vicejado em solo (norte-)americano quando da redação da *História da Filologia*, ver SHOREY (1919). Lloyd-Jones (WILAMOWITZ *HCS* n. 590), com justeza, enxerga a afirmação de Wilamowitz como um "*understatement*".

[608] T. Mommsen (1817–1903): SANDYS *HCS* III 197. WILAMOWITZ *KS* VI 11s.

isso. Em seu ousado primeiro trabalho, sobre as tribos, ele revelara o contraste entre o jurista e o historiador Niebuhr, prefigurando, de certa forma, a mudança para seu *Direito Constitucional*. Era aonde ele chegara quando partiu para o sul. A epigrafia ele teve primeiro de aprender. Seu professor foi Bartolomeo Borghesi,[609] por conta de quem ele peregrinou para San Marino. Afinal, após G. L. Marini († 1815)[610] ter feito um trabalho preliminar, com o método correto, especialmente nos *Atti dei fratelli Arvali* e nos *Papiri diplomatici*, Borghesi tinha avançado no sentido de utilizar a vasta quantidade de inscrições, que ele abrangia como nenhum outro, para os *Fastos*, ou seja, para os magistrados e suas carreiras no ofício — em suma: para tudo o que esperamos inicialmente da epigrafia. O trabalho prático diante das pedras Mommsen aprendia em suas incursões, carregadas de privações, pelo *Regno di Napoli*. Elas o ensinaram sobre o país e seu povo, e também lhe deram um vislumbre dos tempos pré-romanos, dos messápios e oscos. Em Roma, ele intervinha na disputa topográfica, ora fervorosa, e conduzia, ele próprio, a disputa com a Academia de Berlim pelo *Corpus*. Afinal, Boeckh nunca quis reconhecer o que convinha a uma publicação de documentos. Somente após seu retorno a casa e após anos de alvoroço e atividade em áreas completamente diversas da vida, quando Mommsen, apesar da Academia, editou as *Inscriptiones regni Neapolitani* e suas contribuições epigráficas nas publicações da Sociedade de Ciências da Saxônia — que ainda valem a leitura, à guisa de introdução — despertaram a admiração geral, a resistência calou. Ele, porém, escreveu a *História Romana*[611] quando ainda era advogado em Zurique e Breslau. Isso não aconteceu por sua própria iniciativa; trata-se, por assim dizer, de uma obra intermediária advinda de ócio involuntário. Para o leigo, ela

[609] B. Borghesi (1718–1860): SANDYS *HCS* III 244.
[610] G. L. Marini (1742–1815): SANDYS *HCS* III 382.
[611] *Römische Geschichte* (vols. 1–3, 1854–6; vol. 5, 1885). A obra garantiu a Mommsen o Prêmio Nobel de Literatura em 1902.

continuará sendo sua obra principal, lida como Gibbon, e assim deve ser lida, mas também com a devida reserva. Não foram apenas seus méritos factuais que a tornaram popular, mas a inclusão de teorias políticas contemporâneas — como também foi o caso com Grote — e, claro, o conhecimento e o poder criativo, mas também o temperamento do autor, amor e ódio. Quando, com a autocracia de César, ele atingira o objetivo que arbitrariamente estabelecera para si mesmo, movido por intenções artísticas, ele se desvencilhou disso e ora passou ao que, para uma história romana, eram trabalhos preliminares necessários — a cronologia, a cunhagem, as questões constitucionais e de fonte —, de que tratam suas *Pesquisas Romanas*,[612] pioneiras por toda parte, não apenas para a pesquisa romana. E depois veio o *Direito Constitucional*,[613] no qual o jurista também escreveu a história à sua própria maneira. Com ele — e com o uso das inscrições que o trabalho hercúleo do *Corpus* foi coletando gradualmente —, ele preparou sua *História Imperial*.[614] Que ele tenha escrito apenas o quinto volume desta será lamentado pelos leigos; ele foi quem julgou mais corretamente. Ao fim da vida, voltou ao amor de sua juventude e, aos oitenta anos de idade, escreveu o *Direito Penal*.[615] Com seus escritos menores, filólogos, historiadores e juristas aprendem como devem proceder com seus ofícios. Sua doutrina ainda não foi superada em nenhum campo, pois a correção dos resultados individuais não prejudica o efeito do todo. O fato de que agora olhamos a história romana de Rômulo a César de maneira bem diferente da forma como ele a contou devemos mais a ele que a qualquer outra pessoa.

O *Corpus* teria sido inviável sem a ajuda de países estrangeiros. No início e depois novamente no final, os franceses ajudaram. Em

[612] *Römische Forschungen* (2 vols., 1864–79).
[613] *Römisches Staatsrecht* (3 vols., 1871–88).
[614] Trata-se do quinto volume da *Römische Geschichte*, publicado em 1885, um relato sistemático das províncias romanas no início do período imperial. Wilamowitz refere-se à obra como *Kaisergeschichte* [*História imperial*].
[615] *Römisches Strafrecht* (1899).

Roma, o Instituto, enquanto Wilhelm Henzen[616] estava à frente, não era solo estrangeiro para os italianos, e G. de Rossi,[617] um amigo leal, comprometeu-se a tratar das inscrições cristãs; os italianos consideravam Mommsen quase como um dos seus. O *Corpus* só podia vicejar enquanto houvesse um senhor e mestre acima dos muitos. Trabalhos que estavam destinados a crescer a partir disso, como a *Prosopographia imperii Romani*, foram muito mais por ele instigados que de fato realizados. No caso dos *Monumenta Germaniae*, ele mesmo iniciou e dirigiu a coleção dos *Auctores antiquissimi*, e trabalhou em muitas partes. Sem essa série, o *Thesaurus linguae Latinae*, a que nada antes do impulso de Mommsen ajudou a dar vida, não poderia ter sido empreendido. A preservação do Instituto romano e a pesquisa dos *Limes* germânicos não teriam sido viáveis sem ele. Ele foi a força motriz por trás da *Association des académies*. Antes dela, ele, maravilhado pelos franceses, advogou por um *Corpus nummorum* — em vão. Em verdade, ele quis demais. A forma como ele o iniciou em Berlim dificilmente teria sido viável, ainda que houvesse um organizador mundial a defender-lhe a proposta. A França simplesmente segue seu próprio caminho, e a Inglaterra sempre consolidou a primazia na Numismática. Um tão raro e grande pesquisador como Imhoof-Blumer[618] é de uma estirpe própria e não nasce a cada século.

O empreendimento em larga escala da ciência não pode substituir a iniciativa do indivíduo; ninguém sabia disso melhor que Mommsen; mas o indivíduo, em muitos casos, só poderá realizar seus pensamentos no empreendimento em larga escala. A corporação de estudiosos deve ajudá-lo a fazer isto. E como ela não morre, ele pode assegurar a continuação da coleta de material, da qual não podemos prescindir. Isso é muito; mas o fator decisivo só recairá sobre quem utiliza esse material. A cooperação de todas

[616] W. Henzen (1816–1887): SANDYS *HCS* III 219.
[617] G. B. de Rossi (1822–1894): SANDYS *HCS* III 247.
[618] F. Imhoof-Blumer (1838–1920): grande numismático suíço; ver *DB*, *HLS* s.v.

as nações de cultura é uma consequência necessária do empreendimento em larga escala. Quem não reconhece isso, não entende a ciência. Quem, apesar disso, quer impedi-la, comete o pecado contra o Espírito Santo. Mas o Espírito não permite que Ele seja ridicularizado, e n'Ele confiamos.

O *Instituto di corrispondenza archeologica* foi a primeira tentativa de associação internacional. Quando ele se tornou um instituto alemão e também ocupou Atenas, os franceses redesenharam sua *École* de acordo com esse modelo. Logo sucederam os ingleses, americanos, austríacos e italianos. Os gregos, com sua concessão sem inveja e, depois, com uma cooperação ativa, reivindicam o mais caloroso agradecimento de todos.

Havia em Atenas, por muitos anos, muito mais abençoada cooperação que enciumada competição, e a memória disso não pode evanescer. Com a descoberta de Olímpia pelos alemães, superou-se a superexploração e estabeleceu-se o método de escavação propriamente dito, depois aperfeiçoado em muitos lugares. Todas as nações intervinham aqui e ali, em terreno clássico, com o melhor de suas capacidades. Enfim, os papiros encontrados pelos nativos levaram também no Egito a escavações sistemáticas em busca desses tesouros. Os achados de todos os tipos se multiplicaram em imensa extensão. A literatura grega adquiriu por meio das pedras, restos de livros e arquivos uma feição absolutamente diversa. A tradição de monumentos remonta muito além da imigração dos indo-europeus para ambas as penínsulas. As barreiras que separavam a memória histórica da Europa daquela da Ásia e do Egito caíram: mesmo que deixemos a história europeia começar com Homero, devemos estender nosso olhar até Menes e mais além.[619] Em Creta, está desvelado o centro de uma cultura altamente

[619] Menes foi o (lendário) faraó da Primeira Dinastia, creditado pela tradição (e.g. Hdt. 2.4, 99; Man. 1.1 e a chamada Pedra de Palermo), de ter unido os Alto e Baixo Egitos pela conquista do Delta. A historicidade de Menes não é indisputável, ver Heagy (2014), *c. lit.*

desenvolvida, que no segundo milênio a.C. irradiou para todos os lados. Mesmo para baixo, não mais se pode separar o elemento romano do bizantino e do germânico, o elemento grego do siríaco e do árabe. As barreiras entre a Filologia e a Arqueologia clássicas e cristãs também caíram. A tradição de monumentos e a literária se interpenetram indissoluvelmente. A Ciência da Antiguidade não mais é classicista, não mais reivindica ser clássica, mas é o que deveria ser: um todo vivo, e o é mesmo dentro de uma ciência histórico-filológica que tudo abarca, com a qual ela não apenas toca em suas fronteiras, mas pela qual é também influenciada em seu método. A Arqueologia é, ao mesmo tempo, parte da História da Arte em geral. O direito grego recebe luz do germânico, analogias buscamos em toda parte. E mesmo para as tragédias áticas, a visão é afiada pelo contraste do moderno.

Em crescente medida, o trabalho científico tem sido determinado pela expansão do empreendimento em larga escala e por novos achados. A pesquisa no solo antigo e sobre tudo que se levantou de seu ventre tem estado tão em primeiro plano que o modo mais breve de apresentar o progresso é com um panorama do *Imperium Romanum*. Isso era algo impensável não apenas para Hermann e Lachmann, mas também para Boeckh. O. Müller recebê-lo-ia de braços abertos, compreendendo-o. No Egito e na Mesopotâmia conhecemos ora os sítios de nascimento da cultura. O Egito fornece os suportes para determinar a época dos achados creto-micênicos; é de lá que vêm a coluna e os grupos de estátuas e, enfim, nosso sistema de escrita. A Babilônia forneceu a astronomia, mas mais tarde também a astrologia, esta com um toque egípcio. Nosso tempo, com a grande iniciativa de poucos homens, foi o primeiro a ir ao encalço dessa importante pseudociência e pseudorreligião e compreendê-la. Os hititas e outros povos gradualmente helenizados da Ásia Menor são conhecidos a tal ponto que o futuro, com a compreensão da língua, também lançará luz sobre

a antiga cultura de Creta e, portanto, sobre o tempo dos heróis helênicos e dos vikings, mesmo que por enquanto essa época nos fale, até o momento, essencialmente através de sua arte. Foi o fato de o abismo entre o período heroico e o período homérico, com seu estilo geométrico, ter se tornado inconfundível o que tornou a epopeia historicamente palpável. Na costa helênica da Ásia e nas ilhas, não todos, mas tantos dos locais principais foram descobertos que estão diante de nós com tanto mais clareza, se não a antiga Jônia, ao menos a helenística e a romana. Se as inscrições daqui e da terra mãe — cuja destruição foi quase sempre maior — nos permitiram juntar pedra sobre pedra para construir a história do helenismo, é porque a arquitetura tem tipos de construção inteiramente novos para produzir: prefeitura, biblioteca, muralha, farol. O que era a *tholos* de Epidauro, ainda não sabemos.[620] Os numerosos teatros desencadearam uma tormenta de opiniões que ainda não foi acalmada. Há ainda um longo caminho a percorrer para conciliar o que o comentador tira dos dramas e os teoremas do arquiteto. Inteiramente novo é que se possa ir ao encalço de todo o traçado de uma cidade, entre crescimento historicamente arbitrário e esquema planejado: Atenas e Roma em contraste com Priene e Pompeia. Pompeia só agora, não estando mais isolada, tem sua importância devidamente reconhecida. Dos escombros persas na Acrópole ateniense resultaram preciosos restos de arte arcaica e, com estes, datações precisas. Dos vasos consideravam-se, a princípio, somente as pinturas, porque elas ofereciam a mais rica instrução sobre a saga heroica e para a vida cotidiana. É provável que essa perspectiva tenha agora recuado demais; mas com toda a justeza é que ora se trata a louça de barro, por estar disponível em todos os períodos, como a mais rica e pura fonte para a história do artesanato. As pinturas, porém, permitem conclusões

[620] Crê-se hoje que a *tholos* de Epidauro tenha servido ao culto de Asclépio, ver http://data.perseus.org/artifacts/building/Epidauros%2C+Tholos, *c. lit.*

sobre a arte elevada e, graças à adição das estelas pintadas de Demétrias e outros objetos, especialmente da Etrúria, não parece mais impossível traçar ao menos as linhas básicas para uma história da pintura. O sul da Rússia, com suas ricas tumbas, também oferece acréscimos a isso. Lá se pode ora traçar a cultura desde a colonização jônica até o período bizantino. Ela também irradiou para o norte, mas não à toa os godos estavam aqui por muito tempo. Essa essência heleno-cita ainda é uma província isolada, mas não pode permanecer assim. Na Sicília e na Baixa Itália, o solo não rende muito para os helênicos, tanto menos para a população pré-grega. A pesquisa do solo, que tem sido levada à perfeição na Itália — também nos Terramare do norte da Itália, em Sâmnio e na Apúlia, para não falar da Etrúria —, trouxe tanto material à luz que as questões etnológicas envolvidas clamam por uma solução. As culturas apúlia, osca e etrusca estão maduras para uma apresentação abrangente. Por toda parte é necessário penetrar através da helenização, comum a todos, até o elemento nativo, e a história italiana, que se revela nos monumentos, pode servir-nos de substituto para o fato de a tradição liviana se mostrar cada vez mais frágil até a Guerra Pírrica; afinal, possuímos até mesmo algumas inscrições do período real de Roma. A África romana — e até certo ponto a púnica — preservou-se maravilhosamente através dos períodos de desolação. Cidades inteiras ainda estão de pé, mosaicos mostram as propriedades rurais, a distribuição de terras aráveis ao redor de Cartago perdura nas linhas da Designação, as inscrições aumentaram cem vezes em 50 anos, de sorte que o pano de fundo para Apuleio e Agostinho está devolvido para nós. Se ao menos não fosse uma vida tão sem espírito. A Espanha com ibéricos e celtas está apenas começando a se desvendar, mas já a influência de Massília e até mesmo de assentamentos gregos mais

antigos é inconfundível. A Dama de Elche[621] levantou-se da terra como Pandora: o que se seguirá? O acampamento que Cipião e Políbio habitaram antes de Numância está lá novamente, e sua descoberta despertou os próprios espanhóis para proativa busca. A cultura romana da planície do Reno — muito à frente da Gália interior —, os esplêndidos edifícios de Trier, os fortes e as paliçadas dos *limes*, o culto das *Matres* e *Quadriviae* e a rede de estradas — tudo é encontrado, registrado, e um variegado quadro geral está diante da imaginação. Para além da romana, essa investigação — que ensinou a reconhecer os edifícios de madeira desaparecidos pela cor da terra — alcança também a Germânia livre. Chegará o dia em que o Desastre de Varo será fixado sem contradição. Da mesma forma que, a partir dos incontáveis Estados independentes, surgiu um único *Imperium*, assim também houve uma única arte imperial, uniforme apesar de todos os matizes provinciais, mas se em seu desenvolvimento posterior o Oriente ganhou vantagem, como aconteceu na religião, ou se Roma permaneceu a capital, sobre isso surgiu uma disputa que ainda não foi resolvida. É claro, de todo modo, que Bizâncio, a nova Roma, é herdeira sobretudo do helenismo orientalizado e sempre fez a Europa Ocidental sentir a superioridade de sua cultura antiga, até que finalmente entregou-lhe o espírito do antigo helenismo em seus livros. Temos uma filologia bizantina e ela só se tornará frutífera, para a Antiguidade especialmente, quando estudar os bizantinos por si mesmos.

Que imensa pletora de tarefas esse sucesso representa para a pesquisa de monumentos, quão inextricavelmente a arqueologia e a história se interpenetram, de modo que o encalço da arte e, ainda mais, a história dos artistas se tornaram uma parte ainda menor da Arqueologia que a que os poetas clássicos ocupam no escopo da

[621] Trata-se de um busto de calcário descoberto em 1897 em La Alcudia, sítio arqueológico em uma propriedade privada a dois quilômetros ao sul de Elche, na Espanha. Atualmente, a Dama de Elche está exposta no *Museu Arqueológico Nacional* (MAN) da Espanha, em Madri.

história literária. A coleta em imensos *corpora* do enorme material que o arqueólogo deve abarcar — como se tem tentado, ainda que não alcançado, no que diz respeito às inscrições — é uma utopia. Tanto mais admirável é o feito do estudioso que realmente o abarcou e — ainda que fosse inevitável proceder de outro modo — tentou organizá-lo à força: Adolf Furtwängler,[622] cujo nome há de se mencionar, ainda que sua atividade, interrompida cedo demais, recaia para cá dos limites — onde, no mais, se prescinde da menção nominal.

O novo acréscimo de monumentos escritos é menor e, ainda assim, o efeito é comparável. O que era a lei municipal romana antes de os bronzes de Salpensa, Malaca, Urso se tornarem conhecidos? A *Constituição dos Atenienses*[623] aristotélica tornou supérflua toda a junção de notas gramaticais com as quais tínhamos que nos dar por satisfeitos anteriormente. Quão diversamente avaliamos o que possuíamos de Píndaro e dos lésbios, uma vez que, além da adição de seu legado, vieram Álcman,[624] Corina, Baquílides e Timóteo.[625] Quão mais claro se tornou o elemento romano em Plauto desde que pusemos Menandro a seu lado! Não é diversa a situação em todos os campos cristãos, onde se acresceram a *Didachê*, o *Evangelho* e o *Apocalipse de Pedro*, os *Salmos de Salomão*, a *Apologia* de Aristides, grande parte de Hipólito, ainda mais mate-

[622] A. Furtwängler (1853–1907): um dos mais importantes arqueólogos alemães, principal expoente de uma Arqueologia Clássica focada na história da arte, em contraste com o foco em objetos do cotidiano e aspectos filológicos prevalecente no século XIX (ver *AB* 110s.). Furtwängler é o único contemporâneo de Wilamowitz que vem à tona nominalmente na *História da Filologia*.

[623] Preservada num rolo papiráceo de Hermópolis, publicado em 1891 e hoje na Biblioteca Britânica. Wilamowitz fez importante contribuição ao achado em Wilamowitz *AA*.

[624] O famoso papiro de Mariette, contendo parte do partênio de Álcman, foi publicado em 1863 (= *PMG* 1); a ele acresceram-se fragmentos importantes após a morte de Wilamowitz (= *PMGF* 1). Para Álcman, ver a ainda hoje seminal monografia de Page (1951).

[625] O próprio Wilamowitz publicou importantes fragmentos com Schubart em seus *Dichterfragmente* [*Fragmentos dos poetas*] (Wilamowitz *DF*).

rial gnóstico etc., afora o *Epitáfio* de Abércio, e a coleção dos escritos pré-nicenos contou com a muito necessária ajuda dos filólogos. Esta também trouxe um novo impulso à história da Igreja pós-nicena, pondo um fim à insuportável separação da história imperial. Mesmo a origem do cristianismo, porém, ocupou não apenas os tolos diletantes que fizeram de Jesus um ariano ou mesmo, como um passatempo, duvidavam de sua existência. Com afinco e erudição, constrói-se, a partir de fenômenos posteriores, uma religião de mistérios oriental-helênica, que, acredita-se, foi decisiva para os dogmas. Embora isso ainda não tenha sido estabelecido, as religiões do período imperial — mitraísmo[626] e os cultos a Doliqueno[627] e ao Deus-Sol —, foram pesquisadas e sua mistura ou mesmo sua analogia com o cristianismo está fora de qualquer dúvida. Sobretudo as inscrições do exército romano são evidências de orientalização, mas também nos ensinaram a entender o que pode ser chamado culto oficial do império. Foram as inscrições do período imperial, mais ainda que os papiros, o que passou a ser compreensível com o surgimento do colonato — ou seja, a recaída na subserviência, que permaneceu um mistério por tanto tempo.

A inscrição de Gortina[628] com o direito familiar cretense teria sido o bastante para atrair os juristas a colaborar no campo do direito grego, o que antes só ocorria no país de Cujas e Hérauld. Aquela inscrição não permaneceu isolada, a ela acresceram-se os papiros. Eles não apenas criaram a profissão dos papirólogos — uma vez que somente especialistas podem ler as cursivas de forma

[626] Wilamowitz tem em mente os trabalhos de F. Cumont (1868–1947), sobretudo os *Mystères de Mithra* (1900) e as *Religions orientales dans le paganisme romain* (1906). A obra de Cumont vem sendo reeditada desde 2010 pela editora belga Brepols na série *Bibliotheca Cumontiana* (*scripta maiora*: BICUMA; *scripta minora*: BICUMI).

[627] Júpiter Doliqueno: deus romano, resultante de uma *interpretatio* romana de um culto semítico a Baal numa colina em Dolique (turco moderno: *Dülük*), a poucos quilômetros da moderna Gaziantepe.

[628] Edição crítica por WILLETS (1967); *IC* IV 72, disponibilizado online pelo *Packard Humanities Institute* (*PHI*).

satisfatória —, mas também puseram fim ao que o doutorando Mommsen ainda apresentava como tese: de que o jurista não precisaria do grego. Agora ele sabe que não pode prescindir dele nem para as Doze Tábuas nem para os Digestos, e o próprio direito grego se tornou uma disciplina. Sua administração conhecemos do Egito ptolomaico. Este tem suas peculiaridades, mas podem-se ter muitas características, ao menos em seus princípios, como válidas para todo o mundo helênico, até mesmo na tributação. E não é somente desde Augusto que Roma tem seguido o modelo helenístico: a Sicília o fez desde que se tornou uma província.

Do ponto de vista linguístico, as inscrições em latim não têm muito uso senão para desmembrar palavras em morfemas e fonemas. Elas, porém, ainda assim nos ensinaram a entender corretamente o latim vulgar, o substrato das línguas românicas, enquanto o sonho de um latim africano se dissipou, há pouquíssimo tempo. Com isso, abriu-se um campo em que tanto latinistas como romanistas podem cultivar e ir ao encontro um do outro. E agora forças absolutamente novas começaram a conferir ao uso vivo do latim seu lugar de direito, mesmo em escritores cujos textos estavam muita vez adaptados às regras da língua artística. Isso não apenas resulta num recrudescimento de críticas textuais sensíveis, mas também deve fazer com que diferenças temporais se tornem evidentes e com que a *Peregrinatio Aetheriae* (também um achado dessa época) não mais possa ser atribuída a séculos diversos.[629]

O documento oficial grego — lei ou trecho protocolar — é sempre uma obra escrita estilizada, bem como o decreto real e a correspondência privada de estratos educados da sociedade. Assim, esses

[629] A *Peregrinatio Aetheriae*, também chamada *Itinerarum Aetheriae*, é um relato de viagem, na forma de uma carta para outras mulheres, escrito em latim vulgar por uma autora da Antiguidade Tardia, do norte da Espanha ou da Gália, que viajou pela Terra Santa como peregrina ao fim do século IV, provavelmente de 381 a 384 (para a datação, ver DEVAS 1967). O texto está contido no *Codex Arentinus*, descoberto em Arezzo, na Toscânia, em 1884.

documentos em pedra e papel fornecem algum substituto para a perda da prosa helenística. Vai-se, de início, principalmente ao encalço de sons e formas gramaticais; faz-se, de início, pouco para a formação de palavras e ordem das palavras. Porém, o contraste entre os gregos helenístico e ático — mesmo o ático artificial — é, ainda assim, tão claro que ninguém pode ignorá-lo. Já se pode confiar na sensibilidade linguística para atribuir um escrito estilizado a um determinado século, ao menos até 300 d.C., por mais difícil que seja, em se tratando da prosa tardia, aprendida secundariamente, entender as nuances de significado, nas quais até mesmo as pessoas cultas ora usam as palavras antigas. Podemos confessar a nós mesmos que, embora tenhamos feito um bom progresso em direção a uma história da língua[630] — em que Lobeck, Bekker e Cobet ainda não haviam pensado —, ainda estamos longe de nosso objetivo. O arqueólogo julgará a história do estilo nas artes visuais de maneira muito semelhante.

Para o estilo de prosa em ambas as línguas, a descoberta das estruturas fixas das orações e da transição do sistema quantitativo para o acentual trouxe ensinamentos extremamente importantes e deu à crítica textual, incluindo a crítica da autenticidade, uma ferramenta de trabalho amiúde decisiva.[631] Isso foi precedido pela observação da tendência a se evitarem hiatos — também ela muito útil, ainda que se tenha sido usada indevidamente. As tentativas de atar até os grandes estilistas áticos a certas regras, em contrapartida, estavam provavelmente destinadas ao fracasso. A observação da língua — a que talvez se chamasse "microscópica" — que com frequência se comprazia ao calcular médias percentu-

[630] É provável que Wilamowitz estivesse familiarizado com o *Aperçu d'une histoire de la langue grecque* de A. MEILLET (1ª ed. 1913) bem como com a atividade do suíço E. SCHWYZER (1874–1943), que — ainda que seu *magnum opus*, a ainda hoje importante *Griechische Grammatik* [*Gramática grega*] (1939–50), tenha vindo à tona após a redação desta *História* — fez contribuições significativas para a história da língua grega entre 1898–1923.

[631] Ver MAAS (1972[3] s.v. *formal prose*).

ais em tabelas estatísticas também alcançou resultados importantes, mas enganava ao menos com a mesma frequência, porque o elemento intelectual nunca pode ser mecanizado. Não podemos, porém, desprezar as miudezas — tampouco, claro, esquecer-nos de que permanecem miúdas.

Movimento vivaz na Métrica surgiu com o fato de o sistematismo com o qual R. Westphal[632] — sem dúvida um homem muito espirituoso — queria embasá-la em princípios musicais não ter conseguido satisfazer os críticos textuais a longo prazo. Por mais que a luta pela teoria continue, um acordo agradável foi alcançado no tratamento dos textos.

E agora, enfim, as implicações dos novos achados para a crítica textual.[633] Possuímos agora evidências para a forma linguística da epopeia desde o século VI, e trata-se da mesma forma que se preservou ao longo de todos os séculos. Quanto a restos de livros, temo-los de todas as épocas desde o fim do século IV; agora conhecemos, pois, a forma em que as tragédias chegavam à biblioteca de Alexandria. Admiramos a técnica — lá levada à perfeição — da produção de livros, acompanhamo-la de geração em geração, observamos o caos em que se perde a ortografia e a reforma de Herodiano, o declínio da fabricação de papiros e a transição do pergaminho para o livro. Manuscritos de gramáticos mostram o incremento de variantes eruditas, a lenta e incipiente adição de acentos e outros expedientes para a leitura correta. Surgem escólios marginais, que são trechos de comentários independentes. Os restos de escritos preservados são mais importantes para a crítica do que o material novo; eles, afinal, guardam um julgamento sobre a tradição bizantina. Nós vemos a diferença de quando uma obra estava amparada pelos gramáticos ou quando se reproduzia sem tal proteção. Assim constatamos, por exemplo, no caso de Demóstenes, que não

[632] R. Westphal (1826–1892): SANDYS *HCS* III 157.

[633] Para o *status quaestionis* da crítica textual, ver WEST (1973). Excelente história da crítica textual é apresentada por VANEK (2007).

adquirimos nada de novo no que diz respeito a seus discursos, e sim uma carta espúria. No caso do *Econômico* de Xenofonte, a situação é bem diversa. Saltam aos olhos quão diferentes nossas conjeturas podem ser aqui e ali, e com justeza. Mal se entende como a incapacidade ainda pode se aventurar com o princípio de que seria mais seguro manter a tradição, como se não se devesse primeiro pôr à prova a confiabilidade da tradição e a crítica tivesse então de se guiar por esse resultado. Faz bem em manter as mãos longe dos textos quem não souber retraçar o caminho do manuscrito preservado até o de seu autor, que desconhecia separação de palavras e pontuação. O crítico precisa estar familiarizado com as turvações que eram inevitáveis à transposição da grafia do antigo livro para as minúsculas do tempo de Fócio, quando as palavras foram separadas e os acentos, adicionados. Ademais, são muitos os casos em que há distorções na escrita cursiva dos últimos séculos bizantinos. Embasado nesse conhecimento, ele será capaz de interpretar o que foi transmitido. Muito do que se mascarava como emenda tratava-se de mudanças que não tocam no que realmente foi transmitido, e apenas extirpar uma má interpretação da grafia antiga ainda não é uma intervenção no texto do antigo livro. Mas a história textual, que se juntou à recensão e à emenda, significa ainda mais. Quando se chega ao arquétipo a partir de seus descendentes preservados, tem-se, no mais das vezes, um único exemplar que foi preservado desde a Antiguidade Tardia. Com isso, chega a termo a recensão. Mas a emenda só começa imediatamente nos casos em que nada pode ser dito sobre o tempo transcorrido entre o autor e esse arquétipo. A mudança geral da escrita, da ortografia e similares, também se deve levar em conta, e ainda assim é muito frequente que o arquétipo ofereça leituras duplas, como vemos nos antigos manuscritos de Herodas e do *De republica*, de Cícero, onde a rejeição perversa da primeira ou segunda mão não deixou de ocorrer. Nesse caso, somos, em verdade, livres para escolher. Mas como

fazê-lo quando vários livros antigos se preservaram e os textos divergem? É importante distinguir entre a corrupção de um texto uniforme e o contraste entre redações diversas, o que absolutamente não houve apenas no caso de obras clássicas. Entretanto, só se deve falar de redações quando os desvios excedem a extensão daquelas pequenas variantes que estavam lado a lado no mesmo livro. Há de fato redações realmente diversas, é possível que se trate tanto de uma reformulação drástica — nesse caso, pode-se falar de interpolação — como do resultado das vicissitudes que o texto sofrera antes de um gramático o fixar criticamente. É bom comparar o que, apesar da imprensa gráfica, aconteceu com os escritos de Goethe ou Kleist. Essa crítica textual não pode ser feita sem consultar a gramática antiga. Isso é especialmente verdade no que diz respeito aos clássicos. A edição autoritária alexandrina é, mais uma vez, um arquétipo que temos que reconstruir. E quando há mais edições desse tipo, surge novamente a questão sobre o que é variante e o que é interpolação. E então há novamente um ínterim, entre a edição de autoridade e o autor, em que o texto estava desamparado. O que não ensina para o método o fato de possuirmos os manuscritos homéricos, platônicos, euripidianos dessa época! A literatura latina apresenta um problema dessa ordem somente no que diz respeito a Plauto. No caso dele, não se teria conseguido passar sem a instrução da história textual da literatura grega antiga. Em contrapartida, basta a *Eneida* de Virgílio para aprendermos a que vicissitudes um livro estava fadado na Antiguidade, ainda que tenha aparecido nos tempos da mais desenvolvida técnica de produção de livros e ido de pronto ao encargo dos gramáticos. Calímaco e seus contemporâneos devem ter tido um destino semelhante. E o Novo Testamento — especialmente os Evangelhos — viveu desprotegido por séculos e foi então, é verdade, fixado em sua totalidade, mas não sem violência, e felizmente sem apagar completamente os traços de outras redações.

A evidência adicional das traduções e das citações mais antigas põe essa história textual ao lado da de Homero como — apesar de todas as diferenças — o melhor paralelo e o torna particularmente instrutivo como o método de Lachmann é retificado pela história textual.

Agora: o que se depreende disso tudo, em termos práticos? Primeiramente, que os bizantinos fizeram seu trabalho muito bem; mas o que eles conseguiam fazer dependia da cópia antiga que lhes chegava às mãos. Esta, não o *Laurentianus*, é o arquétipo de todos os manuscritos de Ésquilo e Sófocles — os quais, a propósito, só se encontram ambos no mesmo manuscrito por acaso. A suspeita de que o único valor dos manuscritos mais recentes constaria de suas conjecturas não se confirmou em muitos casos. A tradução árabe da *Poética* de Aristóteles, por exemplo, de fato mostrou que o livro estava tão incompleto desde muito cedo (provavelmente desde sempre), mas a supremacia do *Parisinus* estava destruída. É claro que tivemos de experimentar a confirmação de uma leitura encontrada por conjecturas ser, apesar disso, contestada: tão longe foi o erro do método rijo, dessa vez por hostilidade aos críticos. Segundamente, sabemos agora que, no período imperial, os clássicos eram transmitidos pela boa tradição gramatical na forma que tinham recebido numa edição normativa, o que, sabe-se, não excluía variantes. Naturalmente, também circulavam cópias desleixadas. Somente por meio de variantes raras é que os manuscritos de Homero desses séculos costumam ensinar algo, enquanto até Augusto o texto fixado na escola de Alexandria ainda não havia penetrado completamente. Se há várias redações, fortemente divergentes — como no caso de Heródoto e Tucídides, também de alguns discursos públicos de Demóstenes —, é porque nenhum gramático fez uma edição normativa. Isso está de acordo com o que sabemos sobre a prática nas escolas. Passando pelos compiladores, dentre os quais já Dídimo, esforçamo-nos para

retornar aos grandes alexandrinos. O que está além deles não mais pode ser tratado com base na tradição manuscrita direta.

Diz-se amiúde que a crítica conjectural seria levada *ad absurdum* com os achados. Esse não é, de forma alguma, o caso. Eles, antes, confirmaram não poucas conjecturas, amiúde revelando danos que haviam sido negligenciados e que deveriam, pois, ter sido eliminados por conjecturas. O principal ganho está precisamente no fato de que, pela tradição histórica, reconhecemos mais claramente onde e como podemos e devemos conjecturar. Mesmo sem a descoberta dos livros antigos, a reação contra os exageros de uma crítica que se tornara insana precisaria ter vindo. Os exageros na direção contrária não se podiam evitar, mas não são menos feios. Forte impacto sobre a autoconsciência dos críticos teve, porém, o fato de que o dever de explicar — e de explicar não apenas para os estudantes — também foi compreendido na Alemanha, e muitas de tais edições explicativas se tornaram exemplares. Vai-se agora ao encalço do conteúdo e do estilo, já não mais se está tão atado a palavras individuais. No processo, aprende-se a respeitar a essência individual ao invés de exigir um ideal absoluto, e o fato de que — ao invés da exigência de perfeição absoluta, que estava dada com a validade canônica da Antiguidade — a concepção histórica permeie tudo faz com que se tornem compreensíveis muitas práticas que talvez não se elogiem, mas que se devem perdoar. Mesmo quem pensa que não há muito mais a ser feito para a crítica textual admitirá, se olhar um pouco em volta, que no que diz respeito à compreensão individual e histórica está feito sempre apenas o começo, mesmo no caso dos poetas mais lidos. E por mais que a forma externa dos escritos possa estar razoavelmente bem estabelecida, apenas muito poucos se propuseram a entender a forma interna. Continua sempre sendo necessário compreender plenamente a essência individual, mas em prol do todo, e ainda assim

a luz total também recai sobre a essência individual a partir do entendimento do todo.

Também no que diz respeito à supressão de escritos inteiros ocorreu um retrocesso salutar. A autenticidade dos discursos de Górgias, Antístenes, Alcídamas, Herodes já não mais é contestada. E a ofensa causada por alguns dos discursos públicos de Demóstenes está eliminada desde que seu caráter publicitário foi reconhecido. Todos os discursos de Cícero e a correspondência entre ele e Bruto, mesmo as cartas de Salústio, são genuínos. Até mesmo o *Culex* e a *Ciris* encontram defensores cujos argumentos não devem ser tomados como fracos. Entretanto, outras peças da *Appendix Vergiliana* mostram que o pêndulo balança muito para o outro lado. E assim também se dá na avaliação de alguns testemunhos que, diz-se, devem ser tidos como de boa fé — mesmo quando ocorrem no *De fluuiis* de Plutarco —, e até se diz que não seríamos ricos o suficiente para prescindir de qualquer tradição, o que equivale a dizer que seria lícito pagar com moeda falsa, se não houver o suficiente das verdadeiras.

Em desconcertante contraste com isso está o radicalismo de alguns historiadores em relação ao que homens como Eratóstenes, com base em material que já não possuímos, deram como certos fatos, especialmente no que diz respeito a dados cronológicos. A rejeição, agora extirpada, da lista de vencedores olímpicos é um exemplo disso. Outro exemplo é a rejeição do valor histórico em que resulta o exame da saga heroica. Este é sabidamente laborioso e requer tato. É muito mais conveniente fazer *tabula rasa* — afinal, assim se pode pintar tudo sobre ela. Só que tais pinturas modernas logo são apagadas novamente.

Tanto da perspectiva do conteúdo quanto da do estilo, era-se urgido a pôr a obra individual e o escritor individual em uma série histórica. Isso levou a um frutífero encalço de formas estilísticas e gêneros do discurso — diálogo, diatribe, discurso de consolação

e afins. Com isso está feito um começo no sentido de ordenar a vasta literatura em grupos e elucidá-la por meio da comparação. Valioso é sobretudo o fato de que com isso se tenha abandonado a desastrosa separação conforme as línguas; afinal, desde Augusto, a literatura mundial é bilíngue. O exame do conteúdo levou à busca e à crítica das fontes, não apenas em compilações como as gramaticais — que só se tornam úteis quando o material fragmentado é reunido e rastreado até seus autores reais —, mas também em toda a literatura histórica e filosófica posterior, a partir da qual foi possível reaver grandes partes do conteúdo de muitas obras perdidas, e não há dúvida de que muito mais ainda pode ser alcançado nesse sentido. É claro que aqui também não há nenhum método que, como uma chave-mestra, abra todas as fechaduras, e muitos seguiram o mesmo caminho errôneo que na crítica textual, acreditando num único modelo e não reconhecendo a individualidade de escritores tão importantes — mas também tão desiguais em seu trabalho — como Cícero e Plutarco. Também aqui, no entanto, houve uma convalescência.

A pesquisa filosófica, estimulada pela coleta confiável de fragmentos, esforçou-se avidamente para estudar os pré-socráticos e os sofistas.[634] Sua glória especial, porém, é ter primeiro aproximado as escolas helenísticas — a *Stoa* (esta até Epiteto) e o Jardim[635] —, da compreensão histórica e, portanto, também da filosófica. Se atualmente se faz mal uso do nome de Posidônio,[636] na medida em que é impossível para ele reter pessoalmente tudo o que lhe é atribuído, trata-se de um estado transitório inevitável.

[634] Com a publicação dos *Fragmente der Vorsokratiker* [*Fragmentos dos pré-socráticos*] por Diehls em 1903. A edição revisada e aumentada por W. Kranz, hoje tida como canônica (e citada amiúde sob "*DK*"), veio à tona em 1951–2 em 3 vols. e continua sendo reeditada, sem alterações, pela Ed. Weidmann.

[635] Alusão aos *Epicurea* (1887) de Usener e aos *Stoicorum ueterum fragmenta* (4 vols., 1903–24) de H. v. Arnim.

[636] Para Posidônio, ver REINHARDT em *RE* XXII, 560ss.

A visão de mundo e a filosofia remontadas a Posidônio são, de fato, religião. Ela também exerceu forte influência sobre o cristianismo filosófico. Significa muito que se vá ao encalço disso, e em geral de todo o movimento espiritual que culminou na vitória da religião oriental — ou seja, da vida da alma na era imperial, ainda completamente ignorada por Mommsen em sua descrição daquele mundo. Com avidez ainda maior desenvolveu-se, sob a liderança de eminentes estudiosos, a nova disciplina da Ciência da Religião, que visa desvendar as formas primitivas da fé e do culto de que emergiram também as religiões oficiais dos gregos e romanos. Investigam-se todas as mil manifestações de fé e superstição que se preservaram nos hábitos, no culto e no costume popular, na língua e no mito — ou seja, no *folklore*, para usar o nome que veio da Inglaterra.[637]

Se essa pesquisa desce das alturas da sociedade letrada para as amplas massas populares na busca por compreender o não-literário, o irracional, o ingênuo — outros, também se afastando do que é classicamente tido como conforme à arte, procuraram a ciência exata e a técnica antigas, por tanto tempo negligenciadas. A Matemática e a Astronomia estão bem servidas, especialmente por estudiosos dinamarqueses,[638] mas também por um engenhoso autodidata francês;[639] também a descoberta de um novo escrito de Arquimedes ajudou nisso.[640] A Medicina não ficou para trás, mas a

[637] Ingl. *folk-lore*, termo cunhado pelo antiquário inglês W. J. Thoms (1803-1885) como um anglo-saxonismo (substituindo "*popular antiquities*"), em imitação dos compostos alemães com *Volk-*, e publicado pela primeira vez no *Atheneum* de 22 de agosto de 1846 (cf. *folclar* em inglês antigo, que significava "homilia"). Ver *OED* s.v.

[638] Wilamowitz tem em mente o trabalho dos dinamarqueses A. A. Bjørnbo (1874–1911), J. L. Heiberg (1854–1928) e H. G. Zeuthen (1839–1920). Lloyd-Jones (Wilamowitz *HCS* n. 665) omite Bjørnbo e menciona A. B. Drachmann (1860–1935), editor dos escólios a Píndaro; mas ele não parece ter se dedicado a obras de ciências naturais.

[639] P. Tannery (1843–1904).

[640] Trata-se do *Método de teoremas mecânicos* (Περὶ μηχανικῶν θεωρημάτων πρὸς Ἐρατοσθένη ἔφοδος), descoberto no chamado Palimpsesto de Arquimedes por J. L. Heiberg (ver acima) em 1906; o achado foi reportado em 16 de julho de 1907

ainda mal começada edição crítica dos médicos precisa primeiro dispor a base para tanto. Esta também ainda falta para a Botânica de Teofrasto; mas sobre ela já lançou luz um trabalho, no qual se uniram os treinamentos técnico e filológico. Tal combinação de conhecimentos e habilidades absolutamente diversos é necessária para a resolução de tais tarefas. Há muitas delas. Ela também obteve grande êxito no campo da técnica, por exemplo, na reconstrução de canhões antigos.

Este longo — e, ainda assim, demasiado esboçado — panorama terá mostrado que a ciência dos últimos 50 anos tem estado ávida para reaver a vida antiga em toda a sua amplitude. Se e como será capaz de continuar a fazê-lo, quem ousaria dizer? Mas quando olharmos para a vida que a Filologia atravessou durante séculos, não duvidaremos de seu vigor, ainda que ela não possa continuar tão feliz como esperávamos quanto quando a comunidade de trabalho de todo o mundo civilizado ainda existia.

O que a Filologia é e o que ela deve ser emergiu de sua história. Será que a longa série de nomes que passou por nós também nos ensinou o que o filólogo deve ser? Registrados estão todos eles por terem promovido a ciência; mas eles eram, no poder intelectual e no caráter, muito diversos, diversos na direção de suas inclinações e habilidades. Nesse sentido, a definição mais modesta prova-

no *The New York Times*. Há hoje uma página, administrada por especialistas, dedicada ao Palimpsesto de Arquimedes: http://archimedespalimpsest.org.

velmente continuará sendo a melhor. O filólogo pode fazer coisas muito diversas, pode fazê-las também de muitas maneiras diversas,[641] mas uma coisa ele deve ser, se quiser alcançar algo duradouro: *uir bonus, discendi peritus*.[642]

[641] Em conformidade com a força retórica do *dénouement* original, em que a pletora de possibilidades abertas ao filólogo vem marcada pela repetição de *verschieden* "diverso": "*Was Philologie ist und sein soll, hat sich aus ihrer Geschichte ergeben. Lehrte uns die lange Reihe von Namen, die an uns vorübergezogen ist, auch was der Philologe sein soll? Verzeichnet sind sie alle, weil sie die Wissenschaft gefördert haben; aber sie waren an Geisteskraft und Charakter sehr verschieden, verschieden in der Richtung ihrer Neigungen und Fähigkeiten. Da wird die bescheidenste Definition wohl die beste bleiben. Treiben mag der Philologe sehr viel Verschiedenes, mag's auch auf verschiedene Weise treiben, aber eins muß er sein, wenn er etwas Bleibendes leisten will: vir bonus, discendi peritus*".

[642] Catão (*apud* Quint. *Inst*. 12.1.1) define o bom orador como "*uir bonus, dicendi peritus*" ["Homem bom, hábil em discursar"]. Note-se, entretanto, que Wilamowitz modifica a definição do bom filólogo para "*uir bonus, discendi peritus*. ["Homem bom, hábil em aprender"]. CALDER III (1987) sugere convincentemente que o *dénouement* da *História da Filologia* remonta a uma palestra dada por Wilamowitz em 1877 por ocasião 32ª *Versammlung deutscher Philologen und Schulmänner*: "Nós, filólogos de hoje, temos uma posição diferente, muito mais modesta, que quando J. J. Escalígero abarcava todo o mundo da ciência, ou quando a indescritível majestade da arte grega se revelava para Winckelmann e G. Hermann; o filólogo de hoje pode ser definido como o *uir bonus discendi peritus*, para quem o alegre sentimento do conhecimento e da habilidade é sufocado pelo peso do que tem que ser aprendido, para quem os muitos dias de busca se concluem não apenas com a confissão de que ele ainda não encontrou o que busca, mas que o que busca não pode ser encontrado de forma alguma. Mas não podemos saltar sobre nossas sombras, devemos seguir o caminho que a ciência estabeleceu para nós e para nosso tempo, e se não nos deixarmos atolar pelo esforço, então uma flor pode muito bem vicejar aqui e ali ao longo de nosso caminho."